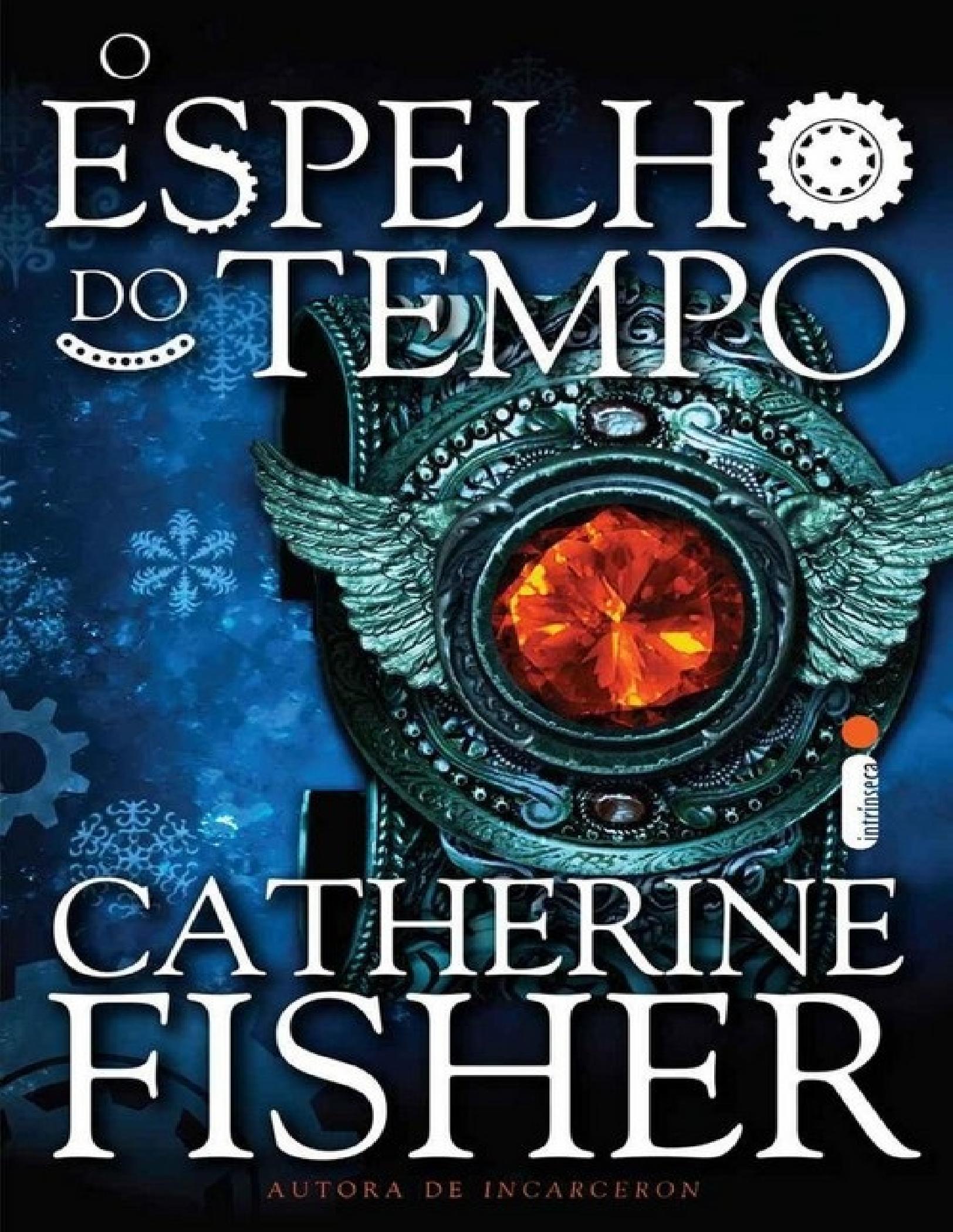


Ó ESPELHO DO TEMPO



CATHERINE
FISHER

AUTORA DE INCARCERON

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O
ESPELHO 
DO  TEMPO
CATHERINE
FISHER

Livro 1

TRADUÇÃO DE FLÁVIA ASSIS



Copyright © 2012 Catherine Fisher

Publicado originalmente em língua inglesa pela Hodder and Stoughton Limited.

Trechos de abertura de parte retirados de *Hamlet*, de William Shakespeare.

TÍTULO ORIGINAL
Obsidian Mirror

PREPARAÇÃO
Mônica Reis

REVISÃO
Danielle Freddo

ARTE DA CAPA
© 2012 Hodder Children's Books

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
© Rodrigo Adolfo

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-562-0

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Mídias sociais](#)
[Dedicatória](#)

[Filho querido de um pai assassinado](#)

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)

[Essa versão mentirosa do meu falecimento](#)

[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)

[Queima em meu sangue como a febre](#)

[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)

[Como o caranguejo, se pudesse avançar de trás para a frente...](#)

[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)

[Nosso tempo está desnorteado; Maldita a sina que me fez nascer um dia para consertá-lo!](#)

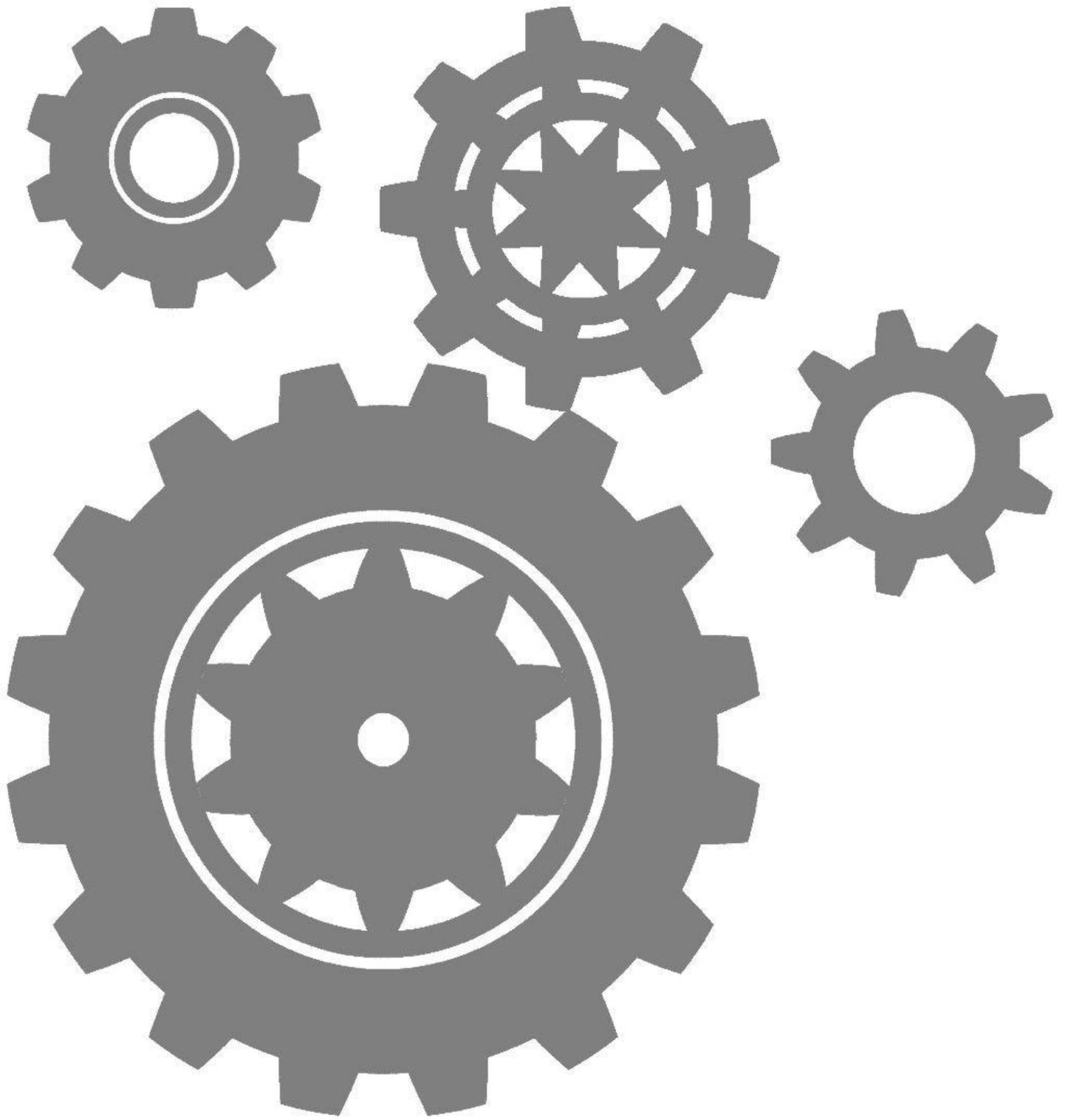
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)

[No próximo livro da série O espelho do tempo...](#)

[Sobre a autora](#)

*Para Rachel Elinor Davies,
a melhor sobrinha do mundo.*

Filho querido de um pai assassinado



CAPÍTULO 1

Descobri algo totalmente impossível. Ficarei rico. Famoso. Um herói da ciência.

E, para dizer a verdade, estou tão perplexo que não consigo fazer nada além de ficar sentado neste quarto, olhando a chuva cair por horas a fio.

O que fazer com esse conhecimento tão assustador? Como eu ousaria usá-lo?

Diário de John Harcourt Symmes, dezembro de 1846

O garoto colocou a máscara antes de abrir a porta. Era uma máscara de esgrima, pesada e negra. Atrás da tela de metal, ele se sentiu diferente.

Sombrio, ágil, perigoso.

Um ator.

Um assassino.

Vestia o figurino de *Hamlet*, ato 5, o duelo com Laerte; na mão, o florete de esgrima estava a postos. Tinha que ser cauteloso. Aquilo poderia dar terrivelmente errado — e não o tipo de errado que ele desejava. Respirou fundo e espiou pela vidraça. Parecia que haviam interrompido o ensaio; os atores estavam sentados no palco ouvindo uma explicação do sr. Wharton, que ao mesmo tempo fazia gestos expressivos na direção de Mark Patten, o garoto que interpretava Laerte.

Ele abriu a porta e entrou. Subitamente, como se um interruptor tivesse sido acionado, o rapaz irrompeu em um mundo de vozes, música e marteladas atrás do cenário. O sr. Wharton virou-se e lançou-lhe um olhar de reprovação.

— Seb! Onde você se meteu? — perguntou o professor, que se virou de volta para os outros sem esperar a resposta. — Bem, acho que agora podemos continuar. Tem certeza de que pegou o florete de ponta romba? E se lembra do salto sobre a mesa?

O garoto fez que sim e subiu no palco. O ambiente estava sombrio; a iluminação ainda não havia sido completamente instalada, e os painéis do cenário pendiam em ângulos estranhos. Um espelho mostrava um reflexo oblíquo do garoto. Ele viu que era alto demais e o figurino parecia um pouco apertado. Seus olhos estavam duros como aço e sombrios.

— Prontos?

Ele apenas acenou com a cabeça novamente.

— Quando quiserem — murmurou Wharton, o diretor do Departamento de Artes e Ciências Humanas. Um homem corpulento, que havia servido no Exército e parecia afobado, agitado, o colarinho aberto e o cabelo todo grudado de tanto passar a mão suada na cabeça. — Certo, rapazes. Quero um duelo com intensidade, entenderam?

Intensidade. Se era o que ele queria... O garoto apoiou a ponta do florete no chão e vergou cuidadosamente a lâmina flexível de aço. Observou Laerte entrar em cena. Patten, o filho do figurão. O que falava demais.

— Certo — exclamou Wharton, dando uma rápida olhada no roteiro. — Então. Vamos pegar a partir de “*Serei o floreado...*”. E quero tristeza, Seb, muita tristeza e dignidade. Você está confuso, com raiva. Seu pai foi assassinado e você só pensa em vingança, mas, em vez de enfrentar o verdadeiro assassino, você vai ter que lutar contra um sujeito que mal conhece. Você está farto de tudo. Entendeu bem?

O garoto apenas fez que sim. Ele entendia até bem demais, e ninguém ali fazia ideia disso.

Os demais atores assumiram suas posições. Ele aguardou, com sua máscara de ódio, o coração batendo forte como uma máquina descontrolada, o suor da mão molhando o punho de couro do florete.

Wharton desceu do palco e sentou-se na primeira fila. As luzes piscaram, um tremor escarlate no auditório escuro — e de repente a mão que empunhava o florete tornou-se cor de sangue.

— Desculpe! — gritou alguém dos fundos do teatro.

— Tudo bem. Duelo entre Laerte e Hamlet. Façam exatamente os mesmos movimentos que ensaiamos ontem. — Wharton ajustou os óculos. — Quando quiserem.

Patten encarou o oponente.

— Vê se acerta desta vez, imbecil — sussurrou.

— Com certeza... — A resposta saiu quase como um sopro, firme e determinada.

Patten arregalou os olhos.

— *O que está...?*

O garoto vestido de Hamlet, no entanto, já havia erguido o florete e declamava, com a voz rouca devido à tensão acumulada durante semanas:

— *Serei o floreado do teu hábil florete, Laerte. Como uma estrela numa noite negra, a tua perícia brilhará mais visível que nunca, refletida na minha incompetência.*

— *Tu zombas de mim.*

— *Por esta mão, te juro.*

O garoto avançou. Os dois apertaram-se as mãos, mas ele segurou com muita força, esmagando os dedos de Patten.

— O que é isso? — Patten recuou. — Você não é o Seb!

O garoto sorriu, para logo em seguida atacar com o florete. Patten ergueu o dele em defesa, alarmado.

— Ei! Seu idiota! Espere aí!

Ele não esperou. Avançou para o peito de Patten e lançou-o para longe, fazendo-o cair ruidosamente com parte do cenário.

Wharton levantou-se de um pulo.

— Está tudo errado. Rapazes! *Seb!*

Ataque. Bloqueio. Golpe e mais golpes. Lute contra a raiva. Lute contra a dor e a perda. Então sua mente clareou de repente e ele estava livre e rindo, respirando melhor, afastando o florete enfurecido de Patten, ignorando os gritos, as pessoas subindo no palco às pressas, o grito de Wharton:

— Parem com isso agora!

Ele aguardou o momento certo e, por sobre a guarda do oponente, mirou friamente na pele branca e desprotegida entre a manga da camisa e a luva. E então, como se nem fosse ele próprio a fazer o movimento, atacou.

Patten soltou um urro. Um grande uivo de dor e fúria. Recuou de um pulo, jogou o próprio florete no chão e levou a mão ao pulso. O sangue já escorria pelos dedos.

— Ele ficou maluco! É um florete afiado! *Estou ferido!*

Gritaria. Confusão. A sacada feita de papelão tombando para trás, com um estrondo surdo e levantando poeira. Mãos agarrando-o, segurando-o pelo pescoço, derrubando-o, tirando-lhe o florete das mãos. Ele não ofereceu resistência. Permaneceu calmo, ofegante, no meio de um círculo de rapazes que o encaravam atônitos. Ele havia conseguido. Não podiam mais ignorá-lo.

Subitamente, uma luz forte ofuscou sua visão, como se um refletor tivesse sido aceso. Diante dele estava Wharton, que havia lhe arrancado a máscara de esgrima e agora o fitava com uma expressão de perplexidade e fúria no rosto pálido.

— Jake! *Jake Wilde!* Mas o que é que você *pensa* que está fazendo?

Jake conteve o sorriso.

— Acho que você sabe a resposta. *Senhor.*

— Onde está Seb? O que você...

— Trancado no camarim. Não o machuquei.

Jake fez questão de usar um tom frio. Gélido. Era isso que todos deveriam ver, todos aqueles desmiolados de olhos arregalados, embora sua vontade fosse gritar na cara de todos.

Atrás do professor, Mark Patten estava caído no palco. Alguém havia providenciado um kit de primeiros socorros e agora envolvia o pulso do rapaz com uma bandagem branca, que imediatamente ficou vermelha. Patten ergueu a vista, seus olhos furiosos e em pânico.

— Você já era aqui no colégio, Wilde, já era. Desta vez você passou dos limites de verdade. Meu pai é um dos diretores, e, se não expulsarem você, não vai ser nada bom. Você é doido, por acaso?

— Já chega! — interveio Wharton. — Levem Patten para a enfermaria. Os outros podem ir embora. Agora! Os ensaios estão cancelados.

Levou algum tempo até que todos saíssem, uma explosão de exclamações e comentários invadindo os corredores do colégio. Alguns rapazes ainda se demoraram um pouco mais, curiosos. Wharton manteve um silêncio resolutivo até os ecos dos corredores diminuírem e não restar ninguém além dele e Jake no recinto. Então, tirou os óculos, guardou-os no bolso do paletó e disse:

— Muito bem. Desta vez você conseguiu.

— Espero que sim.

— Você vai ser expulso.

— É o que eu quero.

Olho no olho, aluno e professor se encaravam. O sr. Wharton continuou:

— Você pode confiar em mim, Jake. Já lhe disse isso antes. Seja o que for, seja qual for o problema, me fale...

— Não tem problema nenhum. Eu odeio este colégio. Vou dar o fora daqui. Só isso.

Não era só “isso”. Os dois sabiam muito bem. Mas ali, em meio aos restos do palco, Wharton percebeu que não conseguiria arrancar do garoto nada além daquilo.

— Vá tirar esse figurino e esteja na sala do diretor em cinco minutos — ordenou friamente.

Jake virou-se. Saiu sem dizer qualquer palavra.

* * *

WHARTON observou o cenário destroçado por alguns instantes. Então pegou o florete e saiu a passos largos. Empurrou com força as portas de incêndio dos corredores, subiu as escadas correndo e abriu abruptamente a porta que trazia a palavra DIRETOR pintada no vidro fosco.

— Ele está aí? — perguntou, ofegante.

A secretária ergueu os olhos.

— Está, mas...

Wharton passou, indiferente, pela mesa da secretária e entrou na saleta.

O diretor comia biscoitos amanteigados. Havia um monte deles em uma bandeja na mesa, ao lado de uma xícara de porcelana que recendia um aroma intenso. O cheiro fez Wharton imediatamente sentir saudades de seu café predileto em sua cidade natal, Shepton Mallet, onde gostava de ler jornal todas as manhãs. Antes de ir parar naquele fim de mundo.

— George! — exclamou o diretor, cotovelos na mesa. — Eu estava à sua espera.

— Já soube?

— Sim, já soube. — Atrás do diretor, uma grande janela exibia os Alpes suíços elevando-se contra o céu azul em toda a sua gloriosa beleza. — Patten foi levado para o hospital. Só Deus sabe o que o pai

dele vai fazer.

Wharton sentou-se pesadamente em uma cadeira. O silêncio imperou na sala por um instante, mas logo o professor falou:

— Você percebe o que isso significa? Estamos na mão de Wilde, exatamente como ele queria. Aquilo foi um ataque criminoso, testemunhado por muitas pessoas. É caso de polícia. Ele sabe que, se não o tirarmos do país, o colégio vai ganhar uma publicidade péssima.

O diretor suspirou.

— E de tantos garotos, ele foi mexer logo com Patten! Eles são inimigos?

— Não exatamente. Mas a escolha foi deliberada. E brilhante. Wilde sabe que Patten, mais do que qualquer outro, não vai deixar barato.

A neve cobria os vales alpinos, reluzindo ao sol. Por um momento, Wharton desejou estar esquiando por aqueles vales. Bem longe dali.

— Bom, vamos expulsar o rapaz. Problema encerrado. Para nós, pelo menos. — O diretor era um fiapo de homem, com uma cabeleira sempre irradiando uma luminosidade oleosa de brilhantina. Ele serviu mais café na xícara. — Pegue um biscoito.

— Obrigado, mas estou de dieta. — Como aquele homem conseguia continuar tão magro? Com um ar abatido, Wharton botou açúcar no café. — Brilhante é uma boa palavra para defini-lo. Sádico também. Ele acabou com a minha peça.

O diretor ficou olhando a colher circular nervosamente na xícara.

— Calma, George, ou você vai ter um ataque cardíaco. Você precisa é de férias, lá na sua querida Grã-Bretanha.

— Não posso bancar uma viagem dessas. Não com o que você me paga.

— Ha! — O diretor levantou-se e foi até a janela. — Jake Wilde. Rapazinho problemático.

Wharton tomou um gole do café. O diretor era um mestre das meias-palavras. Wilde era, sem sombra de dúvida, o maior rebelde do colégio e um tormento na vida de todos, especialmente na dele. O rapaz era inteligente, bom atleta, músico talentoso. Mas também um calculista arrogante que não escondia sua aversão à Escola Compton e a todos que a frequentavam.

— Refresque minha memória — pediu o diretor, em tom grave.

Wharton deu de ombros.

— Por onde começar? Teve o macaco. Acho que Jake ainda não se livrou do bicho, que fica escondido em algum lugar por aí. E os alarmes de incêndio. O recital de fim de ano. O carro do prefeito. E não podemos esquecer o fiasco da festa de Halloween...

— Sem mencionar o trabalho sobre *Hamlet* entregue em escrita espelhada — resmungou o diretor.

— Isso nem se compara aos outros incidentes.

— Mas foi bem irritante.

Wharton ficou um tempo em silêncio, pensando no olhar duro e ao mesmo tempo frágil de Jake. “Você disse que queria algo totalmente original, senhor.”

— Por mim, eu o expulsaria só pelo jeito dele de falar “senhor”.

— Já fiz das tripas coração para ignorar isso tudo — desabafou o diretor —, pois o tutor do rapaz paga uma fortuna para mantê-lo aqui e precisamos do dinheiro.

— Compreensível. Mas não podemos deixar passar em branco o que aconteceu hoje.

Wharton tocou no florete, que rolou pela mesa. O diretor o pegou e examinou a ponta afiada.

— Inacreditável. Ele poderia ter matado alguém. Deve ter achado que, por ser o campeão de esgrima do colégio, conseguiria manter a situação sob controle. Bom, se o garoto quer ser expulso, fico feliz em lhe fazer esse favor. — Deixando de lado o florete, o diretor voltou para sua mesa e apertou o botão do intercomunicador. — Senhorita, por favor, mande chamar...

— Ele está aqui, diretor.

— Como?

— Jake Wilde. Está aqui esperando.

O diretor fez cara de desgosto.

— Mande-o entrar.

Jake entrou e permaneceu de pé, a postura ereta, diante da mesa do diretor. A sala cheirava a café. O garoto percebeu, pelo semblante sombrio dos dois homens, que finalmente os havia derrotado.

— Sr. Wilde — começou o diretor, empurrando os biscoitos para o lado —, você compreende que as atitudes de hoje encerraram sua história na Escola Compton?

— Sim, senhor. — Agora ele podia se permitir soar educado.

— Em toda a minha carreira, jamais encontrei alguém tão irresponsável. Tão perigoso. Você tem ideia do que poderia ter provocado com..

Jake continuava impassível diante do diretor, o olhar fixo e vazio. O discurso prosseguiu por pelo menos cinco minutos, mas todos ali sabiam que não passava de uma encenação necessária. Jake conseguiu se desligar daquilo durante quase o tempo todo, pensando em Horácio e em como seria complicado embarcá-lo no avião. Alguns poucos trechos de frases o alcançavam, distantes: “... tolice inacreditável... honra da escola... voltar para casa em desgraça...”

Por fim, a sala ficou em silêncio. Jake ergueu o olhar. O diretor o encarava com uma curiosidade tranquila, e, ao retomar o discurso, sua voz soou diferente, como se só a partir daquele momento ele estivesse falando sério.

— Fomos uma decepção tão grande, Jake? É tão ruim assim estudar aqui?

Jake preferia o tom de repreensão. Deu de ombros.

— Nada pessoal. Teria sido igual em qualquer escola.

— Se era para servir de consolo, não funcionou. E seu tutor, o que ele tem a dizer?

O rosto de Jake assumiu um ar grave.

— Não faço ideia. Nunca falei com ele.

Novamente o silêncio. Wharton foi quem, enfim, o quebrou:

— Bem, nos feriados e nas férias você vai para casa...

— O sr. Venn é muito generoso. — O desdém de Jake era gélido. — Ele paga um belo hotel para mim em Cannes, onde eu passo as férias e os feriados prolongados. Todas as férias. Sozinho.

Wharton franziu o cenho. A mãe do garoto devia estar viva, não? Que situação estranha. Seria a explicação para o comportamento bizarro do rapaz? Seus olhos encontraram os de Jake, que o encarou com frieza. O conhecido olhar *não-me-faça-mais-perguntas*.

— Bom, já está na hora de avisar ao sr. Venn que tudo isso vai mudar — comentou o diretor, voltando-se para seu computador.

— Diretor. — Wharton empertigou-se na cadeira — Quem sabe se... Talvez ainda possamos... Se Jake...

O olhar de Jake não vacilou.

— Não. Eu quero ir embora. Se vocês me obrigarem a ficar, vou acabar matando alguém.

Wharton não falou mais nada. O garoto havia enlouquecido.

— Espero que ele esteja on-line. — O diretor escreveu um e-mail curto. — Mas suponho que seu tutor tenha uma grande equipe que administre o patrimônio dele enquanto está longe, explorando a Antártida ou coisa assim.

— Ele não faz mais expedições. É um eremita.

Como o diretor estava ocupado, foi Wharton quem questionou:

— Eremita?

— Ele não sai de casa. A propriedade de Wintercombe Abbey.

— Eu sei o que é um eremita. — Wharton começou a se exaltar. Aquele garoto irritante era um belo de

um... Mas manteve a calma. — Desde quando?

— Desde que a mulher dele morreu.

As palavras soaram duras e frias, e Wharton sentiu um calafrio diante da completa ausência de empatia por parte de Jake. Havia algo de muito errado naquela história. Ele já tinha lido alguma coisa sobre o famoso Oberon Venn, explorador polar, montanhista, arqueólogo, o único homem a voltar vivo da terrível escalada da face oeste do Katra Simba. Uma figura heroica. Um exemplo para os jovens. Mas talvez não fosse a melhor pessoa para acolher o filho dos outros.

— Seu pai o conhecia?

Jake ficou em silêncio por um momento, como se tivesse se ofendido com a pergunta.

— Meu pai era o melhor amigo dele.

O som de uma campainha ressoou ao longe. O ruído de uma confusão de passos veio do corredor.

— Pelo jeito, ele é um homem de poucas palavras — comentou o diretor. — Vejam só a resposta.

Ele virou o monitor na direção de Wharton e Jake. Na tela, lia-se:

MANDE-O PARA CÁ. VOU CUIDAR DISSO.

Wharton sentiu um vento ártico soprando da tela e esboçou um passo para trás.

Jake nem se abalou.

— Vou embora amanhã. Obrigado por...

— Você só vai embora quando eu mandar. — O diretor desligou o monitor e olhou para Jake por cima da tela. — Por que não nos conta o que está acontecendo, Jake? Você é um aluno promissor, talvez o mais inteligente do colégio. Quer mesmo apodrecer em uma escola pública da Inglaterra?

O rosto de Jake se revestiu com o brilho gélido que Wharton odiava.

— Já falei. O problema não é o colégio. Sou eu. — Ele olhou para o monitor. — Eu e ele.

O diretor recostou-se na cadeira e deu de ombros ligeiramente, como se percebesse que nenhum argumento adiantaria.

— Que seja. Vou reservar um voo para você. Pode ir fazer suas malas.

— Já estão prontas há dias.

O diretor virou-se para Wharton:

— E você pode fazer as suas, George.

— Eu? Mas...

— Alguém tem que levar o rapaz para casa. Aproveite e tire alguns dias de folga, passe o Natal lá.

— Eu posso ir sozinho! — protestou Jake.

— E eu tenho muito trabalho a fazer por aqui. A peça...

— Pode esperar. *In loco parentis*: você será responsável por ele, infelizmente.

Aluno e professor olharam incrédulos para o diretor, que abriu seu sorriso sombrio.

— Não sei dizer qual de vocês está mais horrorizado. *Bon voyage*, senhores. E boa sorte, sr. Wilde.

No corredor, Wharton bufou e lançou um olhar desesperado na direção da sala dos professores, que ficava mais adiante no corredor. Então, voltou-se para Jake, que retribuiu o olhar.

— Melhor fazer o que ele mandou — disse o professor, ríspido.

— Desculpe. — A voz do garoto ainda soava arrogante, mas trazia também algo novo. — Lamento por você ter sido arrastado para isso. Mas eu tenho que ir e arrancar a verdade do Venn. Confrontá-lo, expor o que eu sei.

— E o que você sabe? — perguntou Wharton, agora perplexo.

O sinal tocou, anunciando o horário de almoço. Jake Wilde virou-se e acabou arrastado corredor

abaixo pelos alunos, que corriam para o refeitório em uma onda barulhenta e faminta. Em meio a tanta algazarra, a resposta quase escapou a Wharton. As palavras saíram em voz tão baixa. Tão acres... Mas, por um instante, ele teve certeza de que Jake disse: “Eu sei que ele matou meu pai.”

CAPÍTULO 2

Pois esta propriedade está no âmago da terra, um lugar de espíritos sobrenaturais e perversos, e o viajante deve ter cuidado com os bosques daquelas terras e com as encruzilhadas onde os mortos estão enterrados...

As crônicas de Wintercombe

Sarah gritou.

Parte dela estava fora daquele mundo; a mão e o braço encontravam-se em algum outro lugar, um lugar frio e vazio, quando a escuridão saltou sobre ela, golpeando-a com uma súbita e terrível dor.

Ela se debateu e gritou. Não por causa da escuridão. Uma silhueta ágil, um lobo branco como a neve com olhos cor de safira, as presas em seu sapato, no salto, a agonia insuportável. Ela lutou, empurrou o sapato com o outro pé, arrancou-o e de repente estava livre. O lobo rosnou, mas ela já estava caindo, para longe da escuridão, os braços abertos, até aterrissar de costas em um baque, sem fôlego, contra um céu escarlate de um tom vivo.

Ficou ali, tomada pela dor.

O chão era lamacento. Os galhos de um arbusto espinhoso estendiam-se acima; ela então se sentou e viu um grande pântano cortado pelo vento, o sol poente afundando entre nuvens pesadas.

Fazia um frio cruel.

A euforia a fez gritar: ela havia conseguido. Mas onde estariam os outros?

Pôs-se de pé e olhou ao redor, virando-se em um círculo completo.

— Max? Carla?

Acima de sua cabeça, um enorme bando de pequenos pássaros pretos alçou voo, entre grasnidos, em direção a um bosque ao longe.

Ela deu um suspiro, a névoa surgindo de seu hálito. Era necessário encarar os fatos: ninguém mais havia sobrevivido.

O focinho e os dentes do lobo surgiram novamente, do nada; e, antes que ela se desse conta, as presas já lhe tomavam a manga da camisa, puxando-a com força. Apenas a cabeça da criatura estava ali, materializada no ar, como se saída de um jogo de espelhos. Se o lobo a pegasse de novo, ela estaria perdida — aquelas presas não a deixariam viva de jeito nenhum.

Seus pés escorregaram na lama. Ela caiu no choro, um choro sem palavras que apenas os pássaros escutaram. Seus braços estavam cobertos de uma camada gelada de saliva.

Escorregou, só parando ao topar com um galho solto. Agarrou o galho e o brandiu no ar.

— Me largue!

O lobo recuou com o golpe, os olhos incendiados de fúria. No segundo seguinte o animal já não estava mais lá, e então ela se viu livre, fugindo aos tropeções por entre os arbustos e a lama.

Ensopada, o cabelo grudado no rosto, ela olhou para trás. O pântano parecia vazio. O sol havia se posto e sombras alongadas escorriam pelas pedras e árvores.

Furiosa consigo mesma, ela correu ainda mais rápido, ainda aos tropeços. Precisava sair dali. A criatura iria correr atrás dela, farejar seu rastro. E junto eles enviariam um Replicante.

Como a lama estava fria! A superfície de gelo trincava, e seus pés descalços estavam ensopados. O vestido lhe prendia os braços e as pernas. Um zumbido ressoava em seus ouvidos, como se fosse o

vestígio de uma explosão enorme e silenciosa.

Ela tremia, em choque, mas estava ali, conhecia aquele lugar e sabia que haveria um caminho adiante, em algum ponto — não mais do que uma trilha. Mas, ao rastejar para debaixo de uma cerca viva, esgueirando-se para aquele abrigo frágil, surpreendeu-se ao sentir sob seu corpo a superfície sombria e lisa, salpicada por poucas plantas rasteiras.

Adiante, havia uma cabana. De uma das chaminés, um disco branco brotava como um cogumelo. A porta se abriu.

Sarah se jogou de lado, caiu em meio a plantas e foi espetada por espinhos.

Uma jovem saiu da cabana. Carregava uma cesta de roupas e logo pendurou uma fileira de peças no varal: calças, vestidos, uma camisa.

Lá de dentro veio um choro de bebê.

— Tudo bem, tudo bem — murmurou a mulher. — Mamãe já vai!

E entrou, batendo a porta.

Sarah levantou-se. Andando abaixada, atravessou o caminho que levava à entrada da casa e agachou-se atrás do jardim. Através do portão ela entrevia brinquedos e um balanço amarelo.

E um carro.

Era preto. Estava parado, todo de metal e vidro, ao lado da casa. Fascinada, ela atravessou o portão com cautela, aproximando-se do veículo. Tocou a carroceria gelada, em cujas curvas viu-se deformada e estranha. Será que ela havia mudado? Envelhecido, ficado irreconhecível? Um arrepio lhe percorreu a espinha. O espelho retrovisor, no entanto, refletiu o mesmo cabelo louro. Os mesmos olhos azuis e argutos.

O alívio que sentiu foi estúpido.

A porta se abriu. De um salto, ela recuou até a lateral da casa, e a mulher saiu de novo, desta vez trazendo o bebê nos braços. Por sobre os ombros da mãe, o bebê a viu e gritou.

— Não venha com malcriação. Vamos entrar.

O carro emitiu um som metálico abafado, suas luzes piscaram. A porta foi destravada; a mulher acomodou o bebê em uma cadeirinha e entrou no carro.

Sarah observava. O estrondo que se seguiu foi tão terrível que ela espremeu o corpo contra a parede, um som insuportável. E então, em meio a uma nuvem de cascalho e um fedor sufocante, o carro pôs-se em movimento, afastou-se e sumiu de vista.

O veículo parecia ter aberto um buraco no ar.

Rapidamente, ela correu até o varal e tocou as roupas. As mais secas eram uma blusa de lã verde e calças azuis iguais às que a mulher vestia. Sarah pegou as peças e trocou de roupa atrás da cerca viva, desajeitada de tanto frio, as mãos atrapalhadas entre botões e zíperes, vigiando desesperadamente a entrada.

As roupas eram macias e já bastante gastas. Cheiravam a limão. Mas agora Sarah precisava muito de sapatos... Jogou as próprias roupas, completamente encharcadas, em uma lixeira verde de plástico. No momento em que bateu a tampa, escutou o Replicante se aproximar.

Um passo rachando a superfície congelada de uma poça d'água. Um uivo no caminho de entrada.

Imediatamente ela se virou e fugiu pelo jardim de inverno; abriu um portão em um movimento brusco e atravessou um padoque onde cavalos cobertos com mantas relincharam, assustados. Escorregou, levantou-se, virou-se rapidamente para olhar para trás.

Sombras. Uma perto da casa, outra em frente à lixeira, farejando. Alongadas e finas. Ela conteve um suspiro de desalento e lançou-se na cerca de madeira, saltando-a rapidamente com uma agilidade que só o pavor pode proporcionar.

Uma encruzilhada.

Uma placa desgastada pelo clima estava fincada em um triângulo de grama congelada:

E, em letras menores, logo abaixo, uma segunda placa, moldada em forma de seta, apontava para um caminho estreito:

Wintercombe 3km

O lobo uivou; tinha farejado seu rastro. Sarah se virou e o viu disparando em sua direção, uma silhueta baixa avançando violentamente contra o crepúsculo, ansiosa por se lançar sobre ela e dominá-la. Ela fugia, o lobo em seu encalço, sem conseguir controlar o pavor que irrompia dentro de si como uma dor lancinante. A trilha congelada estremecia sob seus pés, as cercas vivas rugiam.

Foi quando surgiu aquilo ao seu lado, acompanhando seu movimento — uma grande máquina escarlate, fedendo a óleo diesel.

Sarah esticou a mão, agarrou a barra de metal e pulou a bordo.

— Segure firme, meu bem — disse o motorista.

O ônibus seguiu caminho ruidosamente. Com o corpo curvado, Sarah buscava o ar com sofreguidão. Sem tirar os olhos da estrada, o motorista perguntou:

— Aonde vamos?

— O quê?

— Está indo para onde?

A estrada desaparecia atrás deles, o lobo rosnando na escuridão.

— Wintercombe — sussurrou Sarah.

— Sai a um e quarenta.

Desconcertada, ela se virou para o sujeito:

— Não tenho nenhum... dinheiro nenhum.

Os olhos do motorista encontraram os dela pelo espelho retrovisor.

— Eu devia botar você para fora.

— Ah, Dave, dê uma carona à menina — intercedeu uma mulher. — Você também já foi jovem um dia.

Risos por todos os lados. Havia cinco pessoas no ônibus, todas idosas, todas observando Sarah.

— Tudo bem. Só desta vez. E eu ainda sou jovem, comparado a vocês aí.

Sarah agradeceu e seguiu, desajeitada, até um assento vago atrás dos velhinhos. Um homem lançou-lhe um olhar de soslaio, reprovador.

O pântano continuava o mesmo. Mas quanto ao resto... Ela nunca tinha visto um ônibus; ficou assustada ao observar o veículo rasgando o caminho pela estrada, as janelas cobertas de respingos de lama secos. O chacoalhar e o cheiro do ônibus estavam deixando-a enjoada. Ela segurou firme a barra de metal à frente, os pés plantados no piso, ainda sangrando. Havia um jornal largado no banco ao lado. A página estava de cabeça para baixo; ela virou-a em um movimento rápido. A foto mostrava uma garota loura em uma camisola de hospital cinza. A manchete dizia: “Paciente de Unidade de Segurança ainda desaparecida.”

Leu a matéria com atenção, sentindo as fortes batidas do coração desacelerarem. Era disso que ela precisava. Dobrou o jornal e enfiou-o embaixo do assento.

O ônibus atravessou uma pequena ponte arqueada e parou em uma rua. O motorista espiou lá fora pelo vidro.

— Wintercombe — anunciou.

Chegaram muito mais rápido do que Sarah havia imaginado. Ela levantou-se, foi até a porta ainda sem conseguir andar direito, olhou para fora, receosa, e desembarcou.

— Obrigada.

— O prazer foi meu.

O tom do motorista foi seco. As portas se fecharam na cara dela, fazendo aquele ruído de sucção mecânica. O ônibus afastou-se com um estrondo.

Era o vilarejo, mas estava intacto. Havia pessoas morando ali. Acima do amontoado de casas, o céu já escurecia. Gritos fizeram-na se virar depressa, mas eram apenas alguns homens saindo de um bar, aos risos. O Replante e seu lobo poderiam chegar ali em meia hora. Ela precisava se apressar.

Para evitar as casas, passou por uma trilha sinalizada *Wintercombe Abbey*, que levava a um bosque. Árvores grandiosas crepitavam, muito altas. Sarah sentiu-se pequena diante delas, e inquieta, pois o lobo não era o único perigo. Seria difícil chegar à propriedade cruzando o Bosque.

O silêncio era tão absoluto que o farfalhar de seus próprios passos a assustava.

A trilha descia por um vale. De cada lado erguia-se um barranco. Flores jaziam pisoteadas na lama, os caules quebrados. Após caminhar por cerca de um quilômetro, Sarah parou e levou a mão em concha ao ouvido, atenta aos sons. Tudo em silêncio, aparentemente. Mas, ao se virar para seguir em frente, escutou o uivo súbito e voraz.

Perto demais.

Ela saiu correndo, o impulso da descida fazendo-a acelerar tanto que ela quase caiu no final do caminho, e então ali estava o portão, um portão de ferro ornamentado, alto e escuro, coberto de ferrugem, cada um dos pilares laterais coroado por um leão sentado, uma pata descansando em um escudo. Ela se jogou contra o portão, mas, para seu desespero, estava muito bem trancado. Uma caixa de correio enferrujada presa à cerca viva dizia WINTERCOMBE ABBEY. ENTRADA TERMINANTEMENTE PROIBIDA.

Sarah estava decidida a pular o portão, mas, ao tocar o metal, um estalo a fez erguer o olhar, assustada. Uma pequena câmera branca, instalada em um dos leões, tinha se movido e agora estava virada para baixo. As lentes redondas inspecionaram a intrusa.

— Por favor, me deixe entrar! Por favor! Preciso falar com você, é urgente!

Um rosnado baixo. Ela se virou, as costas coladas no metal úmido. Algo rastejava em meio à escuridão dos arbustos baixos.

O portão começou a se mexer.

O ferrolho se deslocou. O portão se abriu, uma fresta apenas, mas era o suficiente. Sarah se espremeu pela pequena abertura e logo avançava hesitante pela entrada escura e cheia de mato, pulando troncos caídos, desviando de galhos de árvores sem poda. O caminho era sinuoso, repleto de barro e cascalho; acima dela, o emaranhado de ramos contrastava com o lusco-fusco. Ela olhou para trás mais uma vez, viu a cabeça do lobo farejando, tropeçou e tombou de cabeça em um tronco caído.

A barriga do lobo estava rente ao chão. Seus olhos reluziam em um frio gélido, como se refletissem o sol da meia-noite.

— Para trás — sussurrou Sarah.

Ela tateou o chão e pegou um galho fino caído em meio ao tapete de folhas.

O lobo babava, a saliva escorrendo-lhe dos dentes. Então, rápido como o luar, os olhos da fera se voltaram para a esquerda. Ela virou-se na mesma direção. E perdeu o fôlego.

Nos limites do Bosque havia uma sombra, uma figura de pé. Um garoto de casaco verde, toldado pela escuridão. Estava apoiado em uma lança que terminava em uma lâmina de pedra lascada. Nem olhou para Sarah, como se ela não importasse, mas encarava o lobo fixamente, os lábios crispados de desprezo.

Com uma das mãos, ele ergueu a lança e a apontou para o sombrio e feroz animal.

— Ei, cachorrinho — sussurrou. — Cachorrinho assustado.

O lobo soltou um ganido e se curvou de medo, baixando o corpo como se quisesse afundar na terra.

Ficou arrastando as garras na lama, em pânico.

— O que está fazendo? Como você faz isso? — perguntou Sarah.

O garoto olhou de relance para ela. Sarah se levantou, cambaleante, vendo a fera aterrorizada humilhar-se em meio às folhas mortas, vendo-a recuar de costas. Então o lobo deu meia-volta e fugiu.

Pasma, ela se virou.

— Não conheço você, mas...

— Mas eu conheço você — respondeu ele. — Não?

— Não. Impossível. Eu...

Ela arregalou os olhos. Não havia garoto algum. Apenas as sombras das árvores. Retorcidas e deformadas.

Ela ficou ali por alguns instantes. Depois, lentamente, seguiu pelo caminho até a casa, que a aguardava banhada pelo luar.

Wintercombe Abbey não era nada mau. Erguia-se imponente, uma mansão com frontões e chaminés tortas, os entalhes medievais em pedra, sombrios, projetando-se da fachada — a silhueta de uma torre, uma fileira de janelas arqueadas, todas às escuras. Gárgulas pendiam de calhas e frontões, além de grifos de pescoço comprido e dragões com a bocarra escancarada, que ela imaginava em sonhos fazia anos. A casa parecia encolhida no vale cercado de árvores; suas alas melancólicas estendiam-se para a escuridão, e, com um som grave em algum lugar além dali, o rio despencava em uma garganta escondida.

Ela foi andando com cuidado, de árvore em árvore, como se a casa observasse sua aproximação.

A grama batia na sua cintura; ela teria que cruzar o matagal, e seria melhor mesmo se ninguém a visse das janelas.

Era hora de ficar invisível.

Dolorida e toda suja de lama, ela evocou o pequenino “interruptor” em sua mente, exatamente como haviam lhe ensinado no laboratório.

Pronto.

Agora ninguém poderia vê-la.

Ela apertou o passo e seguiu com dificuldade em meio ao mato seco, até que a casa assomou diante dela. A lua equilibrava-se acima do frontão superior, derramando-se pela lateral do prédio por sobre jardineiras de flores queimadas pelo frio e atravessando um pequeno portão de ferro ornamentado.

Ela se aproximou de uma janela. Mesmo sendo no andar térreo, ela mal a alcançava. Estava entreaberta. Parte da cortina escapava para fora, levada pela brisa gelada. Sarah aguardou, escondida e sem fazer sombra, os ouvidos atentos. Nada. A sala devia estar vazia.

Esticou-se e agarrou o peitoril. Era alto, mas ela conseguiu, e teve que se equilibrar em um pequeno friso de pedra e escalar os tijolos da parede, apoiando-se nos dedos dos pés e das mãos, até que conseguiu se lançar para cima e espiar dentro da sala.

Tudo na penumbra. Um fogo baixo queimava na lareira, jorrando uma luz avermelhada nos painéis de madeira escura da parede e nas prateleiras de livros antigos.

Sarah abriu um pouco mais a janela. Um rangido. Ela ergueu o corpo com cuidado, apoiando o joelho na pedra quebradiça. Enfiou a cabeça e os ombros por entre a abertura das grades.

E então o viu.

Ele estava refletido no vidro do relógio de parede. Um homem sentado em uma poltrona de espaldar alto, de costas para ela, pernas esticadas, pés apoiados em uma mesa baixa, repleta de documentos, papéis, livros. Em uma das mãos, um copo com algo que parecia uísque. Mas ele não estava bebendo nem lendo.

Estava escutando.

Ela ficou imóvel, sem nem mesmo respirar. Vê-lo foi assombroso. Era como se um personagem de livro ganhasse vida, ali, bem na sua frente.

Com um movimento súbito, porém elegante, o homem se levantou e se virou. Seu rosto era uma silhueta cortando a escuridão da sala. Ela percebeu o movimento sutil e cauteloso que ele fez com a cabeça, intrigado. Ele apoiou o copo na mesa e perguntou:

— Quem está aí?

A cortina esvoaçava entre eles. Ela estava invisível, mas todo o seu peso se apoiava em uma das mãos, que já começava a tremer.

— Responda! É você, Sol? Acha mesmo que pode entrar aqui? — A pergunta tinha um tom de deboche.

Ele havia ido direto na direção dela; Sarah tinha que sair dali. Quando deslizou pelo batente da janela até o largo peitoril de madeira, ele se deteve imediatamente.

Seus olhos, de um azul gélido, a encararam diretamente. O homem estava tão perto que ela viu o misto de reconhecimento e choque tomar seu rosto, um espasmo de rigidez. Ele estendeu a mão até tocar o rosto da intrusa e sussurrou:

— *Leah?*

Ela meneou a cabeça, arrasada, as lágrimas embaçando sua visão.

— Como você consegue me ver? Não é possível.

Ele afastou a mão bruscamente, como se ela o tivesse estapeado. Mas então o choque o abandonou, substituído por um ódio que extinguiu toda a vida de seus olhos.

— Quem diabos é você? — vociferou.

Ela pulou para dentro da sala. Estava de pé diante dele, desafiadora, as mãos frias na cintura.

— Sarah. E você deve ser Oberon Venn.

Ele não retrucou. Apenas disse:

— Seu pé está sujando de sangue a minha sala toda.

CAPÍTULO 3

Conheci-o em uma geleira remota no alto dos Andes. Eu e um amigo estávamos escalando a montanha e tivemos algumas sérias dificuldades; estávamos com queimaduras de frio, e o clima estava piorando. Ficamos encolhidos em um buraco na neve, quase congelando. Já no meio da noite, ouvi um barulho e saí rastejando dali. O vento atingia meus óculos como um chocalho de gelo.

Vi um homem caminhando em meio à névoa. À primeira vista, achei que fosse alguma criatura da neve, um fantasma da tundra.

Eu devia estar delirando, pois gritei por ele, chamando-o de anjo.

Sua risada soou mais cruel que o vento.

— Meu nome é Venn. E não tenho nada de anjo.

Jean Lamartine, A estranha vida de Oberon Venn

Jake observava o céu azul através da janela do avião.

Lá embaixo, a neve dos Alpes reluzia, branca e cintilante. A minúscula sombra do avião se deslocava por geleiras e vales recônditos, por onde apenas exploradores ousariam se aventurar.

Exploradores como Venn.

Seu olhar se voltou para a própria imagem, um reflexo borrado no vidro. O plano tinha dado certo: ele havia se livrado da escola para sempre. Deveria estar exultante, mas se sentia estranhamente cansado. Afinal de contas, não se importava com ninguém de Compton. Havia se despedido de todos de forma educada e distante, entrado no carro e ido embora. Davies, Alec e até mesmo Patten o observaram partir, de pé na escadaria de entrada do colégio, os três em silêncio. Jake não olhou para trás.

Àquela altura, deviam estar seguindo normalmente com a vida. Já deviam tê-lo esquecido por completo.

Ótimo. Mas restava um problema — e dos grandes.

Wharton estava sentado a seu lado, lendo um livro. Jake observou o reflexo dele na janela. Um homem corpulento para um professor. Ex-jogador de rúgbi, já atuara em ligas internacionais. Tê-lo por perto não era uma opção para Jake. Teria que se livrar do professor o mais rápido possível.

Como se lesse os pensamentos do garoto, Wharton resmungou, virando a página do livro:

— Seja lá o que você esteja maquinando, Jake, pode esquecer. Só saio do seu lado quando chegarmos à porta de Wintercombe Abbey.

— Sei me virar muito bem. Aposto que você está doido para voltar para o glamour de Shepton Mallet.

— Estou mesmo. — Wharton ergueu o olhar. — Mas as ordens do diretor foram muito claras: “Entregue aquele moleque atrevido pessoalmente.”

Jake quase sorriu.

Wharton olhou para o garoto. Depois, marcou a página do livro em que tinha parado e o deixou na mesa dobrável.

— E então? Não vai me contar o que significa tudo isto? — perguntou ele. — Essa história ridícula de...

— Não é ridícula.

— Assassino? Um homem como Venn? Ah, me poupe. Quero ver você me convencer disso.

Jake tentou se segurar, mas o ódio frio de sempre o preencheu.

— O que é que você sabe sobre ele? Só o que aparece nos jornais. Venn, o *Salvador do Menino*. Não acha que alguém assim, que vive em regiões inexploradas, sempre lutando pela sobrevivência, mataria se fosse preciso?

— Imagino que seja possível. — Wharton fitou o garoto pelo reflexo. — Fale mais dele.

Jake ficou em silêncio por alguns instantes. Depois, respondeu:

— Já li tudo sobre ele. Ele foi o melhor. Explorador, alpinista. Especialista em placas tectônicas. Virtuoso do violino. Colecionador de cerâmica do período cicládico. Tudo o que você imaginar, ele já fez.

Wharton assentiu com a cabeça.

— Já vi alguns programas de TV com ele. Uma série sobre vulcões. — O rosto enrugado de Venn, seus olhos azuis e a cabeleira loura e revolta puxada para trás eram muito conhecidos, dada a vasta quantidade de documentários e entrevistas em que ele havia aparecido. — Um homem que vive intensamente, eu me lembro bem. Determinado.

Jake riu, melancólico.

— Bom adjetivo para ele. Mas a vida dele se despedaçou. Quatro anos atrás, ele estava dirigindo um carro alugado em uma estrada estreita no litoral da Itália. A esposa estava junto. Houve um acidente... Um caminhão veio na direção contrária. O carro caiu no penhasco. Venn sobreviveu. Leah, a esposa, não.

O tom frio e cruel de Jake deixou Wharton desconfortável.

— Deve ser terrível ter que lidar com uma tragédia dessas.

Jake deu de ombros.

— Ele passou semanas no hospital. Quando saiu, parecia outra pessoa. Nada de fotos nem entrevistas. Vendeu o apartamento de Londres e se isolou em Wintercombe Abbey, uma propriedade no interior de Devon que pertence à família dele há séculos. Lá, começou um projeto secreto, e tem trabalhado nisso obsessivamente. Nunca mais saiu nem falou com ninguém de fora. Exceto com meu pai, David Wilde.

Estamos chegando lá, pensou Wharton.

— O melhor amigo dele — completou o professor, mantendo o tom de voz neutro.

O garoto assentiu, sem desviar os olhos do céu.

— Eles eram amigos de infância. Tinham passado por poucas e boas juntos. Meu pai dizia que Venn não confiava em mais ninguém além dele.

— E onde você estava nessa época?

— Em casa. Morávamos em Londres. Meus pais tinham acabado de se separar. Bem, naquela época eles ainda se falavam.

Wharton ficou esperando ouvir mais. Como o garoto permaneceu em silêncio, ele comentou, em tom suave:

— Não entendo por que você não foi morar com sua mãe depois disso...

— Ela está nos Estados Unidos e é muito ocupada. — A resposta veio curta e grossa. — Não quer que eu atrapalhe a vida nova que ela leva agora.

— Algo para beber, senhor? — ofereceu a aeromoça, inclinando-se sobre ele, o carrinho bloqueando o corredor.

Wharton ficou feliz com a interrupção. Escolheu, calmamente, uma taça de vinho para si e uma Coca-Cola para Jake. Aquilo explicava muita coisa, pensou, abrindo a lata e servindo o refrigerante. A indiferença fria do garoto era só fachada. Ele devia estar profundamente ferido por dentro.

Quando o carrinho de bebidas seguiu em frente, chacoalhando, Jake pegou os fones de ouvido. Ao ver isso, Wharton tentou retomar o assunto às pressas:

— Você estava falando... sobre assassinato.

Jake já colocara um dos fones, mas o puxou e ficou olhando fixamente para a frente, até que respondeu:

— No ano seguinte ao do acidente, em julho, meu pai foi para Wintercombe, pois o projeto estava entrando em uma fase importante. Perguntei sobre o andamento, mas ele nunca dizia nada. “Ultrassecreto”, ele me respondia, mas dava para notar que estava muito empolgado. Fiquei com a sensação de que envolvia algum perigo. Eu queria ir junto, mas, segundo meu pai, Venn dizia “Nada de crianças”. Acabei ficando com meus primos em St. Ives. Foi até legal, com as praias e tudo o mais, mas eu sentia saudade dele. Ele ficou fora duas semanas, depois três, quatro. No início, ainda recebíamos telefonemas, e-mails. Meu pai tinha o cuidado de não deixar escapar nada. Lembro que ele chegou a mencionar alguma coisa sobre um espelho, mas logo cortou o assunto. Como se não devesse ter dito aquilo.

— Um espelho?

— Isso. “Mas o espelho está apresentando vários resultados bizarros, é claro.” Quando perguntei sobre o que ele estava falando, ele mudou de assunto. Fiquei com a sensação de que alguém tinha se aproximado de repente, ou estava ao lado dele. Meu pai riu. Eu me lembro disso perfeitamente, porque foi a última vez que a gente se falou.

Wharton continuou em silêncio. Jake respirou fundo e depois continuou:

— E desde então ele não me ligou mais. Quando a gente ligava para Wintercombe, sempre caía na secretária eletrônica. Depois de três semanas assim, minha tia ficou preocupada e chamou a polícia. Os policiais foram lá e conversaram com Venn. Ele disse que meu pai havia saído de lá no domingo anterior para pegar o trem das nove e meia para Londres. Mas ele não aparece nas câmeras de segurança da estação de Plymouth e nunca chegou a Londres. Desde aquele dia, ninguém mais o viu. Ele simplesmente desapareceu da face da Terra.

Wharton não sabia o que dizer. Tomou um gole do vinho, mal notando a acidez, e pôs a taça na mesa dobrável. O avião deu uma guinada e a taça escorregou lentamente pelo tampo. Ele a segurou.

— E então... você ficou sozinho.

Jake tomou um gole de Coca-Cola.

— Continuei na casa da minha tia por um tempo, mas era uma situação meio esquisita. Aí ela recebeu uma ligação do Venn. Ele disse que, como era meu padrinho, tomaria conta de mim. Arranjou a escola na Suíça. Caríssima. E o mais longe possível dele. — Jake se virou com súbita urgência. — Viu só o que ele fazia? Pagava uma fortuna para me manter longe. Porque matou meu pai.

— Fale baixo! — Wharton olhou para os lados, tenso. Um homem de cabelo preto em uma poltrona junto ao corredor olhou de soslaio para eles por trás do jornal que lia. — Você não pode sair por aí fazendo acusações insanas.

— Por que não?

— Por que ele mataria seu pai?

— Por causa desse tal projeto! Meu pai sabia demais.

— Isso é muito improvável. E você não tem nenhuma prova de que...

— Tenho sim.

As palavras saíram bem baixas, mas cáusticas como ácido. Wharton sentiu um leve arrepio percorrer-lhe a espinha.

— Como assim?

Jake olhou para o professor.

— Jure que nunca vai contar para ninguém.

— Ah, tenha santa paciência...

— Jure!

— O que é isso? *Hamlet*? Tudo bem, eu juro.

Jake manteve o olhar fixo no professor. Por fim, tirou do bolso uma pequena carteira. Wharton a observou: era feita de couro escuro, muito manchada e desgastada.

— Isso era do seu pai?

— Sim. Ele carregava esta carteira para todo lado. Dizia que era feita de couro de crocodilo. O bicho estava aterrorizando uma aldeia na África, e ele e Venn o mataram. Esta carteira significava muito para ele. — Jake a abriu e pegou uma fotografia e um pedaço de papel. — No último semestre, recebi uma encomenda pelo correio. Não sei quem mandou. O carimbo é britânico. Dentro havia isto aqui. — Relutante, Jake passou o papel ao professor. — É a letra do meu pai, com certeza.

Fascinado, Wharton botou os óculos. Tratava-se de uma mensagem curta e obviamente escrita às pressas. A letra era um rabisco quase ilegível, e a caneta havia furado o papel em diversos pontos.

Wintercombe Abbey

Domingo, 14 de agosto

Querido Jake,

Não sei se vou conseguir levar esta carta ao correio. É uma caminhada e tanto até o vilarejo, então talvez eu deixe isso para amanhã. Desculpe por não ter ligado. Estamos muito, muito ocupados com o Cronóptico. Você nem imagina como esse projeto é fascinante e o quanto já avançamos! Se tudo der certo hoje à noite, vamos a público anunciá-lo, não importa o que V. diga. Isso vai causar um estrondo na comunidade científica! Aqui vai um presentinho para você. Sei que V. não aprovaria, mas não resisti: tive que enviar. Vejo você em alguns dias, prometo.

Com amor,

Seu pai

Wharton dobrou o papel com cuidado e pigarreou.

— Sinto muito, Jake. Sinto muito mesmo.

Jake pegou o bilhete de volta, sem dizer nada.

— “V.” seria Venn, imagino.

— Meu pai sempre o chamou assim. Mas você reparou no mais importante?

Wharton fez que não com a cabeça.

— *A data.* — Jake pôs o papel na mesa dobrável e deu uma batidinha nele com o dedo indicador. — Este foi o dia em que, segundo a história que Venn conta, meu pai pegou o trem para Londres. Mas o cabeçalho diz Wintercombe; meu pai ainda estava lá quando escreveu isso, e fica claro que não pretendia ir a lugar algum.

Wharton releu a frase que mais chamava atenção:

— “Se tudo der certo hoje à noite, vamos a público anunciá-lo.” Pelo jeito eles estavam planejando algum evento especial para aquela noite.

— Um experimento. Esse troço que ele chamou de Cronóptico.

— E o que é esse troço?

— Não faço ideia. — Jake tinha o olhar perdido; parecia pensativo. — Acho que o experimento foi mesmo um sucesso e Venn quis tirar meu pai da jogada. Talvez eles tenham discutido. Talvez Venn tenha matado meu pai para obrigá-lo a ficar de boca fechada.

Aquilo era muito estranho. Wharton meneou a cabeça.

— Você só está querendo encontrar um culpado.

Jake pegou a carta e a dobrou com os dedos trêmulos de raiva.

— Tudo bem. Deixe pra lá.

Ele então enfiou os fones nos ouvidos e se encolheu na poltrona, virando-se de costas para Wharton.

— Jake. Jake, olhe só...

Nenhuma resposta. O homem do jornal estava espiando de novo. Era um sujeito bonito; ele virou o rosto rapidamente. Puxando um dos fones de Jake, Wharton disse baixinho:

— Ei, me mostre a foto.

Jake nem se mexeu. *Perdi ele de vez*, pensou Wharton. Mas então Jake pegou a foto e a empurrou pela mesinha dobrável.

Wharton a virou para cima. Era uma pequena imagem em preto e branco, granulada; fora tirada com uma câmera bem antiga.

Um homem alto sorria em um sobretudo marrom. Parecia um pouco Jake — o suficiente para Wharton ter certeza de que ali estava David Wilde. Estava de pé em uma rua. Por trás dele viam-se ônibus londrinos e um táxi, todos modelos antigos. David exibia um jornal para a câmera.

— Não consigo ler a manchete. Se ao menos eu tivesse uma lupa...

— O jornal diz OS BEATLES INVADEM A AMÉRICA. A data é 1965.

Wharton franziu o cenho.

— A data é 1965? Até eu ainda era criança nessa época. Seu pai...

— Sequer tinha nascido. — Jake pegou a foto de novo. — Não entendo. Deve ser alguma montagem, mas por quê? E por que me enviar isto?

— Com certeza não foi ele quem enviou. Foi outra pessoa. E dois anos depois do... do desaparecimento dele.

— Da morte.

— Você não sabe se ele morreu.

Jake encarava o professor com frieza, mas Wharton detectou o medo por trás dos olhos dele.

— É meu pai. Algo terrível aconteceu; senão ele teria me ligado. Meu pai nunca me abandonaria. Eu sei.

As luzes de emergência se acenderam.

— Senhoras e senhores, solicitamos que coloquem o cinto de segurança — alertou uma voz suave. — Dentro de instantes daremos início aos procedimentos de pouso da aeronave.

Wharton sentiu-se aliviado por ter uma chance de pensar sobre aquilo. Não sabia o que fazer quanto àquela história toda. E por que o maldito diretor não o tinha alertado quanto ao pai do garoto? Assim pelo menos ele estaria preparado.

O avião começou a mergulhar no céu, descendo em um sobrevoo cheio de solavancos em direção ao aeroporto de Heathrow, em Londres. Enquanto isso, Wharton observava as nuvens passando depressa e sentia a desaceleração crescer dolorosamente nos músculos. Não havia alternativa: ele teria que ir até Wintercombe Abbey. Alguém teria que estar lá quando Jake e seu padrinho se encontrassem. Tudo poderia acontecer, considerando-se aquela maluquice absurda que o garoto tinha enfiado na cabeça.

Porque, claro, era uma maluquice.

A aeronave tocou o solo, subiu um pouco e bateu novamente na pista, com força. O professor agarrou os braços da poltrona, paralisado de pavor. Não tinha medo de avião, mas odiava aterrissagens.

E havia algo que Wharton não conseguia explicar, a parte mais estranha de toda aquela confusão. A fotografia. O que havia por trás daquela foto?

* * *

NO SAGUÃO de retirada de bagagens, os dois pegaram suas malas da esteira e as acomodaram em um carrinho. Wharton fez menção de pegar a mochila de Jake.

— Não, pode deixar que eu levo — contestou o garoto, colocando-a rapidamente nas costas.

Enquanto ele a ajeitava, um grunhido estranho e sonolento saiu da mochila. Wharton arregalou os olhos.

— Ah, não. Não me diga que... Você não faria isso.

Jake deu de ombros. A mochila gemeu de novo. Wharton abriu a parte de cima. Uma bola de pelos com pernas e braços se desenroscou e olhou para ele. Os olhos do macaco eram negros. O bicho bocejou.

O professor fechou a mochila imediatamente, olhando para os lados.

— Não entre em pânico — disse Jake, empurrando o carrinho calmamente.

— Pânico? E a quarentena? E o risco de raiva! Você tem ideia da confusão em que ia se meter se fosse pego?

— Bom, não fui pego, fui? O veterinário passou um remedinho para ele dormir durante a viagem. Deu tudo certo.

— Um macaco, Jake?

— Não é um macaco. É um sagui.

A arrogância habitual havia voltado, o que deixou Wharton furioso.

— Não estou nem aí se isso é um sagui ou um tamanduá. E a gente ainda vai ter que passar pela alfândega!

— Essa é a parte mais fácil. — Jake encarou o professor com um meio sorriso sombrio. — Venn paga a multa se pegarem a gente.

Wharton seguia alguns passos atrás do garoto, suando ao longo dos corredores compridos e esteiras rolantes. Quando o oficial os mandou seguir em frente com um aceno de mão entediado, o professor sentiu-se tão aliviado quanto se estivesse contrabandeando diamantes.

Já fora do aeroporto, Jake abriu a mochila. O sagui saiu preguiçosamente e abraçou com carinho o pescoço do dono. A pelagem do bicho era marrom e lustrosa. Ele encarou Wharton como um bebê, com total indiferença.

— Eu não ia deixar meu sagui naquele buraco — resmungou Jake.

Eles entraram na fila do táxi, todos olhando com espanto para o animal.

— Guarde isso — sibilou Wharton.

— Não é “isso”, é “ele”. O Horácio.

Quando enfim conseguiram um táxi, o bicho já estava bem desperto, comendo uvas. O motorista olhou com desconfiança para o sagui.

— Se essa coisa fizer bagunça...

— Só nos leve à estação de Paddington, por favor.

Wharton jogou a bagagem na mala do carro e entrou, acomodando-se em um assento quente que rangia a cada movimento seu e absorvendo os cheiros e a poluição de Londres. Depois de tanto tempo na Suíça, aquilo era como inspirar fumaça. Ao olhar para trás, viu que o homem sentado perto deles no avião era o seguinte da fila para o táxi; por um segundo, os olhares dos dois se cruzaram, e o professor ficou abismado com a cicatriz que desfigurava a face esquerda do desconhecido.

O táxi foi engolido pelo trânsito infernal.

— Pode deixar que eu me viro quando chegarmos a Paddington — arriscou Jake, sem muita esperança.

— De jeito nenhum.

— Posso subornar você.

— Sou incorruptível. Só não deixe esse bicho chegar perto de mim.

* * *

SOB as espalhafatosas luzes de Natal, eles se arrastaram pela caótica Londres. Ao longe, oculto no

trânsito, um táxi os seguia lentamente.

CAPÍTULO 4

*Não temas, meu senhor, não temas,
Os mortos para sempre mortos estão.
Caro é o preço que terás de pagar
Se o rosto perdido quiseres vislumbrar.*

*Não temas, meu senhor, não temas,
Pois quem pode aos mortos se render?
De trevas tua jornada será
Se a beleza perdida deseas recuperar.*

“Balada do Senhor do Inverno e da Dama do Verão”

O que espantou os dois foi a batida na porta.

O olhar de Venn vacilou; no mesmo instante Sarah se virou, e metade de seu corpo já estava para fora da janela quando ele a agarrou e a puxou.

— Piers! — gritou ele. — Venha cá!

Sarah o chutou, mas ele se manteve firme. Segurou os braços dela com força, a ponto de doer. Arrastou-a então para dentro, e ela caiu no chão, sem fôlego.

— Levante-se! — ordenou Venn.

Sarah estava atordoada demais para se mexer. Após alguns instantes, ele estendeu a mão, e ela a aceitou.

Venn a ajudou a ficar de pé e deu um passo para trás.

— Não era minha intenção machucá-la.

— Bom, eu também não devia ter chutado você.

Venn ficou em silêncio. Atenta à corrente de ar atrás de si, Sarah viu que um homem muito baixo, de jaleco branco, havia aberto a porta e agora encarava os dois. Ele tinha um pequeno cavanhaque e uma expressão arguta e inquisitiva ao perguntar:

— O que está acontecendo?

Venn se aprumou. Estava tenso e pálido.

— Pergunte à ladra mais incompetente do mundo.

— Não sou ladra — retrucou Sarah, mantendo a calma, ainda encarando Venn.

— Então por que invadiu minha casa? Como conseguiu entrar aqui? — Venn virou-se para Piers. —

Belo esquema de segurança esse seu.

— Eu acompanhei essa moça pelas câmeras desde o portão.

O homenzinho a observou, pensativo. Seus olhos eram brilhantes como moedas e não deixavam nada escapar.

— Foi você que abriu o portão? — perguntou Sarah.

— Além do mais — continuou Piers —, a polícia está na cola dela. — Ele virou-se para Venn: — Tem um policial na porta. Disse que se chama Jano.

Os olhos gélidos de Venn se voltaram para Sarah.

— Perfeito. Vamos deixar que ele a leve embora.

— Não! — Foi uma exclamação de terror, mais forte que ela. — Por favor! Não diga a ele que estou aqui. Não diga a ninguém.

Venn a encarou longamente. Em seguida, sentou-se na beirada da escrivaninha abarrotada e ordenou a Piers:

— Mande o policial entrar.

— Posso só sugerir uma...

— Faça o que estou mandando!

O homenzinho deu de ombros para Sarah e saiu da sala em silêncio.

Ela afastou o cabelo do rosto e foi em direção à lareira. Seus pés descalços deixaram um rastro de lama e folhas. O calor do carvão em brasa era um deleite tão maravilhoso que Sarah se agachou perto do fogo, tentando parar de tremer.

— Você não veio vestida para invadir casas — murmurou Venn.

— Você não vai contar a ele, vai?

— E por que não?

Venn era mais frio do que ela imaginara. Algo havia congelado dentro dele. Ela manteve o tom de voz baixo e tranquilo ao responder:

— Porque, por um instante, você achou que eu fosse outra pessoa. Você disse *Leah*.

Sarah não esperava uma resposta. Mas então ele disse:

— Me enganei.

— Não me entregue; por ela. E porque eu estou invisível.

Os olhos dele eram de um azul tão gélido quanto os do lobo.

— Mas eu estou vendo você.

— Não deveria. Eu consigo ficar invisível. Tenho esse poder especial. Só que desta vez não funcionou.

Talvez seja você. Talvez você seja diferente de todo mundo.

Ela conseguira sua atenção. Uma leve mudança transpareceu no rosto rígido e controlado de Venn. Ele foi até ela. Sarah notou como aquele homem era magro, como era abatido.

— Você é louca?

— Dizem que sim. Mas e se eu não for?

— Por que arrombou minha casa?

— Estou fugindo. E não arrombei nada. A janela estava aberta.

— Não venha bancar a esperta comigo. Quem é você? — Um cintilar de tensão cruzou seu rosto. — Qual dos dois mandou você? O homem da cicatriz ou a Rainha do Bosque?

Sarah não fazia ideia de quem eram aquelas pessoas, mas manteve a expressão serena.

— Se você me entregar, nunca vai saber.

Passos e vozes ecoaram pelo corredor; ouvia-se o ranger das tábuas velhas do assoalho. Venn ficou imóvel por tanto tempo que Sarah achou que não tinha funcionado. Mas por fim ele rompeu o silêncio:

— Eu antes achava que conseguia controlar tudo que o destino lançava no meu caminho. Realmente pensava assim. — Ele avançou um passo. — Você está sozinha? Ninguém sabe que você está aqui? Nem seus pais?

— Não tenho pai nem mãe.

Com uma pontada de medo, Sarah percebeu que ali, naquele lugar, isso era verdade.

Venn olhou-a nos olhos como se uma grande ideia houvesse lhe ocorrido, uma ideia tão brilhante que poderia aliviar tormentos profundos e inconsoláveis. Às pressas, ele empurrou a intrusa na direção de uma pequena porta encaixada no revestimento da parede.

— Entre aí! — ordenou, abrindo o compartimento desajeitadamente com a mão esquerda. Sarah percebeu que ele não tinha as falanges da ponta de dois dedos. — Não se mexa. E fique quieta!

Antes que ela pudesse responder, a porta bateu. Passos pesados cruzaram o escritório.

— Inspetor-detetive... hã... Jano — anunciou a voz aguda de Piers.

Sarah conseguiu dar uma espiada em volta. Estava em uma espécie de depósito, um ambiente bem pequeno, abarrotado não só de utilidades domésticas, mas também de papéis e livros. Uma janela estreita e gradeada deixava entrever, em meio à penumbra, o granizo que caía no gramado malcuidado. Não havia por onde escapar. Ela colou o ouvido na porta. Venn dizia:

— Creio que ainda não nos conhecemos.

— Sou novo aqui na província de Devon.

Ao som daquela voz, Sarah sentiu o corpo retesar; respirou fundo, paralisada de pavor. Eles deviam estar desesperados para capturá-la, pois haviam mandado um Replicante do próprio Jano.

— Há algum problema? — perguntou Venn.

Dos três, ele era quem estava mais perto, de costas para a porta. Os grossos painéis de carvalho que revestiam a parede abafavam as vozes, o que obrigou Sarah a pressionar ainda mais o ouvido contra a madeira.

— Estamos investigando um desaparecimento. Perdão por incomodar, sei que o senhor não gosta de receber visitas.

— Não gosto de ninguém. O senhor não é um tanto novo demais para um inspetor-detetive?

— Sou muito dedicado. — Ele exalou autossatisfação na resposta, ignorando a grosseria contida na pergunta de Venn. No entanto, assumiu um tom cortante ao prosseguir: — Uma paciente fugiu da Unidade Psiquiátrica de Segurança Máxima do Instituto Linley, a cerca de vinte quilômetros daqui. Jovem, dezessete anos, cabelo louro e curto, olhos azuis. Usava um traje de hospital: camisola cinza e pantufas. O senhor deve ter visto no noticiário local...

— Não vejo televisão.

— Por que isso não me surpreende? — comentou o Replicante, com cinismo. — Uma jovem que se encaixava nessa descrição foi vista hoje subindo em um ônibus para Wintercombe. Estamos levantando informações entre os moradores, mas...

— Por que ela viria para cá? — retrucou Venn, com ar de desdém. As tábuas do assoalho rangeram: ele devia estar indo até a escrivaninha. — O que ela fez de errado? Que crime cometeu? Para trancarem uma jovem de dezessete anos em um lugar como aquele, deve ter sido algo terrível.

— Pelo que me foi passado — respondeu calmamente o Replicante —, é uma jovem com sérias perturbações mentais. Eles não costumam entrar em detalhes, mas alguns pacientes do Instituto são casos extremamente graves. Sei que o senhor tem um forte esquema de segurança aqui, mas...

— Se um besouro subir pelo portão, Piers saberá. Ninguém entra aqui.

Sarah fez uma careta. Venn a estava provocando? As respostas dele eram direcionadas não só ao Replicante, mas a ela também.

De repente ela viu: perto da maçaneta havia um pequeno buraco na madeira. Sarah ajoelhou-se e olhou pela minúscula abertura.

— Qual é o nome dessa jovem? — perguntou Venn.

— Sarah Stuart. — O Replicante era um vulto junto à janela, apenas vagamente distinto. — Se ela aparecer por aqui, aconselhamos que o senhor nos avise imediatamente e não se aproxime dela.

— O senhor fala como se estivesse se referindo a um animal selvagem.

Houve uma pausa, e então Jano avançou um passo. Sarah sentiu as mãos apertarem com mais força o batente da porta. *Aquele era novo.* Vestia um uniforme escuro, quase militar, o cabelo era liso e escorrido, e ele era tão magro e jovem! Vinte anos, no máximo. E, no entanto, já tinha a peculiar ironia no sorriso e um par de lentes de contato azuis escondendo os olhos.

— Sr. Venn, essa jovem está gravemente doente. Ela sofre de delírios de poderes secretos e tem surtos de violência. Peço permissão para fazer uma busca em sua propriedade. Afinal, há tantos celeiros e

outras construções anexas à residência... — O Replicante se aproximou com um esboço de sorriso. — E o Bosque.

Até então, Venn parecia meio que hipnotizado, mas a última palavra dita pelo Replicante o fez despertar.

— Se ela estiver no Bosque, nem adianta o senhor procurar.

Sarah o viu olhar de relance na direção do pequeno depósito, como se conseguisse enxergar através da porta; parecia vê-la como um colecionador observando uma mariposa presa com um alfinete em seu catálogo. Ela espalmou as mãos no painel de revestimento interno da parede.

— Então amanhã eu trago meus homens.

Jano a tinha visto. Ele não havia olhado na direção dela, não dera o menor indício, mas ela sabia que ele a vira.

— Não. — Venn manteve-se firme. — Ninguém vai entrar em minha propriedade. Se for preciso fazer buscas, eu mesmo cuidarei disso. E, se encontrarmos alguma jovem louca, a polícia será informada. Piers vai acompanhar o senhor até a porta.

Um sino soou.

No escuro, Sarah se permitiu um leve suspiro de alívio. Venn era tão arrogante quanto Jano. E então, quando o Replicante chegou à porta, ela o viu se virar, dizendo:

— Espero que o senhor não se arrependa disso.

Venn estava de pé, empertigado, junto à lareira.

— Também espero.

A porta do escritório se fechou.

Silêncio.

Com muito cuidado, Sarah girou a maçaneta e a forçou. Ainda trancada. Então a voz de Venn alcançou seus ouvidos, fria e densa:

— Acho que você vai ficar aí dentro mais um pouco, Sarah Stuart, considerando que é uma assassina tão louca e perigosa...

— Por favor, me deixe sair! Você não pode me prender aqui!

— Posso fazer o que eu quiser.

Sarah esmurrou a madeira.

— Além disso — continuou Venn —, e se você realmente tiver o poder de ficar invisível? Eu nunca conseguiria encontrá-la de novo. — Quando ele continuou, o gélido sarcasmo sumira de sua voz: — Preciso resolver alguns assuntos. Se Piers trazer comida para você, por favor, não o mate. Ele faz tudo errado, mas me é útil.

Passos.

Ela tentou a maçaneta de novo; a porta se abriu, e ela saiu para o escritório escuro e aquecido. Notou o silêncio da casa, um silêncio que tinha textura própria, aveludado como as pesadas cortinas marrons que pendiam até o chão em todas as janelas. Mais além, fragmentado pelas pequenas vidraças, viu o próprio reflexo, multiplicado como em um caleidoscópio sombrio. Apenas o balançar lento e escorregadio do pêndulo do relógio quebrava a quietude.

Estar naquela casa novamente enchia-a de encanto, mas também de uma tristeza aguda.

O local parecia tão entulhado e empoeirado... Negligenciado.

Sarah atravessou a sala e fechou bem as cortinas. A grossa camada de pó que as revestia a cobriu, espalhando-se pelos lábios e pelo rosto. Ela agachou-se perto da lareira novamente, o calor a reconfortava. Era algo familiar em meio àquele mundo frio de inverno.

De súbito, um incrível cansaço se abateu sobre ela. Teve vontade de deitar no tapete e dormir para aliviar o peso nas pernas e nos olhos. Mas o Replicante estava lá fora, em meio às sombras, e sabia que ela estava ali. Com grande dificuldade, ela se levantou e começou a andar de cá para lá, forçando-se a

ficar alerta e observar tudo. Enquanto ainda podia.

Havia muitos livros e documentos, tudo empilhado em colunas desordenadas. Sarah virou algumas folhas de papel, mas o que viu não significava nada para ela. Eram apenas cálculos, páginas inteiras de fórmulas matemáticas. Os livros estavam em várias línguas. Alguns eram velhos, com encadernações em couro, as lombadas corroídas, mas havia também torres de livros de aparência melhor, capas forradas com papel; falavam sobre cordilheiras e calotas de gelo, e havia também rolos de mapas manchados de chá e tinta de caneta, totalmente rabiscados.

Obviamente, Venn não usava mais.

Com rapidez e destreza, ela remexeu as gavetas da escrivaninha. Estavam todas abarrotadas de objetos inúteis e coisas velhas: canetas, chaves, recibos, grampos. Em uma delas havia uma coleção completa de fósseis, toda desorganizada e misturada. Ela pegou uma amonite, sentindo seu relevo espiralado. Aquilo estava morto fazia milênios, mas, ainda assim, ali estava. Embaixo do molusco ancestral havia uma caderneta de capa cinza, com páginas em branco. Exatamente do que ela precisava. Enfiou-a no bolso.

Um pedaço de carvão que ardia no fogo caiu para o lado. Na mesma hora Sarah desviou o olhar para a lareira e fechou a gaveta. Nisso, seus olhos captaram um brilho que vinha da papelada largada em uma mesa de canto, o reflexo cor de rubi das chamas atingindo o metal.

Ela arrastou a lixeira para o lado com cuidado.

Embaixo dos papéis, uma caixa de metal bastante desgastada estava amassada, como se a tivessem deixado cair mais de uma vez, e as iniciais *JHS* apareciam pintadas em letras brancas, já esmaecidas. Ela observou a caixa, surpresa, e então a puxou. Papéis escorregaram. Alguns livros tombaram ao chão.

A caixa não estava lacrada. Apressadamente, seus dedos deslizaram pela tampa.

A maçaneta da porta fez um ruído. Sarah enfiou a caixa de volta no lugar, correu para perto da lareira, agarrou um livro e abriu-o no exato instante em que Venn entrou com uma bandeja.

— Fico feliz em ver que você não está desperdiçando seu tempo.

Ela ergueu o olhar.

— Loucos também sabem ler.

— E de cabeça para baixo. Incrível.

Sarah baixou o livro, contrariada.

— Trouxe uns sanduíches. Queijo com presunto.

Ela apanhou o prato imediatamente. Eram sanduíches grandes, feitos de qualquer jeito, mas o pão estava fresquinho. Era o pão mais cheiroso que já tinha provado. Ela devorou o sanduíche com avidez.

Venn ficou observando-a, recostado na escrivaninha.

— Há quanto tempo você está fugindo?

— Faz alguns dias — mentiu ela, de boca cheia.

Ele deu alguns passos e se virou abruptamente.

— Por que você estava internada no Linley?

— Meus pais morreram. Eu não soube lidar com isso. Tive um... uma crise. Estou bem agora.

Sarah temeu que ele insistisse nas perguntas sobre seus pais, mas não; em vez disso, Venn disse, aproximando-se:

— É uma instituição criminal, Sarah.

— Talvez eu tenha ficado meio maluca. Detonei o lugar onde eu morava.

— Que lugar?

— O que é isso? Um interrogatório?

Venn nem se mexeu.

— É uma entrevista. De emprego.

Sarah se deu conta de que ele já devia ter pesquisado sua história na internet.

— Que emprego?

— Quando você faz dezoito anos?

— Mês que vem.

Ele voltou a vagar pela sala a passos longos, inquieto, remexendo papéis. Ao ver a caixa, apanhou-a e guardou-a na última gaveta da escrivaninha, imerso em pensamentos. Como se a caixa não fosse nada de especial.

— Você está vendo o estado deste escritório. Piers faz o que pode, mas seria bom contar com uma ajuda.

Sarah não conseguiu esconder a decepção:

— Você quer que eu faça faxina?

— Que me ajude. Não só com a limpeza.

Ela aguardou em silêncio. Ele abriu as cortinas de novo e olhou ao longe, fitando a escuridão.

— Estou trabalhando em um projeto aqui. Uma pesquisa altamente secreta e muito importante. É por isso que tenho esses portões e as câmeras. Você não entenderia, mas chegamos a um estágio crítico, e preciso de outro... objeto de experiências. Outro voluntário.

Venn parecia estar falando consigo mesmo, um sussurro breve e entusiasmado que assustou Sarah.

— Outro? O que aconteceu com o primeiro?

— Ele se foi. — Venn se aproximou e baixou os olhos para Sarah. Ela se levantou e limpou as migalhas de pão. Ele era alto, e havia uma urgência lúgubre e ameaçadora em sua voz. — Quero que você trabalhe comigo no Cronóptico.

Ela sentiu o coração sobressaltar. Venn continuou:

— É um aparelho para... manipular a luz. Faltam alguns ajustes, mas tenho certeza de que consigo fazê-lo funcionar. Só preciso de alguém sem laços, de quem ninguém sentirá falta, que não vá sair tagarelando por aí. Alguém como você.

— Mas eu não sei nada sobre...

— Não precisa saber — interrompeu ele. — Você atuará apenas nos testes.

— Para uma experiência? Com drogas?

— Sem drogas.

— De jeito nenhum. — Ela negou também com a cabeça. — Você não vai me ligar a um monte de eletrodos como um rato de laboratório.

— Não usarei eletrodos. — A voz dele assumiu um tom duro e frio. Ele recuou um passo. — Talvez eu não tenha sido claro, Sarah. Você tem duas opções. Ou trabalha para mim ou eu ligo para a polícia. Agora mesmo.

Venn pegou um telefone do bolso, discou um número e aguardou. A débil luz da tela emoldurou seu rosto.

— Espere... — Ela queria dizer que *aquele homem* não era *da polícia*. Em vez disso, falou: — Desligue isso.

— Você aceita?

— Parece que não tenho escolha.

Um lampejo de alívio passou pelo rosto de Venn tão rápido que Sarah não teve certeza de que era isso.

— Não tem perigo nenhum. Eu juro. E, quando tudo acabar, eu darei a você mil em dinheiro e uma passagem de avião para qualquer lugar do mundo, à sua escolha. Você vai poder fazer o que quiser da vida.

Ela sabia que ele estava mentindo sobre o perigo. E que ele não se importava com isso.

— Vai levar quanto tempo?

— Algumas semanas — respondeu Venn, desviando o olhar.

A casa parecia em suspenso ao seu redor. Do outro lado das janelas, o Bosque se curvava sob o peso do granizo. Sarah se lembrou do garoto sombrio de olhos verdes que havia dominado o lobo e o

afugentado.

— Tudo bem. Eu aceito. Mas não sou sua prisioneira. Quero um quarto e liberdade para andar pela casa. Vou precisar de roupas também. E de sapatos.

— Diga a Piers tudo de que você precisa. Ele vai cuidar do seu pé. — Venn foi até a porta, mas se virou: — Você pode andar por toda a propriedade, menos no Caminho do Monge. E não vá ao Bosque sozinha. É um lugar estranho e ameaçador.

Ela teve a impressão de que Venn iria dizer algo mais. Por um instante achou que ele fosse agradecer, dar-lhe as boas-vindas — pelas quais ela tanto ansiava, como percebeu naquele momento. Mas ele disse apenas:

— Venha. Vou lhe mostrar os quartos do sótão. Pode escolher um.

* * *

MAIS tarde, já em roupas secas e com curativos no pé machucado, Sarah sentou-se em uma pequena cama branca no sótão e recostou-se na lareira morna. Ali estavam: guarda-roupa, cômoda, a janela bem fechada diante da noite. O quarto não estava tão diferente. Menos objetos, mais frio. As cortinas de algodão azul haviam sumido. Ela desceu da cama, foi até o assento junto à janela e tocou uma das tábuas do assoalho com o pé, de leve. A madeira rangeu.

Ajoelhou-se e sentiu a pequena fenda onde, outrora, os dedos de sua mão cabiam facilmente.

Ainda cabiam.

Ela sorriu e levantou a tábua com cuidado. O compartimento escuro estava cheio de poeira. Enfiou a mão ali e tateou pelo buraco, mas não havia nada. Nenhum de seus escritos pessoais, de suas pinturas secretas.

Deixando o esconderijo aberto, ela se sentou na cama, ergueu as pernas e abraçou os joelhos. Em seguida, pôs a caderneta furtada na colcha florida.

Ao lado do caderno, com muito cuidado, arrumou os três tesouros que roubara do Labirinto.

Metade de uma moeda antiga, presa em um cordão de ouro.

Uma caneta preta pequena e quebrada.

E, brilhante como uma supernova, o broche de diamante. Sarah observou os objetos demoradamente, pois era difícil acreditar que eles ainda existissem. Que, como ela, estivessem ali. Por um instante, as lembranças daquele voo terrível, a explosão de sombras, pareceram tomar conta dela novamente.

Sarah ergueu os olhos para o quarto tão familiar, a lareira quente. E então, com súbita urgência, destampou a caneta e escreveu três letras na primeira página da caderneta:

JHS

20 de dezembro. Cheguei. Estou em Wintercombe Abbey, e já até vi uma caixa com essas iniciais na tampa.

Depois:

Tem mais alguém aí?

Sobrou alguém para ler isso?

Sarah ficou observando as palavras, que lentamente desapareceram.

CAPÍTULO 5

Ninguém poderia prever em que Jano se transformaria. Ainda jovem, na Milícia, era calado e atento. Nunca foi um líder, embora sempre apresentasse um plano inteligente quando consultado, sempre um comentário sensato. Não enxergava bem, era bem magro e frágil, considerado um fracote pelos homens mais fortes.

O que só mostra o quanto estavam errados.

Transmissão ilegal de ZEUS: Biografia de Jano

O trem vindo de Londres demorou horas, infiltrando-se pelo sudoeste do país. Os campos estavam desolados pela geada; as árvores, escurecidas; ao longe, as margens distantes das paragens de Dartmoor choravam em uma escura cortina de chuva.

Wharton havia pedido que o trem parasse em Wintercombe, que era uma estação opcional, pois quase ninguém ficava ali. Ao desembarcarem, Jake entendeu por quê.

Havia uma plataforma de concreto entre algumas árvores e um abrigo em caso de chuva. Atravessando um portão branco, uma trilha levava ao estacionamento, onde um carro azul, sem ninguém dentro, aguardava.

Wharton saltou do trem logo após o garoto, seguido por uma moça que carregava uma maleta. Saindo de um vagão mais atrás, um homem seguiu às pressas até o portão, de costas para eles, sem olhar para o lado.

Ninguém mais. O trem partiu, com sua sinfonia de ruídos.

Wharton soltou um longo suspiro. Estava cansado. Tinha tentado dormir durante a viagem, mas os solavancos sem fim o haviam impedido.

— Nada de táxis — comentou, irritado.

— Você vão para longe? — A moça havia se aproximado do carro e o destrancado. Era pouco mais velha que Jake, muito alta, cabelo ruivo comprido com uma franja brilhante que quase escondia seus olhos. — Querem carona?

— Bem... seria muita gentileza da sua parte. — Wharton olhou para Jake, que deu de ombros. — Na verdade, estamos indo para um lugar chamado Wintercombe Abbey. Imagino que não seja muito longe...

A garota arregalou os olhos.

— Wintercombe Abbey! Jura?

— É ruim para você? — resmungou Jake.

— Não. Na verdade, vai ser um prazer levar vocês! Entrem.

Mas não escapou a Jake a surpresa da jovem. Mais do que isso: chocada. Logo que ele se instalou no banco da frente, Horácio botou a cabeça para fora da mochila, olhando ao redor com curiosidade.

— Nossa! — exclamou a jovem. — É seu?

Jake ofereceu um dedo a Horácio, que começou a mordiscá-lo.

— Acho que eu é que sou dele.

Ela deu partida no carro.

— Você tem tudo a ver com Wintercombe Abbey. Dizem que é um lugar de gente excêntrica.

Wharton ainda teve tempo de soltar um “É mesmo?” antes de ser jogado contra o encosto do banco. A moça dirigia mal; manobrou cantando pneu e depois arrancou com truculência. Já haviam passado pelo

vilarejo antes mesmo que Jake conseguisse ver direito o local: casas antigas com telhado de palha, agência dos correios, bar e depois ruas estreitas cercadas de cercas vivas altas e cheias de espinhos.

— Meu nome é Jake Wilde.

— Rebecca Donahue.

O olhar dela buscou o de Wharton pelo retrovisor.

— George Wharton. Jake é meu...

— Sobrinho — completou Jake, firme.

— Sobrinho. Isso.

O olhar de Rebecca se revezava entre a estrada e o retrovisor. Jake notou que ela estava intrigada com a mentira descarada e perguntou:

— Você mora aqui?

— Faça faculdade. Em Exeter. Vim passar o Natal em casa.

Ela fez uma curva tão terrivelmente fechada que Wharton teve que engolir um palavrão.

— Você conhece Venn?

— Oberon Venn? — Ela ficou surpresa. — Não, claro que não. Ninguém o conhece. Bem, talvez os moradores mais velhos daqui o conhecessem, mas hoje em dia nem isso. Ninguém entra em Wintercombe Abbey. Estou me coçando para saber por que vocês estão indo para lá!

Se eles contassem, a notícia se espalharia pelo vilarejo inteiro: era assim que funcionava em lugares como aquele.

— Venn é meu padrinho. Vou passar um tempo na casa dele — respondeu Jake.

Mais uma curva, o carro cantando pneu.

— Sério? Isso é o máximo!

— Não sei, não...

— Ah... claro que é! Nossa, aquele programa com ele era tão legal! Sobre os vulcões e tal. E ele é um gato!

Ela ergueu as sobrancelhas ao dizer essa última parte. Jake olhou pela janela, com repulsa.

Os três encontravam-se agora em um vale profundo. Nesse trecho o caminho era mais estreito, de tal forma que galhos de plantas arranhavam as laterais do carro. À medida que avançavam, Jake ouvia o estalar do cascalho congelado sob os pneus. Estorninhos voavam no crepúsculo e piavam nas árvores altas. Ao chegarem ao fundo do vale, os três depararam-se com um portão de ferro trancado ladeado por dois pilares. O muro da propriedade era cercado por um bosque cerrado. Rebecca afundou o pé no freio a tempo de não bater no portão.

— Desculpe. Nunca tinha vindo aqui.

— Só por curiosidade — começou Wharton, em um tom suave —, você chegou a ser aprovada em algum teste de direção?

— Semana passada — respondeu a moça, encarando-o com hostilidade.

— Estou pasmo.

— Na verdade, eu também. Foi minha terceira tentativa. — Ela enfiou a mão na buzina. — Ele está esperando por vocês?

Antes que Jake pudesse responder, o portão abriu aos solavancos, liberando o máximo de espaço que o enorme emaranhado de azevinho permitia.

Nervoso, Jake sugeriu:

— Podemos ir andando, obrigado.

— De jeito nenhum. — Rebecca engatou a marcha com dificuldade. — Quero ver o famoso Oberon Venn. Além do mais, devem ser quilômetros até a casa.

Jake olhou de relance para Wharton, que disse:

— Nesse caso, continue, por favor.

Rebecca sorriu. Jake ficou com a impressão de que ela estava rindo dele; sentia-se incomodado com a admiração estúpida da garota por Venn. De mau humor, ficou observando o caminho, tomado pelo mato, que levava até a residência.

Cada momento o aproximava mais e mais... Ele estremeceu; enfiou a mão no bolso para tocar a carteira, tentar visualizar o sorriso alegre do pai na foto em preto e branco. Quaisquer que fossem os segredos escondidos ali, Jake jurava a si mesmo que não descansaria até trazê-los à tona.

O carro seguiu sacolejando por dois quilômetros. Rebecca agora dirigia com cuidado, pois o Bosque àquela altura parecia um reino de gelo em preto e branco, e buracos salpicavam o caminho. Por fim, foram impedidos de seguir em frente por causa do tronco partido de uma enorme árvore morta.

— Deus do céu. — Wharton abriu o vidro e pôs a cabeça para fora. — Será que isso é de propósito?

— Dizem que ele não gosta de receber visitas. Mas alguém deve aparecer de vez em quando, porque tem um desvio improvisado aqui pela lateral...

Rebecca manobrou o carro desajeitadamente, contornando o obstáculo, com isso sacudindo com força Wharton e as malas. O macaco deu um gritinho de protesto.

— Ah, cale a boca. Estou fazendo o que posso.

Subitamente, abriu-se uma clareira. Em meio à paisagem branca de gelo invernal, o trio viu a casa, empalidecida pelo luar, seus gramados como retângulos prateados. Wharton teve a impressão de que a construção estava encolhida no meio do Bosque e que as árvores a cercavam ameaçadoramente, como se um dia fossem devorá-la, como se fossem crescer e tomar todo o espaço.

Rebecca parou o carro no piso de cascalho tomado de ervas daninhas e desligou o motor.

— Nossa! — exclamou, em meio ao silêncio.

Jake olhou para cima e reparou nas janelas antigas, nas cumeeiras coroadas por gárgulas. O lugar lhe deu arrepios. Ele desceu do carro e parou diante da casa, encarando-a como a um inimigo. Wharton veio logo depois dele, puxando as malas.

— Muito obrigada, srta. Donahue. A caminhada até aqui teria sido muito cansativa.

Mas Rebecca não estava ouvindo; não conseguia tirar os olhos da mansão. Wharton virou-se e viu alguém sair da casa, um homem alto, de cabelo claro, que parou no alto dos degraus com ar arrogante.

— É ele — sussurrou Rebecca. — Uaaau!

— Não sei como vocês entraram, mas podem ir embora agora mesmo.

Jake se virou e se viu cara a cara com o assassino do pai. Não sentiu nada além de frieza, uma frieza tão profunda e entorpecente que era como se jamais fosse se sentir aquecido outra vez.

Wharton rapidamente pôs-se entre os dois, dizendo:

— Sr. Venn, talvez eu deva...

— E quem é você?

— Wharton. George Wharton. Diretor do Departamento de Artes e Ciências Humanas da Escola Compton.

— Compton? — indagou Venn, com plena indiferença.

— Lá de Genebra. Suíça.

Foi o suficiente. A raiva no olhar de Venn transformou-se em atenção, cautela. Ele olhou para Jake, que não havia mexido um músculo. Agora nervoso, Wharton fez as apresentações:

— Este é Jake Wilde. Seu afilhado.

Venn olhava fixamente para o rapaz.

— Você é o filho do David?

— Isso. É ele — confirmou Wharton, gaguejando uma resposta qualquer só para preencher o silêncio de Jake. — O senhor deve se lembrar, tenho certeza... Aquele e-mail...

— Eu não mando e-mails.

— O senhor mandou sim, tenho certeza. Nós... quer dizer, o diretor do colégio avisou ao senhor que

Jake... passou um pouco dos limites. E o senhor respondeu nos orientando a mandarmos Jake para casa.

O olhar de Venn parecia se arrastar entre Jake e Wharton.

— Piers! — rosnou ele, em pura fúria.

Um homem miúdo de jaleco branco desceu a escadaria aos tropeções e correu em direção ao grupo. Um brinco de ouro na orelha do homenzinho reluziu aos olhos de Wharton. Venn avançou sobre o criado.

— Diga que você não fez isso.

— Sim, eu respondi o e-mail do colégio. Falei para mandarem o garoto para cá — respondeu Piers, com a voz trêmula.

Venn mal conseguia respirar, tamanha era sua incredulidade.

— Ficou maluco? Será que minha casa virou um manicômio? Onde você estava com a ca...

— Achei que era a melhor atitude a tomar. — Piers lançou um olhar de relance para Jake, curioso.

— Você *achou*? — explodiu Venn. — O que lhe dá o direito de *achar* alguma coisa? Não “acha” que eu deveria ter alguma voz nessa história? Em relação a ele? Em relação a David?

Piers manteve-se firme; cruzou os braços.

— É claro que sim, mas, Excelência, o senhor estava na Terra de Sol. Eu tinha que tomar uma decisão.

— E você sequer pensou em me contar?

— Eu fiquei... hã... Bem, eu achei que seria melhor esperar eles chegarem. Afinal, já estavam mesmo a caminho.

Wharton fitou Jake por um breve instante. O silêncio e a intensidade nos olhos do garoto eram apavorantes.

— Veja bem... Tenho certeza de que... — começou o professor, mas a voz de Jake surpreendeu a todos:

— *Nem pense que pode me mandar embora.* — As palavras saíram baixas, roucas, em um tom quase irreconhecível. — Não vou a lugar nenhum.

Venn ficou imóvel. Depois de um instante, porém, aproximou-se, ficando frente a frente com Jake.

— Seu pai foi meu melhor amigo.

— Foi, é? Então cadê ele?

— Eu não...

— Não se importa?

— É claro que eu me importo.

— Então cadê ele? O que aconteceu com meu pai?

— Não sei.

— É mentira sua. — Jake manteve a frieza, imponente. Suas mãos tremiam. Parecia que algo pesado lhe queimava dentro do peito. — Sabe, sim. Você foi o responsável. Ele não saiu daqui. Ele não pegou o trem.

Venn ficou lívido. Até Wharton notou a fagulha de surpresa que percorreu seu rosto. Jake se aproximou.

— Ele era tudo que eu tinha. Você o tirou de mim.

— Jake...

Ele se desvencilhou furiosamente de Wharton, que o segurava.

— Achou que fosse me comprar com uma escola cara? Pois deveria saber que um dia eu ia acabar aqui, que viria atrás de você. Deveria saber que eu nunca deixaria você escapar ileso dessa.

Venn estava petrificado. Calmamente, ele perguntou:

— O que exatamente você acha que eu fiz?

— Meu pai sabia demais sobre os seus segredos. Você se certificou de que ele nunca abriria a boca.

— Segredos? Que segredos?

— O Cronóptico.

Por um instante os olhos de Venn pareceram feitos de estilhaços de gelo.

— O que você sabe sobre isso? — perguntou ele, respirando fundo.

Jake abriu um sorriso ácido.

— Tenho certeza de que você adoraria descobrir. Foi por isso que você matou meu pai.

Wharton, estarecido, prendeu a respiração. A força das acusações era brutal, como um relâmpago em uma atmosfera carregada. A noite silenciou-se, os corvos grasnavam no Bosque e um leve odor de óleo quente exalava do motor do carro.

A resposta de Venn surpreendeu a todos. Ele parecia aliviado; meneou a cabeça, enfiou as mãos nos bolsos do casaco escuro e ficou ali, fitando Jake. Quando finalmente falou, sua voz carregava uma espécie de enfado:

— Você é igualzinho a ele.

Jake se manteve impassível.

— Escute, garoto: eu adorava seu pai — continuou Venn. — Ele era meu único amigo. Você pode não acreditar, mas é a verdade. Eu daria tudo para saber onde ele está.

— Então você admite que é responsável.

— Não... Não da forma como você pensa. — Venn subitamente deu um passo à frente. — David não morreu — disse ele, em tom de urgência. — Ele está vivo, em algum lugar. E eu prometo que vou encontrá-lo.

Jake bufou em desdém, mas parecia abalado.

— Não saio daqui até saber o que aconteceu.

— Entendo. — Venn olhou de soslaio para Piers. — E você? Imagino que já tenha arrumado os quartos.

— Ala sul. — Piers coçou a barbicha rala. — Mas eu não esperava toda essa comitiva.

Todos se voltaram para Rebecca, que estava ao lado do carro, fitando Jake. Ela parecia fascinada. Pasma, levantou as mãos:

— Ah, eu só dei carona para eles.

— Que bom. — Venn deu meia-volta, mas se virou novamente. — Mas você, Jack...

— Jake. Meu nome é Jake.

— Não me importa qual é o seu nome. Fique fora do meu caminho. Fora dos meus assuntos. Não vá bisbilhotar o que você não entende. Você só vai ficar aqui porque essa seria a vontade de David.

Havia uma pontada de escárnio ali, uma chicotada de dor. Após olhar para Piers, Venn afastou-se dali, entrando cabisbaixo na trilha que levava ao Bosque.

Piers soltou todo o ar dos pulmões em um suspiro de alívio e foi pegar as malas.

— Bem, acho que correu tudo bem, dadas as circunstâncias. Bem-vindos a Wintercombe Abbey, senhores.

— Não, espere aí — entrevistou Wharton. — Eu não vou ficar. Pelo menos...

— Obrigado por tudo, e me desculpe por ter estragado a peça. — Jake estendeu a mão. — Divirta-se em Shepton Mallet.

O olhar de Wharton foi da mão de Jake, estendida à sua frente, à casa sombria ao longe.

— Você vai ficar bem?

— Vou. Quem sabe Rebecca não lhe dá uma carona de volta?

— Ah é... claro — disse ela. — Por que não acabar logo com a minha gasolina?

Wharton hesitou. E então, por sobre o ombro de Jake, em uma pequena janela do sótão, ele viu um rosto observando-o. Um rosto jovem, claro e pequeno, como o de uma menina. O rosto se escondeu rapidamente, no mesmo momento em que o professor percebeu que a janela tinha grades.

Ele continuou olhando fixamente para cima. Será que aquilo havia sido fruto de sua imaginação? Mas que espécie de lugar era aquela casa enfiada no meio de um matagal? Afinal, o pai de Jake havia desaparecido ali. E se o filho viesse a desaparecer também? O crepúsculo tinha se tornado noite; havia estrelas no céu gelado, e dava para sentir o cheiro acre de lenha queimando. Wharton pigarreou.

— Bem, é que... Está um pouco tarde. Talvez seja melhor eu ficar... só até o Natal. Até você se instalar

direito por aqui.

Jake baixou a mão e ensaiou um sorriso irônico:

— *Loco parentis*.

— Mais ou menos isso.

Como ele poderia largar o garoto naquele fim de mundo com um homem hostil como Venn? Além disso, o diretor iria querer saber a história completa.

Piers já caminhava ruidosamente no cascalho, carregando as malas embaixo dos braços, seus dedos aracnídeos segurando-as por baixo. Jake deixou o macaco sair da mochila, e o animal deu um salto frenético no carro, guinchando de alegria.

— Ei! Cuidado com meu limpador de para-brisa. — Rebecca enfiou as mãos nos bolsos. — É sério mesmo, toda aquela história... sobre assassinato? Isso é tão... bizarro.

— Meu pai sumiu aqui. É só isso que eu sei.

Rebecca observou Jake por uns instantes e então se debruçou na janela do carro para pegar lá dentro um envelope rasgado, onde rabiscou algo rapidamente.

— Tome. O número do meu celular e meu e-mail. Eu moro aqui perto. Se quiser bater um papo, tomar alguma coisa... — Ela estendeu o papel para ele. — Enfim, essa casa é meio isolada. Qualquer coisa, me ligue.

Jake pegou o papel meio sem jeito. Ela parecia ter boas intenções, assim como Wharton, mas ele preferia que o deixassem em paz. Ainda assim, ao observar o carro indo embora, sentiu-se estranhamente menos confiante, ainda mais quando o ronco do motor desapareceu, e ele ficou ali sozinho com Wharton no silêncio da noite.

Os dois se entreolharam. O sagui pulou para o chão e correu até o pórtico de entrada da mansão, iluminado por uma lâmpada.

— Ele sabe onde está o jantar — comentou Wharton, em um tom alegre até demais.

Piers os aguardava no pórtico. A seu lado, sete gatos pretos, todos idênticos, estavam sentados em uma fileira silenciosa. Os olhos verdes dos felinos observavam o garoto com seriedade. Ao subir os degraus, Wharton perguntou:

— Mais alguém mora aqui, além do senhor e do sr. Venn?

O homenzinho olhou-o de esguelha, com um ar ardiloso.

— Minha sobrinha ajuda nas tarefas domésticas. Fora isso, somos só nós mesmo.

Wharton aquiesceu em silêncio e entrou no saguão forrado com painéis de cedro.

Jake hesitou na soleira da porta. Uma brisa levíssima o tocou. Ele virou-se, contemplou o Bosque. Por um instante pensou ter ouvido, em meio ao emaranhado de arbustos, alguém o chamando, sussurrando seu nome. Mas não havia ninguém, e estava frio, então ele entrou e fechou a porta.

* * *

DO ALTO da copa do carvalho, recostado no tronco, Gideão viu o humano entrar na Morada. Verdes como musgo, seus olhos se estreitaram. Exercitou uma risada, como sempre, querendo apenas escutar o som e ter certeza de que ainda conseguia emití-lo. Um dia ele poderia esquecer como rir, e então os shees o teriam dominado por completo. Esse medo o atormentava.

Primeiro a garota, e agora aqueles dois.

O mundo invernal estava ficando meio lotado.

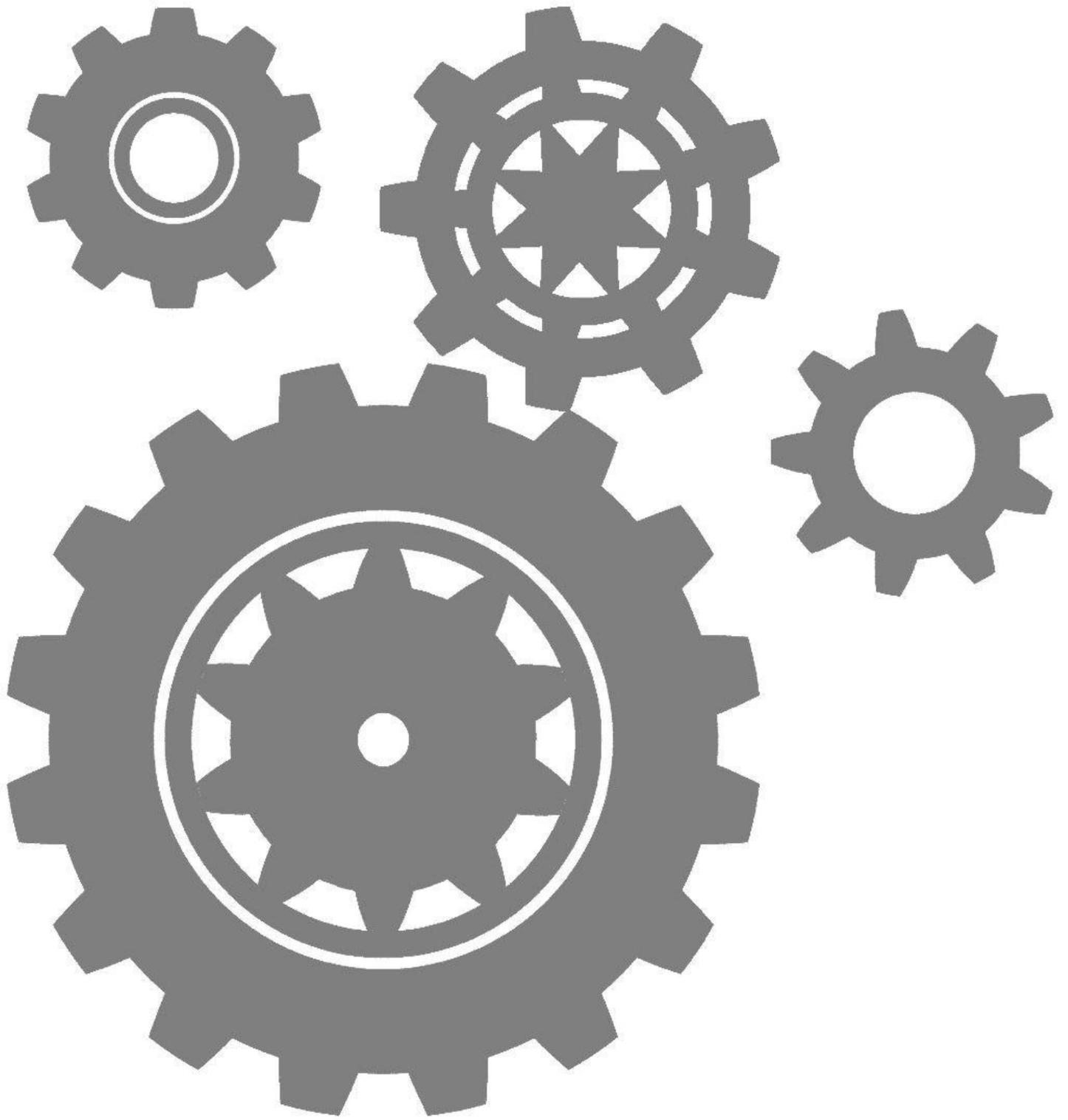
Ele saltou lá de cima e aterrissou suavemente no tapete de folhas caídas. Suas roupas eram feitas de retalhos de veludo e algodão grosso e costuradas com cadarços velhos; o rosto e o cabelo eram

manchados de pigmentos naturais. Os estorninhos notaram sua presença, mas não levantaram voo, continuaram vigiando, em alerta, com seus olhinhos brilhantes.

Sol precisava saber o que estava acontecendo.

Gideão então partiu. Os pássaros piscaram e piaram enquanto ele desaparecia nas profundezas do Bosque.

Essa versão mentirosa do meu falecimento



CAPÍTULO 6

Natal em Wintercombe, que maravilha! A árvore de Natal ocupando o salão, as pilhas de presentes, os enfeites de azevinho, hera e visco ao longo da escadaria e em cada janela. A casa inteira está aquecida pelos cheiros dos assados e doces. É um sonho, minha querida!

Carta de Lady Mary Venn para a irmã, 1834

Pela manhã, Sarah estava comendo torradas na cozinha quando Piers surgiu trazendo algumas caixas de leite e o jornal. Devia ter ido à cidade. Como tinha conseguido ir e voltar tão depressa? Ela lançou um rápido olhar tenso para o jornal e perguntou:

— E então, quem são eles?

— Eles quem?

— O homem e o garoto. Chegaram ontem de noite. Ainda estão aqui. E Venn... Venn não voltou. Passou a noite toda fora.

Piers pôs alguns itens de café da manhã de qualquer jeito sobre uma bandeja.

— Você é observadora, Sarah. Isso é muito bom. Sua Excelência vai precisar disso. Mas não se precipite. Ele faz o que quer, e posso lhe garantir que ninguém está tão seguro naquele Bosque quanto Venn.

Sarah franziu o cenho. Piers estava esquivando-se das respostas.

— E quanto aos outros? Se eles descobrirem sobre mim..

Piers já estava ao fogão, misturando leite à aveia.

— Eles não vão descobrir. O garoto é filho de um amigo de longa data do sr. Venn. Apareceu do nada.

— Piers levantou o olhar, com ar inquisitivo. — Eles não são daqui. Não sabem nada sobre você. Não se preocupe.

Sarah não se deu por satisfeita. Ali, sentada à mesa vazia que parecia ter sido construída para acomodar uns quarenta empregados, imaginou a cozinha repleta de criados indo para lá e para cá em torno da larga chaminé — tão larga que uma pessoa poderia ficar sentada em um banco ali no meio. Das paredes de pedra escuras pendia uma coleção de espetos, frigideiras e caldeirões de cobre, todos muito pesados, cobertos de fuligem. Aranhas haviam construído complexas cidades de teias entre os utensílios. Três gatos pretos, idênticos, ressonavam em uma cadeira, amontoados uns sobre os outros.

Sarah empurrou a casca do pão para o canto do prato.

— Posso andar por aí?

— Fique à vontade. É um casarão enorme e muito antigo. Só não pise no...

— No Caminho do Monge. Já sei. — Ela ergueu o olhar. — É lá que ele fica?

— Venn? — respondeu Piers, sorrindo.

— Não, o tal do Cronóptico.

Piers não parou de mexer o mingau, mas talvez os movimentos circulares da colher tenham acelerado um pouco.

— Você vai descobrir isso no momento certo. Seja paciente, Sarah.

Ela se levantou e botou o prato dentro da pia.

— E quanto a você? Foi o último funcionário que ficou, é isso? Antigamente havia dezenas de empregados aqui, mordomos, lacaios. Criadas.

— Falando assim, parece até que você viu essa gente toda.

— Garotas malucas também leem livros — respondeu Sarah, dando de ombros.

O homenzinho soltou uma gargalhada estranha e tirou um fragmento de fuligem do mingau.

— Leem mesmo? Bem, quanto a mim, sou o escravo de Sua Excelência. Ele esfrega a lâmpada e eu surjo lá de dentro. Ele assobia e eu apareço. Fui comprado em um mercado no deserto do Kalahari por trinta camelos e uma garrafa de uísque. Ele me libertou da maldição eterna de uma feiticeira da ilha.

Aquilo era uma piada? Pelo visto, uma piada de mau gosto, isso sim.

— Então você trabalha para ele?

— Ele é meu dono — retrucou Piers.

Sarah não sabia muito bem o que concluir daquilo.

— Você foi com ele em alguma expedição?

— Muitas vezes. Aos Andes. À Antártida. Ele sempre adorou viajar. Podemos dizer que nós dois demos a volta ao mundo.

Ela decidiu arriscar:

— Mas tudo mudou quando a esposa dele morreu...?

Piers parou de mexer o mingau. Então se virou de frente para Sarah, que viu todo o inusitado bom humor dele desaparecer.

— Vou lhe dar um conselho, Sarah. Nunca fale sobre Leah com Venn. Entendeu bem?

Por alguns instantes, ela o encarou.

— Esta é realmente uma casa de segredos. Ele é tão assustador assim?

— A raiva de meu amo nunca é agradável. Mas a verdade é que ele está consumido pelo luto e pela vergonha. Só não quero que você piore a situação.

Um sino tocou no corredor. Para encerrar o assunto, Sarah levantou-se e foi ver o que era. Havia duas fileiras de sinetas no corredor, feitas com antigas bobinas de fios, cada uma identificada com o nome de um cômodo em letras douradas bastante esmaecidas. Mas ela conhecia todos. O sino da *Sala de Refeições Sul* é que tocara. Ela voltou, indignada.

— Eles estão achando que isto aqui é um hotel?

— Talvez. — Piers já havia posto o mingau, o pão torrado e o chá em uma bandeja. — Nesta primeira manhã, podemos lhes dar um crédito. Por que não leva isso lá para cima? — Ele segurou a porta para Sarah passar. — Você vai poder ver o garoto impetuoso e o professor perspicaz com seus próprios olhos.

* * *

JAKE ficou observando Wharton balançar a sineta mais uma vez.

— Você está perdendo seu tempo. Ele não vai nos tratar como hóspedes.

O professor soltou um suspiro e foi até a mesa. Apoiou os braços no móvel e olhou para fora, pela janela. A noite implacável havia coberto o gramado com uma grossa camada de geada. Se alguém caminhasse por ali, pensou, o gelo estalaria e trincaria sob os pés da pessoa.

— Dormiu bem? — perguntou ele.

Jake deu de ombros. Na verdade, ele havia se revirado na cama até bem depois de meia-noite, e por duas vezes sentara-se, completamente alerta, ao ouvir pequenos estalidos e movimentos no interior da casa.

— Não é muito fácil relaxar estando debaixo do mesmo teto que o assassino do meu pai.

— Jake, você tem que se livrar dessa obsessão. — Wharton virou-se para ele, preocupado. — Não pode ficar...

— Não? — Jake pegou a carta. — Esta é minha prova. Não me diga para esquecer, *senhor*, porque eu nunca vou esquecer. Se quiser ir embora, vá. Sei me virar. — Jake riu com amargura. — Afinal, estou em casa agora; estou seguro.

Wharton suspirou mais uma vez e coçou o queixo largo. Ele também não havia dormido bem. A casa era desconfortavelmente úmida e fria, a água da torneira estava muito gelada para se fazer a barba e não havia espelhos nem no quarto nem no banheiro, o que era estranho.

— Vou arrumar alguma coisa para comer. — Jake levantou-se de repente e cruzou a sala. Ao abrir a porta de supetão, trombou com uma garota carregando uma bandeja. Com o susto, ela quase derrubou tudo no chão. Ambos a seguraram para tentar evitar o desastre. As xícaras e os pires escorregaram e o mingau quente respingou na mão de Jake.

A garota arrancou a bandeja das mãos de Jake, brigando:

— O que foi isso? Eu podia ter derrubado tudo!

Jake recuou um passo.

— Mas não derrubou.

Sarah avançou sala adentro, passando por Jake, e largou a bandeja sobre a mesa. Ele reparou na garota: era pequena e ágil, o cabelo muito louro cortado curto como o de um menino. Vestia calça jeans e uma blusa roxa bem velha, grande demais para ela, com as mangas arregaçadas. Usava luvas de lã listradas e um cachecol, como se a casa fosse constantemente gelada. E calçava sapatos que não lhe serviam nos pés.

— Mingau de aveia! — exclamou Wharton, extasiado. — Fantástico. Pão torrado! E mel! — Ele começou a pegar tudo da bandeja. — Espero que isso não tenha lhe dado muito trabalho, senhorita, hã...

— Foi Piers que fez.

Jake sentou-se à mesa e completou:

— Seu tio.

— Isso — respondeu Sarah, após hesitar por um segundo.

Jake notou a hesitação.

— Horácio, venha cá.

O sagui se jogou do alto do lustre imundo, fazendo chover poeira e aranhas, e aterrissou na mesa. Sarah soltou um gritinho agudo, quase maravilhado. Horácio guinchou para ela, pegou um pedaço do pão com as mãozinhas delicadas e começou a mordiscá-lo.

— Isso aí é um macaco?

A incredulidade dela deixou Jake pasmo.

— Você nunca viu um antes?

— Claro que vi. É que... É seu? Posso passar a mão nele?

Sarah estendeu os dedos, encantada, mas cautelosa, e o macaco cheirou sua mão.

— Dê um pouco do pão a ele.

Wharton passou uma fatia para Sarah. Quando ela a ofereceu a Horácio, o bichinho olhou de relance para o dono, que parecia estar pensando no mesmo que seu professor. Estava claro que ela jamais havia visto um animal assim. Parecia que ela nunca tinha imaginado que aquela criatura pudesse existir.

— Chega. Ele já come besteira demais — disse Jake, colocando Horácio nos ombros.

Sarah parou de admirar o animal e olhou para Jake. Sem dúvida ele se julgava mais do que realmente era. Alto e de cabelo escuro, vestia roupas caras, mas malcuidadas, ou pelo menos assim pareciam. Era também grosseiro e rabugento. A primeira reação dela foi de antipatia.

Já o professor era bem diferente. Homem grande e enérgico, tomava o café da manhã com apetite e alegria sincera enquanto fazia milhões de comentários:

— Que delícia esse mel. Você devia experimentar, Jake. E o pão? Fresquinho! O sr. Piers é ótimo na cozinha.

— Não estou com fome. — E, dirigindo-se a Sarah: — Que tal você me mostrar a casa?

O garoto parecia consumido pela inquietação. Ela deu de ombros.

— Pode ser.

Jake já estava tirando o sagui do pescoço quando Sarah teve um momento de pânico: ela ainda não havia tido a chance de ver se a casa estava diferente. Bem, ela daria um jeito de disfarçar. E aquela seria uma oportunidade de saber mais sobre os visitantes.

— Divirtam-se — disse Wharton. — Desculpe, não sei seu nome.

— Sarah — respondeu ela, abrindo a porta e saindo rapidamente.

* * *

— ESTE é o Salão Principal. — Sarah o conduzia sob as pálidas vigas de madeira. — É de estilo elisabetano. Acho que o revestimento da parede ainda é o original.

— Não quero o tour oficial. Cadê os móveis?

Era uma boa pergunta. O piso de cerâmica estava quase inteiramente exposto.

— Imagino que Venn tenha vendido. Deve ser muito caro manter esta casa...

— Coitadinho — retrucou Jake, fazendo uma careta de raiva. — Ele tem dinheiro suficiente para me manter em um internato na Suíça.

— Talvez tenha sido justamente por isso que ele precisou vender a mobília.

Ela olhou de soslaio para Jake, mas ele não demonstrou emoção alguma.

O hall era um freezer. Pequenos pingentes de gelo pendiam da moldura interna das janelas, como se a umidade tivesse formado pingos que se solidificaram durante a longa noite. Alguém — provavelmente Piers — tinha improvisado um arranjo de azevinho e hera no peitoril amplo. Um gato preto se deitou ali perto e ficou observando os dois.

— Você está mancando — comentou Jake.

— Ah, não é nada. Só uma bolha.

Ele também não deixava escapar nada, pensou Sarah.

Os dois se puseram a explorar o andar térreo. Os cômodos eram pequenos, quase todos forrados de painéis de madeira com entalhes intrincados, cobertos de cortinas e rostos esculpidos. Os corredores eram longos e mal-iluminados, e as tábuas do assoalho estalavam ruidosamente a cada passo. Não havia um só objeto alinhado na casa: tudo estava tombado ou inclinado. Até o piso era irregular. Jake tinha a incômoda sensação de que a propriedade se envergava à medida que eles avançavam. Grandes aparadores e bufês guardavam copos e tigelas de estanho; a iluminação era fraca, e dos pequenos batentes das janelas ele vislumbrou a penumbra esverdeada do Bosque, emoldurado pelo emaranhado de ramos de hera.

Sarah ia na frente, abismada. Ela até esperava que a propriedade de Wintercombe Abbey estivesse malcuidada e sem muito conforto, mas não tanto assim. O lugar estava um nojo. Cortinas se decompondo nos varões, algumas tão surradas que corriam o risco de se desfazerem ao menor toque. Baldes posicionados sob as goteiras do teto, reboco úmido de infiltração e, em muitos pontos, mofo formando gárgulas verdes. O cheiro de bolor dominava o ar.

Sob as escadas, Jake observou os espaços vazios onde, anteriormente, devia haver alguns retratos pendurados.

— Sempre foi assim, ou a casa ficou desse jeito depois... da esposa dele?

Ela deu de ombros.

— Deve ter sido um lugar esplêndido antigamente. Grandes festas, muita gente, serviçais, lareiras

quentinhas. Especialmente no Natal.

Chegaram a uma passagem de pedra que levava ao claustro. O lugar era familiar a Sarah; ela abriu as portas, confiante.

— É a parte mais antiga. É medieval. Estamos na abadia propriamente dita, que dá nome à propriedade. Era aqui que os monges viviam.

Jake reparou nos arcos ogivais e nas colunas da arcada que levava a um grande pátio a céu aberto. Tocos de lenha estavam jogados a esmo, além de um barril e uma bicicleta enferrujada.

— Todo mundo tem garagem. Venn tem um claustro. Não sei por que isso não me surpreende.

— E você se surpreende com alguma coisa? — Agora Sarah só queria se livrar de Jake o quanto antes.

— Este — ela fez uma pausa de efeito — é o moinho d'água.

Então escancarou uma portinhola, sabendo que os respingos jorrados pela grande roda d'água o encharcariam até os ossos.

— Jura? — murmurou ele.

A roda era uma concha arruinada, apodrecida sob os fungos acumulados ao longo dos anos.

Sarah ficou olhando fixamente o suposto moinho. Jake a observava.

— Tudo bem com você?

— Estou ótima — respondeu ela, e então bateu a porta do moinho e afastou-se às pressas.

Jake foi atrás dela; quase teve que correr.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Há algumas semanas. Estou trabalhando para juntar dinheiro e ajudar Piers. E você?

— Já disse, eu estava em um internato na Suíça. Agora voltei.

— Parece que Venn jogou o dinheiro dele fora.

— Como assim?

— Bom, você não parece nem um pouco agradecido. Voltou de vez, foi?

Ele a fuzilou com o olhar.

— Que lhe interessa?

— Nada.

Os dois subiram as escadas dos fundos, emburrados. Não seria fácil se livrar dele, pensou Sarah; nem mesmo o silêncio conseguiu abalar Jake. Foi então que ele perguntou:

— Onde fica o quarto de Venn?

Sarah não fazia ideia.

— Acho que depois da galeria.

— Então me leve até lá.

Ela o levou até o ponto em que o corredor fazia uma curva. Ao virarem, eles estacaram. Jake ficou imóvel.

— Como diria Rebecca: uaaau!

Sarah sorriu por dentro. Todo mundo ficava impressionado com a Grande Galeria. Mais ampla do que um corredor, era um salão que ocupava toda a extensão da construção, com cerca de cem metros de comprimento. Velhos capachos de juta cobriam o piso de tábuas de carvalho. O teto branco era ornado com volutas e querubins, e havia também aquelas estátuas familiares de que ela quase havia se esquecido, dispostas em pedestais de madeira e perfeitamente enfileiradas. A galeria estava escura naquela manhã, como se a geada tivesse se infiltrado e deixado o ar nebuloso.

— Você está bem?

Jake estava olhando para ela. Sarah se deu conta de que tinha os olhos cheios d'água, mas respondeu com falsa indiferença:

— Estou com frio.

Eles seguiram em frente. Jake observou com atenção os bustos esculpidos e as caixas de vidro que

guardavam livros. Sarah o pegou observando o próprio reflexo, distorcido pela luz do dia, e o dela, logo atrás.

— Você estava aqui quando meu pai desapareceu? — perguntou Jake.

— Não, eu... — Um arrepio a percorreu, como se uma corrente de ar tivesse cruzado a galeria. — O que foi isso?

Os dois se viraram ao mesmo tempo.

O cômodo tinha sussurrado.

O som vinha do outro extremo da galeria, um sibilo fraco e distante. O ar úmido vagava pelos espaços escuros.

— Quem falou? — perguntou Jake, encarando-a.

— Sei lá.

Ele parou por um instante, tentando ouvir mais, e depois andou depressa até o fim da galeria. Sarah o alcançou.

— Acho melhor você não...

Ele não parou.

— Está com medo?

— Não.

Ao olhar de relance para trás, ela viu a fileira de portas fechadas.

As tábuas de carvalho rangiam. Havia um cheiro diferente ali, uma decadência bolorenta. Ela viu que ao redor do teto branco havia marcas de umidade.

Jake se deteve.

Em uma passagem estreita havia um painel de madeira. De início, ele pensou que fosse uma pintura, então o pegou com as mãos e o virou.

Houve um lampejo de luz, que logo se deslocou.

Jake viu a si mesmo, enviesado.

Tratava-se de um espelho com moldura de madeira, cuja superfície, de tão manchada por conta da ação do tempo, estava irregular e embaçada, como uma nebulosidade sombria que lhe obscurecia o rosto e os olhos.

Jake apoiou a moldura na parede.

— É só um espelho. O que é estranho, pois é o único na casa. Não vi nenhum outro. Por que será?

A resposta não veio de Sarah. Era um sussurro tão próximo que fez disparar o coração dos dois. Um suspiro sufocado, preso na garganta. A névoa parecia ainda mais densa. Sarah foi tomada pelo medo ao perceber que o som vinha do vidro.

— Vire isso de volta — disse ela, tensa.

Jake a ignorou. Tocou o vidro, dedos nos dedos. E em seguida gritou, aterrorizado, porque a mão que ele pensava ser um reflexo da sua o segurou e o puxou.

— *Jake* — sussurrou seu próprio rosto. — *Sou eu. Seu pai.*

CAPÍTULO 7

Contam que, muito tempo atrás, um bebê nasceu em um chalé no fim do mundo. O menino era saudável, e sua mãe o protegeu com encantamentos e orações, e amuletos de ferro pendiam de seu berço. Mas ele chorava e gritava tão alto que o som ecoava pelas árvores.

Não tardou para que ela começasse a ver os rostos dos shees na janela, e a ouvir, toda noite, leves batidas na porta.

E assim o medo tomou-lhe o coração.

As crônicas de Wintercombe

Jake não conseguia se mexer.

A mão no espelho era débil e cinza, mas o agarrava com força.

Ele encarava o espelho, seu rosto tão próximo da superfície que a respiração embaçou a imagem.

— Pai? — sussurrou.

O rosto ficou borrado por trás da superfície mosqueada. Era a fisionomia de Jake, mas os contornos estavam desgastados; os olhos, aterrorizados; e a pele, lívida.

— Jake — disse a imagem.

— Como pode ser você?

Ele agarrou o espelho com a outra mão, apertando o próprio corpo contra a superfície. Suas pernas ficaram fracas, só a moldura o mantinha de pé. A voz do pai estava tão nebulosa quanto o vidro entre eles.

— *Venn... precisa... preso...*

Ele não conseguiu entender. Pressionou ainda mais o espelho contra si.

— Você está morto? Você é um fantasma?

Era ele mesmo quem estava falando, gritando? Houve um movimento no espelho, um torvelinho de neve. O vidro era plano e liso, mas ainda assim tinha profundidade; se Jake se movesse um milímetro, corria o risco de cair dentro dele em uma queda sem fim.

A mão o puxou ainda mais, e os lábios sussurraram em seu ouvido:

— *Venn...*

— Não consigo ouvir você. — Jake tinha uma das faces colada ao espelho; era como encostar em gelo.

— Não estou ouvindo. Fale de novo. O que eu preciso fazer?!

— *Venn...*

— Foi ele quem fez isso com você? *Você morreu mesmo?* — As palavras saíram em um grito horrendo que Jake mal reconheceu.

Foi quando Sarah o segurou e tentou puxá-lo para trás, mas ele estava preso ao espelho, seu reflexo gritando “Pai!” para si mesmo. Então o espelho oscilou e tombou, lançando Jake, cambaleante, para trás.

Seguiu-se um estrondo terrível. Rachaduras semelhantes a estrelas negras se formaram na superfície do espelho. Jake sentiu lascas de vidro o perfurarem, sentiu gosto de sangue.

Sarah foi até o espelho, cautelosa, pegou-o e virou-o para a parede. Depois se voltou para Jake.

Ele estava de joelhos, encolhido. Tinha um olhar aturdido, ferido, como se alguém o tivesse espancado. O rosto estava coberto por pequenos cortes.

— Você está bem? — perguntou Sarah, agachando-se ao lado dele.

— Era ele. — Jake ergueu o olhar. — Você viu, não viu? Ele falou comigo. Meu pai!

A incredulidade dele era evidente, crua. Ele não conseguia desviar os olhos dos estilhaços do espelho. Sarah se postou diante dele, obrigando-o a encará-la.

— Seu pai? Ele morreu?

— Aham. Você acha que era o fantasma dele?

— Não acredito em fantasmas.

Sarah sentou-se e pensou no próprio pai, apodrecendo em uma das prisões de Jano.

— Mas você o viu.

Ele segurava o braço dela. De repente os dois ficaram constrangidos diante da necessidade dele de confirmar o que vira. Jake a soltou rapidamente. Sarah deu de ombros.

— Pensei que...

Uma porta se fechou suavemente em algum lugar ali perto. Os dois olharam para a Grande Galeria. Como se o som tivesse acabado com o terror, Jake se pôs de pé em um salto.

— Meu pai está desaparecido, e Venn é o responsável. Isso prova tudo!

— Um rosto no espelho não prova nada.

Sarah se levantou e foi se sentar junto a uma janela.

— Ele me segurou!

— Não seja bobo. Foi sua imaginação. Você entrou em pânico.

Ele a olhou com raiva.

— Eu não entro em pânico! Você nem me conhece, não sabe nada sobre mim!

— Então me conte.

Por um instante ela pensou que ele não contaria nada. Mas Jake ficou andando de um lado para outro, inquieto, obsessivo, e as palavras afloraram e fluíram como se o choque as tivesse acionado.

Ele contou a história do desaparecimento de David Wilde. Sarah viu a raiva e a perplexidade que queimavam dentro dele, a repulsa pela terrível traição sofrida pelo pai. Ele virou-se de súbito e pegou no bolso uma pequena carteira de couro, da qual retirou um pedaço de papel. Estendeu-o a Sarah.

— Veja você mesma. Leia!

Ela leu as palavras rabiscadas por David:

*Desculpe por não ter ligado. Estamos muito,
muito ocupados com o Cronóptico...*

Os dedos de Sarah envolveram o papel com força. Ela ergueu os olhos e o interrompeu no meio da frase:

— O que você sabe sobre esse Cronóptico?

Ele a olhou com irritação.

— Nada.

— Ele não disse nada sobre o assunto? Sobre o trabalho deles aqui?

— É óbvio que Venn fez meu pai jurar que manteria segredo. — Jake aproximou-se dela. — Você já ouviu falar disso?

Ela balançou a cabeça em negativa enquanto relia o bilhete. Como Jake não falou mais nada, Sarah olhou para ele e notou que ele a observava.

— Porque se você soubesse de alguma coisa — continuou Jake, com brandura —, poderíamos nos unir. Você poderia me ajudar.

Ela devolveu o bilhete e se levantou.

— Sinto muito pelo seu pai, Jake, mas não acho que Venn o tenha matado.

Ela se virou e começou a se afastar.

— Mas você o viu no espelho. Você ouviu quando ele falou comigo — insistiu Jake.

Mas Sarah não parou nem olhou para trás.

— Eu só vi o seu reflexo. E só ouvi você.

E assim, com medo de que ele a seguisse, Sarah teve que cruzar toda a Grande Galeria sentindo o olhar reprovador de Jake nas costas.

* * *

WHARTON enfiou a cabeça pela porta e espiou. Era uma pequena sala lateral, tão fria quanto qualquer outro cômodo ali. Estava de casaco e cachecol, porque tinha decidido sair para caminhar todas as manhãs, e era bem provável que estivesse mais quente lá fora do que dentro da casa. Agora só faltava descobrir como sair dali.

Wintercombe Abbey era uma construção confusa, mas Wharton se lembrava de ter visto aquela sala no dia anterior. Seguiu pelo piso de pedra; pigarreou. Nas paredes, os olhos dos poucos retratos restantes o observavam. Um dos gatos pretos que pareciam infestar o lugar sentou-se para se limpar, sua língua rosada se movendo a um ritmo próprio.

Ele já estava arrependido de ter se convidado para ficar ali até o Natal. Apesar de Piers cozinhar maravilhosamente bem, a estadia prometia ser fria, desconfortável e constrangedora. Afinal, agora o garoto estava sob a responsabilidade de Venn. E o sujeito precisava ter sorte, porque Jake às vezes era muitíssimo irritante. Além de emburrado, desdenhoso e revoltado. Mas não é que, na noite anterior, houvera uma breve pausa no sarcasmo do garoto? Como se ele tivesse ficado feliz por não estar ali sozinho.

O professor parou diante de uma estante de vidro que abrigava uma pequena coleção de figuras de cerâmica alongadas, pintadas de forma grosseira. Reconheceu-as como peças do período cicládico, muito antigas. Uma das especialidades de Venn. Mais um mistério: como um homem que já tinha viajado tanto, que já tinha visto de tudo um pouco, aguentava ficar enclausurado naquela casa fria e silenciosa?

Wharton não entendia. Foi quando reparou no jornal dobrado em uma pequena mesa ao lado da porta. Piers devia tê-lo comprado no centro do vilarejo, porque era a edição daquele dia. Um jornalzinho sensacionalista local, mas já era melhor que nada. Ele deu uma folheada. Decidiu ler quando voltasse, com uma xícara de chá. Provavelmente seria o ponto alto de seu dia.

Até que sua mão se deteve em uma página.

Era ela.

Wharton só a vira rapidamente — quando ela levava para a sala de refeições a bandeja com o café da manhã —, e a foto era muito pequena, mas não havia dúvida: era a garota. Em roupas diferentes, grosseiras, e com o cabelo mais comprido. A legenda dizia: *Ainda não há sinal da paciente desaparecida.*

Wharton olhou em volta.

Depois dobrou o jornal, enfiou-o no casaco e saiu.

Sarah estava sentada na cama, os joelhos erguidos, escrevendo rapidamente com a caneta preta.

Vou ter que encontrar a caixa de JHS de novo, com certeza. Só pode ser ela que está registrada nos arquivos... Quando será que Venn vai reativar o espelho? Um garoto chamado Jake Wilde chegou aqui... diz ser afilhado do Venn. Ele já está complicando as coisas. Hoje aconteceu algo estranho, vimos...

Ela hesitou, tentando encontrar a melhor definição. Uma aparição? Um fantasma?

As letras desapareceram. De repente, do nada, Sarah foi arrebatada por uma sensação de pânico e profunda tristeza. Passou a escrever freneticamente, aos garranchos.

Sobrou algum de vocês? Max, Evan, Carla? ? O que está acontecendo aqui?

Uma a uma, as letras se desvaneceram.

Ela se sentiu entorpecida e vazia.

No exato momento em que estava prestes a fechar o caderno, algo começou a aparecer. Algumas palavras surgiram bem devagar, como se lutassem para percorrer uma distância imensurável. Cada vez mais concentrada e aterrorizada, Sarah observou as frases se formarem:

*SEUS AMIGOS ESTÃO MORTOS, SARAH. NÃO SOBROU
NINGUÉM. NINGUÉM MAIS OUVE VOCÊ, SÓ EU.
PODEMOS CONVERSAR AGORA. VOCÊ E EU... SARAH E JANO.
SEU MESTRE. SEU SENHOR.*

Apavorada, ela fechou o caderno com força e ficou olhando para a capa, o coração aos pulos. Ficou ali sentada por um bom tempo, lutando contra o medo e o desespero. Será que era verdade? Estariam mesmo todos mortos? Se fosse verdade, tudo dependia dela.

Levantou-se de um pulo, enfiou a caneta e o caderno no compartimento secreto embaixo do assoalho de tábuas e desceu as escadas correndo.

Em um avental que trazia o desenho de uma enorme garrafa cheia de um molho vermelho, Piers descascava batatas na pia da cozinha.

— Sarah, que bom vê-la. Venn quer que você esteja lá hoje à noite, no Caminho do Monge, às oito.

Ela sentiu o coração sobressaltar.

— Mas já?

— Ele está ansioso para colocar o projeto em ação de novo.

Sarah começou a secar e guardar a louça. Havia tantas perguntas a fazer, mas ela precisava ter cuidado.

— Projeto?

Piers sorriu.

— Você é uma péssima interrogadora, Sarah. Se quiser saber os detalhes, pergunte a Venn. Mas ele saiu de novo, então você vai ter que esperar.

— Pensei que ele nunca deixasse a propriedade.

— Talvez este lugar seja maior do que você pensa. Talvez todo o universo esteja aqui dentro.

Ele jogou uma batata descascada na panela, acertando em cheio. Sarah então contou, calmamente:

— Ah, lamento informar que um espelho se quebrou hoje de manhã na Grande Galeria.

Piers se virou para ela.

— Jake... escorregou. Caiu no espelho. Acho que quebrou.

— Sete anos de azar — respondeu ele, parecendo extremamente entediado.

— É uma pena mesmo. Ainda mais porque não há mais espelhos na casa.

Agora ela se sentia melhor: era ele quem estava querendo fazer perguntas.

— Droga. Droga, droga — lamentou Piers. — Eu deveria ter me livrado de todos. Se Venn descobrir, vai me jogar no meio da estrada...

— Ele não vai descobrir. Não por mim. — Sarah sentou-se. — Jake disse que viu o reflexo do pai no espelho. Acho que ele é obcecado pelo pai, não acha?

Piers ainda parecia preocupado com a possível punição.

— Quem é o homem da cicatriz? — perguntou Sarah.

— O quê?

— O homem da cicatriz. Foi Venn quem mencionou essa pessoa.

Piers era rápido demais para Sarah. Já estava cortando outra batata e jogando na panela.

— Não faça a menor ideia — disse ele, sorrindo.

Incomodada com a mentira, Sarah se levantou e foi até a porta a passos largos, emburrada.

— Tudo bem, então.

Ao percorrer o corredor, no entanto, ela teve um estalo. Permitiu-se um sorriso. Aquele era o melhor momento para conseguir chegar até a caixa.

O pequeno escritório do térreo estava vazio. Ela entrou e ficou parada, atenta a possíveis ruídos. O sol se esgueirava para dentro e um débil brilho de inverno atravessava a janela que Sarah havia escalado no dia anterior.

O cômodo cheirava a cinzas. A grelha da lareira ainda continha muitos flocos de lenha queimada.

Sarah fechou a porta e se trancou lá dentro. Depois atravessou o cômodo, abriu a gaveta de baixo e bateu papéis e arquivos até encontrar a caixa.

Pegou o objeto. As iniciais *JHS* brilharam à luz do sol. Sarah levou a caixa até o banco próximo à janela, sentou-se no estofado vermelho um pouco desbotado e a abriu, tirando o diário de dentro com cuidado.

Era um caderninho de anotações bem gordo e muito velho. A capa era de tecido preto, manchado com marcas de dedos. Estava claro que havia sido muito danificado pelo fogo; as beiradas das últimas páginas pareciam ter sido chamuscadas, e, em determinados pontos, trechos inteiros estavam queimados.

Sarah o abriu. As letras eram angulosas e formais, escritas em tinta marrom. No início foi difícil de ler, até seus olhos se acostumarem com a caligrafia. Venn já devia ter feito uma transcrição havia muito tempo, mas Sarah não tinha tempo para procurar. Teria que se virar com o que tinha.

Era fantástico ter aquele caderninho ali, em mãos.

Ela leu a primeira página.

Dezembro de 1846

Meu nome é John Harcourt Symmes. Neste dia dou início ao meu livro do Cronóptico.

Os detalhes de todos os processos estão no apêndice; minhas anotações sobre a obtenção dos metais preciosos e dos materiais meteóricos serão encontradas nos fichários de couro vermelho que acompanham este livro. Aqui, proponho registrar apenas minhas observações pessoais e os detalhes de todas as demonstrações que eu fizer com o aparelho, todos os sucessos e fracassos, porque aprendi que as falhas são tão importantes quanto os êxitos. Estou determinado a registrar tudo. Sem medo. Seria uma tragédia se o mundo não soubesse o que eu descobri.

Sarah ergueu os olhos. O antigo relógio de pé soou onze badaladas suaves. Piers estava ocupado, Venn havia saído. Ela ainda tinha tempo. Ela se aconchegou no assento junto à janela e leu rapidamente.

* * *

JAKE estava sentado em um banco do claustro. Inclinou a cabeça para trás, contra a pedra fria, e tremeu, pois a manhã estava congelante. Ele precisava pensar.

É claro que Sarah tinha visto o rosto no espelho. Então, por que negar? Será que ela estava com medo? Medo de Venn?

E quem era ela? Sobrinha de Piers é que não era.

Algo cutucou sua bota, e ele olhou para baixo na mesma hora. Uma galinha marrom levantou a cabeça e o encarou com um único olho brilhante.

— Có! — fez o bicho.

Ele sacudiu o pé e a galinha saiu cacarejando.

Jake precisava encontrar o quarto do pai. Talvez achasse algo lá, talvez uma mensagem deixada por ele, alguma pista... Jake precisava agir, não podia ficar ali sentado, deixando que o rosto fantasmagórico e a voz aterrorizada do pai consumissem suas energias.

Venn. Jake tinha ouvido aquele nome, disso ele não tinha dúvida.

Uma porta se abriu. Com um sobressalto, Jake se escondeu atrás de uma pilastra justo no momento em que Venn entrou no claustro. Vestia um sobretudo; ele atravessou rapidamente a galeria, sua silhueta alta surgindo e sumindo por entre os arcos trilobados. Ao chegar do outro lado, destrancou uma porta de ferro e saiu para a área externa da propriedade.

Jake o seguiu furtivamente. Era sua chance de pegá-lo sozinho. Fora da casa. E obrigá-lo a lhe dar respostas.

Depois da porta havia uma passagem com degraus de pedra. Venn já os havia descido e passava pelo que restava de uma pequena horta destruída pelo inverno, os ramos de hortaliças enegrecidos pelo frio partindo-se sob os pés dele. Jake sentiu o cheiro pronunciado da lavanda do verão anterior ao se esgueirar pelo caminho que levava a um portão de ferro. Venn o abriu, o cruzou e então o fechou com um estrondo.

Ao chegar à entrada, Jake viu Venn entrar no Bosque.

Ele fechou o portão, mas o tinido o fez olhar para baixo e ver que vários objetos de metal se prendiam por toda a estrutura. Sinos e cruces enferrujados, canivetes, até mesmo tesouras podadeiras quebradas se chocavam uns contra os outros como se fossem uma bizarra pulseira da sorte. Jake os estudou por um momento, reparando na faixa de ferro que tinha sido martelada por toda a extensão da soleira.

O que Venn desejava manter longe dali?

Jake correu até os limites do Bosque e entrou. Era úmido e frio. Venn estava muito à frente; Jake se esgueirava atrás dele, lamentando não ter um casaco consigo. A trilha passava por entre carvalhos nus e retorcidos, cercados por montes de folhas cobertas por poças congeladas. Jake pisou em um deles, que chiou e estalou.

Venn olhou para trás.

Jake ficou imóvel, escondido entre as sombras, rezando para que o sol baixo ofuscasse a visão dele. Mas logo Venn se virou de volta e continuou seu caminho. Jake continuou a segui-lo, agora com mais cuidado. Já não queria mais alcançá-lo. Só queria saber aonde ele estava indo.

E se seu pai estivesse sendo mantido prisioneiro em algum lugar do Bosque? Será que Venn estava indo até lá?

O caminho o aproximava mais e mais da penumbra esverdeada, e logo se tornou uma trilha estreita, com subidas e declives suaves. Jake diminuiu o passo, olhos e ouvidos atentos. O Bosque escurecia em torno dele, tornando-se um emaranhado de espinhos e arbustos intransitável; no alto, a abóbada de galhos era como um trabalho de renda contra o céu. Grandes raízes se estendiam pela trilha, e Jake ouvia a própria respiração e o escorrer de um filete d'água de algum canal escondido à esquerda. Foi quando pisou em uma fonte lamacenta.

Ofegante, deteve-se. Mas Venn estava muito à frente para perceber qualquer coisa.

Em pânico, Jake virou-se. Para sua surpresa, no entanto, não havia mais caminho de volta. Os galhos haviam se fechado às suas costas. Ele avançou um passo, mas os arbustos espinhosos bloquearam a passagem. Insistindo, ele tentou afastá-los, mas os arbustos arranharam sua mão.

Aquilo não estava ali antes.

Será que ele estava indo na direção certa?

Sentiu-se estranhamente desorientado; não fazia mais ideia de qual era o caminho de volta. Não sabia para que lado era a entrada ou a saída, onde ficava o sul ou o norte. Era como se o Bosque se esquivasse e se contorcesse. O ar estava tão úmido quanto o de uma noite de novembro, embora lá fora fosse uma manhã ensolarada.

— O que está acontecendo? — murmurou para si mesmo. — Que lugar é este?

— Aqui é Wintercombe, mortal. E você está dentro.

Jake se virou depressa. Um garoto da sua idade estava recostado em um tronco de árvore. Vestia um fraque verde-musgo e tinha a pele branca como marfim.

— Do que você me chamou? — perguntou Jake.

O garoto deu um sorriso amargo.

— Você ouviu. Chamei você de *mortal*.

CAPÍTULO 8

*Frio ele era, tal qual a distante Islândia
Um punhal de gelo, seu coração
Como densas noites de inverno,
Trazia o perigo da escuridão*

“Balada do Senhor do Inverno e da Dama do Verão”

Por toda a minha vida fui um inquisidor, em busca de conhecimentos estranhos e singulares.

Fiquei órfão muito cedo. Meu pai, Charles Harcourt Symmes, foi morto durante uma rebelião na Índia. Deixou-me ainda menino, solitário e dono de sua grande fortuna — riqueza obtida à custa da escravidão de homens e mulheres em fábricas e minas, pessoas que levavam vidas esquálidas em cortiços devastados pelo cólera. O que fazer para separar o dinheiro de origens tão sombrias? Assim que me tornei maior de idade, vendi tudo e mandei demolir as casas, mas talvez meu destino já estivesse traçado. E minha vida, já amaldiçoada.

Minha carreira em Oxford não foi, nem remotamente, um sucesso. Eu era um estudante solitário que vivia cercado por livros. Tinha dinheiro para encher meu quarto com volumes arcanos e fazer pesquisas sobre assuntos que teriam chocado meus professores. Eu não ia a festas, não pescava no rio. Trabalhei tenazmente e consegui meu diploma, mas não fiz amigos e, depois que fui embora, duvido que muitos moradores da cidade tenham notado que estive ali.

Comprei uma casa grande em Londres e comecei minha busca por segredos apavorantes. A verdade é que eu levava uma vida dupla. De dia, era membro da sociedade intelectual. Participava de encontros de academias científicas e era, para todos os efeitos, um jovem cavalheiro da cidade. Meu interesse residia nas novas maravilhas, nos experimentos de Galvani com eletricidade, nos mistérios da hipnose explorados por Mesmer. Eu era calmo, quieto e fazia sucesso com as mulheres. Era conhecido como colecionador de fonógrafos, cronógrafos e toda a parafernália moderna da ciência. Minha única excentricidade era acreditar que a Terra era oca.

Mas à noite... ah!

À noite eu era uma alma torturada.

É verdade que minha mãe morrera em um asilo de loucos. Não a conheci, mas talvez tenha herdado seu sangue corrompido. De que outra forma eu poderia explicar essa sombra profunda que carrego em meu interior?

A cidade fez de mim um homem perverso. Algo nos fantasmagóricos crepúsculos de Londres, no lento acendimento das lâmpadas de gás da Strand, operou uma mudança em mim. Assim que a escuridão descia sobre a cidade, eu vestia uma longa capa, saía de casa e caminhava até as primeiras horas da manhã. Perambulava pelas ruas apinhadas dos distritos mais pobres, percorria sem rumo as úmidas e indizíveis vielas do Soho, explorava os buracos imundos de Wapping e Whitechapel.

Eu buscava segredos. Magia. As artes ocultas da escuridão. Desejava entrar nos recônditos mais depravados da alma, por caminhos terríveis demais para a ciência e profanos demais para a religião. Acima de tudo, eu queria o poder — sobre os homens, as mulheres e os animais. Um poder que

somente eu, dentre todos, poderia possuir.

Sarah ergueu o olhar. Uma porta se abriu em algum lugar da casa. Sem mexer um músculo, ela ouviu o rangido do caminhar decidido de Wharton passando em frente à porta do escritório. Esperou um tempo, mas não ouviu nada. Inclinou-se mais na direção do cada vez mais estreito raio de sol frio do inverno. Então era aquilo. Ali é que tudo começara.

Não me atrevo a escrever mais sobre isso, para que não me tome por louco. Fiz expedições aos cemitérios de Londres, tão entulhados de mortos que a terra exalava o mau cheiro. Explorei criptas profundas, ajudei a dissecar corpos de assassinos enforcados. Associei-me a seitas estranhas e participei de rituais bizarros. Permiti que mulheres vampirescas se alimentassem de mim. O tempo todo, procurava minha fonte secreta de poder, mas só encontrei trapaceiros, charlatães e almas depravadas.

Até que conheci o homem da cicatriz.

* * *

ERA uma pergunta óbvia, mas Jake precisava fazê-la.

— Se eu sou um mortal, o que você é?

O garoto se ergueu. Uma centelha de diversão brilhou em seu rosto pálido.

— Isso só diz respeito a mim. Estou curioso a seu respeito. Vi vocês todos indo à Morada ontem à noite, primeiro a garota, depois você e o homem grande. Venn não deixa estranhos entrarem, então quem é você?

— A garota? Ontem à noite? — perguntou Jake.

O garoto deu de ombros.

— No seu mundo, sim... Eu vi que ela estava sendo perseguida por um lobo de gelo e neve. Mas, então, por que você seguiu Venn até o Bosque? Ele deve ter alertado você.

— Talvez isso só interesse a *mim* — retrucou ele, seco.

Jake queria voltar, sair dali correndo, surpreso por saber que Sarah também era uma estranha na casa. O garoto, porém, bloqueou sua passagem.

— Não adianta. Você não vai conseguir sair daqui sem a minha ajuda.

Olhos nos olhos, os dois se avaliaram mutuamente.

— Sou Gideão — disse o garoto.

— Jake Wilde.

Gideão reconheceu o nome da mesma hora; seus olhos verdes se arregalaram.

— Então você é o filho!

Na floresta imersa no crepúsculo, a lua parecia uma unha prateada atrás dos galhos. Jake sentiu o corpo retesar.

— Você sabe do meu pai?

— Só o que ouvi por aí. Eles não me contam nada. Venn e ela guardam segredo.

Com elegância, Gideão levantou a parte de baixo do fraque e sentou-se em um galho caído. Jake reparou que as mãos dele eram marrons e manchadas de líquenes, assim como a casca das árvores.

Jake respirou fundo para perguntar:

— Ele... Você sabe se meu pai morreu?

— Ele não morreu, seu miolo mole. Está em uma *jornada*... E não há como trazê-lo de volta.

* * *

ACONTECEU assim. Em novembro de 1846, eu estava passando em frente a uma lojinha em Seven Dials quando ouvi uma batida no vidro. Parei e olhei. Entre as cabeças empalhadas de uma raposa e de um texugo na vitrine, um velhinho asiático encarquilhado fazia sinais para mim.

Olhei em volta, mas como parecia que era realmente comigo que ele queria falar, entrei.

O local fedia a cola e a poções indistinguíveis. Era escuro, e em cada prateleira havia um animal de olhar vítreo e terrível rigidez. Grandes cabeças de veado estavam presas nas paredes. Sob cúpulas, aves mumificadas estavam eternamente paralisadas em um voo que nunca se levantaria.

— Não tenho interesse por essas coisas — falei.

Virei-me para ir embora, mas o homem estendeu a mão, que mais parecia uma garra seca, e me segurou pela manga. Devo confessar que o afastei com um safanão.

— Vida e morte — sussurrou ele. — Deter a decomposição do Tempo. Isso não interessa ao senhor?

Olhei para o sujeito.

— Talvez, mas...

— O senhor quer mais que a vida capturada, que penas e ossos. O senhor quer, talvez, uma máquina.

Meu coração disparou.

— Que máquina?

O homem fez um gesto insolente.

— Aparelho de tão grande poder, tão estranho e terrível, que só um homem conhecedor de profunda magia arcana teria coragem de usar. Só um homem como o senhor.

Era claramente um ardil para me roubar, mas ainda assim algo no brilho sombrio dos olhos daquele sujeito me seduziu.

Olhei em volta.

— Cadê?

— Não está aqui.

— E o preço?

— Não posso vender o que a mim não pertence — respondeu ele. Em seguida se aproximou e colocou um pequeno amuleto em minha mão. — Hoje, às oito da noite, vá ao Pátio de Salomão, perto do Beco do Ossário. Procure a casa com o pentagrama, mostre o amuleto e o senhor verá.

E, dizendo isso, o homem se virou e desapareceu nas sombras da loja.

Lá fora, na calçada molhada, olhei para o objeto em minhas mãos. Era metade de uma moeda de ouro: um estáter grego com o rosto de Zeus, o nariz e os olhos cortados sem o menor cuidado...

* * *

— O QUE você quer dizer com isso? Jornada para onde? — perguntou Jake.

Antes que o garoto pudesse fazer qualquer outra pergunta, um brilho de luz penetrou profundamente no Bosque. Gideão deu um pulo, um movimento tão rápido que foi como se ele sumisse e reaparecesse no mesmo instante. O garoto agarrou Jake e o escondeu atrás das urtigas e samambaias.

— Eles estão vindo! Se o virem aqui, vão levar você. Sequer respire.

Atônito, Jake se agachou atrás das plantas. A urgência na voz de Gideão era real demais. Jake ficou

imóvel, a lama fria ensopando seus joelhos e dedos.

Ninguém apareceu. Jake olhou para Gideão, que parecia perfeitamente camuflado na penumbra verde-amarelada, embora os dois estivessem agachados um ao lado do outro. Gideão apontou na direção das árvores.

Jake se virou. Um brilho suave alcançou seus olhos. Logo ele viu um tufo de folhas brilhantes, um tronco de árvore recoberto de líquen.

E então a luz se fez um grupo de criaturas.

Jake inspirou com força, aturdido. Gideão apertou seu braço como forma de alerta.

Eles eram quase humanos.

De onde tinham vindo, ele não saberia dizer; pareciam fazer parte das sombras e das folhagens. Eram altos e pálidos, machos e fêmeas. Davam a impressão de que sempre haviam estado ali, e que um pequeno ajuste na luz os tinha revelado aos olhos de Jake. Tinham rosto alongado e belo, cabelo claro em tom prateado. Sentaram-se e apoiaram o corpo em galhos e toras caídas. Suas roupas pareciam uma incoerente coleção de tendências e tecidos, verdes e dourados, modernos, antiquados e remendados. A fala, ouvida a distância, lembrava zumbido de abelhas.

— Quem são eles? — sussurrou Jake.

Gideão ficou calado por um tempo, depois sussurrou no ouvido de Jake:

— Não se engane. Parecem anjos, mas são demônios. São os shees.

Jake não fazia ideia do que aquilo significava, mas descobriu, quase de imediato, que já não estava mais no próprio mundo. Era impossível que a penumbra do crepúsculo tomasse conta do Bosque, pois não passava do meio-dia, e a lua imóvel no céu não podia ser tão robusta. Ao piscar, ele viu folhas de carvalho, frutos de sorveira e flores de olmeira, todos juntos, todas as estações ao mesmo tempo, de uma só vez.

E ainda assim era inverno.

Ao longo da trilha, uma jovem veio andando lentamente do meio da névoa. Ela usava um vestido preto simples e tinha cabelo curto, também preto. Pontos prateados brilhavam em suas orelhas. Seus pés estavam descalços; seus lábios, vermelhos. Parecia ter uns dezoito anos.

Atrás dela, para espanto de Jake, estava Venn.

A jovem foi até os shees e deu meia-volta. Sentou-se em uma tora caída, os joelhos erguidos, e sorriu ao ouvir Venn dizer:

— Se for só isso o que você vai fazer por mim...

— Por que eu faria mais? Pouco me importo com humanas.

— É minha esposa — respondeu ele; falava baixo, como se estivesse fazendo um grande esforço para manter o controle.

— *Era*. Não é mais — respondeu a garota, sorrindo impiedosamente. — E, como você mesmo se orgulhou em dizer, você não precisa mais de mim. Afinal, já tem sua preciosa *máquina*.

Venn assumiu uma expressão contrita.

— Foi um erro meu dizer isso. A máquina...

— ... é um fracasso. — Ela riu, alongando os pés descalços. — Eu sei. É um caos de forças que você não tem a menor chance de controlar. Já lhe custou seu amigo... agora você vai testar nesta nova garota. Quanto tempo vai levar até ela desaparecer do seu mundo?

— Não me importo com a garota — respondeu Venn, fitando a jovem com olhos frios. — Você continua assim tão ciumenta?

— Eu, com ciúmes de uma morta? — Ela riu novamente. Alguns shees riram junto. O som lembrava as corredeiras de um riacho oculto, mas não havia leveza alguma na risada deles, o que deixou Jake apavorado. — Por que eu teria ciúme? — Ela estendeu a mão e tocou o rosto de Venn. — Posso fazer você voltar para nós na hora que eu quiser. É isso que você quer, Venn? Voltar para casa?

Ele recuou um passo.

— Não preciso de você, Sol. Deixe a garota em paz. O garoto também. Deixe todos nós em paz — murmurou ele.

Ela se levantou, esguia e graciosa.

— Como posso fazer isso, Venn? Luz e sombra. Sol e Lua. O senhor do inverno e a dama do verão. Fomos feitos um para o outro, isso nunca vai mudar. Você sabe que não pode existir sem mim.

Venn fitou-a com raiva, mas, no mesmo instante, a mão de Jake escorregou na lama. Um graveto se partiu.

Os shees viraram-se, tal quais gatos.

Sol ficou parada por um momento; depois deu um passo à frente, levantou a mão e apontou na direção de Jake.

— Quem ousa me espionar?

As palavras saíram em um sussurro de veneno. Os pelos na nuca de Jake se eriçaram. Os olhos dela eram escuros como os de um animal, sem qualquer traço humano.

— Deixe uma janela aberta para mim — murmurou Gideão, e se levantou, folhas e poeira caindo de suas roupas. Ele caminhou por entre os shees. — Sou eu, Sol. Sou só eu.

Sol ficou observando-o. Deixou-o se aproximar, impassível.

— Qualquer outro, Gideão, pagaria muito caro por isso — disse ela em tom suave.

— Eu sei. — Ele olhou para Venn. — Desculpe. Só estava curioso.

— Bom, como é você, eu perdoo. Como o gato perdoo o pardal. Como a coruja perdoo o camundongo.

Gideão engasgou. Jake o viu se contorcer, como se o ar tivesse sido retirado dele. Com um grito, Gideão caiu de joelhos na lama da floresta, apoiando-se com as mãos, arquejando e com ânsia de vômito.

— Pare com isso! — gritou Venn.

— Então você realmente gosta deles — disse Sol, indo até Gideão. — Eu invejo você, Venn. Na maior parte do tempo, eles só me aborrecem.

Gideão se contorcia, agonizante, os punhos cravados na lama. Jake teve o ímpeto de se levantar e gritar “Não era ele, era eu!”, mas se manteve no lugar, porque enfim Gideão gemeu baixinho e parou de se mexer.

Sol se ajoelhou junto a Gideão e passou os braços em volta dele. Beijou-o várias vezes — no cabelo, na testa, nos olhos —, tomada por um súbito e desconcertante remorso.

— Criança querida. Doce criança. Ajudem-no, todos vocês. Ajudem-no a se levantar.

Os shees se aglomeraram feito moscas. Mãos finas puxaram Gideão e tiraram-lhe as folhas dos cabelos. Os dedos, delicados como antenas, arrumaram suas roupas.

Foi então que Venn puxou Gideão para longe.

— Tire seus parasitas de cima dele. Deixe-o em paz.

Gideão engasgou, tentando respirar. Ainda parecia tonto depois de tanta dor, mas logo se levantou e se recompôs, como se estivesse pronto para o que quer que viesse depois. Jake percebeu que segurança era algo que não existia no mundo de Gideão.

O humor de Sol mudou em um piscar de olhos.

— Hora de ir — disse ela, tímida e bem-humorada. Pegou Gideão pela mão e o puxou pela trilha. — *Criança humana, venha comigo, para a floresta, para seu abrigo...* Adeus, Venn. — Ela soprou-lhe um beijo, andando de costas. — Vigie sua adorável máquina. Vigie suas queridas crianças. Tranque as portas e deixe feitiços nas soleiras. Porque um dia, muito em breve, vamos entrar naquela casa.

— Não enquanto eu estiver presente — respondeu ele.

Ela desapareceu. Todos desapareceram.

Jake não conseguia vê-los mais. Era como se tivessem entrado em alguma fenda no ar, inclusive Gideão. Fazendo-se sol e sombra.

Só restou Venn na clareira. As urtigas iam até seu tornozelo.

Ele esperou mais alguns momentos, como se quisesse ter certeza de que estava só.

Depois se virou na direção de Jake:

— Venha — vociferou. — Vamos sair logo daqui.

* * *

SARAH virou algumas páginas, tomada pela impaciência. O papel estava cheio de marcas de dedos, como se tivesse sido lido incontáveis vezes. As letras eram angulosas, e a escrita, marcada pela inquietude:

... úmido e deplorável. Mesmo depois de todas as minhas experiências nos buracos mais imundos da cidade, isso é mais imundo que a imundície. O motorista que contratei perguntou:

— Tem certeza do que vai fazer, chefe?

— Tenho — respondi. — Mas não se esqueça: trinta minutos, nem um minuto a mais. Minha vida pode depender disso.

Ele assentiu.

— Pode confiar em mim, não sou nenhum maluco — garantiu.

Depois virou o coche de aluguel e sumiu na noite, acompanhado pelo som dos cascos do cavalo.

Desci a viela, bengala na mão, escorregando no esgoto que corria ali e segurando o lenço com força diante do rosto. Mesmo assim, o fedor era de revirar o estômago. Cheguei até uma abertura na parede sombria; uma solitária lâmpada a gás brilhava sobre o letreiro. PÁTIO DE SALOMÃO.

A empolgação fez meu coração pular. Toquei a meia moeda no bolso e o revólver carregado que eu trazia junto. Depois me esgueirei para dentro do pátio.

Era negro como piche. As casas, ou melhor, armazéns, erguiam-se em meio à neblina. Meus passos pareciam se multiplicar no espaço fechado, como se houvesse outras pessoas além de mim.

O pentagrama estava riscado na parede ao lado de uma pequena porta, um pouco abaixo do nível do chão. Pelos degraus corriam líquidos fétidos; descii com cuidado e bati na madeira com a bengala.

Minha respiração estava em suspenso, tamanha a agitação e a avidez pelo perigo. Eu vivia para momentos como aquele.

A porta se abriu.

Fui envolvido por um odor enjoativo, que logo reconheci como o de ópio. Foi um vício que cheguei a experimentar, mas eu repudiava a maneira como aquilo roubava a inteligência dos homens, portanto o abandonara havia muito. Entrei. Uma mulher corpulenta, metida num vestido vermelho, me estendeu a mão. Queria dinheiro, sem dúvida, mas entreguei-lhe a moeda partida. Ela a levou aos olhos. Vendo o que era, jogou-a contra mim quase com um sibilo de medo.

— Siga-me — grasnou ela.

A casa de ópio estava lotada, hordas de farrapos humanos jogados ao chão, os cachimbos para consumo da droga escorregando-lhes pelos dedos. Alguns gemiam. Eu imaginava por que pesadelos suas almas estariam vagando. A mulher me levou até um canto lúgubre nos fundos, puxou uma cortina pesada e recuou, indicando que eu entrasse. Segui por um corredor de odor pestilento e ao fim encontrei uma porta aberta. Um cômodo.

Um homem estava junto a uma pequena fogueira que queimava em uma grelha escura. Ele se ergueu para vir ao meu encontro.

A mais estranha das criaturas. Era um belo homem de cabelo escuro até se virar, quando então a luz das chamas revelou uma cicatriz irregular do lado esquerdo de seu rosto, uma curva tenebrosa, como

se produzida pelo golpe de uma espada. Seus olhos eram escuros como os de um rato; o cabelo, comprido; e as mãos, finas e delicadas. Ele estendeu-me a mão. Dei-lhe a meia moeda, à qual ele dispensou um olhar colocando-a no bolso logo em seguida.

— Sr. John Harcourt Symmes — disse ele. A voz era de uma rouquidão curiosa.

Fiz uma medida.

— Sabe quem sou, senhor?

Seu olhar calmo me irritou. Ele disse...

— Sarah! Você está aí?

Batidas na porta. Sarah teve um sobressalto. O sol já tinha se posto, e o banco junto à janela estava gelado. Ela enfiou o diário no bolso e rapidamente colocou a caixa de volta no armário.

— Sarah!

— Estou aqui... Já vou... — gritou ela.

E correu para a porta. Deu de cara com Wharton.

* * *

O PROFESSOR levou um susto. Ela irrompera do escritório com violência. O resultado foi um encontrão e objetos derrubados. Ele olhou para baixo: no chão de madeira estava o jornal que ele pegara, debaixo de um volume que abrira ao cair, um diário com capa de couro, pequeno e abarrotado.

— Mil desculpas — disse Wharton.

— Imagine, fui eu que...

Os dois se abaixaram, mas Wharton foi mais rápido. Educadamente, pegou o pequeno livro e ajeitou as páginas amassadas. As palavras e frases lhe chamaram a atenção. Ele parou e olhou para trás. Com certeza ele tinha lido...

... Cronóptico...

Ele ergueu os olhos. Sarah estava com o jornal nas mãos, o rosto vermelho. Ela estendeu-o a Wharton rapidamente.

— É seu.

— Na verdade, é do Piers — respondeu ele, pegando a publicação. — Sarah, acabei de ler uma notícia aqui e a sua foto está...

— Por favor, não conte a ninguém. Quer dizer, a ninguém de fora da casa — pediu ela, olhando para ele com aflição nos olhos azuis.

— Venn sabe?

Ela fez que sim.

— Fugi porque não sou maluca. Não sou violenta. Só preciso de um tempo para organizar as ideias em um local onde eles não possam me encontrar.

Wharton ficou muito incomodado. Onde Venn estava com a cabeça ao abrigar uma garota tão perturbada?

— Bom, isso não é da minha conta, estou indo para Shepton Mallet.

Ele então percebeu que ainda estava com o diário nas mãos e que Sarah o olhava com enorme ansiedade. Estendeu-o para ela.

— Isto é seu.

Ela o pegou, rápido até demais.

— Você viu Jake por aí? — perguntou ele.

— Só de manhã. Quebramos um espelho sem querer. — Ela fez menção de passar por Wharton, mas então se deteve. De maneira resoluta, questionou: — Sr. Wharton, o senhor acha que o pai do Jake está mesmo morto?

Wharton dobrou o jornal, absorto.

— Não faço ideia. Mas, se estiver, não acho que tenha sido Venn quem o matou.

— Também não acho — concordou Sarah, olhando calmamente para ele.

— Somos três — disse Piers, atrás deles. Os dois se viraram e viram o homenzinho no fim do corredor, observando-os, com um gato preto nos braços e o sorriso enigmático de sempre. — O almoço está servido.

CAPÍTULO 9

Em que consiste um reflexo? Existirá ele... no olho ou no espelho? Que propriedades da luz retornam a nós? Será uma revelação divina ou será o demônio nos provocando com nossas imperfeições?

Acima de tudo: como pode um homem ter certeza de que o que vê no espelho é a verdade?

O escrutínio dos segredos, *de Mortimer Dee*

— Estava delicioso — elogiou Wharton.

— Que bom que gostou — respondeu Piers, empilhando os pratos em uma bandeja.

— Eu levo estes — apressou-se Sarah em dizer.

Ela pegou a bandeja e saiu carregando-a. Não tinha comido muito, como bem reparou Wharton, e parecia tensa, apreensiva. Antes, quando uma criatura uivara ao longe, no Bosque, ela levara um susto, correrá até a janela e ficara olhando para fora, para o dia lúgubre, por muito tempo. Certamente havia gente à procura dela. Ele deveria ligar para a polícia.

— Lamento o atraso de Jake. Ele está um pouco... distante.

Piers assentiu.

— Misterioso?

— Sem dúvida.

— Aluno problemático?

— Você nem faz ideia. — Wharton mexia o café. — Então, sr. Piers, deve ser ótimo ter sua sobrinha trabalhando junto com o senhor aqui.

O sorriso de Piers nunca se desfazia. Ele hoje usava, sobre um colete vermelho, um uniforme preto de mordomo, as abas nas costas do fraque ridiculamente longas. Já havia tropeçado nelas uma vez.

— É muito agradável, sim.

Piers se inclinou sobre a mesa.

Os dois homens ficaram se encarando. Foi Wharton quem desviou o olhar primeiro. Ele deu um tapinha no jornal, subitamente impaciente.

— Que estranho ter uma foto aqui no jornal de uma jovem tão igual a Sarah. Uma jovem que fugiu do...

— Eu vi isso — respondeu Piers, limpando os restos de comida dos pratos. — Uma semelhança impressionante. Dizem que todos temos uma duplicata. Uma espécie de reflexo vivo.

— É mesmo?

— É claro, essa outra jovem.. Não sabemos do que ela está fugindo. Esses lugares devem ser um inferno; não que Sua Excelência se importe, na verdade. Ele não é do tipo que esconde fugitivos.

— A menos que sejam de alguma utilidade para ele.

Piers sorriu, mas foi um esforço débil.

— Claro. A menos que sejam úteis. — Ele voltou o olhar para a janela. — Ah, eles chegaram.

Wharton se levantou e viu Venn surgindo do Bosque a passos firmes. Para sua grande surpresa, Jake vinha atrás dele, obviamente congelando de frio e, mais obviamente ainda, furioso.

Piers se virou, apressado:

— Ops, acho que não vão querer almoçar. Vou retirar os outros pratos.

Wharton abriu a porta para o homenzinho, que saiu carregando uma bandeja e desapareceu

discretamente no instante em que Venn irrompeu pelo hall de entrada, trazendo consigo um vento gelado que soprou por todo o corredor. Jake vinha apressado atrás dele, quase gritando.

— Eu vou fazer você falar comigo! Em primeiro lugar, você mentiu. Tudo bem, talvez você não tenha matado meu pai, mas sabe o que aconteceu com ele. Essa máquina que ela mencionou...

— Ele não está morto. Está perdido...

— Encontre-o, então. Você é o explorador. Você não pode...

— *Jake*. — Foi a primeira vez que Venn pronunciou o nome dele, o que teve o poder de detê-lo. Ao pé da escada, Venn havia se virado, uma das mãos no corrimão, um semblante que lembrava um animal encurralado. — Jake, me ouça. Seu pai está perdido. Ele não está aqui, nem em qualquer lugar onde eu possa encontrá-lo. Ele está perdido no tempo.

Jake balançou a cabeça.

— Que mentira mais ridícula.

— Quem me dera fosse mentira. Juro por Deus que nunca quis me meter naquilo, mas foi o que fiz, e agora preciso seguir em frente. Seja qual for o preço.

Aos olhos de Wharton, Venn parecia exausto, esgotado. Pior: *assombrado*. Parecia um homem que vê um fantasma em cada espelho, embora não houvesse espelhos naquela casa.

— Falo sobre isso com você mais tarde — continuou Venn, dando as costas ao garoto.

— Você vai falar comigo agora! — respondeu Jake, subindo as escadas aos saltos até alcançar Venn. Estava agora tão perto dele que Wharton subiu também, às pressas: já vira muitas brigas de estudantes, o suficiente para reconhecer um súbito desejo de violência.

Venn não se moveu. Seus olhos estavam gélidos como o inverno.

— Eu deveria me livrar de você — falou ele entre os dentes.

Houve um terrível silêncio.

Até que o telefone tocou, como uma pequena explosão no ar carregado.

Todos olharam para o antigo telefone preto na estante do hall, como se mal conseguissem lembrar o que era aquilo.

Piers surgiu da cozinha e pegou o fone. Os ecos do toque, cessado abruptamente, continuaram ressoando no teto alto e abobadado.

— Wintercombe Abbey — atendeu ele, em voz alta e tom formal. — Sim, sim... Certamente. Um momento, por favor. — Piers se virou e estendeu o fone para Jake: — É para você.

O rapaz hesitou um instante, depois foi atender. No mesmo momento Venn voltou a subir as escadas e por fim ouviu-se uma porta distante bater. Piers olhou para Wharton e voltou à cozinha. Depois de um momento embaraçoso, Wharton também subiu. Ao chegar ao segundo andar, parou e olhou para baixo. Jake falava ao telefone em voz baixa.

Quem quer que fosse, graças a Deus por ter ligado.

Porque, por um instante, parecia que as coisas iam ficar bastante desagradáveis.

* * *

— QUEM é que está falando? — perguntou Jake.

— O senhor não me conhece, sr. Wilde, então meu nome não significaria nada, mas tenho informações importantes. Algo que o senhor gostaria muito de saber.

Era uma voz masculina, baixa, levemente rouca.

Jake apoiou as costas na parede forrada.

— Tipo...?

Seguiu-se um momento de silêncio do outro lado da linha, entrecortado pela respiração do homem. Jake ouviu um som áspero. Então a voz continuou:

— Eu sei onde seu pai está.

Ele ficou estático. Sua mão tremeu um pouco, como se estivesse segurando o fone com muita força.

— Onde? — perguntou.

— Não posso dizer pelo telefone, a linha pode não ser segura. Entende?

Outro som áspero. Será que alguém estava ouvindo por uma extensão? Piers, talvez?

— Certo... mas como você sabe... — começou Jake.

— Estou ligando do vilarejo, do estacionamento do bar. Pode vir aqui?

— Posso, mas...

— Venha logo, sr. Wilde. E venha sozinho. Garanto que vou explicar tudo.

Clique.

Silêncio.

Jake pousou o fone no gancho devagar e olhou em volta. Não seria melhor chamar Wharton? Não havia tempo para isso. Além do mais, Jake não queria criar um estardalhaço. Pegou o casaco pendurado no gancho de parede e seguiu em direção à porta. Estava empenada e travada devido à umidade. Ele deu um puxão.

— Vai sair de novo? — perguntou Piers, tranquilamente.

Jake se voltou depressa:

— Talvez.

O homenzinho sorridente lhe dava arrepios. Sempre com aquele sorriso irônico. Como se soubesse demais.

— Creio que o sr. Venn preferiria que você não deixasse a propriedade neste momento. Não tão exaltado...

— Venn ou você? — respondeu Jake, avançando um passo. — Quem manda neste lugar, Piers? Porque você parece ser o único no controle aqui.

— Garanto-lhe que sou apenas o gênio da lâmpada. O que controlo são as câmeras.

Jake estava a ponto de explodir, mas precisava manter a calma. Conseguiu dar de ombros em fingida indiferença.

— Entendi. Então é assim que funciona.

— Infelizmente, é assim que funciona. Tenho certeza de que amanhã você vai estar se sentindo um pouco melhor quanto a isso.

— Você não pode me prender aqui.

Piers deu de ombros.

— Você veio por vontade própria, meu rapaz.

Jake bufou e passou por Piers. Percorria a passadas largas, sem destino em mente, o corredor repleto de vasos enfileirados, quando de repente uma porta se abriu. Uma mão o agarrou.

— Ei. Aqui — chamou Sarah, escondida na copa mal iluminada. Parecia preocupada. Ela perguntou, aos sussurros: — O que está acontecendo? Você e Venn estão...?

— Esqueça ele. Sarah, preciso da sua ajuda. Alguém no vilarejo tem informações sobre meu pai. Como faço para sair daqui sem que Piers saiba?

— Só ficando invisível — respondeu ela, baixinho.

— O quê?

— Nada. Desculpe. Bom, dá para sair por uma porta lateral, mas o portão no fim do caminho está trancado, e Piers...

— Eu consigo pular o portão. Não estou nem aí se ele vai me ver ou não. Onde fica?

Sarah o conduziu por uma pequena despensa até uma pesada porta preta de madeira tachonada. Os dois

tiveram que unir forças para abrir o enferrujado ferrolho. Quando o ferrolho finalmente cedeu com um rangido, os dois se viram diante de arbustos mais altos do que a porta. Jake então se lembrou do que Gideão tinha dito; olhou com curiosidade para Sarah.

— Sei que você só chegou aqui ontem. Como sabia desta porta?

Ela deu de ombros, irritada. Com o movimento, Jake notou um colar no pescoço de Sarah, com uma medalhinha como pingente. Parecia metade de uma moeda.

— Talvez eu conheça este lugar melhor do que você imagina. Jake, escute: volte antes das oito. Preciso falar com você, porque...

Mas ele a cortou, impaciente:

— Por que você mentiu? Por que disse que não tinha visto meu pai no espelho? Saia da minha frente, Sarah. Você vai ter que me explicar isso depois.

Ele precisava correr. O homem do outro lado da linha talvez não esperasse.

* * *

ANTES que Sarah pudesse dar qualquer explicação, Jake já tinha saído e se esgueirado pela penumbra que reinava lá fora. Irritada, ela olhou em volta em busca de sinais do lobo, depois voltou para dentro e trancou a porta, verificando se os trincos estavam todos bem fechados. Como era egoísta, aquele garoto. Ela precisava de um aliado ali. Precisava falar com alguém.

Obrigou-se a manter a calma. Era Jake quem tinha saído perdendo, porque ela teria mostrado o diário a ele. Agora o mantinha enfiado no bolso, com medo de deixá-lo no quarto, pois Wharton o tinha visto.

E também porque temia que Jano aparecesse à procura do diário.

Ela passou sorrateiramente pela cozinha e seguiu até o cômodo chamado de Gabinete Azul. Ali, afundou em uma cadeira de estofado desbotado e ficou olhando o relógio francês dourado tocar três notas altas. Sarah tinha cinco horas antes que... O quê?

O Cronóptico?

Subitamente com frio, ela pegou do bolso o diário. Logo encontrou o ponto em que havia parado.

— *Como pode ver, eu vim — falei.*

O homem da cicatriz assentiu.

— *Eu tinha quase certeza de que o senhor viria, sr. Symmes. E tenho o aparelho, que, posso garantir, é praticamente único no mundo.*

Sobre uma mesa mal visível na escuridão do cômodo, havia um grande volume coberto por um pano. O homem apontou para o objeto, depois aproximou um lampião a óleo da mesa. Meus olhos se fixaram no aparelho, e ouse dizer que minha cobiça estava totalmente evidente para o homem.

— *O que é isso? — perguntei em um sussurro.*

Ele não respondeu. Apenas ergueu o veludo que o cobria.

Vi um bloco negro. De início pensei ser uma pedra, mas, quando a movi, mil reflexos de mim mesmo passaram pela superfície e desapareceram. Percebi então que era vidro, vidro negro, da altura de um homem, plano e liso como um espelho. Quando me aproximei, vi minhas feições estranhamente distorcidas e sombrias. O vidro era sustentado por uma fina moldura de prata, em que estava gravado um padrão angular, letras de um alfabeto desconhecido para mim.

— *É pura obsidiana. Um vidro vulcânico forjado nas fornalhas mais profundas da Terra — explicou o homem.*

Eu estava fascinado. Fiz menção de tocar o espelho, mas o homem se antecipou, interpondo a mão

rapidamente.

— Ainda não.

Recuei. Ele fez um gesto indicando uma cadeira, mas preferi permanecer de pé.

— Como um mero espelho pode ser um aparelho de grande poder?— perguntei, tomando o cuidado de transparecer indiferença. — Ou o senhor e seu cúmplice pretendem me fazer de bobo?

Ele simplesmente me encarou. Seus olhos eram escuros, seu rosto um tanto demoníaco, um tanto angelical. Vi-me tão hipnotizado que minha voz sumiu e deu lugar a um lastimável silêncio.

— Permita-me explicar — disse ele, diante do espelho. — Há alguns anos, enquanto limpavam o terreno para o início de uma construção em um distrito remoto de Londres, os trabalhadores encontraram uma pedra. Trabalhando com afinco, rapidamente a desencavaram e encontraram um túmulo. E depois outro. Haviam se deparado com um pequeno cemitério esquecido, que pertencera a alguma igreja demolida muito tempo antes. Os túmulos eram muito antigos, não se sabia de sua existência. Falou-se em covas coletivas para vítimas da peste, de doenças e de outros horrores latentes. Os homens se recusaram a cavar mais, e os construtores ficaram nervosos. Foi então que me chamaram.

— Por que você?

Ele sorriu.

— Porque sou especialista em transportar mortos, senhor.

Pensei que ele fosse um ladrão de cadáveres. Um profanador de corpos. Quê que roubasse túmulos para os insaciáveis anatomistas dos hospitais de Londres.

— Entendo, mas com certeza lá não tinha nada... fresco — falei.

Ele abriu um sorriso.

— Os donos queriam o lugar limpo. Eu buscava conhecimento. Isso o surpreende? Talvez o senhor seja um mero amador nas artes sombrias, sr. Symmes. Eu não. Abri muitos túmulos incomuns naquele lugar. Monges e freiras, soldados e mercadores. Mas um foi especial. Foi onde encontrei isto.

Ele estendeu a mão e acariciou suavemente a moldura do espelho. Senti um arrepio de ciúme, como se o objeto já fosse meu.

— O espelho foi enterrado junto com um corpo?

— Não, e isso era o mais estranho. Não havia corpo, nem mesmo um fragmento de osso, mas ainda restavam algumas palavras legíveis na lápide, entre elas o nome MORTIMER DEE e, logo abaixo, ALQUIMISTA E FILÓSOFO. A palavra “alquimista” despertou em mim grande interesse. O túmulo devia ser da década de 1660, talvez antes.

Fiquei olhando, incrédulo, para aquele homem com aparência de pedinte de rua que sabia ler e falava como um acadêmico, mas que era obviamente um bandido experiente.

Circundei o espelho com cautela. O objeto distorcia meu reflexo de maneira desconcertante, como se outro Harcourt Symmes me observasse de dentro do vidro.

— E o que o espelho faz? — perguntei.

O homem olhou para mim. Por um momento pensei ter visto nele as profundezas de um grande desespero.

— Permite que um homem cruze o portal que chamamos de Tempo.

Sarah ergueu os olhos. Observou o crepúsculo descer sobre as terras onde o lobo e seu dono aguardavam.

— E abrir uma fenda no mundo — sussurrou ela.

JAKE manteve-se longe do Bosque. Fossem lá o que fossem os shees, ele já tinha visto o suficiente daquelas criaturas. Quase esperava que Gideão surgisse de trás de um carvalho, mas o caminho que levava à entrada da propriedade estava escuro e sombrio, e somente as gralhas o fitavam com olhos brilhantes.

Pôs-se a correr. Já estava anoitecendo; o curto dia de dezembro sumia, dando lugar ao crepúsculo e à neblina. O dia seguinte seria o mais curto de todos, o solstício. Aniversário de seu pai. David Wilde dizia que tinha sorte de seu aniversário ter menos luz do dia que o das outras pessoas e ser tão próximo do Natal. Ele sempre insistia em tomar café na cama, como compensação. Jake precisava levar a refeição em uma bandeja: uma fatia de pão torrado, geralmente queimado, e café. Uma vez, quando tinha quase nove anos, colocou uma fotografia da mãe na bandeja e uma rosa em um vaso fino, mas o pai botou ambas de lado e, antes de morder a torrada, disse:

— Boa tentativa, rapaz.

De que adiantavam essas lembranças agora?

Jake correu por todo o brumoso caminho de entrada, parando apenas para recobrar o fôlego, certo de que estava sendo observado. Os galhos nus das árvores se entrelaçavam sobre sua cabeça. Por fim, viu o portão de metal trabalhado emergir da neblina.

Evitou a pequena câmara, que clicava e zumbia. Talvez Piers estivesse procurando por ele. A neblina era um bom sinal; as espirais que formava no chão úmido o ocultariam. Jake escalou o muro raspando as botas nos tijolos cobertos de musgo e pulou para o outro lado.

Então pegou o celular e ligou para Rebecca.

WHARTON ficou imóvel no topo da escada.

É claro que ele não gostava de ficar bisbilhotando atrás da porta, mas não dava para perder aquilo.

As vozes de Piers e Venn lhe chegavam abafadas pela pesada porta forrada de tecido grosso. Wharton se aproximou cuidadosamente, rezando para que as tábuas do piso não ragessem. Então ficou imóvel, mão na maçaneta, e olhou para os lados rapidamente, por garantia. Agachou-se e começou a espiar pelo buraco da fechadura.

— Eu devia jogar você no rio! — Venn andava de um lado para o outro sem tirar os olhos de Piers. — Você é maluco ou só muito burro? Que ideia foi essa de trazer essa gente para cá justo agora que estamos prontos, justo agora que encontramos uma cobaia...

— Eu não sabia disso quando respondi o e-mail. Além disso, foi por David. Fiz isso pensando nele.

Piers se aproximou de Venn e sentou no chão diante dele, agachando-se como se fosse um sábio oriental. A postura deixou Wharton boquiaberto.

— Pense bem, Excelência. O garoto é uma conexão com o pai. Isso pode ser essencial. Parece claro que o aparelho reage às emoções mais do que a qualquer outra coisa.

— Não reage às minhas — respondeu Venn, em um tom de desolação.

Ele saiu do lugar, e por um momento Wharton viu apenas escuridão bloqueando o buraco da fechadura. Em seguida, Venn se jogou em uma cadeira perto da janela, passando as mãos pelos cabelos emaranhados. Parecia esgotado.

— Estou preocupado com a ideia de usar essa garota — disse Piers, agachado diante dele.

— Ah, de novo não.

— Podemos perdê-la também. Não temos o direito de expor a menina a um perigo tão grande.

— Não temos? — Venn falava tão baixo que Wharton precisou pressionar o ouvido contra o buraco da fechadura para escutar. — Não existe outra maneira. Depois que David foi... Eu não arriscaria usar em mim mesmo. Se eu desaparecesse antes de conseguirmos calibrar o equipamento, jamais veria Leah de novo. Não fosse por isso, eu faria tudo por conta própria. Você sabe disso.

— Mas nem conhecemos essa garota.

Venn olhou para a porta tão atentamente que Wharton recuou, certo de que aquele olhar gélido o estava vendo ali.

— Isso é o mais estranho. Eu a conheço. Quando bati os olhos nela, senti que a conhecia. Não sei explicar. Mas é a vida dela ou a chance de trazer Leah de volta, então vou correr o risco cem vezes se for preciso. Não tem nada que eu não faria, Piers, ninguém que eu não sacrificaria! E não se esqueça, você trabalha para mim. Sou seu dono, e você vai fazer tudo que eu mandar.

E, ao dizer isso, Venn se levantou e seguiu para a porta.

Wharton deu um salto para trás, buscando desesperadamente algum lugar para se esconder. Havia um pequeno nicho fechado com uma cortina, e foi ali que ele entrou e ficou imóvel, a poeira das dobras do tecido junto a seu nariz e sua boca. Enquanto ele fazia o que podia para segurar um espirro, Venn passou por ali, depressa, a ponto de fazer a cortina se agitar.

Wharton esperou e ouviu um ruído: Piers tinha ido atrás do patrão.

— Wharton sabe sobre ela — disse o homenzinho.

Ele não conseguiu ouvir a resposta de Venn... Seu coração martelava no peito. Uma porta distante bateu, mas alguns rangidos no assoalho confirmaram que Piers ainda estava por perto. Com cuidado, Wharton afastou a cortina e olhou pela fenda. A pequena figura estava ali, alerta, a apenas trinta centímetros de distância, com um laptop nas mãos, embora não olhasse para a tela.

Piers estava ouvindo.

Seus olhos brilhavam.

Wharton voltou para a escuridão.

Piers imediatamente se virou na direção da cortina.

— Sarah? É você?

Ele esperou; depois foi até o nicho e afastou a cortina.

Não havia ninguém.

* * *

REBECCA parou o carro perto da ponte e diminuiu a luz dos faróis.

— Aqui?

— Pode ser. Ele deve ter estacionado no pátio do pub.

Os dois ficaram observando.

— Olhe só! — sussurrou ela. A neblina tinha ficado mais densa depois que anoitecera. Agora era uma massa cinza e gelada, em torvelinho, que envolvia as janelas do carro e reduzia as luzes do vilarejo a meros pontinhos. — Não estou vendo carro nenhum. Nem carro nem nada, aliás.

— Ele está lá — disse Jake, já abrindo a porta.

— Não estou gostando disso. É muito assustador. É melhor eu ir com você.

— Tenho que ir sozinho — respondeu ele. — Obrigado pela carona. Pode deixar que eu dou meu jeito para voltar.

— Você está brincando, né? — disse Rebecca, inclinando-se na direção dele e aumentando a música em uma explosão de rock. — Eu não vou a lugar algum. Vou esperar dez minutos, depois vou dirigindo até você. Ou antes, se você gritar.

Jake esboçou um sorriso. Ela parecia muito empolgada, com sua boina azul de lado na cabeça.

— Tudo bem, minha heroína, pode ir me resgatar.

Ele bateu a porta do carro, levantou a gola do casaco para se proteger do intenso frio da noite e seguiu para o estacionamento.

Era um grande espaço vazio. Jake sentiu como se caminhasse rumo ao nada. Poderia acabar dando de cara com uma parede ou uma porta, ou até mesmo escorregar das margens da Terra em uma queda sem fim.

Faróis piscaram à sua direita; uma vez apenas.

Indo na direção das luzes, ele encontrou um carro baixo e escuro, mas não conseguiu ver a marca nem encontrar a maçaneta. Uma das portas se abriu.

— Entre, por favor, sr. Wilde — convidou uma voz rouca.

Jake hesitou por um breve momento, depois obedeceu, instalando-se no interior aquecido do veículo.

O estranho ao volante acendeu a luz interna. Tinha cabelo negro e era surpreendentemente bonito, até que se virou: então Jake viu a cicatriz que fendia o lado esquerdo do rosto.

— Quer dizer que você veio, Jake.

CAPÍTULO 10

Fiquei profundamente perturbado. Estava em um lugar desolado e apenas o motorista do coche sabia do meu paradeiro. Ainda assim, mantive a voz calma ao dizer:

— *Não consigo conceber a possibilidade de alguém caminhar pelo Tempo.*

— *Mil guinéus, sr. Symmes.*

— *Isso é ridículo. Eu pareço assim tão tolo? É um simples espelho.*

— *Compre ou vá embora. Outros dariam tudo para tê-lo.*

Uma frase batida. Fiz cara de desdém, mas estava atormentado. O nome Mortimer Dee não me era estranho; ele foi astrólogo durante o reinado de Elizabeth. Qualquer objeto que tivesse pertencido a ele me interessava muito. Mas mil guinéus?

— *Dou quinhentos — falei.*

Ele se aproximou, o rosto crispado por súbita angústia.

— *Não estou aqui para barganhar! Acha mesmo que eu venderia este tesouro para um tolo como você se não estivesse atolado em dívidas?*

Afrontado, recuei.

— *Muito bem.*

Vamos ver quem é o tolo, pensei. Busquei o revólver que eu trazia no bolso.

Naquele momento, no entanto, na sala ao lado, uma mulher gritou.

Diário de John Harcourt Symmes

Jake percebeu na mesma hora que não deveria ter ido até ali. A situação exalava perigo.

— Onde está meu pai? — perguntou ele.

O desconhecido continuou com o olhar fixo à frente.

— No telefone você perguntou meu nome. É Maskelyne. Significa algo para você? — perguntou ele.

— Não.

— Eles realmente deixaram você fora de tudo. Não leu os diários de Symmes?

— Quem é Symmes?

Maskelyne balançou a cabeça, contrariado.

— É uma pena. Poderíamos ter sido úteis um para o outro.

Jake manteve a mão na maçaneta.

— Conte logo o que sabe ou eu vou embora.

— Este lugar é muito movimentado — disse o homem. E, antes que Jake pudesse se opor, Maskelyne ligou o carro e saiu a toda do estacionamento.

— Eu posso pular — disse Jake.

— Duvido muito.

Jake olhou para trás, imaginando o pânico de Rebecca. Aquilo não estava saindo como eles haviam planejado.

— Para onde você está me levando?

— Está nervoso, Jake? — perguntou Maskelyne, olhando para o garoto. — Não fique. Em breve, pelo menos um de nós vai ter tudo o que quer.

COM um puxão, Piers abriu ainda mais a cortina e olhou para o espaço vazio. Depois equilibrou o laptop em um dos braços e experimentou a maçaneta da porta que levava ao Caminho do Monge. A porta se abriu. Ele olhou dentro do cômodo em uma busca rápida por alguém ou algum som. Em seguida fechou a porta, passou a chave e saiu.

Wharton observou a pequena sombra desaparecer do vão embaixo da porta. Saiu da escuridão, pegou o lenço e limpou o rosto. Burro. Burro! Mas seria embaraçoso demais ser pego bisbilhotando pelo buraco da fechadura. Quando teve certeza de que Piers tinha ido embora, forçou a porta, mas não adiantou: ela nem se moveu.

— Ah, não! — exclamou, desesperado, na escuridão.

Estava preso no Caminho do Monge.

Ele deu as costas para a porta. Deparou-se com um grande vazio, um longo corredor de pedra. À direita, janelas com mainéis; à esquerda, uma parede de pedra coberta de musgo verde. Território proibido.

Wharton dirigiu-se à janela mais próxima e a abriu.

O rio corria alguns metros abaixo, debatendo-se em seu leito estreito com sua corrente caudalosa e oscilante, arrancando folhas e galhos com força. Refletida nas águas estava a lua, um círculo fragmentado por galhos.

Não dava para descer por ali.

Wharton olhou para cima e viu a arcada de pedra. Sarah estava em perigo, ele precisava falar com ela o quanto antes. Com certeza havia uma saída.

Só precisava encontrá-la.

CINCO minutos depois, ele estava tremendo de frio e completamente perdido. Os confusos resquícios da abadia medieval sobreviviam sob a casa, um labirinto de salas baixas e porões, escadas e depósitos. O luar entrava pelas poucas janelas, e a umidade tinha feito um acre bolor amarelado se acumular nas esculturas de rostos e feras aladas. Anjos carcomidos o observavam com ar sereno.

A neblina parecia se adensar ali, preenchendo as salas e corredores. Depois de descer três largos degraus, seus passos ressoando na imobilidade do silêncio, Wharton chegou a uma arcada que ostentava de cada lado uma máscara em pedra de um demônio enfurecido. Adiante parecia haver um grande vão, amplo e sombrio. O professor ergueu as mãos e bateu pela parede. Devia ter alguma luz por ali...

Seus dedos encontraram um interruptor redondo. Wharton o acionou. Lâmpadas se acenderam sobre ele e por toda a extensão de um grande salão. Ele ficou estupefato.

Aquele espaço devia ter sido o refeitório, ou talvez o dormitório dos monges. Agora os pilares estavam cobertos pela fiação elétrica, o teto adornado de cabos. Cada milímetro do piso era revestido de uma camada de carpete macio que, de tão grosso, o pé de Wharton quase afundava. Havia fileiras de armários, e em um canto zumbia um poderoso gerador. O que deixou Wharton mais intrigado, no entanto, foi a rede. Uma rede que descia de todas as abóbadas e todos os pilares do salão até o chão como a teia de uma imensa aranha, presa, esticada ao máximo. Ao observar bem, percebeu que aquilo parecia feito de uma lã grossa, de um tom verde-escuro semelhante ao de uma malaquita, e era brilhoso e grudento. Ele fez menção de tocá-la, mas hesitou, temendo a ridícula ideia de que, se a tocasse, ficaria grudado naquilo

para sempre, e não conseguiria se soltar antes que Venn o encontrasse.

Com cuidado, mantendo a cabeça baixa e as mãos junto ao corpo, ele se esgueirou por entre a trama. Havia um caminho que conduzia ao interior, uma trilha visível que serpenteava e dava voltas em torno de si mesma. Parecia o caminho de cercas vivas em que ele havia se perdido quando era menino.

Era um labirinto.

Quando finalmente chegou ao espaço aberto no centro, Wharton ficou olhando para a cena, impressionado com a soma que Venn devia ter gastado naquele lugar. Havia computadores de última geração, monitores, telas e medidores de radiação. A área estava impecavelmente limpa, não havia um único grão de poeira no chão.

No centro de tudo, como se fosse o foco de tamanho zelo, um espelho.

Wharton andou em torno daquilo, analisando-o.

Parecia um bloco de vidro negro, tão alto quanto um homem e de espessura fina, sustentado por uma moldura prateada coberta de ornamentos. Havia cabos conectados aos quatro cantos do espelho. Na parte de trás, Wharton observou uma confusão de máquinas antigas: fios enferrujados, engrenagens, uma engenhoca vitoriana movida a manivela e um mostrador com o ponteiro quebrado. Era como se Venn tivesse sobreposto a moderna tecnologia à antiga.

Em um armário de vidro trancado, posicionado ao lado do espelho, Wharton viu um bracelete prateado acomodado em uma almofada negra. Era uma joia de prata espetacularmente entalhada na forma de uma serpente alada mordendo o próprio rabo, com uma brilhante pedra de âmbar no centro. Luzinhas vermelhas indicavam um alarme ligado à joia. Wharton não a tocou.

Voltou, então, para o espelho negro. Seu próprio rosto, distorcido e intrigado, o encarou. O espelho era côncavo, sem dúvida; parecia curvo, pois o reflexo estava todo deformado, mas o vidro era plano. Um mecanismo semelhante a um relógio trazia números, mas não os números típicos dos relógios.

Estava escrito: *1600 1700 1800 1900*.

— O que será esse troço? — balbuciou ele.

* * *

MASKELYNE fez uma curva repentina com o carro, saindo da estrada em direção ao Bosque. Pegou uma trilha e parou. Desligou o motor. O silêncio súbito circundou os dois ocupantes do carro.

Tenso, Jake esperou.

Maskelyne virou-se para ele, e o couro do banco gemeu.

— Vou contar a verdade a você agora, Jake, porque ninguém mais vai fazer isso. Seu pai e Venn andaram fazendo experiências com um aparelho, um espelho negro que tem o poder de subverter a cronologia normal. Ou seja, esse espelho altera a dimensão espaço-tempo. Os dois trabalharam nisso obsessivamente. Conseguiram fazer o espelho funcionar, e realizaram alguns testes com objetos e animais. Mas precisavam testar com um ser humano. David Wilde se propôs a entrar no espelho duas vezes. Na segunda vez, desapareceu. Venn e o escravo dele não conseguiram trazer seu pai de volta. Ele estava, como dizemos, em uma *jornada*. Então, de certa maneira, receio dizer que seus temores estão corretos. Seu pai está morto. Dependendo do lugar no tempo para onde ele foi, seu pai pode estar morto há séculos.

— Isso não é possível. Como é que...

— Infelizmente é possível sim.

A convicção na voz do homem deixou Jake desconcertado. Ele ficou imóvel, como que anestesiado. Por fim, disse:

— Mas como você...

— Como sei disso tudo? — completou Maskelyne. Ele observava as árvores escuras. — Sei porque o espelho já foi meu. Pertencia a mim, mas foi roubado. Agora pretendo tomá-lo de volta.

* * *

O GRITO ecoou; eu agi rápido.

Enquanto os apitos da polícia rasgavam a noite, empurrei o homem e agarrei o espelho. O sujeito veio atrás de mim, furioso, mas saquei o revólver e apontei.

— Para trás, senhor! — ordenei, e ele não se moveu.

Na casa de ópio, o grito da mulher soou incrivelmente alto e estridente. Uma porta foi colocada abaixo. Vozes masculinas irromperam no salão imundo.

Meu motorista cumprira sua missão.

O homem da cicatriz estava lívido de medo.

— Você me traiu — disse ele.

O artefato estava em minhas mãos. Confesso que dei uma risada.

— Não sou idiota de pagar mil guinéus por um mero espelho distorcido! — Aumentei o tom de voz: — Socorro! Estou aqui!

Os olhos do homem estavam em fúria. Eu sabia que ele seria capturado pela polícia, que as autoridades seriam bem duras com ele. Sabia que ele seria condenado no mínimo por profanação de corpos, talvez fosse até enforcado.

A porta tremeu. Um ombro robusto precipitava-se contra ela.

O homem da cicatriz deu um passo na minha direção e eu recuei, pois ele podia estar com uma faca. Mas tudo o que ele fez foi cuspir palavras na minha cara.

— Você não faz ideia de quantas vidas destruirá com isto.

E então... imaginem meu susto! Ele correu em direção ao espelho e, no momento em que a polícia derrubou a porta e entrou, o homem se jogou contra o vidro, contra a superfície negra.

E desapareceu!

Uma forte, silenciosa e vibrante explosão tomou minha cabeça. Deixei cair a arma e quase desmaiei, porque o quarto se tornou um enorme e profundo vórtice que engoliu todas as veias e nervos do meu corpo. Depois perdi a consciência e já não sabia de nada.

Sarah fechou o diário, colocou-o de lado e olhou para o relógio. Jake não tinha voltado. Estava ficando muito tarde. Ela levou as mãos à moeda partida que trazia no pescoço.

Então foi assim que Symmes se apoderou do espelho, pensou. Eles sempre se perguntaram isso, pois Symmes alegava ter construído o espelho sozinho, mas ninguém sabia ao certo, porque Jano estava com os diários e os mantinha trancados em algum cofre profundo, secreto e muito bem guardado.

Jano.

Onde estaria ele? O jovem Jano, com seu cabelo escorrido, planejando o futuro por trás das lentes azuis. Será que estava vagando lá fora, tentando achar um jeito de entrar? Será que estava testando as portas, deixando o lobo farejar todas as soleiras?

Houve uma batida na janela fechada.

Ela parou e ficou atenta, tomada de medo.

Uma batida, depois outra.

Sarah se levantou, rastejou até a parede e ficou olhando para a janela de madeira escura, o coração na

boca. Será que ele estava ali fora? Será que o lobo conseguia farejá-la ali dentro?

— Quem está aí?

— Por favor, me deixe entrar. — Um sussurro. Uma voz abafada contra o vidro, como um vento que sopra na escuridão — Por favor!

Com um sobressalto, Sarah recuou no exato momento em que a porta se abriu atrás dela. Piers pôs a cabeça na fresta.

— Se estiver pronta, Sarah, vamos preparar tudo agora — disse ele.

Por um instante, tomada pelo susto, ela não entendeu. Depois se virou.

— Ah, claro. Vamos lá.

O diário de Symmes estava na mesa. Era impossível pegá-lo sem que Piers percebesse, então ela foi calmamente em direção à porta para sair. Piers deu um passo para o lado a fim de deixá-la passar.

O homenzinho seguiu na frente, sua sombra projetando-se alongada na parede. As mãos dele eram estranhamente finas, ela reparou, e ele estava falando muito baixo enquanto subia as escadas. Na metade do caminho a deteve, pousando os dedos aracnídeos no ombro dela.

— Escute, Sarah. Pegue o telefone e ligue agora para o Instituto Linley. Diga a eles onde você está. Acredite em mim, é o melhor a fazer.

— Não — retrucou ela.

— Ligue para aquele policial, então.

— Nem pensar! — Ela lançou-lhe um olhar duro. — Qual o seu problema? Você contou a alguém que eu estava aqui? Venn prometeu...

Piers recuou.

— Ninguém traiu você. É que estou com medo... O processo é perigoso...

Sarah passou rapidamente por ele.

— Não se preocupe comigo. Além do mais, Venn disse que se eu não colaborasse com o tal projeto, me entregaria pessoalmente.

Piers sorriu. Um sorriso rápido, triste.

— Ele não faria isso. Eu o conheço bem. Essa ameaça só mostra como ele está desesperado.

— Eu só quero ajudar.

Ele suspirou.

— Bom, vou estar lá. Posso não ter utilidade alguma nisso, mas vou fazer de tudo para não perdermos você.

Piers guiou Sarah pela Grande Galeria. Ela percebeu que a neblina estava ainda mais densa do lado de fora das janelas, chegava a se esgueirar para dentro da casa, obscurecendo a outra extremidade daquele salão tão amplo. Um dos gatos passou por eles vagorosamente, os olhos verdes brilhando. Depois apareceu outro, aconchegado embaixo de uma mesa.

— Quantos gatos tem aqui? — perguntou ela.

— Sete — respondeu Piers, em uma voz cansada. — Os nomes são Primo, Secundus, Tertio, Quadra, Quintus, Sextus e Septimo. São as pestes da minha vida.

Assim que ele abriu a cortina, revelando uma arcada com uma portinhola, ocorreu a Sarah que talvez os gatos fossem Replicantes. Venn teria feito testes, afinal...

Quando Piers abriu a porta, uma corrente de ar úmido soprou com força lá de dentro, fazendo Sarah tremer. Ela se deparou com uma passagem de pedras nuas, ladeada por janelas iluminadas pelo luar.

— O Caminho do Monge.

Ele a pegou pelo braço, com seus dedos de aracnídeo, e a conduziu para dentro.

— VOCÊ deve se sentir muito sozinho — disse Maskelyne. — Sem pai nem mãe. Sem amigos.

Os faróis do carro revelavam a neblina em torvelinho e as árvores sombrias.

— Eu tenho amigos — respondeu Jake.

Sentia-se tão arrasado que nem conseguia ficar irritado.

— Tem? Você parece ser do tipo isolado. Do tipo difícil de conviver. Você me lembra Venn, me lembra eu mesmo. Estamos todos presos em buscas obsessivas: ele, a esposa; você, seu pai.

— Você acha que eu vou acreditar nessa história de viagem no tempo? — Jake virou-se de costas, irritado. Percebeu que tinha as mãos crispadas e os ombros rígidos de tensão. — Eu tenho cara de idiota?

— Você acredita. Você tem a foto como prova.

Jake o encarou.

— Você sabe sobre a foto?

— Já a vi — respondeu Maskelyne, com voz rouca; suas mãos delicadas continuavam segurando o volante com força, como se o carro estivesse em alta velocidade.

Jake ficou confuso; uma repentina e imensa tristeza.

— Você conheceu meu pai? — perguntou.

— Eu o encontrei uma vez.

A neblina invadia o carro, envolvendo ambos. Jake precisava contar:

— Eu vi meu pai em Wintercombe. Vi o fantasma dele em um espelho.

— Um espelho negro? — perguntou Maskelyne.

— Não, um espelho comum.

Um lampejo de decepção passou pelo rosto destruído do homem.

— Bom, isso é o que Symmes chamou de *atraso*. Um eco temporal. Ou talvez uma reverberação. Não quer dizer nada. Seu pai não está mais lá.

Jake balançou a cabeça em lamentação.

— Olhe só, me conte sobre esse negócio. Esse tal de Cronóptico. Quero saber tudo.

* * *

GIDEÃO aterrissou suavemente e virou-se de costas para a Morada.

Por que deixar janelas abertas, não é mesmo? Caminhou rapidamente por entre as árvores, irritado. Ele havia sofrido a punição no lugar de Jake, aquele garoto arrogante e mimado. Iludira-se pensando que, depois da interminável eternidade daquele cativo, talvez o garoto pudesse ser seu amigo.

Um pouco de contato humano.

Sol tinha razão, eles eram um tédio.

A lua se equilibrava acima do Bosque. A neve estava chegando. Ele sentia sua aproximação, fria e furtiva.

E sentia algo mais.

Gideão ficou parado, apoiando a mão em uma hera.

Algo sinistro havia penetrado na propriedade.

Podia farejá-lo. Todos os pelos das costas de suas mãos frias sentiam. Um intruso vindo de algum lugar sombrio. Um cheiro fétido, animalesco.

Foi engatinhando para trás dos arbustos. E então, de forma tão abrupta e vindo de tão próximo que o fez estremecer por inteiro, ouviu o uivo.

Um lamento longo e lúgubre, arrepiante.

A ira de um lobo.

Gideão exalava pavor no ar gelado. Folhas estalaram. Uma sombra surgiu por trás das árvores.

Tão imóvel quanto um cadáver congelado pelo inverno, Gideão viu o vulto tremeluzir; um homem magro, de cabelo muito liso, grudado no crânio, os olhos escondidos atrás de pequenas lentes azuis que pareciam refletir tudo.

Um homem sem substância.

Um homem que mais parecia um espectro, um eco. A seus pés, branco como papel, o lobo de patas almofadadas e passos macios.

A salvo no domínio dos shees, Gideão deixou-os passar e viu quando se fundiram às sombras da casa. Deixaram para trás uma escuridão, um vácuo na noite.

Ele soltou o ar dos pulmões. Talvez Jake tivesse sido sensato em não deixar a Morada aberta.

— Porque eu conheço os shees — murmurou ele para si mesmo. — E conheço os humanos. Mas que espécie de criatura é essa?

Um estorninho desceu e pousou no galho ao lado de Gideão. O pássaro o encarou com seus olhos negros e oblíquos.

— Ela está perguntando se você tem algo a relatar — disse a ave.

Gideão manteve o rosto plácido, pois eles eram especialistas em detectar a menor mudança de expressão. E tomou a decisão naquele instante. Fugiria deles, mesmo que para isso tivesse que morrer. Ela não seria dona dele para sempre.

— Não — respondeu. — Nada a relatar.

* * *

AO OUVIR vozes se aproximando, Wharton praguejou, interrompeu sua análise do espelho e correu para trás do mecanismo que parecia um relógio. Agachou-se atrás de uma pilha de alavancas no exato momento em que viu Piers surgir no labirinto, conduzindo Sarah. Venn vinha logo atrás dos dois.

— Não há nada com o que se preocupar — disse Venn. — Piers e eu estamos aqui... para qualquer eventualidade...

Sarah observou o labirinto envolto por redes e o maquinário alienígena que abarrotava o lugar. Depois viu o espelho.

— Tudo bem — disse ela. — Não estou com medo.

Era mentira. Ali, ao ver novamente aquele terrível objeto e o reflexo distorcido e sombrio do próprio rosto em suas profundezas, sentia-se aterrorizada. Inúmeros cabos e monitores conectavam-se ao espelho, e ela sabia melhor do que Venn os estragos que aquilo poderia causar.

— É isso? — perguntou ela, fingindo calma.

Venn se aproximou e ficou ao lado dela, de forma que o espelho agora refletia a imagem dos dois.

— É isso. O Cronóptico. Uma impossibilidade em si, um espelho côncavo que parece plano. Foi obtido por um homem excêntrico da era vitoriana, na década de 1840. Chamava-se John Harcourt Symmes. Ele dizia que o espelho tinha o poder de distorcer o tempo, mas quase todos os seus experimentos deram errado, embora seja impossível afirmar isso com certeza. Um dos volumes de suas memórias está desaparecido. Talvez sua última tentativa tenha funcionado.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Sarah, seu olhar acompanhando Piers, que testava os sistemas e acionava alguns disjuntores.

Venn deu de ombros, incomodado.

— Esqueça Symmes. Não vamos fazer testes absurdos como os dele, estamos só calibrando o aparelho.

E o bracelete? — perguntou, olhando para Piers.

— Ainda não. Venha cá, Sarah. Preciso fazer algumas medições: sua altura, seu peso, essas coisas.

Ela subiu em uma pequena plataforma de acrílico transparente.

— Como você conseguiu este espelho?

— É uma longa história. — Venn não conseguia ficar parado, parecia extremamente tenso. Contornando todo aquele aparato, ele aproximou-se de Piers e ficou observando-o com impaciência. — Ela vai servir? Tem que servir.

— Dois minutos.

— E quanto a David Wilde? Ele trabalhou com você nisso, não foi?

Venn ergueu um olhar hostil para ela.

— Imagino que Jake tenha lhe dito isso. Esqueça isso, Sarah, não quero falar sobre David.

Imagino, pensou Sarah. E quanto a ela? Era ela quem estava correndo todos os riscos. Contudo, ela apenas mordeu o lábio e disse a si mesma para manter a calma. Era para isso que tinha ido até ali.

E estava tão perto!

— Tudo certo — disse Piers, circundando o espelho. — Temos algumas leituras estranhas aqui, mas nada que impeça o devido funcionamento do sistema. Tentei criar uma barreira de reflexos, um tipo de procedimento de segurança. Não tínhamos isso quando perdemos David, então acredito que você corra menos riscos.

Venn assistia a tudo, imóvel.

— Ela está pronta?

— Sim — respondeu Sarah, olhando-o nos olhos com ar desafiador.

— Coloque isto, por favor.

Piers segurava um grosso bracelete de prata. *O bracelete*. Sarah observou o objeto; em seguida, estendeu o braço e levantou a manga. Apesar de ter ficado um pouco frouxo, o bracelete era gélido em contato com seu pulso. Ela sentiu o coração bater mais forte, como uma vibração leve no vidro.

— Ótimo. Agora...

Piers virou-se, mas Venn o deteve, pegando seu braço.

— Espere.

Ele observava o canto atrás do gerador, oculto pelas sombras. Sarah se virou rapidamente. A voz de Venn saiu em um rugido de raiva:

— JAKE! Vá embora!

Nada.

Então Sarah também viu a sombra se aproximando. Por um instante ela teve certeza de que o Replicante de Jano tinha conseguido entrar ali. Mas então algo fez um barulho metálico e surgiu Wharton, com ar de culpado, consternado e determinado.

— Na verdade, não é Jake. Sou eu. E não posso permitir que esse enigma continue por nem mais um segundo. Tudo acaba agora.

* * *

— ENTÃO — disse, baixinho, o homem da cicatriz —, veja, o espelho é um objeto perigoso. Venn está trabalhando no escuro, e não terá uma segunda chance. Ele perdeu o bracelete que seu pai estava usando e agora só resta um. Não existe margem de erro. E ele está obcecado. Se tiver alguma cobaia que ele considere dispensável, ele pode...

Jake ergueu os olhos.

— Cobaia?

— Para usar no experimento. Uma pessoa jovem e saudável. Dispensável. Talvez ele peça sua ajuda.

Se pedir, recuse-se a...

Jake não estava ouvindo.

— Sarah.

— O quê?

— Ela queria me contar alguma coisa, mas eu não ouvi. Mas não pode ser ela, deveria ser eu! — Jake agarrou a maçaneta da porta, furioso. — Preciso sair daqui! Ou me leve de volta agora! Temos que voltar antes que...

Ele não terminou a frase.

Maskelyne o encarava, a cicatriz cruelmente óbvia, os olhos escuros, vazios e tristes.

— Lamento ser tão direto, Jake, mas não será possível.

O homem tinha uma arma estranha na mão. Parecia uma pistola de cano longo, daquelas usadas em duelos, mas era feita de vidro transparente. Estava apontada direto para a cabeça de Jake.

Ele ficou atônito.

— Quero meu espelho de volta, e você é tudo o que tenho para negociar. O amado afilhado de Venn.

Jake quase riu.

— Está maluco? Ele não me suporta! Você estaria fazendo um favor a ele!

O desprezo do garoto era mordaz. Por um momento Maskelyne ficou estático, tomado pela dúvida.

E Jake atacou.

Agarrou a arma e o homem se contorceu, tentando se soltar. Os dedos de Jake sobre os dele apertavam com força. Jake então deu um puxão, forçando a arma para cima, enquanto, com a outra mão, apertava a garganta do homem. Maskelyne era mais forte do que parecia; os dois lutaram até perder o fôlego. Então Jake empurrou e chutou seu adversário. A arma escorregou, e ele então encostou no gatilho. Uma explosão brilhante o arremessou de volta contra o banco, balançando o carro e deixando-o sem fôlego. Durante um momento estranho e atemporal, o mundo foi só escuridão, até que o estrondo doloroso nos ouvidos se transformou em um martelar constante e feroz na porta do carro. Ele lutou para se desvencilhar.

Conseguiu abrir a porta. Um frio cruel e repentino o envolveu.

— Jake!

Ele saiu. Rebecca o puxou, tentando levantá-lo.

— O que aconteceu? — perguntou ela, sem fôlego. — Você está bem?

Jake sentia gosto de sangue. Depois de engolir, sentiu um zumbido no ouvido. A noite era só neblina em torno dele. Ele tremia de frio e choque.

— Jake! Está me ouvindo?

— Estou bem — respondeu ele.

Seus lábios estavam cortados, as mãos também. Rebecca olhou para dentro do carro, lívida.

— Ele morreu? — Foi um sussurro apavorado.

O vidro do para-brisa parecia uma teia de estilhaços; no centro, um furo circular. A cabeça de Maskelyne estava tombada no volante.

Rebecca se inclinou para dentro e tocou o homem no peito e no pescoço.

— Ah, graças a Deus. Graças a Deus, ele está vivo.

Jake pegou a arma. Fosse o que fosse, aquilo tinha disparado luz, não uma bala.

— Deixe isso aí! Deixe aí! — implorou Rebecca.

Ele a deixou cair, relutante.

— Ok, vamos embora antes que ele acorde.

— Devíamos chamar uma ambulância... — disse Rebecca.

— Ele tentou me sequestrar. E eu tenho que encontrar Sarah...

A mão de Maskelyne teve um espasmo. Ele se mexeu e gemeu. No mesmo instante Jake e Rebecca saíram correndo por entre as árvores, pulando os galhos caídos e seguindo a trilha até a estrada. Rebecca chegou primeiro, abriu a porta do carro e ligou o motor antes que Jake chegasse. Quase sem fôlego, ele se jogou para dentro do veículo.

— Vai! Vai! — gritou ele.

Os pneus cantaram. Lama voou para todos os lados. Jake foi jogado para trás no banco do carro.

— Para onde vamos? — perguntou ela.

— Para Wintercombe Abbey — respondeu Jake. Ele se ajoelhou e olhou para trás. A floresta era uma penumbra nebulosa. Ele deslizou no banco e respirou fundo. — Vamos torcer para chegarmos a tempo.

* * *

— VOCÊ vai sentar ali e não vai interferir em nada — disse Venn, irado. — Não quero ouvir uma única palavra sua! — completou, quando Wharton fez menção de falar.

— Até parece. É meu dever...

— Meu Deus! — Por um segundo, Venn o encarou. — Vamos, me dê um motivo para não usá-lo no lugar dela.

Era uma ameaça real. Wharton se sentou e ficou calado.

— Excelência, temos que começar agora — alertou Piers.

— Tudo bem. Vamos acabar logo com isso — disse Sarah.

Ela viu o bracelete lentamente fechar-se em torno de seu pulso, deslizando como uma algema ou uma serpente que devora a própria cauda. Venn puxou-a apressadamente para até os fios verdes da teia.

O processo foi iniciado. No fundo do espelho de obsidiana, uma luz cintilou, seguida pelo forte brilho de um clarão.

Sarah prendeu a respiração e pensou: *Isto é por você, Max. Por Carla, por todos vocês. Por meus pais.*

Por ZEUS.

Vozes.

Portas batendo.

O bracelete se fechou. Venn se virou.

E então a escuridão do espelho estendeu-se até alcançá-la, e Sarah engoliu em seco. Estava totalmente envolvida por ela. A superfície desaparecera; era um grande buraco negro da escuridão, sugando tudo. Por um segundo o caminho de entrada estava ali, e Sarah o viu, aberto, amplo e claro; o caminho de casa, o caminho de volta. Mas em uma centelha de agonia tudo entrou em colapso, e ela foi pega, enredada e capturada em um malha de fios pegajosos, presa a eles quando queria apenas desabar sobre os joelhos e as mãos, tonta e arfante.

O bracelete caiu e rolou para a escuridão. Sarah lutou para se desvencilhar de Wharton e viu que Jake estava ali, gritando e discutindo com Venn, acompanhado de uma garota ruiva e alta. As vozes soavam em uma confusão de sons em sua cabeça, misturadas ao eco das carruagens, ao cheiro dos cavalos, à miragem da cidade em sua retina e em seus ouvidos.

Ela se arrastou para longe do labirinto pegajoso, para longe dos cuidados de Wharton, e deixou a terrível decepção se desvanecer e se transformar em uma sensação de fracasso. Sentou-se na cadeira que Piers lhe entregou às pressas e segurou a cabeça entre as mãos. Ela tremia de frio.

Foi então que ela percebeu que todos olhavam para ela em silêncio.

— O que foi? — murmurou.

Venn se agachou diante dela, nervoso.

— Você sentiu alguma coisa? Qualquer coisa?

Sarah engoliu em seco.

— Ela parece tão pálida — falou Wharton.

Ela ignorou a preocupação dele.

— Senti — respondeu.

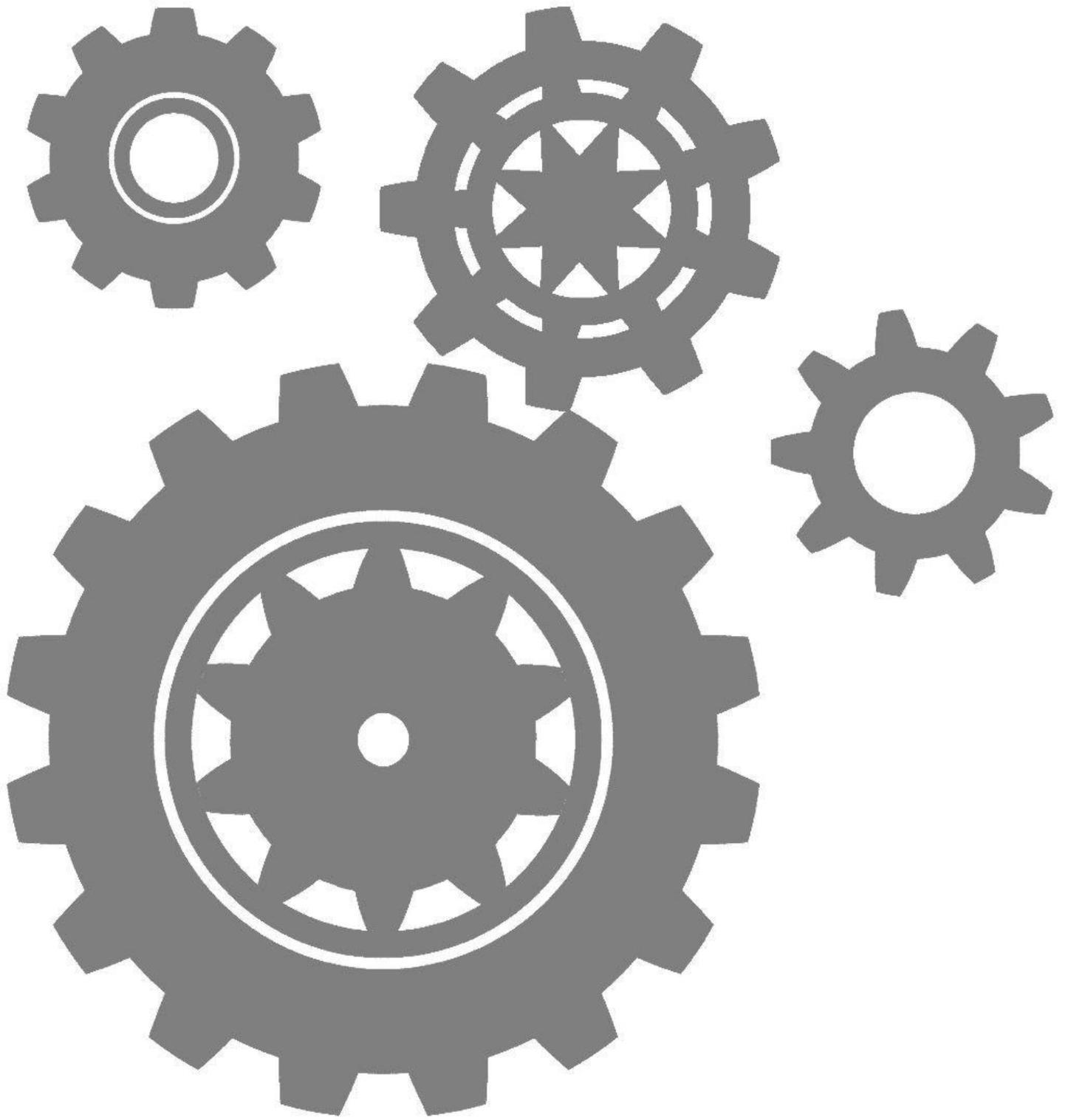
Venn lançou um olhar de triunfo para Piers.

— Eu sabia! O bracelete desencadeou o processo!

— Não. — A voz de Sarah parecia um grasnado. Ela engoliu em seco novamente e se levantou, limpando o rosto na manga da camisa. — Não foi o bracelete. Nada estava funcionando até Jake entrar aqui. Foi Jake quem desencadeou o processo. E então eu vi... *Eu vi outro mundo.*

O fracasso valeu a pena, pensou ela. A perda valeu a pena. Só para ver o espanto nos olhos de Jake. E a alegria nos de Venn...

Queima em meu sangue como a febre



CAPÍTULO 11

Entrevistador: *E qual é a sensação de conquistar uma montanha como a Katra Simba, de chegar aonde ninguém mais chegou? É uma sensação intensa de liberdade?*

Venn: *É uma estupidez perguntar isso.*

Entrevistador: *Hã... Bem...*

Venn: *Não somos nós que conquistamos as montanhas. São elas que nos conquistam.*

Entrevistador: *Sim, mas eu quis dizer que...*

Venn: *Você não faz ideia do que quer dizer. Se tivesse chegado ao topo alguma vez, você entenderia. Um lugar como aquele... uma montanha como aquela... Não é uma libertação. Ela o prende para sempre àquela lembrança.*

Entrevista à BBC, em Vulcões — Montanhas de Fúria

Sarah bateu na porta de novo.

— Jake? — Nenhuma resposta, mas ela sabia que ele estava lá dentro. — Sou eu.

Ela abriu a porta e entrou.

— Quero ficar sozinho.

Ela se sentou na cama desfeita. Era uma daquelas enormes camas com dossel, do qual pendiam cortinas vermelhas de tecido adamascado; uma peça de mobília ridiculamente majestosa naquele cômodo de paredes revestidas.

— Você não desceu para o café da manhã. Wharton estava preocupado.

— Estou arrasado — respondeu Jake, sua voz transparecendo esgotamento.

Estava sentado no largo parapeito da janela, os joelhos erguidos. De pijama, mas com um casaco por cima, contemplava a geada que havia endurecido o gramado, cobrindo-o de um branco translúcido. Mais adiante erguia-se o Bosque, sombrio e escuro.

— Venn quer conversar. Todos nós, juntos. Sobre ontem à noite.

Em um rápido movimento dos olhos, ele a fitou. Sarah olhou em torno: viu as roupas largadas em toda parte, o laptop e a bagunça que o sagui tinha feito com migalhas e nozes roubadas. Pelo visto ele tinha se jogado na cama tão exausto quanto ela na noite anterior. Venn mandara Rebecca para casa e todos os outros cada um para seu quarto.

— Precisamos esclarecer as coisas — disse Sarah. — Se vamos tentar encontrar seu pai, precisamos agir juntos, não como inimigos. Você e eu. Você e Venn.

Fazia sentido. Ainda assim, ele odiava aquela situação.

— E você tem que parar de achar que ele é o culpado por seu pai ter... — continuou ela.

— Ele é o culpado — interrompeu Jake.

— Você me entendeu. Esqueça isso, Jake. — Ela se levantou e foi até ele, observando o reflexo fragmentado do rapaz nos pequenos painéis de vidro da janela. — Venn quer trazer seu pai de volta tanto quanto você... Está desesperado. Ele não é quem você pensa que é.

Jake não se mexeu nem disse nada, mas ela sentiu uma mudança, um sutil degelo. De um pulo, o sagui subiu em Jake e se aninhou em seu colo.

— Você acredita em Venn? — perguntou Sarah. — Na história do Cronóptico?

Ele deu de ombros.

Sarah sentou-se ao lado dele no parapeito, espremendo-se para caber.

— É verdade, Jake! Ontem à noite, quando eu estava olhando para o espelho, eu vi. Eu vi o passado.

Silêncio. Até que, por fim, ele perguntou:

— O que você viu?

E então Sarah soube que tinha conseguido. Ela se levantou.

— Se quer mesmo saber, então venha comigo. Vamos falar sobre isso todos juntos. Você não vai conseguir nada aqui sozinho, remoendo as coisas. — Sarah pegou do bolso um pequeno livro com capa de couro e o jogou na direção dele. — Quando tiver tempo, leia isto. É o diário do Symmes. Vai explicar muita coisa.

Jake não disse uma palavra enquanto ela cruzava o quarto e ia embora. Com os dedos afundados nos pelos de Horácio, ficou observando o reflexo dela desaparecer.

E então só restou o céu azul para olhar.

Jake estava com frio, e se sentindo só. Toda a emoção da noite anterior, a luta com Maskelyne e a incrível história do espelho, tudo parecia um sonho agora. E esse sonho havia se evaporado, dando lugar a uma noite de sono inquieto e deixando apenas um assombro misturado a indiferença, de tal forma que ele sentia como se toda a sua energia tivesse se esgotado. Como se não se importasse mais.

No entanto...

Sarah tinha visto o passado? Como assim?

Subitamente, Jake sentiu que precisava agir. Tirou o sagui do colo, deixando no chão a selvagem e estridente criaturinha, e foi até a pilha de roupas amassadas. Vestiu o suéter preto e passou um pente no cabelo. Por um instante quis olhar para si mesmo, para ver se parecia mais velho, mais pálido, mas, obviamente, não havia espelho no quarto. Talvez fosse melhor assim, porque não queria ter outra visão como a última, quando uma mão fantasmagórica agarrara a sua. Por fim, guardou o pequeno diário no bolso de trás.

— Fique aqui — ordenou ele ao sagui. — E não vá destruir o quarto.

Horácio arreganhou os dentes e escalou a cortina.

Acompanhado pelos rangidos das tábuas do assoalho, Jake cruzou o corredor e desceu as escadas voando. A casa estava em seu eterno silêncio; nos quartos, todos com paredes revestidas de painéis escuros, ninguém — só se ouvia o tique-taque dos relógios. Então ele ouviu vozes distantes, ao final de um corredor com piso de pedra que levava aos fundos da casa. Aquela área devia ter sido, em outros tempos, reservada aos serviçais.

Jake seguiu até a arcada em que se iniciava o corredor e ali parou. Uma rajada de calor atingiu-lhe o rosto, trazendo consigo o delicioso aroma de chá, torradas e pão recém-assado.

Era a cozinha. Uma grande lareira se abria até o telhado, o fogo aceso. Dois largos bancos estofados ladeavam a lareira, um de frente para o outro, ajudando a criar um nicho. Wharton estava sentado em um deles, as pernas esticadas. Sarah estava do lado oposto, olhando para Jake. Venn conversava com Piers, ambos sentados a uma grande mesa repleta de pratos e livros. Ao ver Jake, Venn encerrou aquela conversa:

— Bom, então estamos todos aqui.

— Com exceção de nossa amiga Rebecca — lembrou Wharton.

— Eu acompanhei a jovem até o carro dela ontem à noite — disse Piers, pondo na mesa cinco canecas listradas. — Embora ela tenha insistido em ficar. Estava *tão* curiosa, *tão* agitada... Uma jovem com, digamos, nuances. Não é a cabeça de vento que aparenta ser. É melhor ter cuidado com o que dizemos a ela.

— Não quero ver aquela garota aqui novamente — disse Venn, dirigindo-se a Jake.

— Não venha me dizer quem eu posso ver.

— Pode encontrá-la, se quiser, mas não aqui.

Jake deu de ombros.

Como se tivesse recebido algum tipo de sinal, Sarah se aproximou e sentou-se à mesa. Piers pegou o enorme bule marrom, o cabo envolto em um pano de prato, e, com cuidado, serviu chá em todas as canecas.

— Eu que fiz os biscoitos — disse ele, orgulhoso.

Tinham a forma de uma árvore de Natal e eram decorados com guirlandas de glacê e bolinhas que lembravam pérolas.

— Que mãos mágicas na cozinha, Piers — disse Wharton, mergulhando um dos biscoitos no chá e depois enfiando-o na boca. — Perto deste, todos os outros biscoitos têm gosto de papelão. Mas como você consegue arranjar tempo para fazer isso?

Piers deu de ombros, fazendo ar de mistério.

— Você mesmo disse. Sou mágico.

— Vai ter que me dar a receita.

Jake se sentou. Ignorando os outros, virou-se para Sarah.

— Por favor, me conte... conte para todos nós... o que exatamente você viu.

Ela pôs açúcar no chá, pensativa.

Venn se aproximou e se sentou diante dela. Sarah se sentiu oprimida pela urgência de Jake e Venn, sufocada pelo desespero deles. Tudo bem que os dois estavam com os nervos à flor da pele, mas e ela?

— No início — começou Sarah — não havia nada. Nem quando o bracelete começou a se fechar. Foi se fechando e fechando contra minha pele, tão gelado que chegava a doer. Foi então que senti uma mudança. O espelho ficou menos... sólido. É difícil de explicar, porque eu acho que foi nessa hora que Jake veio correndo, e foi como se o espelho... *implodisse*.

— Como...? — começou Wharton.

Mas Jake logo o interrompeu:

— Cale a boca. Continue, Sarah.

— O espelho já não estava mais lá. Tinha virado um vácuo, um vazio que sugava tudo. Era tão poderoso que me puxou, como se quisesse me arrastar para dentro dele. Era como um.. — ela estremeceu, sua voz agora soando soturna — ... um buraco negro.

Venn lançou um olhar de soslaio para Piers.

— Como aconteceu com David — comentou o criado.

Sarah ergueu os olhos.

— Se não fosse pela teia que vocês instalaram ali, eu teria sido sugada para dentro — continuou ela. — Eu sentia como se meus ouvidos e meu nariz estivessem sangrando, uma pressão tremenda e cada vez maior em volta da minha cabeça... E então eu vi a rua.

— Eu não vi nada — disse Venn.

— Eu vi. Prédios e construções. Bem grandes, como prédios ou armazéns. O céu cinzento e nublado. Gente; gente fugindo da chuva. Guarda-chuvas. O som dos cascos dos cavalos e das carroças, uma barulheira terrível. Cheiro de esterco.

— E quanto às pessoas? — Venn estava mais próximo da mesa agora, seus olhos gélidos faiscando. — Como eram as roupas?

— De estilo bem antigo. As mulheres usavam vestidos longos. Com anquinha. Tinha algo parecido com um ônibus puxado por cavalos.

Ele a olhava fixamente, com espanto.

— Era Londres?

— Talvez. Não sei.

— Meu Deus — disse Venn, olhando para Piers. Depois se voltou para Sarah e entrelaçou os dedos nos dela com tanta força que chegou a doer. — De que década você está falando? 1840? 1850?

Sarah não fazia ideia.

— Bom, com certeza eu estava na era vitoriana. Pelas fotos que eu já vi. Mas durou apenas um segundo. Um piscar de olhos. E aí tudo sumiu, e eu me senti tão tonta, tão mal, que nem consegui mais ficar de pé. E aí você estava gritando com Jake e o bracelete caiu e rolou para longe...

Para sua própria surpresa, Sarah se sentiu muito triste. Quase tinha vontade de chorar.

— Vá com calma — disse Wharton, mas Venn largou a mão da jovem com rispidez e foi até a lareira.

Piers deslizou o prato de biscoitos até ela.

— Coma.

Em um gesto automático, ela pegou um, com um olhar de relance para Jake. Tinha imaginado que ele iria discutir ao ouvir aquilo, que ficaria irritado e não acreditaria em nada, mas o olhar dele era reflexivo. De repente Sarah teve certeza de que Jake sabia mais do que ela imaginara. Quem tinha telefonado para ele na noite anterior? O que haviam lhe contado? Com uma súbita urgência, ela precisava saber que não era Jano.

— Bem, sem dúvida isso significa que... bem.. que você obviamente imaginou o que viu — interveio Wharton. — Naquele momento de tontura...

— Eu senti a chuva no meu rosto. Eu poderia ter caminhado por aquela rua. Poderia ter ido até lá.

— Ah, claro...

— Não sou mentirosa!

Wharton nem piscou.

— Ah não? — perguntou ele, em tom calmo.

— Deixe-a em paz — murmurou Jake, a voz contrita. — É verdade. Ela viu o passado. É lá que meu pai está. — Ele se virou na cadeira, voltando-se na direção de Venn. — Foi você que levou meu pai até lá. Você pode trazê-lo de volta.

Junto à fogueira, Venn virou-se para Jake, em um movimento que pareceu cortar o ar.

— Você falou com alguém sobre isso?

— Com quem eu poderia ter falado?

— Não sei. Mas você começou a aceitar tudo isso muito de repente.

Jake deu de ombros.

— Talvez eu acredite mais em Sarah do que em você.

Venn lançou um olhar firme a Jake. Depois se aproximou e sentou-se à mesa. No silêncio, só se ouvia o crepitar do fogo e o som do chá sendo servido — era Piers enchendo sua caneca.

— Conte ao garoto, Excelência — disse o homenzinho, calmamente. — Conte a todos. A hora é esta.

Quando voltou a falar, Venn não olhou para ninguém. Contemplando o fogo, falou com firmeza para as chamas:

— De acordo com Harcourt Symmes, o espelho permite a viagem no tempo. Segundo minha teoria, ocorre uma distorção da dimensão espaço-tempo, mas isso não explica... tudo. Bom, a questão agora não é essa. O fato é que herdamos os destroços do sonho de um excêntrico e tivemos que reconstruir a parafernália toda praticamente do zero. Foi David quem encontrou o espelho. Estava no catálogo de um leilão em Durham. Lote 86. *Caixa contendo um espelho vitoriano, fiação, maquinário complementar et cetera*. O *et cetera* era o diário de Symmes, dois braceletes de prata e alguns arquivos com cálculos e anotações. Parecia ser apenas lixo, mas David se interessou em participar dos lances e comprou o lote completo por vinte libras. Depois, trouxe o espelho para cá e começou a ler o diário. Passava a noite toda acordado, lendo. Ele ficou muito empolgado com o equipamento, o tal Cronóptico, como Symmes chamava. Eu estava... Bem, eu não estava interessado em nada. Talvez ele tenha pensado que o espelho conseguiria tirar Leah da minha cabeça. Então começou a ficar obcecado pela ideia, acreditando que aquilo poderia realmente funcionar.

“Não foi preciso muito para me convencer. Naquela época eu estava vivendo na mais profunda

escuridão, meses e meses de um inverno sem fim. O projeto foi como um brilho de esperança. Como finalmente perceber que o sol não demoraria a nascer outra vez.

“Mas precisávamos de ajuda. Por isso convoquei Piers, que é habilidoso com as mãos. Ele e David trabalharam no aparelho, leram, fizeram testes e passaram horas e mais horas a fio acordados. Foi um processo longo e difícil, ainda mais porque eles também tinham que cuidar de mim: na época eu estava a ponto de... me matar.”

Venn calou-se por um momento; Sarah olhou de relance para Jake, que estava sentado de braços cruzados, ouvindo, sem demonstrar pena.

— No primeiro teste — continuou Venn —, o espelho quase explodiu. Na vez seguinte, David colocou um dos braceletes, atravessou o espelho e voltou imediatamente. Pelo menos foi a impressão que tivemos, mas ele disse que tinha voltado a 1965 e passado dois dias lá. Estava com as roupas sujas, com a barba por fazer e trazia uma foto de si mesmo segurando um jornal. Lembro que fiquei sentado ali, olhando para o aparelho... Ficamos muito impressionados... Imaginamos que, se tínhamos conseguido fazer aquilo, podíamos fazer qualquer coisa. Alterar a progressão do tempo. Mudar a história. Evitar o acidente. *Trazê-la de volta*. — Venn entrelaçou os dedos com força, tenso. — Não tenho como descrever a sensação de ter considerado a possibilidade de conseguirmos isso. Nós bebemos, sonhamos, abrimos todas as janelas da casa, dançamos e assobiamos de alegria. Mas então, dois dias depois, tentamos de novo. Depois da vitória, veio a queda.

De repente, Venn se levantou.

— Não consigo continuar. Conte tudo a eles, Piers. Dê a chave do quarto de David a Jake.

Em um rompante, ele saiu da cozinha, abaixando-se um pouco para não bater no arco baixo.

No silêncio constrangedor que se seguiu, Piers pigarreou. Um dos gatos saltou para a mesa e o cutucou com a cabeça. Piers pôs-se a acariciar o bichano preguiçosamente.

— Bom, o que aconteceu deixou Venn muito abalado. Tanta esperança, depois tanto desespero. Mas seu pai é um homem determinado, Jake, e ele queria desesperadamente ajudar o amigo. Aconselhei David a não fazer uma nova tentativa até que tivéssemos terminado a teia, porque ficou claro que o poder da máquina poderia sugar todos nós se não contássemos com um dispositivo de segurança, mas ele não queria esperar. David colocou o bracelete de prata e nós ativamos o Cronóptico. Houve um tremendo estrondo, e todas as luzes da casa explodiram. Então eu soube. Nós tentamos, Jake, acredite. Tentamos de tudo, mas David tinha desaparecido. E o espelho estava negro, duro e vazio.

Jake ficou em silêncio. Sem erguer os olhos, virou a caneca com o dedo indicador.

— O que você fez? — perguntou o garoto.

— Esperei, esperei, esperei. Ele nunca saiu.

Wharton se recostou na cadeira, fazendo-a ranger.

— Devo dizer que isso tudo parece inacreditável — disse.

— Não, não parece — retrucou Jake, sacando a carteira de pele de crocodilo. Ele puxou da carteira uma foto, que colocou sobre a mesa. — Essa história explica tudo.

Sarah virou a foto para cima e a observou. Sua reação foi de espanto.

— Ele pediu para alguém tirar a foto? — perguntou ela.

— Chegou junto com um bilhete escrito pelo meu pai. Alguém me enviou isto. — Ele se virou para Piers: — Foi você, não foi?

Piers deu de ombros, embaraçado. Seu corpo, já pequeno, pareceu se encolher.

— Fui eu, sim. Mas, pelo amor de Deus, não conte a Venn. Já estou encrencado demais.

— Você deveria enfrentá-lo. Ele não é seu dono — resmungou Wharton.

— Na verdade, é sim.

— Mas por que você mandou a foto? — perguntou Sarah, baixinho.

— Para conseguir trazer Jake para cá. Imaginei que a presença dele afetaria o espelho. E eu estava

certo.

— Venn mentiu para a polícia — disse Jake, sombrio. — Meu pai não sumiu após deixar esta casa.

— Depende da sua forma de ver as coisas. Não podíamos deixar que policiais viessem e vasculhassem a casa. Eu sinto muito, Jake. Sou especialista em fazer tudo errado.

— Venn nem se importaria.

Piers se levantou.

— Meu senhor não estava em condições de se preocupar com ninguém. — Ele foi até a parede, pegou um molho de chaves e separou uma. — Eu o vi passar noites a fio sentado diante daquele espelho, bebendo, esperando. Levamos meses para voltar ao ponto onde tínhamos parado. Mas os resultados de ontem à noite me mostraram que ainda temos chance... Então tenho certeza de que ele vai tentar de novo esta noite.

Sarah ergueu os olhos para ele, alerta.

— Mas já?

Jake puxou a foto suavemente da mão de Sarah e a guardou de volta na carteira.

— Bom, desta vez eu é que vou usar o bracelete. Nem Sarah, nem Venn.

Piers entregou uma chave a ele.

— Isto é para você. É do quarto do seu pai.

Jake pegou a chave, mas, antes que pudesse responder, o som súbito de um alarme assustou a todos, irrompendo, em pulsos estridentes e altos, pela casa silenciosa.

— O que é isso? — perguntou Sarah, levantando-se tão rápido que chegou a derrubar a cadeira.

— O portão — respondeu Piers, na mesma hora virando-se e saindo às pressas da cozinha.

Sarah correu atrás dele, cruzando a copa até chegar à área do que antigamente fora uma leiteria. Monitores e um teclado haviam passado a ocupar os frios balcões de mármore.

Os longos dedos de Piers digitavam agilmente no teclado. Sarah olhava fixamente para a tela, observando o portão de ferro forjado. A câmera captava a imagem do alto, de um ângulo estranho, por uma lente suja e empoeirada. Não havia ninguém lá.

— Estranho — disse Piers.

Manipulando o sistema, ele movimentava a câmera da esquerda para a direita, de cima para baixo. Eles viram a estrada de terra, com seus dois sulcos contínuos, a alta cerca viva, arbustos secos e algumas marcas de pneu no chão lamacento. Depois, o pilar esquerdo, com o leão de pedra no topo.

— Não tem ninguém lá — disse Sarah, tensa.

— Bom, alguma coisa acionou o alarme.

— Uma raposa?

— Talvez.

Piers acionou um comando e a imagem começou a tremer de leve. Pelo relógio digital no canto da tela, Sarah viu que ele estava voltando o vídeo.

— Quer dizer que é possível voltar no tempo — disse ela, arriscando uma brincadeira.

— O tempo mortal é apenas uma imagem. Uma captura de imagens. — Ele parou o vídeo em uma imagem. — Olhe só! Está vendo? O que será aquilo?

Um vulto. O contorno de uma forma escura, de pé no desordenado emaranhado das sebes altas. Alguém imóvel, borrado na imagem granulada, estava bem ali, mas no instante seguinte sumira, tão rápido que poderia ter sido apenas o movimento de galhos e ramos.

Sarah ficou encarando a tela. Era Jano, ela sabia.

Piers tinha uma expressão grave de preocupação.

— Houston, temos um problema. Sarah, me diga: na sua opinião, aquilo parece um homem com uma cicatriz no rosto?

— Por quê?

— Um sujeito assim andou rondando a propriedade nos últimos meses. Talvez seja um dos homens de Sol, mas tenho medo de que ele saiba de alguma coisa.

— Quem é Sol?

Piers deu uma risadinha nervosa.

— Você não vai querer saber.

Sarah não respondeu. Estava reparando nas marcas de pneu em uma poça de lama em frente ao portão. Mesmo naquela imagem turva ela distinguiu as pegadas. Pegadas largas, de patas.

— Pode ser qualquer um — disse ela em um sussurro.

CAPÍTULO 12

Na fase inicial da Revolução, Jano atuou de forma furtiva, sub-reptícia. Ganhou poder, começou a delatar antigos aliados. Não se sabe como tomou posse do Cronóptico, sabe-se apenas que, em algum momento, começou a utilizá-lo para experimentos. O que nos leva a crer que tenha chegado a criar mil Replicantes, muitos de si próprio. O mais jovem de que se tem conhecimento é uma versão de dezenove anos, que detém a natureza cruel e astuta de seu Original. No entanto, sua maldade ainda não amadureceu por completo. Supõe-se que, tal como todos os outros Replicantes, seja imortal.

Transmissão ilegal de ZEUS: Biografia de Jano

— Para começar, ela não é sobrinha do Piers.

— Isso eu deduzi.

Mesmo emperrando um pouco, Jake girou a chave na fechadura e abriu a porta do quarto do pai. O cômodo estava às escuras. Ele foi até a janela e abriu também as cortinas.

A pálida luz de inverno revelou uma cama e uma elegante cômoda, sobre a qual havia um kit de barbear, seus itens perfeitamente arrumados. Um pente e uma escova ainda com alguns fios de cabelo jaziam sob uma fina camada de pó.

Jake não tocou em nada disso. Em vez disso, dirigiu-se ao guarda-roupa.

— Sim, mas descobri exatamente quem ela é. — Wharton sentou-se na cama, pensativo. — E preciso avisá-lo, Jake, não tem nada de bom nisso.

Mas Jake não estava ouvindo. O cheiro de seu pai pairava nas roupas guardadas; emanando dali de dentro, foi como se o abraçasse, invocando lembranças que ficaram presas na garganta. A loção pós-barba e os cigarros franceses baratos formavam aquele indefinível amálgama embolorado que constituía David Wilde. Sempre brincando, sempre disparando algum trocadilho péssimo e pregando peças bobas.

Ele estendeu a mão e tocou nas roupas penduradas, já levemente enrijecidas pelo abandono: o velho paletó de tweed comprado em algum brechó de Oxford, a camisa xadrez, o sobretudo preto que, segundo o pai, deixava-o como um perfeito Bob Dylan em sua fase pré-guitarra. Na parte de baixo, em pares fortuitos, as botas e os sapatos de David, os tênis largados como se ele tivesse acabado de tirá-los dos pés.

— Jake? — Wharton havia se aproximado. — Você está bem?

Não, não estava. Ele viu as roupas ficarem borradas. Queria afagar as peças, enfiar o rosto nos tecidos, inalar aquela paternidade quente e surrada. Queria vasculhar os bolsos e pegar cada papel de bala amassado, cada bilhete de trem rasgado que o pai havia tocado. Mas Jake não podia fazer isso, não com Wharton ali. Aquilo teria que esperar.

— Vou me mudar para este quarto — decidiu.

— Bem, acho que Venn não vai se importar. Mas, Jake, por favor. É importante.

Relutante, Jake fechou o guarda-roupa e se virou.

— Eu vi no jornal local — disse Wharton, entregando a matéria que havia recortado.

Jake pegou o recorte e observou a foto.

— Parece ela, mas...

— Está de cabelo cortado agora. Leia.

Jake parou e permitiu que seus olhos percorressem o texto por alto... *Psiquiátrico... criminosa... desaparecida*. Quando terminou, estava tenso, tamanha concentração e surpresa.

— Que coisa mais esquisita. Ela é uma fugitiva e Venn resolveu escondê-la aqui?

— E não foi por piedade. — Wharton parecia desconfortável ao continuar: — Ouvi Venn gritando com Piers. Esse seu padrasto quer fazer uma série de testes com Sarah, porque ninguém sentiria falta dela. É puro interesse, Jake. Ele está tão desesperado que faria qualquer coisa para conseguir o que quer. Será que ele acredita mesmo que assim vai conseguir trazer a esposa de volta?

— Como assim?

— Está na cara que é isso. — Wharton olhou tristemente para os próprios sapatos. — A mulher dele morreu em um acidente de carro, e era ele quem estava dirigindo. Foi culpa dele. Ele deve estar se consumindo por dentro de tanto remorso. Esse tipo de tragédia é capaz de deixar qualquer um meio perturbado, e antes disso ele já tinha uma personalidade tempestuosa.

Jake foi até a janela e olhou para fora.

— Ele acha que pode mudar o passado? Voltar para um momento anterior ao acidente e impedi-lo? Isso é fantasia. Historinha de contos de fadas.

— Fadas não existem. O Cronóptico, sim.

Jake não tinha tanta certeza disso. Afinal, e quanto aos shees? Ele virou-se e questionou:

— Mas por que ela aceitaria se meter nisso?

— Sarah? Talvez ele a esteja pagando.

— Mas ela viu o passado. Você mesmo ouviu...

Wharton estava olhando para ele com pena.

— Ah, Jake, por favor! Você acredita mesmo nela? Pense só: a garota quer ficar escondida aqui. E, para isso, vai dar a Venn o que ele quer. É só dizer que teve uma visão incrível e pronto. Qualquer um que já tenha visto alguma novela de época consegue inventar uma bobagem daquelas. Ela está entrando no jogo, e Piers parece não se importar em fazer parte de tudo isso, embora aquela história de gênio da lâmpada comprado seja um mistério para mim, tenho que confessar.

Jake franziu o cenho, considerando a explicação. Então foi até a cômoda e abriu a primeira gaveta. Camisetas dobradas. E, voltado para baixo, um porta-retratos de prata.

— Aliás, como você foi parar lá, junto com eles? — perguntou. — Venn convidou você a participar do teste?

Wharton pigarreou, envergonhado.

— Ah, pois é. Bem... eu... fiquei preocupado com a garota. Fiz questão de acompanhar tudo.

— Que herói — ironizou Jake, olhando de relance para o professor. Então desviou o porta-retratos.

O zoológico.

Um sapeca Jake Wilde de sete anos tomava sorvete de chocolate, lambendo a casquinha. O bebê chimpanzé nos braços do funcionário do zoológico. Uma mulher esguia, de calça branca e camisa azul, cabelo curto e escuro, sorriso no rosto.

A mão dela na cabeça do menino.

Jake ficou contemplando a fotografia. Fazia tanto tempo que não via sua mãe que ela lhe parecia uma estranha.

Aquilo era o passado. O único que havia restado. Capturado pela luz, congelado em uma imagem estática. Inacessível. Mas e se fosse possível voltar àquela cena? E se fosse possível retornar àquele lugar e ser aquela pessoa outra vez, se fosse possível reviver aquele momento e ainda torná-lo melhor, sem os comentários imbecis, as discussões, os erros? Não valeria a pena assumir todos os riscos do mundo em troca disso?

Com muito cuidado, Jake botou o porta-retratos de pé no tampo da cômoda, ao lado dos outros. Então, de súbito, se virou para Wharton:

— E agora? Qual o nosso plano?

— Ao que parece, Venn vai fazer mais uma tentativa hoje à noite. E nós dois estaremos lá. Não vou permitir que ele se aproveite da Sarah, nem de você.

Jake deu de ombros.

— Se o que você diz é verdade, ela é que está se aproveitando dele.

Uma batida na porta. Sarah enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

— Telefone para você, Jake.

Ele foi correndo atrás de Sarah: será que ela tinha escutado algum trecho da conversa? Então se lembrou de Maskelyne e parou no meio do caminho.

— É um homem?

Sarah olhou de relance para trás antes de responder:

— É Rebecca. — Ela fez uma careta de desdém. — Toda cheia de segredinhos e querendo falar com você e só com você.

“Está com ciúmes?”, ele teve vontade de perguntar, mas desistiu; seria muito bobo de sua parte. Apenas esperou Sarah sumir no final do corredor e então pegou o fone.

— Oi.

— Jake! Está tudo bem com você? — Rebecca pareceu aliviada ao falar com ele.

— Sim. Você podia ligar para o meu celular.

— Eu tentei! Mas aí não dá sinal de jeito nenhum. Olhe, você contou sobre o tal Maskelyne para Venn? Quer dizer, sobre a arma...?

— Ainda não. Mas cuidado, pode ter alguém nos ouvindo. Esta casa tem um sistema de segurança que daria inveja à própria Nasa.

— Bem, eu só queria avisar você para não dizer nada a ele! Descobri uma coisa... Pode não ser nada, mas... É melhor a gente se encontrar.

Ele ouviu um farfalhar ao fundo. Uma voz próxima. Um cachorro latindo.

— Onde você está?

— Em Wintercombe. No correio. Acho que vai nevar, mas será que você pode vir aqui rapidinho?

Jake observou o céu com certa apreensão. Não estava mais azul. Nuvens pesadas cobriam o vale.

— Posso, mas vou ter que ir a pé. Tem algum atalho pelo Bosque?

Silêncio.

— Jake — respondeu Rebecca, por fim. — Não entre lá. Nunca. Entendeu?

— Você está falando igualzinho ao Venn.

— Ele tem razão. Se você fosse daqui, saberia...

— Sobre os shees?

Ela riu, mas foi um riso nervoso.

— Ah, bem, é só uma lenda. Mas várias pessoas desaparecem lá, isso é fato. Não saia da estrada. Encontro você daqui a... hã... meia hora. Certo? Tchau!

E, com um clique, o telefone ficou mudo.

Jake continuou com o fone na mão por alguns instantes, esperando, mas não veio mais som algum, então pôs o fone no gancho. No mesmo segundo, Piers surgiu trazendo uma jaqueta de motociclista e um capacete. Jake o olhou com surpresa.

— Você anda de moto?

— Uma Harley. Linda e feroz. Dá a volta ao mundo em quarenta minutos. — Piers pendurou a jaqueta. Ele próprio vestia o mesmo surrado jaleco de laboratório. — O tempo está fechando — completou, dando de ombros.

Jake assentiu e subiu as escadas devagar. Assim que Piers sumiu de vista, desceu novamente, correndo, e pegou a chave da moto no bolso da jaqueta.

Ele a jogou para cima com uma das mãos e a apanhou com a outra.

* * *

NA COZINHA, Sarah pousou o fone no gancho o mais suavemente possível. Ficou ali sentada por um instante, pensativa. Será que Jake tinha visto a matéria no jornal? E quem era aquela agora, a tal Rebecca? Mas Sarah sabia por que estava inquieta. Tinha sido dolorido ouvir Jake falar sobre o pai. Porque ela também tinha pai e mãe, ambos trancados em uma das masmorras de Jano. E ela jamais poderia conversar com alguém sobre isso.

Ressentida, ela subiu a escada dos fundos e foi para o quarto.

Jake nem imaginava o que era sofrer de verdade.

O frio estava cortante. Ela estava usando os dois suéteres que Piers havia lhe arranjado, mas teve que vestir mais um casaco por cima. Então abriu o compartimento secreto no assoalho.

Pegou o caderno e a caneta preta. Hesitou por um momento, lutando contra o enorme medo que sentia.

Por fim, escreveu:

Não tenho medo de você.

POIS DEVERIA. A resposta foi imediata, ávida, como se ela o tivesse encontrado já à sua espera. As palavras surgiram em letras todas maiúsculas, fluindo pela página na diagonal.

E NÃO MINTA, SARAH. VOCÊ ESTÁ COM MEDO. VOCÊ É A ÚLTIMA DE ZEUS. TODOS OS OUTROS MORRERAM. VOCÊ JÁ DEVE SABER DISSO.

Ela tapou a boca com a mão com força. Mas não. Ele estava tentando desestabilizá-la. E isso a enfureceu. *É mentira,* escreveu. *Mentira. Mentira. Mentira.*

VOCÊ ACHA QUE CONSEGUE SALVAR O MUNDO? SER A GRANDE HEROÍNA? MEU REPLICANTE SABE ONDE VOCÊ ESTÁ. ELE NÃO VAI DEMORAR A ENTRAR NA CASA.

VOCÊ ESTÁ COMPLETAMENTE SOZINHA, SARAH. SOZINHA, COM MEDO E LONGE DE CASA. SE CONSEGUIR CUMPRIR SEU PLANO, NUNCA MAIS VAI VER SEUS PAIS NEM SEU MUNDO.

Ela escreveu tão rápido que a caneta rasgou o papel. *Acho que é você quem está com medo. Enquanto houver um de nós, você estará em perigo. Hoje terei a chance de me aproximar do espelho, poderei tocá-lo. E então...*

AH, CLARO, MAS E SE VENN DESCOBRIR SUAS INTENÇÕES?

Sarah fechou o caderno com força.

Ela tinha ouvido mais uma batida na janela? Subitamente destemida, ela se pôs de pé e abriu a persiana de supetão.

A neve caía suavemente contra a janela, pequenos e delicados fragmentos de cristal. Ela ficou olhando, hipnotizada.

* * *

AGOSTO de 1847

Já gastei muitas e muitas páginas descrevendo minhas frustrações com a máquina, meus fracassos, minhas longas noites de trabalho. Minha obsessão pelo espelho só aumenta, a tal ponto que meus antigos fantasmas não mais me reconhecem. Mas não sou o único obcecado. Minha casa sofreu ao menos duas tentativas de arrombamento. Na semana passada, eu caminhava pela New Bond Street quando um coche surgiu do nada e deliberadamente tentou me atropelar. Não fosse por um transeunte que gritou para me alertar, não fosse eu ágil, teria morrido. Obra de Maskelyne, tenho certeza, ou de seu cúmplice oriental, pois tenho certeza de que Maskelyne entrou no espelho.

Hoje à noite, no entanto, algo maravilhoso aconteceu. Ainda mal consigo descrever o incidente, tamanha minha empolgação. Tive de tomar um elixir terapêutico e repousar um pouco no jardim, respirando a brisa fresca da noite. Tive de me forçar a respirar devagar, para acalmar os batimentos acelerados do coração.

A seguir relatarei, em detalhes, o ocorrido.

Estamos a 11 de agosto. É lua cheia, e o tempo está quente. O horário: meia-noite e trinta e quatro. Eis o que se passou.

Repeti as operações de ontem à noite com a fiação reajustada e desta vez surgiu uma faísca. Um peculiar cheiro de queimado inundou a sala. Então senti uma dor fortíssima no peito, um aperto como se algo me sugasse, e recuei de um salto, pois tive a impressão de que o espelho havia ficado vazio, um abismo sem fundo. Não estava mais... ali.

E então vi uma silhueta.

Estava na penumbra do espelho, escurecida e distorcida, mas estou quase certo de que se tratava de uma figura humana, apesar dos trajés rudimentares. Uma figura de tempos remotos, primitivos.

A figura se mexeu, ergueu o olhar, me encarou. Notei que era uma moça. Uma jovem de cabelo aparado curto como o de um rapaz. O susto foi tão grande que dei um passo para trás e, quando nossos olhares se cruzaram, esqueci toda a disciplina científica e gritei. Não registrei nada, fiquei apenas olhando.

Ela falou. Um sussurro vindo do outro lado do vidro escuro. “Que lugar é este? Quem é você?”

Parecia tão apavorada quanto eu. Deve ter me tomado por algum deus selvagem, algum anjo do Antigo Testamento, sombrio e vingativo.

Agora, ao rememorar o ocorrido, lamento não ter erguido a mão e demonstrado benevolência, não ter me manifestado de forma segura e tranquilizadora. Eu estava, no entanto, tão estupefato que só tive fôlego para balbuciar, como um tolo: “Meu nome é Symmes.”

“Symmes”, repetiu ela, pronunciando meu nome como um mantra.

E sorriu.

E então o espelho voltou a ser plano e vazio.

* * *

NA MARGEM do lago, Gideão contemplava a neve.

Via os flocos se precipitarem com silenciosa intensidade, observava a neve revestir de branco os troncos, ramos e galhos caídos com uma crueldade tão gentil que quase não era possível detectar a transformação à medida que ocorria. Logo viria, em poucos minutos, a coagulação e o acúmulo da morte.

Ele compreendia aquilo. Era assim que os shees funcionavam, o mesmo frio incansável, o lento sepultamento, a congelar a alma dele. Gideão tinha consciência de que quase o haviam vencido, quase o haviam feito esquecer sua vida humana, quase o haviam convencido de que era um deles — mais do que ousaria imaginar. Eles o haviam tornado imortal, e sua humanidade estava perdida, distante e esquecida.

Ele olhou para trás.

Estavam tocando a música.

Ele saiu do Bosque, depressa, emergiu no mundo. A música era perigosa, o feitiço mais letal deles. Quem a escutasse era por ela devorado, desejava-a como que a uma droga. Bastava ouvi-la uma vez — e fazia séculos que ele a ouvia — para jamais esquecê-la... Jamais.

— Gideão?

Era Sol, ali na frente dele. Seu vestido curto estava azul naquele dia, um tom frio como o clima do

mundo. Ela tinha os braços descobertos, e os pés, descalços.

— Aonde você vai?

Gideão deu de ombros, amargo.

— Aonde eu iria? Vocês me prenderam nesta floresta...

— A floresta contém tudo. — Ela se aproximou dele, que estava todo encolhido, e o abraçou com força.

— Sempre tão melancólico, criança humana. Sempre tão triste. Mas você sabe que pode ir a qualquer lugar, fazer o que quiser. Demos liberdade a você. Você é mais livre do que as outras pobres almas daqui.

— Ele entreabriu os lábios para falar, mas ela o calou tocando-lhe a boca com seu dedo gelado. — Você quer músicas, Gideão, ou dança? Quer belas roupas? Comidas de terras distantes? Voar com os corvos e correr com as toupeiras? Tudo isso é seu. Você nunca vai envelhecer, nunca vai ficar velho, nem doente, nunca será consumido por um câncer. É a vida que todos os humanos buscam, o sonho projetado em todas as suas religiões e mitos. Você tem a eternidade. O que mais se poderia querer?

Gideão quis responder *amor*. *Compaixão*. Mas ela jamais compreenderia o significado de tais palavras. Nem ele próprio sabia se as entendia. Gideão queria gritar que aquilo não era o bastante, que ele queria gente, gente com todos os seus defeitos e irritações e paixões e desentendimentos. Queria um lugar onde o medo tivesse limites. Em vez disso, perguntou:

— Por que você me escolheu, Sol? Logo eu, entre todas as crianças do mundo...

Ela riu, afastando-se um passo.

— Você foi meu desde o início. Tocávamos nossa música para você ouvir desde o berço. Quando cresceu um pouco, você passava horas vagando pelo Bosque. Eles não conseguiam segurá-lo dentro de casa, aquela sua familiazinha patética. Você era audacioso demais para eles. E lindo. Então decidi trazê-lo para mim. Torná-lo meu, Gideão.

Ele se lembrava daquele dia. Da menina meiga de vestido verde que o pegou pela mão e o levou para longe, para as profundezas do Bosque, cada vez mais longe; de seus dedos pálidos e finos se entrelaçando aos dele com força; lembrava-se de no início ainda ter olhado para trás, pois ouvia a mãe o chamando, sua voz distante, cada vez mais distante, gritando seu nome sem parar. E de ter resistido e tentado soltar o braço.

E de que ela nunca mais o deixara ir embora dali.

— Me deixe voltar. Você consegue, se...

— É tarde demais. — Sol sorriu para ele, um sorriso plenamente calmo. — Nosso tempo é diferente do deles. Aqui fora já se passaram séculos. Sua mãe morreu, Gideão, assim como seu pai, seus irmãos e todo mundo que se lembrava de você. Morreram séculos atrás. Você se tornou uma história. Uma lenda. O garoto que se perdeu e nunca mais foi visto. Uma gravura em um livro velho. Um alerta para as mães nunca perderem os filhos de vista. — Sol deu de ombros, um movimento displicente e quase imperceptível. — Você não pode voltar. Dê um passo para fora das terras de Venn e você virará pó. Puro farelo de ossos. Você não existe mais, Gideão. Você é eterno, sim, mas também está morto há tempos. — Ela ficou de costas para ele. — Esse assunto me cansa. Venha ouvir os cantos. Mais tarde podemos cavalgar e caçar ao luar.

Sol estendeu-lhe a mão. Após um momento, Gideão enfim a aceitou.

Enquanto voltavam para o Bosque, no entanto, Gideão olhou para trás, para a neve que se estendia às suas costas, e escutou o ronco de uma moto a se afastar, seus olhos com um brilho agudo de avidez e sofreguidão.

CAPÍTULO 13

As terras de Wintercombe estão em sua família há séculos. Conta-se que a propriedade foi uma recompensa oferecida, após a Restauração, ao leal e nobre cavaleiro de Carlos I chamado Orpheus Venn, cuja família ali reside desde então. O vale, localizado entre Dartmoor e o mar, é cercado por um ar de mistério. Os habitantes da região acreditam que haja criaturas feéricas na propriedade, que um dos ancestrais de Venn envolveu-se com a Rainha das Fadas e que a família, desde então, tornou-se apenas meio humana. Quando perguntado sobre o assunto em um festival literário em Bremen, Venn respondeu com seu típico olhar gélido, afastou o microfone com um gesto violento e saiu furioso dali.

Seu temperamento é lendário.

Jean Lamartine, A estranha vida de Oberon Venn

Rebecca contemplava o anoitecer através das luzes tremeluzentes refletidas na janela da agência dos correios.

— ... A noite de Natal, os pinheiros brancos... — cantava a atendente. — Posso ajudá-la em mais alguma coisa?

— Não, obrigada.

Relutante, Rebecca saiu para a calçada, o sininho da porta soando à sua passagem, e fitou a rua. Já tinha se passado meia hora fazia um bom tempo. Era óbvio que Jake não viria.

Já estava escurecendo, e as ruas logo ficariam abarrotadas de neve. Ela foi até a ponte, reparando no cobertor de nuvens que pesava sobre a cidade; as velhas casas, a igreja e o pub pareciam se encolher sob aquele manto. Estava mais frio do que no dia anterior. Sua respiração saía em pequenas nuvens, e, quando alcançou o rio, ela viu que a água jorrava uma espécie de espuma sobre as pedras, onde cintilavam os respingos já congelados.

Rebecca debruçou-se no parapeito e olhou lá para baixo. O rio Wintercombe era mal-assombrado. Sempre a atraía, suas águas escuras e lodosas escorrendo do pântano, cortando a garganta profunda que se estendia à frente até alcançar o mar. Endireitando-se, Rebecca pegou um pequeno objeto do bolso e segurou-o sobre a água.

Era um pen drive. Continha todas as suas anotações das aulas da faculdade, todos os trabalhos que fizera, todos os materiais que produzira para apresentações e seminários. Um ano inteiro de esforços. Um ano inteiro de ausência.

Bastaria abrir a mão.

E deixar cair.

Algo tocou seu rosto. Ela levou um susto e afastou-se bruscamente do parapeito, mantendo o pedaço de plástico firme na mão, mas sentiu outro toque. Ao olhar para cima, notou que a neve tão aguardada havia finalmente chegado.

Os flocos caíam silenciosos, implacáveis, como ela tanto gostava. Aterrissando no parapeito de pedra, derretiam devagar, formando pontos de umidade em formato de estrelas.

Wintercombe congelaria naquela noite.

Outro movimento. Dessa vez, atrás dela. Rebecca virou-se já pronta para brigar com Jake pelo atraso.

Mas quem viu foi um homem, parado ali na ponte.

Estava a um metro de distância; vestia um casaco escuro e um chapéu que lhe encobria o rosto. Imóvel sob o pálido reflexo da neve, ele a observava.

A ponte era estreita. Não havia como passar pelo homem. Ela deu um passo para trás, no mesmo momento que o homem a chamou:

— Rebecca.

A neve ocultava os traços dele. Rebecca olhou de relance para trás: a rua principal do vilarejo estava vazia.

— Ele vem?

Maskelyne avançou um passo na direção dela.

— Acho que não — respondeu Rebecca. — Onde você estava com a cabeça? Uma arma! Ficou doido, por acaso?

— Provavelmente. Foi... um gesto de desespero... Se bem que aquilo não teria feito nem um arranhão nele... Deixei o garoto escapar de uma vez por todas?

Impaciente, ela deu de ombros.

— Jake não é do tipo que se assusta fácil. E você não deveria estar aqui. Vai que ele nos vê juntos...

Maskelyne tirou o chapéu, revelando o cabelo úmido de neve.

— Rebecca, o que era aquilo na sua mão?

Ela apertou o pen drive dentro do bolso. Então, lentamente, tirou a mão do bolso e pôs o pequeno objeto sobre o parapeito. O vento o empurrou de leve; Maskelyne avançou e rapidamente pegou o pen drive.

— Seus trabalhos na faculdade.

— Não é nada importante.

— É sim. — Ele lhe devolveu o pen drive. — Não desista da sua vida por um sonho. Por minha causa. Não perca tudo por causa de um homem que vai embora assim que puder.

Rebecca deu de ombros, sem saber o que dizer.

Maskelyne se debruçou sobre o parapeito.

— Jake desconfia de você?

— Não. — Ela enfiou as mãos enluvadas nos bolsos do casaco. — Mas pode ser que eles o tenham impedido de vir. Talvez Venn. Será que eu devo ligar de novo?

Maskelyne fez que não.

— Venn tem a cautela de um homem acostumado com o perigo. E se, como você disse, o Cronóptico tiver dado sinal de vida ontem à noite, ele deve estar muito ansioso. Louco para tentar de novo. — Maskelyne olhou para cima. — Vai ser hoje, porque ele acha que pode usar a culpa que sente, a dor que sente, para obrigar o espelho a funcionar. Ele não faz ideia do que pode causar...

— E você faz?

— Mais do que ninguém.

Maskelyne virou o rosto, e Rebecca viu a terrível cicatriz que cortava sua face.

— Jake acha que estou do lado dele. E *estou*. Não gosto de...

— Não precisa se sentir culpada. — Ele então parou e mudou o tom: — Eu nunca devia ter envolvido você nessa história.

Então o olhar de Maskelyne subitamente se concentrou em algo atrás dela.

— Ouviu isso? — disse ele.

Ela se virou. A cidade havia desaparecido em meio à suave nevasca. Rebecca não ouvia nada além do silvo da neve caindo. E então, estranhamente amplificado, um latido agudo. Breve e contido. Passos. A respiração pesada de algum animal grande e exaltado.

Maskelyne agarrou-a pelo braço, e ela viu o medo tomar conta do rosto dele.

— Venha. Rápido!

A urgência crua no tom de voz dele a despertou da imobilidade. Antes mesmo que ela se desse conta, os dois estavam correndo pela ponte estreita, suas sombras tremulando sob o único poste de luz. No meio da ponte, três passos adiante, ficava a minúscula cela de pedra que séculos antes era usada como abrigo para bêbados. Maskelyne pulou e se lançou contra a velha porta, que se partiu, e em um segundo ele havia passado pela fenda como uma sombra, levando Rebecca consigo.

O espaço mal comportava os dois: um buraco fétido e escuro como breu. Ela se virou, assustada, mas Maskelyne já estava travando a porta com uma tábua.

— Me ajude aqui! Antes que o bicho fareje nosso rastro.

Ela forçou a tábua com o pé.

— Farejar? É um cachorro?

— Um lobo temporal.

Ofegante, Maskelyne se apoiou na parede curva de pedras.

Com o coração aos pulos, Rebecca reparou no fraco risco de luz crepuscular que vazava por sob a porta. Uma perturbação no fluxo de neve; no instante seguinte, uma sombra surgiu.

Maskelyne prendeu a respiração. Ambos ficaram em silêncio absoluto.

Na escuridão, apenas os números do relógio de Rebecca brilhavam, um pequenino círculo de tempo. Ela manteve o corpo rígido contra a gelada parede de pedra. Cada músculo de seu corpo estava travado pela tensão.

A sombra bufou por baixo da porta. Patas e garras arranharam o solo e a porta.

E então uma voz disse, tão próxima que a fez dar um pulo de susto:

— Eu sei que vocês estão aí.

* * *

JAKE só conseguiu chegar até a árvore caída antes que a moto começasse a engasgar e parasse. Ele arrancou o capacete e verificou o mostrador de combustível.

Vazio.

Inacreditável! Estava cheio. Ele tinha certeza.

A neve caía no painel de vidro. Jake o limpou, mas a pequena linha vermelha era bem nítida. Com raiva, ele largou a moto, que caiu de lado.

— Humm, não precisava disso.

Era Piers, sentado no tronco caído, as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, observando a tudo, os olhos brilhantes como moedas.

Jake ficou pasmo.

— Como você chegou aqui?

— Talvez eu tenha pegado um atalho. — O homenzinho pôs-se de pé, o jaleco branco salpicado de neve. — Você achou que eu fosse tão idiota assim, Jake?

Os dois ficaram se encarando. Por fim, Jake soltou um suspiro, levantou a moto, deu meia-volta e começou a empurrá-la de volta para a casa.

Piers riu.

— Você está aprendendo. Isso é ótimo.

* * *

— É CLARO que estou pronta — explodiu Sarah, uma hora depois.

Ela lavou a faca sob a torneira, juntou as cascas de batata em um montinho e secou as mãos. Piers a observava.

O homenzinho coçou a barba rala.

— Sei que é um pouco cedo, depois do susto de ontem. Se dependesse de mim, esperaríamos um pouco, mas... — Ele deu de ombros.

Sarah dirigiu a ele um olhar vago.

— Algumas pessoas não podem esperar — disse ela, o olhar distante.

— Algumas pessoas já esperaram demais — disse Venn, que observava a cena da arcada que dava para a cozinha. Seus olhos estavam fixos em Sarah. Ignorando Piers, ele avisou: — Vai ser sua última vez, Sarah. Se der certo, eu mesmo vou usar o bracelete de serpente. Você vai poder ir embora.

A dispensa a deixou apreensiva, mas ela sorriu.

— Você está muito seguro.

— Tente descrever o que você vê na hora. Piers vai prolongar sua exposição o máximo possível, até que a rede fique tesa. Não vamos correr o risco de perdê-la lá dentro.

— Não vai correr o risco de perder o bracelete, isso sim — retrucou Sarah, amarga. — Sei qual é o meu valor.

— Você concordou com isso tudo — devolveu ele.

— Concordei. Mas e quanto a Jake? Para ele, há uma questão pessoal envolvida.

Venn ficou impassível. Depois disse:

— Vou encontrá-lo.

Piers pegou o pano de prato e dobrou-o mais uma vez, com cuidado.

— Excelência, mais uma coisa: os alarmes. Tinha algo vigiando o portão hoje mais cedo. Precisamos tomar cuidado. Se for...

— Pode ser o diabo em pessoa. Pouco me importa. — Venn deu as costas para os dois. — Cinco minutos. Vamos testar esse espelho até o limite.

Ele saiu. Sarah ficou imóvel, vendo-o se afastar.

— Você andou lendo o diário do Symmes — comentou Piers, baixinho.

A afirmação foi tão repentina que ela não conseguiu desmentir.

— Sim... Eu achei o diário... Nem cheguei ao final. Entreguei a Jake.

— Não tem final. O relato acaba no meio de uma página queimada. Dizem que Symmes também desapareceu. — Piers olhou para ela. — Se não estiver confortável com isso...

— Eu estou bem. — Ela olhou para o vão da porta, agora vazio. — Estou pronta. Foi a isso que me propus.

* * *

A MAÇANETA girou devagar. Rebecca engoliu em seco. Maskelyne, uma sombra ao lado dela, não se mexeu.

O lobo rosnou, um som grave. Rebecca e Maskelyne viram as garras longas e afiadas esgueirando-se por baixo da porta, o longo focinho saboreando o cheiro das presas. E então a fera foi arrastada dali. Com um estrondo que fez o coração de Rebecca parar, alguém chutou a porta.

— É você, Sarah? Se bem que... não é possível.

A voz estava tão próxima que, não houvesse uma porta ali, Rebecca certamente poderia tocar a pessoa. Era a voz de um jovem, um sussurro intrigado.

— O lobo farejou vocês. Vocês são fantasmas da cidade? Algum eco do retardo?

A porta tremeu novamente. O lobo ganiu.

— São Replicantes? Ou são viajantes vagando pelo tempo?

Maskelyne levou os dedos aos lábios de Rebecca, ordenando silêncio.

Uivos e arranhões.

O ronco débil de um carro passando.

O leve, levíssimo assobio da neve caindo.

Nem ela nem Maskelyne mexeram um músculo, porque sabiam que o desconhecido ainda estava ali, atento a qualquer som, uma leve penumbra no limiar da porta.

Finalmente, após um longo instante, a voz sussurrou:

— Se forem viajantes, meu conselho é fazer a *jornada de volta*, e façam o mais rápido possível.

Vivemos tempos perigosos para desconhecidos.

E então restou apenas a neve.

Após cinco demorados minutos, Maskelyne murmurou:

— Foi embora.

Ele se curvou e afastou a tábuca. Ao empurrar a porta, bastante neve caiu, e eles viram que a escuridão já havia tomado conta da ponte. Maskelyne saiu com cautela e, após alguns instantes, acenou para Rebecca.

Ao sair dali, ela notou que, apesar do vento, a camada de neve era densa. A ponte estava coberta de branco. As pegadas de um homem e de um lobo, que os flocos gelados iam rapidamente preenchendo, seguiam em direção a Wintercombe Abbey.

Rebecca enfim soltou o ar dos pulmões.

— Quem era ele? O que era aquela criatura?

— Aquilo não era um homem. *Era a cópia de um homem*. Pelo jeito, não sou o único que está à procura do espelho. — Maskelyne voltou-se para Rebecca, e ela viu a preocupação no rosto dele. — Além de Jake e do tutor dele, tem mais alguém na casa?

Rebecca deu de ombros.

— Só uma garota. — Ela franziu o cenho. — Sarah, o nome dela.

* * *

A PORTA se abriu.

Jake ergueu os olhos das páginas do diário de Symmes, a mente ainda voltada para o homem da cicatriz e o espelho. Os livros de seu pai estavam espalhados pelo carpete, todos abertos. Ele havia pegado todas as cartas que encontrara, todas as anotações e fotografias. De início, estava procurando qualquer coisa sobre o Cronóptico, mas acabou apenas lendo e remembering.

A dor da perda devia estar evidente em seu rosto, pois Venn ficou em silêncio por alguns instantes, o olhar percorrendo a sala escura com certo desconforto.

— Vamos tentar de novo. Agora. Se quiser ir...

Havia certa má vontade no convite. Mas Jake aceitou. Afastou os livros e se levantou.

— Estou surpreso por você querer minha presença lá.

Venn deu de ombros.

— Eu não quero. Mas David ia querer.

CAPÍTULO 14

*Ele trazia a neve, chamava o frio,
Lagos e rios fazia congelar,
Tirava a vida das aves do estio,
Pés e mãos fazia arroxear.*

*Se não posso jamais descansar,
O mundo todo há de sofrer.
Feras e homens, céu e mar,
Até encontrar meu bem-querer.*

“Balada do Senhor do Inverno e da Dama do Verão”

A serpente prateada envolveu o pulso de Sarah como se fosse a mão de uma pessoa invisível, mas desta vez ela estava preparada. Tinha os olhos fixos no espelho de obsidiana.

Dentro da escuridão convexa da superfície de vidro ela via a sala, deformada e desfocada, um borrão de formas na penumbra da tarde de inverno. Via nas janelas refletidas a neve caindo lá fora, suave e constante.

Todos a observavam: Piers, ao computador; Wharton, empoleirado em uma poltrona quebrada; e Jake, recostado na parede de pedra, os braços cruzados na defensiva após a feroz discussão que tivera com Venn. Jake tinha insistido que deveria ser ele próprio ali no lugar de Sarah.

Entretanto, Piers mandara que os dois calassem a boca e colocara o bracelete no pulso da jovem.

Venn recuou um passo e perguntou:

— Nada ainda?

— Não.

O som era abafado pelo carpete fofo, colocado ali para o caso de o espelho cair.

E se caísse?, ela se perguntou. Será que seria suficiente?

— E agora? — voltou-se Venn para Piers.

— Menos resposta do que antes. Eixo temporal estável. Sem flutuações.

As mãos de Sarah suavam. Ela encarava fixamente o espelho, desejando que uma transformação ocorresse ali, rezando para que algo acontecesse naquela superfície teimosamente sólida. Ao olhar de relance para Wharton, percebeu o crescente silêncio de descrença do professor. Ele era muito mais perspicaz do que parecia. Será que havia contado a Jake sobre ela?

A sala estava escura, uma densa rede de cabos costurando o espaço que a separava do Cronóptico. Os pilares da construção elevavam-se até sumir nas sombras, os capitéis adornados com folhas de hera se desfazendo e bolotas de carvalho entalhadas. Sob algumas, rostos de homens verdes espiavam de trás de arbustos, ramos de folhas brotando de suas bocas.

Também eles a observavam.

Piers soltou um suspiro.

— Nada. Acho melhor fazermos um intervalo.

— Não! — foi o grito de Sarah, ecoando o de Venn.

— Não — repetiu ele, andando de um lado para o outro atrás de Piers. — Vamos aumentar a potência.

— Não acho que isso seja prudente, Excelência. Já está no máximo, e...

— Não discuta comigo! — interrompeu-o Venn. — Obedeça!

Wharton ficou de pé e se manifestou:

— Acho que...

— Ninguém perguntou nada a você — disse Venn, virando-se para Wharton; sua figura era esguia e de uma imponência sombria. Ele se aproximou de Sarah. — Esteja preparada. Pode haver alguma reação forte. Se sentir alguma coisa, é só falar. Se não conseguir falar, é só levantar a mão que desligamos tudo. Entendeu?

— Quero deixar claro — insistiu Wharton — que sou totalmente contra essa linha de ação. Jake, o que me diz?

Jake encarava Sarah ao responder, baixinho:

— Vamos em frente.

Ele sabe. Enquanto registrava a surpresa de Wharton, Sarah teve um lampejo de compreensão em meio ao medo que sentia. *Jake sabe que não sou quem eu digo ser. E ele está disposto a me sacrificar, se isso trazer seu pai de volta.*

Venn já havia se sentado ao painel de controle, que era uma confusão de mostradores e fios da era vitoriana entremeados com cabos modernos. Depois de ajustar alguns ponteiros, ele anunciou:

— Agora, Piers.

E virou-se para observar o espelho.

Aparentemente, nada aconteceu, apenas o ar parecia cáustico, com gosto de metal. Jake desencostou o corpo da parede. Um chiado que ele mal havia notado crescia agora em seus ouvidos, em seu crânio, caminhando para um ápice estridente e subsônico de intensa irritação.

Sarah estava imóvel, concentrada no espelho.

Então fez um leve movimento, como se sentisse dor.

— O que foi? — perguntou Jake.

Os olhos dela permaneceram fixos no próprio reflexo estampado na superfície curva.

— Está começando — respondeu Sarah.

* * *

DEITADO no alto do muro de Wintercombe Abbey, Gideão observava a neve se depositar no teto de um carro ali embaixo. Bastaria esticar as pernas e pular. Ele aterrissaria tranquilamente, com neve até os tornozelos. Estaria livre.

Mas ele não ousava fazer isso.

Entre ele e aquela aterrissagem segura havia séculos de dias e noites, sóis nascentes, luas poentes. Tantas gerações haviam se sucedido que praticamente mais nada era o mesmo no lugar onde ele nascera. Ele afastou dos olhos o cabelo sujo e apoiou o queixo nas mãos.

Seria mesmo verdade ou mais uma das mentiras dela?

Ele se desmancharia em pó, a velhice cairia sobre ele assim que seus pés tocassem o mundo exterior? As terras de Venn seriam mesmo um reduto avançado e protegido da Terra de Sol, reservando apenas morte aos que ultrapassassem suas fronteiras?

Só havia um jeito de descobrir. Ele se levantou, equilibrando-se.

Dali, Gideão podia ver o cata-vento da torre da igreja de Grimsby Deep, a quilômetros de distância. A igreja em que ele tinha sido batizado: o menino se lembrava vagamente de um espaço estreito preenchidos por ecos. Aquela lembrança permanecia dentro dele, mas agora a igreja devia estar muito

diferente. Dezessete anos antes, para ele. Nem um único fio de cabelo mudara em Gideão.

Todo o restante havia sofrido um turbilhão de mudanças rápidas e inexplicáveis. Casas apareceram, quase da noite para o dia. Se, antes, charretes se arrastavam pelos caminhos, agora carros aceleravam pelas ruas e estradas. Aviões, pequeninos no céu, cortavam o ar. Postes se multiplicavam. Fios esquisitos, onde as andorinhas se aglomeravam a cada outono, sussurravam ao soprar do vento frio. O que era tudo aquilo? Quando tinham surgido? Gideão não sabia. E ele também nunca havia ido além, aos lugares de onde os carros e as pessoas chegavam, de onde os aviões partiam, aqueles fascinantes pássaros prateados que voavam tão alto.

Ele havia perguntado a ela, certa vez, o que era tudo aquilo. Depois de lhe dar um beijo na testa, ela lhe respondera: “O inimigo, meu doce menino.”

— Você seria um tolo se pulasse — disse uma voz.

Gideão vacilou; então se agachou e exclamou, furioso:

— Não me assuste assim!

O shee, aguardando entre os galhos escuros de um pinheiro, abriu seu sorriso encantador. Era um macho, vestido elegantemente de azul e prata, com o cabelo comprido amarrado para trás.

— Está olhando o quê? Posso ver?

Todos eles tinham essa curiosidade infantil.

— Um carro — respondeu Gideão. — Alguém estacionou aqui. E acho que entraram.

Ele percebeu, pela quantidade de neve acumulada, que o carro estava ali fazia certo tempo. Era uma máquina escura e reluzente, cujo revestimento não emanava calor.

O shee foi até o portão; Gideão pulou para o lado dele. A criatura apontou o longo dedo:

— Olhe!

O portão estava aberto, apenas o bastante para que um homem pudesse se esgueirar para dentro da propriedade, as grades balançando muito levemente com o vento gelado. A neve já havia coberto a câmara de segurança.

— O que é aquilo? — perguntou Gideão.

— É o aparelho de adivinhação do Venn. — O shee abriu um sorriso lânguido. — Mas esse negócio não vai conseguir ver nada hoje. Nem isso aqui.

Os dois olharam para as pegadas na neve: do portão entreaberto, seguiam na direção da casa.

Pegadas de um homem. E o rastro, menos definido, de um lobo.

* * *

O ZUMBIDO alcançava os dentes e nervos de Jake. Descia por sua espinha com um arrepio. Ele queria gritar, implorar que aquilo parasse, mas se forçou a ficar quieto, os olhos fixos em Sarah. Ela fitava o espelho. Jake se aproximou, pôs-se atrás dela, mas só viu escuridão.

— Nada.

— Exatamente. — A voz de Venn era carregada de êxtase, triunfante. — Nada. *Nenhum reflexo*. Nada.

— Uma sala — disse Sarah. — Um homem; um homem atarracado, de bigode. Ele me viu. Está falando comigo.

O zumbido cresceu, um ruído ainda mais alto e mais estridente. A rede vibrava.

— Vou desligar... — falou Piers, tenso.

— *Não!* — Os olhos de Venn estavam fixos no espelho, como se ele procurasse algo. — Ainda não. Não até que eu veja. Onde é isso, Sarah? Onde?

Ela respondeu não para Venn, mas para o espelho:

— Que lugar é este? Quem é você?

A resposta não veio de ninguém que estivesse ali presente. Era uma voz fina, pomposa, estranhamente trêmula:

— *Meu nome... Meu nome é Symmes.*

* * *

O SHEE ajoelhou-se, tocou nas pegadas e cheirou-as. Então levou as mãos aos ouvidos.

— Que zumbido terrível. O que será isso?

Gideão estava se perguntando o mesmo.

— Será que é o mundo congelando?

Gideão já estava com os shees fazia tanto tempo que tinha aprendido a ouvir como eles. Escutava a chegada da noite fria, as poças do caminho de cascalho congelando infinitamente devagar, os cristais de gelo expandindo e estalando na superfície esburacada. Ouvia os pássaros pousando nos poleiros congelados, as farpas infladas de suas penas, o piscar de seus minúsculos olhos negros. Ele podia ouvir o gelo crispando, quebradiço, nas vidraças de Wintercombe Abbey.

Mas aquele zumbido era pior que tudo isso.

— Parece uma máquina humana — disse o shee, com repulsa, e se levantou.

Gideão concordou. A aversão das criaturas a metais ainda o satisfazia, mesmo depois de tanto tempo. Era a única fraqueza deles. O shee continuou prestando atenção no zumbido, seus ombros magros sendo salpicados de neve, seu cabelo, pálido como a lua, brilhando.

— Sol vai querer que a gente investigue — comentou Gideão.

— Entrar na Morada? Muitos já tentaram. Venn nunca descuida.

— Com vocês. Mas talvez eu consiga...

— Sol não permite.

Era perigoso. Aquelas criaturas eram traiçoeiras — aquele shee, então, o trairia em um instante. Então Gideão concordou, com ar solene:

— Tem razão. Além do mais, hoje tem o Festival.

Como Gideão já imaginava, o shee abriu um largo sorriso.

— O Festival do Solstício de Inverno! Eu tinha esquecido! Precisamos voltar.

A mente impulsiva daquela criatura se concentraria imediatamente na promessa de música, a terrível, atormentadora e fascinante música dos shees. A música que devorava vidas, o tempo e a própria humanidade dele, a música que o escravizava e assombrava e pela qual ele ansiava como a uma droga.

— Pode ir — disse Gideão. — Eu vou depois.

— Tenho que levar você. Senão ela vai ficar furiosa.

Os olhos de pássaro do shee brilharam. Gideão viu os dentinhos pontudos por trás de seu sorriso.

— Já estou indo. Só quero ver para onde vão essas pegadas.

O shee hesitou, aflito. Depois, concordou:

— Está bem. Mas não demore!

A criatura virou-se, e suas roupas de retalhos perderam a cor, uma camuflagem mágica. Agora vestia um paletó de arminho e veludo branco com botões de cristais de gelo prateados. O shee deu um passo para o lado e sumiu de vista.

Gideão fechou o portão com um chute.

E saiu correndo furiosamente em direção à casa.

O ruído agudo ultrapassou todos os limites do suportável, um uivo desesperador que fez Piers botar as mãos na cabeça e praguejar.

Fagulhas estouravam na escuridão.

— Desligue isso! — gritou Wharton.

Sarah estava sendo sugada, seu corpo inteiro colado com força à rede. Atrás dela, segurando-a pelos braços, Venn disse:

— Não consigo vê-lo! Ele está aí? Como ele é?

— Estou caindo! Estou caindo! — gritou ela.

O espelho havia sumido. Era um rasgo no mundo. Alguns objetos deixados sobre a escrivaninha haviam sido erguidos no ar, voado na direção do espelho e sido sugados, tudo muito rápido. Com um ruído absurdo, parte da rede se soltou; um cabo verde quase acertou a cabeça de Jake, e então desapareceu em meio a um clarão, como um relâmpago.

— Pare! — gritou Jake.

— Ainda não — disse Venn, afastando-o com um empurrão. — Estou segurando você, Sarah.

Mas ela tentava se desvencilhar dele, debatendo-se.

— Solte ela! — insistiu Jake.

Jake a segurou. Uma saraivada de parafusos veio na direção deles; Jake se agachou para se esquivar, puxando-a junto. Por um terrível momento, Jake, Sarah e Venn eram um emaranhado, os três sendo arrastados de um lado a outro. A teia verde os segurava, mas a força que os sugava era muito forte, atraía os cabelos, as mãos e o ar como um ímã gigante. Quando Jake já se sentia sufocar em uma crescente agonia, o zumbido estourou e, com uma explosão que lançou longe o garoto, o espelho voltou ao normal.

Jake tentava se manter de pé, sem equilíbrio. A nuvem de fumaça aumentava. Wharton gritou “Fogo!”. Pela visão periférica, Jake via espocarem fagulhas de um vermelho intenso...

Sarah ajudou-o a se levantar e gritou alguma coisa, mas os ouvidos dele ainda zumbiam.

As chamas se ergueram até o teto. Jake viu Piers e Wharton aparecerem e desaparecerem em meio à fumaça. Houve um chiado alto, e então algo pareceu estourar em sua cabeça, fazendo sua audição voltar. Extintores de incêndio lançavam cascatas de espuma nos cabos em curto-circuito e nas brasas flamejantes que consumiam os livros e a fiação elétrica.

E então, em um súbito e terrível silêncio, apenas o som de sua respiração.

QUANDO recuperei os sentidos, eu estava caído em meu quarto, meu servo indiano aplicando compressas terapêuticas na minha testa. O ambiente estava estranhamente escuro e cheirava a queimado. Parte da mobília estava revirada, mas, para minha surpresa, nada parecia muito danificado. Havia alguns objetos espalhados pelo chão, em brasa.

Dispensei Hassan, levantei minha cadeira e me sentei, olhando boquiaberto para o espelho. Eu tinha visto uma jovem de outra época e falado com ela.

Uma conversa através das eras.

Foi então que me dei conta de que não apenas minha vida havia mudado, mas também que o mundo havia se transformado completamente. Lá fora, postes a gás eram acesos, homens corriam para as tavernas a fim de comprar a refeição da noite, teatros abriam suas portas, o vasto populacho de Londres fervia nas ruas chuvosas. Ali, no entanto, naquele solitário cômodo de uma casa em meio a

milhões de outras, eu, John Harcourt Symmes, havia rompido as fronteiras do tempo e do espaço.

Assim, quando o tijolo arrebentou minha janela, quase gritei de susto.

O objeto aterrisou em minha escrivaninha de mogno, espalhando documentos e livros. Levantei-me de um pulo, corri até o buraco aberto no vidro estilhaçado e olhei para fora.

Ao lado do meu portão, mergulhado na sombra e nos arbustos, avistei uma figura indistinta, que, no entanto, logo sumiu.

Hassan veio correndo, acompanhado dos homens que eu havia contratado.

— Vão lá fora! — ordenei, rudemente. — E façam seu trabalho!

Rapidamente, fechei as persianas e peguei o projétil. Era metade de um tijolo; estremeci ao pensar que aquilo poderia ter estraçalhado o próprio espelho. Amarrado ao pedaço de tijolo com um barbante sujo, havia um bilhete. Desdobrei-o e li:

Você há de pagar pelo que nos roubou. Até lá, não dormirá em paz.

Amassei o papel na mão e sorri. O pobre coitado da loja, talvez. Decidi providenciar, o mais rápido possível, que a polícia desse um jeito nele.

E então, ah sim, o mundo haveria de se maravilhar com minha descoberta.

* * *

UMA leve nuvem de vapor pairava na penumbra. Jake olhou para Wharton, que, ofegante, segurava um extintor de incêndio vazio e conferia os destroços.

Fios calcinados brilhavam como pontas de cigarro.

A corrente de ar gelado soprava cinzas pela sala.

Sarah abraçava o próprio corpo, o bracelete de serpente ainda firme em seu pulso.

Venn ergueu-se com dificuldade; quase empurrando Jake para fora de seu caminho e ignorando a todos, passou por baixo da rede de segurança, aproximou-se do espelho e espalmou as mãos na superfície, encontrando ali o próprio reflexo, distorcido.

Piers saiu de trás do painel de controle, a fuligem em sua testa formando riscos em zigue-zague.

— O espelho em si não foi danificado — informou ele. Era quase um apelo. — Isto não é o fim.

Venn observava a própria imagem, as mãos desfiguradas pelo frio intenso agarrando com força o espelho negro. Por um segundo, Jake teve certeza de que ele pegaria o artefato com todas as forças e o lançaria ao chão, estilhaçando-o em milhões de pedaços. Mas Venn apenas continuou encarando os próprios olhos azuis, suas mãos espalmadas sobre aquela superfície implacavelmente sólida.

Sarah teve a impressão de que ele encarava o tormento do fracasso.

O dele próprio e o dela.

CAPÍTULO 15

Um espelho, quando polido o suficiente, torna-se invisível. Pois assim reflete em si tudo o que há, de forma que o olho enxerga apenas o que é mostrado, não a superfície que o mostrou. E se um homem torna-se duro como diamante, facetado e falho, também não mostrará nada de si, somente as imagens fragmentadas de seu mundo.

O escrutínio dos segredos, *de Mortimer Dee*

— Deixe que eu levo — disse Sarah.

Piers a observou atentamente.

— Você sofreu um choque tão grande quanto ele, menina invisível. Precisa descansar. Já é quase meia-noite.

— A última coisa que eu consigo pensar em fazer agora é ir dormir.

Sarah pegou a bandeja com a caneca e se dirigiu à porta. A casa estava em silêncio; seus longos corredores, quietos. Wharton havia se recolhido finalmente, e ela não fazia ideia de onde estava Jake. O fracasso pairava no ar, pungente como o insistente cheiro incômodo de fumaça. Estava cansada e, ao cruzar os corredores escuros, ainda sentia o terror de ser arrastada pelo espelho.

Mas aquilo tinha que ser feito.

Ela bateu na porta.

Não houve resposta.

— Venn? Sou eu, Sarah. — Ela sabia que ele não estava dormindo. — Posso entrar? Piers fez um chá para você. Ele está muito preocupado.

Ela equilibrou a bandeja em uma das mãos e bateu na porta, procurando a maçaneta, seu pulso marcado com um círculo branco de tanto que a serpente havia apertado sua pele. Abriu a porta devagar.

O quarto de Venn. Ela esperava uma bagunça completa, como a que reinava no de Jake, mas aquele era um cômodo espartano. Nada nas prateleiras, nenhuma roupa, nenhum exemplar de suas estimadas cerâmicas. Os móveis eram modernos, pretos, laqueados e brilhantes. Todas as superfícies refletiam a neve caindo.

— Quero ficar sozinho — disse ele, de costas para ela.

— Você é igualzinho a Jake. Além do mais, você não quer ficar sozinho. Parte sua deve estar muito empolgada com o que fizemos.

— Será?

Ele estava sentado em uma poltrona, de frente para a janela.

Sarah pousou a bandeja na mesa.

— Eu falei com uma pessoa do passado. É um grande avanço! Piers vai dar um jeito no espelho.

— Acabou — disse Venn. — Está tudo destruído. É o fim.

A voz dele provocou-lhe um arrepio. Ela se aproximou.

— Piers disse que o estrago não foi tão grande quanto parece.

— É mentira dele. Você pode pegar seu dinheiro e ir embora amanhã. Para onde quiser.

— Eu não quero... — ela começou, mas não terminou a frase.

Venn tinha na mão direita uma pequena arma, que segurava despreocupadamente. Ele a engatilhou e virou o cano em direção à própria barriga. O minúsculo clique reverberou no coração de Sarah.

TEC.

Tec. Tec.

A neve batia na janela. Jake a ignorava. Olhava fixamente para a brasa quase apagada na lareira do quarto, com o sagui aconchegado no colo.

Será que Sarah estava mentindo? Talvez no primeiro dia de teste, sim, mas desta vez ele tinha ouvido aquela voz, aquela pergunta queixosa. Ou não ouvira? Após o tumulto criado pela explosão, não tinha mais certeza.

Seria verdade que ela era uma doente mental, arrastando todos eles para a loucura? Não que Venn precisasse ser arrastado... E se o Cronóptico tivesse realmente engolido seu pai, David Wilde, será que eles conseguiriam trazê-lo de volta, ainda mais depois daquele desastre? Piers estava otimista, mas até ele via o estrago provocado. Se ao menos Jake se aproximasse sozinho do aparelho, talvez ele conseguisse fazê-lo reagir a sua presença.

E por que não agora, hoje mesmo?

Tec, tec.

O barulhinho rompeu a resistência de sua sonolência, finalmente chamando sua atenção. Era um ruído muito regular para ser produzido por neve ou vento, percebia ele agora. Colocou o sagui no ombro e foi até a janela para ouvir melhor.

Tec.

Abriu a persiana, com cuidado. Nada. Então afastou os livros que entulhavam o peitoril da janela e se ajoelhou ali. Horácio manteve-se firmemente abraçado a seu pescoço.

Lá fora, a neve caía em suaves diagonais, espiralando-se na escuridão. O Bosque era um vazio negro contra o céu.

Com um movimento tão brusco que fez Jake dar um grito e pular para trás, uma silhueta alçou-se até o peitoril e olhou para dentro do quarto, para Jake. Um par de olhos surgiu para logo sumir, e então uma mão bateu na vidraça.

Ele abriu a janela.

Gideão estava agachado lá fora, segurando-se nos ramos de hera. Estava branco de tanto frio.

— Você! — exclamou Jake.

— Eu falei para deixar uma janela aberta!

Jake ignorou a reclamação.

— Entre antes que você caia daí — respondeu.

— Não posso. Você tem que me puxar para dentro.

O vento uivava entre os dois.

— E por que é que eu faria isso? — perguntou Jake, soando irritado.

— Porque há séculos ninguém faz isso. — Os dedos de Gideão estavam escorregando, brancos de tanta força que ele fazia para continuar segurando os ramos de hera, os olhos verdes como as folhas. — E porque eu salvei você da Sol e paguei o preço por ter feito isso. Você me deve uma.

Jake ficou olhando-o fixamente.

Então debruçou-se no parapeito, pegou a mão do garoto e o puxou para dentro.

FALANDO baixo, tão baixo que mal conseguia ouvir a própria voz, Sarah disse:

— Pelo amor de Deus, seja mais...

— ... cuidadoso? — completou Venn, sem olhar para ela. — Tarde demais. Eu deveria ter sido cuidadoso três anos atrás. Agora talvez seja melhor acabar com tudo. Quem iria se importar?

— Eu me importaria. E Piers. — Sarah sentou-se na cama, teimosamente calma, sem desviar os olhos dos de Venn. — Não seja maluco.

— Veja quem fala. A garota que acha que fica invisível.

Sarah não sorriu.

— Me fale sobre Leah — pediu ela.

Era um risco enorme. Por um momento Sarah pensou que Venn realmente atiraria em si mesmo bem diante dos olhos dela, mas ele desviou a arma um milímetro para a direita.

— Ali ela. Olhe para ela, Sarah.

O porta-retratos estava posicionado de forma a ser visto da cama. De estilo moderno, exibia o rosto de uma mulher de cabelo escuro e maçãs do rosto marcadas, rindo em um momento íntimo. Não era muito bonita, mas parecia inteligente e cheia de vida. Sarah olhou com atenção o retrato, fascinada.

— Minha família tem fama de ser metade humana, metade shee — começou Venn. — Difícil. Indigna de confiança. Estou acostumado à solidão desde criança. Mas eu não ligava. Estava consumido pela ambição, morria de curiosidade de conhecer o mundo, queria ir a todos os lugares e ver tudo, me fartar com tudo isso, preencher o vazio. Eu nunca estava satisfeito. Mesmo depois do Katra Simba, depois dos diplomas *honoris causa*, das séries de documentários para a TV, do dinheiro e da fama, eu continuava vazio. Não me sentia inteiramente humano. Até que a conheci.

“Foi em Dartmoor. Eu estava voltando para casa de carro, tarde da noite, e chovia muito. Logo depois da saída para Princetown, os faróis revelaram um carro parado na estrada e alguém debruçado sob o capô aberto.

“A tempestade era forte, então parei atrás do carro e deixei o farol alto. Uma figura de capa de chuva preta veio direto até mim e gritou: ‘Não fique aí sentado, venha cá e me ajude!’”

— Era ela?

— Ah, sim, era ela. Sob um holofote de luz, na chuva. Iluminada pelos faróis como uma lebre. Selvagem e livre.

Venn ficou em silêncio, mexendo distraidamente na arma. Sarah lhe entregou a caneca de chá; ele a aceitou, alheio, e continuou:

— Ficamos casados por dois anos. Eu era um homem diferente. Era como se uma dor antiga, uma dor torturante, tivesse sido curada. Dá para imaginar?

— Acho que sim.

Sarah ergueu e dobrou as pernas e olhou de novo para a foto. E depois para Venn. Ele pôs a arma na mesa, a caneca de chá ao lado, e recostou-se na poltrona. Sarah sentia que ele estava reunindo forças para o que viria a seguir.

— A última vez que a vi também foi ao lado de um carro. Mas foi tão diferente... Estava quente, seco, árido. Um sol de rachar. Uma estrada que contornava as montanhas sobre um mar salpicado de iates de luxo e balsas. Selvagem e livre, sim, mas eu estava dirigindo muito rápido. E a curva não acabava nunca, e eu pisei fundo, e um caminhão surgiu na nossa frente, e eu girei o volante... — A voz dele era apenas um sussurro. — O que queremos esquecer é o que fica em nós. O cabelo de Leah todo bagunçado na grama. Uma mosca andando na testa dela. Os olhos dela olhando para mim. Sem me verem.

Sarah não conseguia se mexer. Era como se o horror daquelas lembranças tivesse lançado um feitiço sobre eles dois e invadido o quarto escuro.

A neve se acumulava e escorria pela janela. Sarah se forçou a dizer aquele clichê:

— Você não pode se culpar por...

— Culpa? — Venn enfim olhou para Sarah. — Você não faz ideia. Eu não apenas me *culpo*. Eu não existo mais. Desde daquele dia, não respiro mais. Estou enterrado, tão sem vida e tão frio quanto ela.

Toda aquela autoabominação fazia o cômodo se encher de um desespero letárgico. Sarah olhou de esguelha para a porta. Ansiava para que Piers entrasse, ou mesmo Jake. Qualquer um. Ainda assim, aquela era sua chance, e ela tinha que aproveitá-la, agora, sem piedade.

— Então você acha que, com esse aparelho...

O olhar dele tornou-se cortante.

— Sempre o aparelho, Sarah.

— Bem, eu sou a cobaia. Quem criou o aparelho? Não foi esse tal de Symmes...

— Talvez tenha sido o tal Maskelyne. Ou Mortimer Dee. Talvez seja ainda mais antigo. Mas sei que Symmes o fez funcionar. — Venn ergueu o olhar. — Então eu tinha que ter o aparelho, Sarah, porque sou ainda mais louco que você. Você é só invisível. Eu quero trazer minha esposa de volta à vida.

* * *

SAINDO do quarto de repente, Wharton pegou Piers de surpresa quando o homenzinho passava pelo corredor. O relógio no andar de baixo começava a tocar os doze badalos da meia-noite.

— Preciso falar com você — disse Wharton.

Piers parecia preocupado, menos animado que o normal. Seu jaleco estava chamuscado.

— Amanhã. Tem alguma coisa errada... Parece que o portão está aberto. Pode ter sido apenas a neve, mas...

— Eu descobri que ela não é sua sobrinha. Sei quem ela é. Vocês acham que estão brincando, é? Estou pensando seriamente em ligar para a polícia agora mesmo e...

— Tem isso também. — Piers meneou a cabeça, preocupado. — O telefone está mudo. Deve ser algum problema na linha. Ou...

Wharton sentiu um calafrio.

— Ou o quê?

— Ou alguém cortou a linha. — Piers deu de ombros, seu pequeno brinco de ouro brilhando sob a luz das lâmpadas do corredor. — Imagino que você saiba como carregar e disparar uma arma, senhor professor ex-soldado.

Wharton ficou sem reação.

Naquele mesmo instante a campainha tocou, alta e urgente.

* * *

— O QUE foi isso? — Gideão olhou para os lados, alarmado.

— Tem alguém na porta. — Jake jogou uma toalha para ele. — Você está ensopado.

“Ensopado” era pouco. O garoto estava saturado de água, uma criatura gotejante feita de musgo e hera, suja como uma gárgula, observando o quarto com uma curiosidade ávida. Gideão olhou para a toalha como se não tivesse ideia do que fazer com aquilo.

— Há quanto tempo você não entra em uma casa? — perguntou Jake, baixinho.

— O tempo não existe para os shees. Só existe o agora. E o agora está sempre faminto e quase sempre com frio.

Gideão enxugou o rosto. Manchas claras de musgo ficaram no tecido felpudo. E então, ao ver o prato de nozes na mesa, avançou em direção à comida, agarrando um bocado de nozes e enfiando na boca.

De trás da cortina, Horácio gritou um protesto horrorizado.

Gideão virou-se, sacando uma lâmina de pedra afiada. Ele apontou-a para o sagui e sibilou, um ruído selvagem e fantasmagórico.

— Que monstro é esse?!

Jake se aproximou e o obrigou a baixar a faca.

— O espectro que me acompanha. Você pegou a comida dele.

— É verdade? Um espectro? Você é um feiticeiro?

Ele tinha acreditado mesmo naquilo? Jake deu de ombros.

— Sou um feiticeiro de grande poder. E talvez eu consiga salvar você dos shees. Mas antes você tem que fazer exatamente o que eu mandar.

* * *

PIERS abriu o trinco da porta de entrada com muita cautela; Wharton, que estava logo atrás, debruçado no corrimão com a espingarda ridiculamente apontada para o retângulo de neve, viu uma silhueta alta e de capuz vermelho entrar, limpar os pés e dizer:

— Achei que não fossem atender nunca. Sei que está tarde, me desculpem.

A figura tirou o capuz.

Wharton baixou a arma e se aproximou.

— Rebecca? Mas o que é que você está fazendo aqui? Como conseguiu entrar?

Ela riu.

— Não foi fácil — respondeu. — O mundo está puro gelo lá fora! Mas eu precisava avisar vocês.

— O quê? — perguntou Piers, em um tom sombrio de medo.

Rebecca tirou o casaco, despejando no chão uma chuva de neve.

— Um homem e um lobo.

* * *

VENN foi até a janela e olhou lá para baixo.

— Pode me chamar de louco. Eu sou louco. Mas o aparelho foi o que me manteve vivo. Fomos contaminados pelo entusiasmo de David e trabalhamos nisso como escravos. Mas muita coisa deu errado. Perder David foi o pior. — Ele voltou-se para Sarah, seus olhos azuis ainda mais pálidos. — Mas ainda assim funcionou, *funcionou*, mesmo que isso tenha me custado meu único amigo. Uma troca cruel. Só que agora... Você viu os estragos. Agora acabou. E toda a esperança se foi.

Venn olhou para a arma. Notando isso, Sarah a segurou firme.

— Não desista. Não interrompa os testes.

— Eu já disse, acabou.

— Você vai conseguir. Eu juro.

Subitamente, ficou claro para Sarah que ela precisava mantê-lo vivo. A missão dela dependia disso. Depois, ela estaria livre para agir.

— Como você pode jurar? — perguntou ele.

— Eu posso. *Eu sei*.

Ruídos no andar de baixo. Venn olhou de relance para a porta. Então se aproximou de Sarah.

— Você... quem é você? Por que está aqui?

Ela não respondeu. Enfiou a mão no bolso e tocou o broche de diamante.

— Preciso lhe contar uma coisa. Eu não vim daquele hospital psiquiátrico. Sou de um lugar completamente diferente. Você precisa saber sobre Jano...

De repente, a porta se abriu de supetão. Piers surgiu, como se materializando-se do nada.

— Problemas. Venha agora.

— Espere!

— Não dá para esperar. Invasores. Temos que proteger a casa.

Sarah ficou em alerta instantaneamente.

— Quem são?

— Não sei. Um homem e um lobo, segundo Rebecca.

— *Rebecca?*

No térreo, alguém fechava as janelas com violência. Sarah correu, debruçou-se sobre o corrimão e viu Wharton e Rebecca travando a porta principal com uma barra de ferro.

— Cadê Jake? — perguntou Venn.

* * *

NO CAMINHO do Monge, Gideão observava a rede verde, atônito. Ele deu um assobio de admiração.

— Mas olhe, estou lhe dizendo: se Venn aparecer, eu sumo daqui. Ele contaria para Sol, e aí...

— Deixe Venn comigo. — Jake foi até o espelho. — Escute... Você fica aqui e aperta este botão quando eu mandar. Entendeu?

Gideão sentiu um calafrio de aversão.

— Não confio nesses aparelhos. Os shees não encostam em metal. Dizem que os metais contêm demônios.

Jake o ignorou, botando o bracelete de serpente no próprio pulso com uma rapidez quase febril. Sentiu a joia leve e gelada na pele.

— Aham. Bom, tudo pronto. Rápido. Ligue agora!

A complexidade da máquina havia intimidado Jake. Ele tinha ligado tudo, e o aparelho agora emitia um leve zumbido. Então, algo estava funcionando. Ele ignorou a rede de segurança e os fios chamuscados e postou-se diante do espelho, segurando com força os dois lados da moldura.

— Pai — sussurrou. — Sou eu. Estou aqui. Estou indo.

Gideão deu um passo para trás, receoso.

— Isso aí pode até não ser um demônio, mas uiva como uma raposa presa em uma armadilha.

Jake também estava ouvindo o chiado terrível, rouco e falhado. Ouvia também estalos em torno de si e batidas distantes na casa.

Sua pele formigava. Algo semelhante ao medo cresceu dentro dele. A neve flutuava em seus olhos. O bracelete apertava seu pulso como um torno.

Estava acontecendo.

O espelho se dobrava, fechando-se em si mesmo, cada vez mais, como um origami de vidro; no vazio daquele objeto estava o único caminho que lhe restava no mundo. Jake se desequilibrou, mas conseguiu dar um passo à frente.

— Agora! — ordenou.

Gideão havia apertado o botão? Jake não fazia ideia. Pois tudo em sua mente havia desaparecido, sido

sugado pelo vazio escuro, todos os pensamentos, todas as lembranças. Tudo que era ele. Até restar apenas seu corpo.

* * *

— *JAKE!*

O grito aflito tinha vindo da porta. Gideão imediatamente pulou para as sombras, afastando os dedos daquelas luzes mágicas e do uivo lamentoso do metal.

Venn lançou-se furiosamente à rede, como um maluco, avançando com dificuldade pela teia. Sombras tremeluziam às suas costas.

— Jake! Volte! Agora!

A voz dele era sugada pelo vórtice.

Mas Jake não podia se virar.

— Não consigo... segurar...

Jake parou de resistir, mas Venn foi mais rápido. Com um grito de raiva, atravessou a sala e agarrou Jake, bem na hora em que o núcleo interno do Cronóptico se transformou na escuridão absoluta do vácuo, no nada do infinito.

Do silêncio.

* * *

OFEGANTE, Sarah jogou-se contra a parede de pedra e respirou fundo, tentando recuperar o fôlego. Wharton, Piers e Rebecca chegaram logo depois, correndo.

O espelho estava negro e não emitia ruído algum. A sala estava vazia.

Wharton olhava ao redor, atônito.

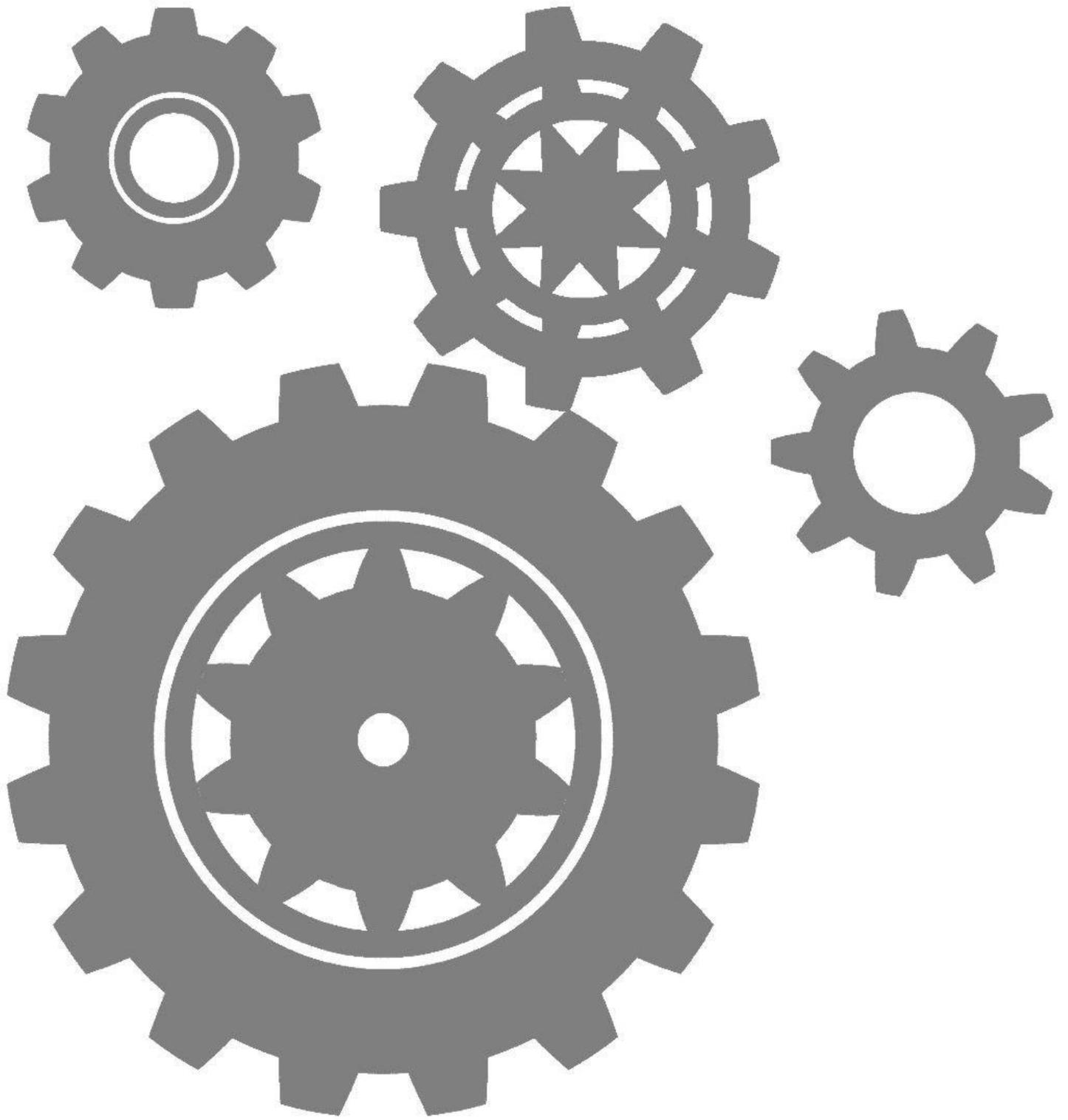
— Eles foram...? Ah, meu Deus, eles não... Não, claro que não... Jake?

Sarah estava entorpecida de raiva. Ela sussurrou alguma coisa, e, por um instante, Wharton pensou ter ouvido as palavras “Eu. Devia ter sido eu.”

* * *

NAQUELE momento, todas as luzes da casa se apagaram.

Como o caranguejo, se pudesse avançar de trás para a frente...



CAPÍTULO 16

Sempre houve algo de estranho naquele menino. Ele ria para as sombras, cantava músicas diferentes. Quando as outras crianças estavam alegres, ele estava quieto e calado. Adorava, mais que tudo, o som das gaitas de fole e das violas de gamba.

O medo que sua mãe tinha dos shees tornou-a muito rígida. Ele não podia entrar no Bosque. Não podia se afastar de casa e das estradas.

No entanto, em um crepúsculo de inverno, quando o guisado já fervia no fogo, ela saiu para chamá-lo, mas ele desaparecera. Houve relatos de que o menino fora visto de mãos dadas com uma mulher de vestido verde.

Ele nunca mais foi visto.

As crônicas de Wintercombe

Jake estava caído, o corpo apoiado em uma parede de tijolos coberta de limo, todo torto e dolorido.

Seu pescoço estava em um ângulo desconfortável, e a perna direita, dormente. Sentia algo úmido e pegajoso nos dedos.

Quando se mexeu, uma dor se irradiou pelo seu tornozelo, fazendo-o gemer.

— Ele está vivo — disse uma voz.

Jake ficou paralisado de susto. Seu primeiro instinto foi abrir os olhos, mas o que viu o fez fechá-los novamente e se fingir de morto: dois vultos curvados sobre ele, uma faca na mão de um deles. O leve brilho da lâmina e o dedo sujo no punho haviam saltado a seus olhos.

Ele prendeu a respiração.

— Acaba logo com ele.

Mãos o agarraram, o puxaram, vasculharam rapidamente seus bolsos e casaco, revistaram-no por inteiro, sem a menor delicadeza. Ele sentiu algo (o relógio, talvez?) sendo arrancando de seu pulso.

— Serve pra nada. — Uma moeda tiniu no chão úmido de pedra. — Metal estrangeiro, vagabundo.

— Pega assim mesmo. Aquela joia de prata no braço dele vale a pena.

O medo de Jake estava dando lugar à raiva. Mas então um zunido cortou o ar, agudo como o guincho de um rato.

— A patrulha.

Os dois homens ergueram-se de um salto. Sem perder tempo, Jake pôs-se de quatro e se atirou sobre o mais próximo. Tentava alcançar a faca, que vinha na direção de seu peito.

Conseguiu acertar um belo chute antes do soco que o deixou momentaneamente cego. Quando voltou a si, o beco estava vazio, exceto por uma moeda de dois pence e uma mancha de sangue.

Levantou-se, xingando, e olhou em volta.

Estava em um lugar estreito, escuro, cercado de prédios altos. Ele respirou fundo, e arregalou os olhos ao sentir o fedor. Um odor pestilento e nauseante de esgoto e legumes podres, de fumaça e suor. Teve vontade de vomitar.

Tateando em direção à luz, ele vislumbrou um pequeno pátio. Na parede, sentiu que havia algumas palavras entalhadas na pedra. Limpou a ferrugem e o limo para ler:

O nome lhe era familiar. Ainda atordoado, tentou se lembrar de onde o conhecia, mas então o zunido voltou, urgente e próximo. Um grupo de homens de terno preto surgiu na rua e avançou contra uma porta na esquina, arrombando-a para depois entrarem correndo, gritando.

Jake ficou ali parado, a mão ainda na parede.

Ele precisava lutar contra a perplexidade. Manter a calma. Ele havia entrado no espelho. Havia feito *a jornada*. Mas onde estava? Sentia-se tão enjoado que era difícil pensar, e sua cabeça latejava. Ele avançou alguns passos, aproximando-se da porta.

Gritos. Uma mulher corpulenta saiu correndo lá de dentro, jogando um xale nos ombros, seguida por alguns bêbados e loucos. Seria aquilo uma espécie de batida policial?

De repente ele se lembrou de onde tinha visto aquele nome: era o lugar citado por Symmes no diário, o lugar onde ele conseguira o espelho.

Seria a mesma noite?

De súbito, ignorando a visão embaçada, Jake desceu correndo os três degraus, passou pelo portal de pentagrama e entrou na casa de ópio.

O caos reinava ali dentro. A polícia — se é que aqueles homens eram mesmo policiais — pegava dinheiro e objetos e vasculhava os bolsos dos viciados, que estavam entorpecidos demais para sequer perceber. O odor doce da droga asfixiava o ar no ambiente fechado. Lembrando-se do diário de Symmes, Jake começou a procurar a sala dos fundos. Atravessou o salão correndo, empurrando um homem para fora de seu caminho, e cruzou a cortina encardida em um frenesi.

A sala estava vazia. Nos fundos, uma porta bateu com o vento...

Jake deu dois passos em direção à porta, mas então alguém o agarrou.

— E vamos levar você também, rapazinho.

Alguém o virou com violência. Um homenzarrão de uniforme preto e sujo abriu um sorriso sarcástico.

— Ora, mas que trajes! Venham ver este sujeitinho, camaradas! Um tremendo extravagante.

Alguns rostos debochados riram do outro lado da cortina.

— Ei, me largue! — vociferou Jake.

O policial deu um risinho de desdém.

— Como quiser, meu nobre senhor.

E abriu a mão.

Era puro sarcasmo, mas fez Jake ter uma ideia. Ele se empertigou, ergueu o queixo e encarou o homem com um olhar severo.

— Tire as mãos de mim. Não reconhece um superior? Como ousa me envolver nesta confusão lamentável?

Wharton ficaria orgulhoso, pensou Jake.

O sorriso se desfez no rosto do homem. Ele balbuciou:

— Quer dizer que... Às suas ordens, meu senhor! É que eu...

— Providenciarei para que suspendam seu ordenado por conta dessa... audácia.

Jake bateu a poeira das roupas. Estava cheio de escoriações. Sujo demais para o papel que representava. Mas o homem se curvava à sua suposta autoridade.

— Eu não imaginava, meu senhor. Ainda mais nesta espelun...

— Não vim aqui pelo ópio! — interrompeu-o Jake. — Estou procurando um cavalheiro. Chama-se Symmes. John Harcourt Symmes. Vocês o prenderam?

— Ninguém pegou nenhum figurão não, só o senhor, senhor...?

— Jake Wilde. Filho de lorde Wilde... Certamente você conhece meu pai, não? O assistente pessoal do

secretário de segurança?

Jake nem sabia se o cargo de secretário de segurança existia naquela época, mas, pelo jeito, isso não importava. Ele estava rapidamente compreendendo que soar como um esnobe e falar com o linguajar refinado do século XXI seriam o suficiente. Quando o sujeito começou a olhar para os lados em busca de ajuda, Jake passou por ele bruscamente, dizendo:

— Ele estava aqui, nesta sala, há poucos minutos. Foi quem chamou vocês. Não pode ter ido longe...

— Recebemos uma denúncia anônima.

— Uma denúncia?

— Um delator.

Jake estranhou. Symmes havia armado aquela batida, então teria se preparado. Já teria levado o espelho no coche. Jake se virou, apressado, deixando o policial para trás.

— Preciso encontrá-lo!

— Mas o senhor não pode simplesmente...

Mas Jake já estava lá fora, no pátio imundo. O som de cascos de cavalo o fez olhar para trás: um coche de aluguel passava ruidosa e rapidamente pela arcada, e um raio de luz do poste de iluminação pública revelou, por uma fração de segundo, um homem rechonchudo com ar de esnobe acomodando-se no banco de trás.

Jake saiu correndo atrás do coche. Em disparada pela rua, viu o veículo ser engolido pela neblina. Mais dois passos e trombou com uma figura pequena que emergiu repentinamente do beco. Um se segurou no outro para não cair.

Olhando para baixo, ele viu a criança mais suja que poderia imaginar. A menina trajava um vestido azul rasgado por cima da calça e botas gastas. Ela gritou, a voz muito aguda:

— Ei, me larga!

Jake a soltou, mas o coche havia sumido de vista. O nevoeiro tornara-se um torvelinho indistinto e silencioso. Jake soltou um palavrão.

— Ei, menina, em que ano estamos? — perguntou ele.

Ela ficou surpresa, os olhos arregalados.

— O senhor... foi Bedlam que mandou o senhor?

Jake tirou do bolso a moeda de dois pence e a jogou para a menina; ela a pegou, deu uma mordida e, em um gesto ágil, a botou no bolso.

— Metal estrangeiro. Presta pra nada — comentou ela, e sorriu. — Mas gostei do senhor, então vou dizer: 1848.

Dois anos.

Não era a mesma batida policial. Symmes já tinha o espelho fazia dois anos. Jake soltou mais um palavrão.

— Escute, não tenho muito tempo. Você mora aqui?

Ela deu de ombros.

— Dois anos atrás, um homem veio aqui. Um cavalheiro.

Ela revirou os olhos.

— Todos eles.

— Não atrás de ópio. Ele veio comprar um espelho. Havia alguém na sala dos fundos, um homem com uma cicatriz no rosto... — Jake tentava se lembrar do nome. — Maskelyne. Você o conhece?

Por um rápido instante, um lampejo de inteligência acendeu-se e apagou-se no rosto da menina. Mas então se ouviu um grito vindo da casa de ópio, e ela desviou o olhar para aquela direção.

— Sei quem é. E sei quem roubou o senhor. — A menina estava ofegante ao falar. — Quem levou a prata do senhor. Me ajuda a escapar daqui e eu levo o senhor lá. Pra encontrar os sujeitos.

A princípio Jake não entendeu sobre o que a menina estava falando. Então um policial surgiu à porta,

gritando:

— Ei, você! Venha cá, garota!

A menina agarrou a mão de Jake.

— *Não deixa ele me levar.*

O policial foi até eles e a pegou.

— Você vem comigo.

Ele saiu arrastando a menina, que gritava e se debatia e choramingava, com uma vozinha tão fina e queixosa que fez Jake trincar os dentes.

— Prata... Que prata? — perguntou-se Jake.

Será que...

Com um movimento repentino e apavorado, ele puxou a manga da camisa.

Apenas uma marca branca na pele envolvia seu pulso agora.

O bracelete de serpente havia sumido.

* * *

UMA pequena chama amarela crepitava e cintilava na escuridão quando a voz aguda de Piers anunciou:

— Ninguém se mexe. Não quero ninguém ferido. Nem acidentes.

A chama tremeluzia na escuridão da sala. Wharton ouviu o barulho de algo se abrindo, e então o forte facho de luz de uma lanterna percorreu seu rosto. Ele viu um pedaço da sala escura, uma visão sombria de Sarah ali, de pé, até que Piers direcionou o facho de luz para o gerador, dizendo:

— Este é o nosso gerador de emergência. Se estiver tudo certo, já vai voltar a...

Luz.

Ouviram-se baixos e breves estalidos quando as lâmpadas se acenderam, e o gerador começou a emitir um zumbido, indicando que havia entrado em ação.

Mas logo o equipamento desligou, tão de repente quanto havia ligado.

Piers resmungou e tentou de novo. Nada.

— Odeio máquinas — murmurou ele.

Wharton pegou a lanterna e a virou para o espelho, preto e enigmático em sua moldura de prata. Sarah aproximou-se do espelho e observou a superfície. O reflexo dela fez Wharton gelar.

Ela parecia arrasada.

Wharton pôs-se na frente dela. Rebecca, apenas uma voz atrás dele, perguntou:

— Mas onde está Jake? O que aconteceu?

— Você está bem?

Ele a conduziu pelo cotovelo e, com delicadeza, afastou-a do espelho.

Ela balançou a cabeça em negativa. O ar em torno do espelho estava carregado; parecia que uma grande força o havia drenado, e a Sarah também. Quando Wharton segurou seu braço, ela desequilibrou, parecia prestes a cair. Ele a sustentou e disse:

— Peguem uma cadeira, rápido.

Rebecca trouxe uma.

— Não quero cadeira nenhuma.

Ela queria que o tremor em seus dedos parasse; não era de se espantar que Wharton achasse que ela estava com medo. Como ele poderia saber que aquilo era desalento e pura fúria? Jake havia feito a *jornada*. Logo Jake!

— Ela está em choque. — Wharton virou-se para Piers, acusador. — E devo confessar que também

estou. O que aconteceu com Jake e Venn? Agora os perdemos também?

Piers observava o painel de controle à luz de uma vela que havia acendido. Parecia calmo, mas Wharton via as gotículas de suor em seu buço.

— Como é que eu vou saber?! Você é o professor, seu mortal! — Ele respirou fundo. — Tudo bem. Parece que os dois entraram no espelho, creio que com apenas um quinquagésimo de segundo de diferença entre um e outro, mas só Jake estava com a serpente no braço... Não sei o que isso pode provocar. Eles podem voltar a qualquer momento. Ou daqui a horas.

Ou podem não voltar *nunca*, pensou Wharton, percebendo o pânico por trás daquele autocontrole forçado. Ele empertigou-se.

— Então eu assumo o comando agora. Escutem: temos que nos reorganizar. Vamos nos dividir em grupos. Trabalhar em conjunto...

Mesmo na penumbra, ele viu Rebecca abrir um sorrisinho de escárnio.

— Vocês entenderam o que eu quis dizer — continuou Wharton. — Temos duas emergências. O invasor: deve ter sido ele quem desligou as luzes. Como?

— Os cabos de eletricidade passam por baixo da entrada de carros. Há uma caixa de luz perto dos estábulos. — Piers balançou a cabeça, lamentando a situação. — Vou ter que ir até lá para tentar consertar. Mas, depois que eu sair, vocês têm que trancar muito bem todas as portas e janelas. — E, dizendo isso, ele lançou um olhar de soslaio para Sarah.

— Esse intruso tem alguma coisa a ver com você? — perguntou Wharton.

Ela queria contar a ele. Mas Piers interveio:

— Eu sei quem é. — Ele se aproximou, limpando as mãos no jaleco. — Esse sujeito tem espionado a casa já faz um tempo. É o homem da cicatriz, como o chamamos. Venn acha... Bem, você leu o diário, Sarah. Ele fala sobre Maskelyne...

Rebecca virou-se para ele, inquieta.

— Olhe só, seja quem for, pode estar invadindo a casa agora mesmo. Vocês deviam ter visto aquele lobo branco enorme. Foi apavorante. Vamos trancar a casa!

— Certo — concordou Wharton. — Você vem comigo. Sarah, fique com Piers. Ninguém deve ficar sozinho.

Wharton saiu apressado. Rebecca, após olhar mais uma vez para o espelho, foi correndo atrás dele.

* * *

SARAH estendeu a mão para a placa de obsidiana e tocou a superfície.

— E então, Piers? Para onde eles foram? — perguntou ela, baixinho.

Ele deu de ombros.

— Para algum lugar perto de onde o espelho está. David nos contou que não saiu diretamente do espelho, mas de um ponto em um raio de mais ou menos um quilômetro de onde o espelho estava. Eles vão ter que encontrá-lo.

No entanto, ao dizer isso, Piers transparecia incerteza.

Sarah se virou, e foi então que o brilho de um olhar chamou sua atenção. Um brilho verde refletido no espelho. Ela soltou uma exclamação de susto.

— Quem está aí?

— Onde? — perguntou Piers, pegando um pé de cabra.

A princípio ela achou que fosse um dos gatos, mas, tateando no escuro, encontrou-o e o puxou. Ele surgiu à luz das velas, como se tivesse se materializado do nada, aquele menino de olhos verdes em um

fraque surrado, observando-a com os olhos assustados de um cervo preso em uma armadilha.

O garoto do Bosque.

— Vai dizer que não me conhece, Piers? — perguntou Gideão, com sarcasmo.

Sarah viu os olhos de Piers se arregalarem de descrença e, em seguida, de puro medo.

— Você! Como entrou na casa? — Piers girou sem sair do lugar, apontando o facho de luz para todas as direções. — Eles estão aqui? Sol está aqui?

Gideão sorriu.

— Fique calmo, homenzinho. Sou só eu. — E então, dirigindo-se a Sarah: — Depois de uma eternidade na mata, finalmente consegui entrar.

* * *

— ESPERE! — Jake aproximou-se do policial. — Não há necessidade disso. A garotinha... A criança é totalmente inofensiva.

Seu coração batia acelerado. O pânico o gelava por dentro. Sem o bracelete, ele ficaria preso ali para sempre. Sua vida se passaria naquele século maldito e ele nunca mais veria o pai.

A menina o observava através do emaranhado sujo de seu cabelo negro. Seus olhos brilhavam de triunfo.

— Hã... permita-me...

Jake vasculhou os bolsos vazios. Restava apenas uma moeda de uma libra. Ele a ergueu à luz do poste.

— Permita-me recompensá-lo pelo incômodo, meu caro. E deixe a criança fora disso.

Jake soava como um péssimo ator em uma novela de época ainda pior, mas aquilo era o máximo que ele — e basicamente todo mundo — sabia sobre o passado: os infinitos clichês do cinema e da televisão. Nem todas as aulas de história do mundo o ajudariam ali.

A moeda cintilava.

— Hum... ora, por que não... — balbuciou o policial, sem tirar os olhos da moeda.

Jake a lançou para cima.

O brilho do metal cortou a escuridão. Na mesma hora em que o homem largou a menina para pegar a moeda, ela saiu correndo. Jake teve que gritar e sair atrás dela pelo escorregadio calçamento de pedras. Cruzando a arcada, chegou a uma rua empestada pelos dejetos das casas sombrias que ali se erguiam.

A menina era rápida e ágil como um rato, e Jake ainda estava dolorido por conta da *jornada*, mas conseguiu alcançá-la na esquina.

— Espere aí, sua pestinha.

Ele a segurou, ofegante, impedindo-a de avançar mais. A menina chutava e tentava mordê-lo. Por fim, ele lhe deu uma gravata para conseguir segurá-la. A menina gritou.

— Quer fazer o favor de ficar quieta? — Jake olhou para os lados, nervoso. A neblina cobria as casas e os profundos vãos das portas. — Quieta! Você disse que viu os homens. Os que me roubaram. Eu paguei pela sua liberdade. Você me deve essa!

A menina parou de se debater e o encarou.

— Por que não me deixa em paz?

Jake a soltou.

A menina olhou para ele por baixo do cabelo caído sobre seu rosto. Parecia pronta para voltar a correr.

— O senhor é esquisito, sabia?

— Você também. Qual o seu nome?

— Moll.

Ele sorriu.

— O meu é Jake. Moll, eu preciso encontrar esses homens, e rápido.

Atrás deles, em algum ponto perdido na neblina, um apito soou. A menina lançou um rápido olhar na direção do ruído e disse:

— Aqui não, senhor. Muita patrulha. No Futrica.

Antes que Jake pudesse argumentar, a menina já havia saído correndo de novo, mergulhando no nevoeiro. Só lhe restou segui-la, com a mão na lateral do corpo para minimizar a dor.

Por ruas sombrias em que fluíam riachos de esgoto e por labirintos de vielas, lá ia a menina, e Jake a seguia, embrenhando-se mais e mais no tortuoso e imundo labirinto que era o coração de Londres, totalmente perdido entre becos e armazéns, entre o brilho de nafta das lanternas a óleo acesas em uma ou outra loja aberta até mais tarde ou em tavernas que deixavam escapar gritos e gargalhadas. Coches ruidosos passavam por ele, figuras soturnas em mantos e chapéus altos, mulheres de rosto pintado postadas a certas portas convidavam-no a entrar. Todas as paredes eram uma colcha de retalhos de papéis, anúncios descascando ou parcialmente descolados.

Agora caminhando normalmente, sem mais correr, Moll enfiou-se em uma passagem entre dois prédios abandonados e desceu alguns degraus atrás de uma grade enferrujada.

— Espere — disse Jake, receoso. — Por que aqui?

— Porque é aqui, senhor.

E, dizendo isso, a menina abriu uma porta escura empenada.

Jake hesitou.

Ela o puxou pelo braço, impaciente.

— Deixa disso. É só o Futrica.

Moll então seguiu por um corredor; Jake a seguiu, desconfiado. O espaço era escuro e bem úmido, mas em outros tempos devia ter sido bem decorado, porque no alto havia estranhos arabescos de tinta dourada e os restos de uma cortina vermelha estavam amarrados com uma larga tira de seda com borlas.

— O que é este lugar?

— Um pouso. Pra noite.

Ele não entendeu. E então, ao chegarem ao fim do corredor, ela se agachou para atravessar uma barricada, feita com o que pareciam ser restos de cadeiras quebradas, e o conduziu a um espaço com palácios inclinados e montanhas em papel pintado, todos se desfazendo.

Estavam em um grande palco. Diante deles, poltronas muito antigas erguiam-se em fileiras gloriosas até o teto.

— O Futrica — anunciou a menina.

CAPÍTULO 17

Tenho sonhos com o homem da cicatriz. Ele se aproxima e para ao lado da minha cama, e é meio anjo, meio demônio. Ele diz: “Não tente usar o espelho. Ele vai possuí-lo. Vai devorar sua alma.”

Tarde demais. Já descobri isso.

Minha casa é uma fortaleza fechada, trancada, aferrolhada. Mas é possível ver o reflexo de fantasmas e espectros aqui, nas superfícies polidas, nos objetos de vidro e cristal.

E alguém tem observado cada passo que dou.

Diário de John Harcourt Symmes

— Quem é ele? — perguntou Sarah, com impaciência.

— Como eu disse — Piers baixou o pé de cabra, ainda que estivesse relutante —, ele é uma criança mítica. Vive com os shees. Venn o conhece.

Gideão riu. Levantando a aba do fraque, ele se sentou, com ar de quem saboreia o conforto.

Sarah estava atônita com aquela criatura. Era um menino franzino, quase incorpóreo, como se os séculos o tivessem desgastado. Ainda assim, sob os olhos brilhantes e a roupa esquisita, havia um garoto perdido, tão distante de todos que já não lhe restava um caminho de volta. Isso ela compreendia perfeitamente.

Além disso, a presença dele ali representava uma súbita esperança para ela. Dizia-se que os shees, se é que eles existiam, viviam em uma dimensão alheia ao tempo. Para eles, todas as épocas eram sempre a mesma.

— Foi Jake quem deixou você entrar? — intuiu Sarah rapidamente.

— Achei que ele quisesse me ajudar. Que burro eu fui. Ele só queria que eu operasse a máquina. Mais nada importava a ele.

— E o que importa para você? — perguntou Sarah, observando discretamente Piers se virar para o espelho negro.

Gideão sorriu; um sorriso amargo.

— Ir para casa. Mas isso é impossível.

— Por quê?

— Porque não restou nada. Faz séculos que eles me levaram. E não posso sair dos limites da propriedade, ou pelo menos é o que Sol sempre diz...

— Sol?

— A rainha deles. Ela me disse isso muitas vezes. Se eu colocar nem que seja um dedo do pé em terras não encantadas, vou virar o pó que eu já deveria ser há quinhentos anos. Ela me inferniza com isso. Se isso é verdade ou não, não faço a menor ideia, nem sei se o tempo que se passou foi tudo isso. Quando se vive ao lado deles... não existe dia nem noite, não existem estações do ano. Não existe velhice.

— Mas... o Bosque... é real...

— Os limites do Bosque são. — Ele dá de ombros. — Mas se você avança lá dentro, tudo muda. Chega-se a um lugar estranho, onde o clima é sempre quente e as folhas, sempre verdes. Outro mundo, muito diferente deste aqui.

— Uma terra de verão eterno e onde ninguém jamais envelhece. Parece perfeito — comentou Sarah.

Gideão permitiu-se abrir um sorrisinho hostil.

— Acha mesmo? Essas criaturas não são como nós... Quer dizer, como você. São muito belas e só pensam em si mesmas, em tocar sua música e rir sua risada. Não têm ambição, nem futuro, nem passado. Apenas existem, como o vento. São basicamente como borboletas, só que até as borboletas morrem. Os shees não morrem. Não temem a morte. *Não têm medo de nada.*

Sarah teve um arrepio. Por um breve instante conseguiu ter uma vaga ideia de como devia ser a vida de Gideão, aquele precário e infinito equilíbrio entre medo e tédio. E então ela compreendeu.

— Por isso é que você queria entrar aqui! Você acha que o Cronóptico pode levá-lo para casa!

Piers se virou na mesma hora.

— O quê?

O garoto percebeu que havia algo ali; uma onda de alerta cruzou seu rosto. Sarah se conteve. Depois, suave e dissimulada como uma cobra, continuou:

— Eu estava dizendo que o Cronóptico é a única forma de trazer Jake e Venn para casa. Temos que fazer tudo o que for possível...

— E você acha que eu não estou fazendo tudo? — Piers estava exausto e irritado. — Não quero ser um escravo para sempre! Vamos logo com isso, eu vou até o estábulo e vocês trancam a porta depois que eu sair. E você, Gideão, volte para Sol antes que ela sinta sua falta. Ninguém aqui pode ajudá-lo, e a última coisa que quero é confusão para o meu lado. Não sei lidar com ela. Não sem Venn.

Piers posicionou-se em frente ao espelho, sua figura refletida em uma imagem distorcida e sinuosa. Todos viam que ele contemplava curiosamente a escuridão da superfície do espelho quando disse:

— Que, até onde sabemos, pode estar morto a esta altura.

* * *

WHARTON fechou com força a última janela e a trancou. Os batentes eram velhos, os ferrolhos estavam enferrujados. Seria muito fácil invadir a casa. Mas talvez eles devessem temer mais o cerco da neve do que um estranho sorrateiro e seu lobo faminto.

— Pronto. Acabamos — disse ele para Rebecca. — Vá conferir o claustro, embora só Deus saiba quantas passagens secretas e portas existem embaixo desta casa...

— Uma história antiga conta que um túnel vai da antiga abadia até o rio — disse Rebecca, os olhos brilhando. — Acho que devemos investigar! Pode ser que eles entrem por lá.

Os olhos de Rebecca estavam arregalados de empolgação.

Ela está fingindo, pensou Wharton.

— E sua família? Eles não vão ficar preocupados com você?

Ela não disse nada por alguns instantes. Até que por fim respondeu, animada:

— Ah, não... Está tudo bem! Eles não vão se preocupar.

— Ligue para eles.

— Aqui o sinal não pega.

Wharton indicou o telefone da casa.

— Use aquele ali.

Rebecca pareceu relutante, mas pegou o fone, levou-o ao ouvido apenas por um momento e o entregou a Wharton. Mesmo antes de pegá-lo, ele já sabia o que escutaria.

Silêncio.

— Alguém cortou a linha — sussurrou ela.

— Ou foi só a neve. — Wharton se virou, preocupado. — Dê uma olhada no claustro. Rápido.

Quando ela saiu, o professor foi ao escritório e vasculhou as prateleiras bagunçadas até encontrar um

objeto que ele vira de relance no dia anterior, um velho rádio transistor, bastante usado. Parecia restar um pouco de energia na bateria. Wharton sintonizou-o com cuidado, percebendo, surpreso, que sua respiração formava uma pequena nuvem de vapor. Sem energia elétrica, a casa estava esfriando depressa. E ele ainda precisava desesperadamente descobrir o que estava acontecendo no mundo lá fora.

De repente, uma voz local irrompeu do ruído de estática:

“... em toda a região oeste. Devido à nevasca, a autoestrada M5 foi interditada e todas as principais estradas de Dartmoor encontram-se impróprias para tráfego. Os motoristas foram forçados a abandonar os carros e...”

A voz diminuiu até sumir.

— Droga!

Wharton esfregou os dedos já dormentes e tentou mais uma vez.

“... serviços de emergência. A polícia orienta a... em áreas afastadas... não deixarem suas casas, exceto em situações de extrema necessidade...”

— Que ótimo...

Então eles estavam presos ali. O caminho do portão até a casa já devia estar com neve na altura do joelho.

“... Outras notícias: uma jovem...”

Wharton já estava com o dedo sobre o botão de desligar, mas, no mesmo instante em que ouviu isso, sua mão ficou paralisada.

“... desaparecida há duas semanas do Instituto Psiquiátrico Linley, em Devon, foi encontrada. Sarah Stuart apresentou-se ontem em uma delegacia da cidade de Truro, e... amnésia... morando... tio em Penzance...”

Soltando um palavrão, Wharton pegou o rádio com raiva e o sacudiu.

Em um último suspiro, o velho transistor informou:

“Hoje, no Parlamento, o primeiro-ministro...”

Silêncio.

Wharton jogou-se para trás na cadeira e soltou o ar com força, exalando uma nuvem de vapor. Estava atônito. Virando-se para os dois gatos pretos que estavam refestelados sobre a mesa, ele perguntou:

— O que é que está acontecendo neste maldito lugar?

Os gatos apenas continuaram olhando para ele.

* * *

ASSIM que se viu sozinha, Rebecca atravessou o claustro e abriu o pequeno portão externo. A neve caía com intensidade, cada rachadura e cada fresta já salpicadas de gelo, e o vento a soprava na horizontal, direto no rosto dela, fazendo-a lacrimejar. Rebecca vestia uma touca de lã que cobria as orelhas, mas ainda assim a ventania soava como um eterno zunido de estática.

— Cadê você?

Ela não ousaria gritar. Wharton estava muito perto. Além do portão não havia nada além de neve cobrindo toda a extensão do gramado. Nem as árvores eram mais vistas.

E então lá estava ele, uma sombra surgindo em disparada naquele mundo de um branco ofuscante. Ele a ajudou a fechar o portão e trancar com o cadeado, que estava congelante. Por fim, Rebecca passou a barra de proteção.

Maskelyne encostou-se à parede, tossindo.

Parecia que seu corpo já havia congelado parcialmente: estava encolhido e tremia, os lábios pálidos e

azulados.

— Desculpe, eu não consegui... — começou Rebecca.

— O que aconteceu? — Ele abraçava a si mesmo, dormente de frio. — Você demorou tanto.

— Deu tudo errado! Você não vai acreditar. Venn e Jake foram... *fizeram a jornada*. Não é assim que você fala?

A expressão dele ao ouvir isso, ainda mais com aquela cicatriz que cortava seu rosto, era tão dolorosa que Rebecca teve que desviar o olhar.

— Onde? Quando?

— Meia hora atrás.

— Não, eu quero saber *quando*! Para que intervalo de tempo eles foram?

— Ninguém sabe. Piers está morrendo de medo.

Maskelyne também estava. Ele dobrou o corpo para a frente e segurou a cabeça nas mãos, seus dedos magros agarrando o cabelo escuro e ralo.

— Rebecca, isso é insuportável. Estar tão perto e...

— Você vai conseguir. O espelho. Eu vou ajudar você...

— *O espelho não serve para nada sem o bracelete!* — Maskelyne balançou a cabeça. — Não acredito que...

— Rebecca?

Os dois levaram um susto.

Maskelyne virou-se tão furtivamente quanto um gato, esgueirou-se para o claustro e se agachou atrás do muro baixo no exato instante em que Wharton surgiu na porta interna.

— Tudo trancado?

— Sim, tudo certo — respondeu ela, ofegante.

— Ótimo. Temos que voltar. Quero conversar com Sarah.

Wharton havia falado de forma tão abrupta, parecendo tão tenso, que Rebecca perguntou:

— O que houve?

— “O que houve?” Bom, tirando tudo isso... — Ele deu de ombros. Rebecca percebeu naquele momento que até mesmo aquele homenzarrão estava com medo. Medo e raiva. — Eu quero respostas, Rebecca. Esses malditos enigmas estão ficando perigosos. E estou muito preocupado com Jake.

Wharton voltou correndo para a casa. Rebecca foi atrás, não sem antes olhar de relance para Maskelyne, que se ergueu do claustro e a observava como um fantasma.

* * *

ESTOU extremamente ansioso para fazer a primeira demonstração pública da máquina, mas preciso agir com muita cautela! Não posso fazer nada até saber ao certo quais são os poderes do espelho para não passar por tolo diante de todos. Na Royal Scientific Society há muitos homens intolerantes como uma mula que poderiam zombar de minhas pretensões, então devo avançar com o máximo cuidado, ou a impaciência arruinaria meu triunfo.

Por cinco vezes consegui criar o vórtice no espelho. É necessária uma quantidade de energia voltaica tão grande e um campo magnético tão forte que o efeito resultante pode ser sentido a várias ruas daqui. Além disso, dois cômodos da minha casa foram destruídos por explosões e um incêndio recente. Mas coisas maravilhosas aconteceram.

Em primeiro lugar, a entrada no espelho ocorre pela ação de uma terrível força compulsória. Tal como Ulisses, amarrei a mim mesmo na cadeira antes de começar o experimento e acorrentei-a em um

pilar do porão. Ainda assim, ontem o empuxo arrebatou as cordas, arremessando-me com tanta força que tive um ferimento na cabeça; só fui salvo porque minha mão escapou dos controles.

Quem sabe em que época ou lugar eu me encontraria?

No entanto... Ah, as visões que surgem no espelho de obsidiana!

Vi uma planície verde, tendo ao fundo montes cobertos de florestas e uma lagoa azul. Talvez seja a Cúmbria, talvez Gales. Vi uma sala tão escura que talvez fosse subterrânea; ouvi cânticos ali, em algum idioma que não consegui identificar, e então um vulto em uma espécie de manto surgiu por um instante, logo antes de retornar o vazio. Lancei contra o espelho amostras meticulosamente pesadas de minério, madeira, matéria orgânica.

Todas desapareceram.

Nenhuma voltou...

Analisei as variações de gravidade, a harmonia da curvatura do espelho, as estranhas alterações de peso e massa.

E hoje farei meu primeiro teste com uma criatura viva.

O cachorro que utilizarei é um animal resgatado das ruas; as velas de Londres estão repletas de vira-latas. Trata-se de um mestiço, da família dos terriers. Tem uma orelha preta e, na lateral do corpo, uma grande mancha da mesma cor na lateral do corpo.

Criatura amistosa, o cão não ofereceu resistência a que eu o pegasse e o colocasse na carruagem; comeu um prato cheio de carne e então se acomodou para dormir. Agora está deitado, roncando e roncando.

Mas alguém acaba de bater à porta.

Olho pela janela e vejo lá embaixo um homem. Ele ergue o olhar. Tem cabelo escuro.

É um desconhecido.

* * *

JAKE tomou mais um gole daquela bebida repulsiva, e o sabor pareceu infinitamente pior. Pousou com educação a xícara lascada na mesa.

— Obrigado.

Moll o encarou.

— Achou muito azedo?

— Não. Estava ótimo. Obrigado.

— Então come, vai.

Moll indicou a seleção de bolinhos já meio rançosos, obviamente roubados das latas de lixo de alguma padaria. Jake pegou um e deu uma mordida, hesitante. Não fazia ideia do que era aquilo e não queria perguntar.

Estavam sentados no chão de um exíguo espaço que Moll dizia ser seu “berço” — uma pilha de lençóis sujos, talvez roupas —, tomando chá. Ele não sabia se a menina estava brincando de faz de conta ou se levava aquilo a sério, mas o prazer que ela demonstrava em recebê-lo ali parecia muito real.

O berço era um pequeno camarote lateral bem alto, quase no teto do teatro. Se ficasse de pé, ele veria dali de cima o que um dia teria sido a área da plateia; agora, no entanto, o espaço era um campo de desabrigados com tendas e abrigos mal construídos, até mesmo pequenas construções feitas de varas e divisórias e cenários e retalhos daquela que já tinha sido a bela cortina do teatro. No grande palco, homens bebiam, mulheres explodiam em gargalhadas, bebês e cães brigavam. O ambiente fedia a gim e excremento, e o teto estava repleto de fuligem das velas.

Era um pesadelo.

— Olhe — sussurrou Jake —, eu não tenho muito tempo. Esses homens...

— Os gatunos.

— Sim, esses gatunos. Tenho que encontrá-los. Depressa.

Então Jake foi tomado pelo medo de que os homens já tivessem vendido o bracelete em alguma casa de penhores imunda, ou de a joia ter sido largada em uma pilha de sucata, escorregado para o chão sem despertar o interesse de ninguém.

— Já falei. Eu conheço eles. Vou mostrar pro senhor. — Irritantemente calma, Moll mordiscava o que parecia ser metade de uma salsicha. Ela apontou com a cabeça para baixo. — Ali. Mas não deixa eles verem o senhor.

Jake espiou lá embaixo.

— No palco?

— Com as raparigas.

— Com o quê?

— As raparigas. Mulheres da vida. As prostitutas!

Moll aproximou-se dele por trás apontando o dedo magrelo, e então Jake os viu.

Dois homens: um corpulento, e o outro, o que ele havia chutado, magro e esguio como uma doninha. Estavam bebendo, esparramados sobre os escombros de um cenário. Um deles abraçava uma mulher de rosto sujo que vestia uma saia vermelha rasgada e não muito mais que isso.

— Ok — disse Jake. — Mas e o objeto que eles me roubaram, o bracelete? Onde está?

Ela ficou ao lado dele e apontou com a salsicha na direção do nariz de Jake.

— As coisas deles ficam ali em cima, deixam as coisas tudo ali. Olha só, ali, tudo pendurado.

Jake viu. Bem no alto, suspensa nas passarelas instáveis acima do palco, presa por cordas e roldanas, uma bolsa de couro oscilava em segurança.

— Ninguém consegue chegar ali — disse Moll, pensativa. — Quer dizer, é o que eles acham.

Jake franziu o cenho. Os homens bebiam logo ali, no palco.

— E é verdade — comentou ele. Então recuou alguns passos e se virou para a saída do camarote. — Mas eu preciso pegar meu bracelete, Moll. *Preciso.*

Ela empurrou a xícara suja para ele.

— Tudo bem. Fica calmo. Bebe seu chá aí e dorme um pouquinho. Vou ficar de olho, daqui a pouco eles vão estar roncando. E aí eu e você, a gente sobe lá. Viu só? Vou mostrar pra você como é que sobe. Fácil, fácil, mole, mole.

Jake tomou mais um gole distraído do líquido marrom.

Lá embaixo, as gargalhadas ruidosas soaram ainda mais altas.

* * *

WHARTON entrou na cozinha correndo.

— Este é Gideão. Um amigo — apresentou Sarah.

A presença do garoto fez Wharton perder o foco. Quem era ele? Como havia chegado ali? O professor achou, por um momento, que toda aquela confusão fosse apenas um sonho e que ele acordaria em breve, em sua cama de solteiro no alojamento do colégio, vendo os Alpes surgirem por trás da pilha de livros que o aguardavam no parapeito da janela...

Rebecca chegou logo depois, ligeiramente ofegante. Ficou olhando fixo para Gideão. Então Wharton respondeu:

— Ele não me interessa, Sarah. Quem é você?

— O quê? — Sarah lançou-lhe aquele olhar desconfiado e cauteloso que Wharton já começava a reconhecer. — Eu não...

— Você está mentindo para nós desde o início. Você não é uma paciente psiquiátrica que fugiu do hospital. Acabei de ouvir no rádio que ela já foi encontrada. Isso foi só uma história que você usou para entrar aqui.

— O quê? — perguntou Rebecca.

— É verdade. Olhe só para ela.

Sarah sabia que estava pálida de medo e frustração. Rebecca se aproximou de Wharton e cruzou os braços. Gideão se sentou à mesa, balançando os pés, assistindo a tudo com interesse.

— Isso é verdade? — perguntou Rebecca.

De repente, Sarah se sentiu cansada de fingir, de se sentir sozinha.

— Muito bem. E se for?

Wharton se aproximou dela e olhou no fundo dos seus olhos. A decepção estampada no rosto dele a teria envergonhado, se ela se permitisse isso. Mas Sarah tinha que pensar em ZEUS, nas pessoas que estavam perdidas, no buraco negro em que Jano transformaria o mundo.

— É só isso? — insistiu Wharton.

— Não posso explicar. Não para vocês. Só para Venn.

Sarah esperava que ele reagisse com raiva, mas não; em vez disso, muito suavemente, o professor se aproximou e pegou um pingente que ela trazia em um cordão. Ela percebeu que Wharton tinha a meia moeda nas mãos. O objeto havia escapado de trás do lenço de Sarah e agora ele o observava, intrigado.

Wharton largou a moeda e deu um passo para trás.

— Tranque a porta! — disparou ele.

Rebecca correu, virou o ferrolho e ficou de costas para a porta.

A expressão de Wharton era dura como aço. Ele manteve-se no lugar e encarou Sarah.

— Quero saber exatamente quem é você, mocinha. De onde veio, o que quer aqui. Nada de mentiras, nada de desculpas. E quero saber agora.

CAPÍTULO 18

Que um homem pudesse acumular tanto poder sem que o notassem. Que pudesse tramar para que seus inimigos caíssem um a um, e então seus aliados, até que, por fim, todos tivessem medo demais para se manifestar contra ele. Até ele governar com punhos de ferro.

Tudo isso deveria ter sido previsto. É o desenrolar da história; já aconteceu repetidas vezes. Mas se ele descobre uma arma capaz de destruir o mundo...

Somos os primeiros a combater tal horror.

Transmissão ilegal de ZEUS, Biografia de Jano

— Acorda, trouxa. Tá na hora.

A mãozinha sacudia o ombro de Jake. Ele rolou de lado e quase bocejou, mas foi impedido por dedos sujos que cobriam sua boca com força.

Moll recuou. Seu cabelo emaranhado estava preso sob uma boina masculina, e seus olhos brilhavam de entusiasmo.

Jake ergueu-se. Devia ter dormido por algumas horas, pois sentia os músculos rígidos e doloridos (consequência de ter como cama o chão duro) e a boca seca. Ao coçar a cabeça, sentiu marcas de picadas de pulga.

— Água? — sussurrou ele.

A menina apenas balançou a cabeça em negativa.

— Talvez seja melhor assim. E então... cadê eles?

Em resposta, ela colocou-se ao lado dele, e os dois espiaram por sobre o parapeito do camarote.

Os ladrões haviam bebido até perder a consciência. Estavam agora esparramados em meio à bagunça do palco, um estirado sobre um banco, o outro encolhido sob um amontoado de casacos, apenas sua cabeça visível.

As mulheres tinham ido embora.

— Ok. — Jake olhou mais uma vez para a bolsa de couro, que oscilava lá no alto. — Temos que pegar aquilo. Tem alguma escada por aí ou...?

Moll dirigiu-lhe um olhar de piedade, como se fosse ele a criança de dez anos ali.

— Tudo quebrado, seu trouxa. Você vai ter que dar seu jeito pra subir.

Jake fez uma careta. Sem fazer barulho, a menina o empurrou para a porta do camarote.

O teatro-dormitório era um ninho de ratos, que fugiam ruidosamente para toda parte à medida que os dois passavam. Moll o conduzia pela mão ao longo dos corredores decrepitos. Pôsteres velhíssimos pendiam em farrapos, camadas e mais camadas de comédias e cantores esquecidos, de peças obliteradas na memória.

A coxia era um labirinto de lençóis e lixo. Uma mulher agachada em um canto virou-se e olhou para eles; Jake reparou que ela segurava um bebê, firmemente amarrado ao colo com faixas de pano.

Moll levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio, ao que a mulher assentiu inexpressivamente — efeito do esgotamento.

A área do que um dia haviam sido os bastidores fedia. Poças de um líquido não identificado (Jake torcia para que fosse apenas água suja) escorriam pelos painéis do cenário, alguns dos quais haviam sido arrancados para alimentar fogueiras.

Jake parou.

A bolsa com os objetos roubados pendia acima deles, a pelo menos quinze metros de altura. A outra extremidade da corda que a mantinha suspensa descia serpenteando até o palco, onde estava firmemente amarrada na cintura do ladrão corpulento.

Jake xingou baixinho.

Moll o puxou para baixo. Seus lábios minúsculos fizeram cócegas nos ouvidos dele quando ela sussurrou:

— Olha lá. Você vai ter que subir.

Ao lado da bolsa de couro havia um cabo que se elevava, dava a volta em uma viga e descia do outro lado. Jake olhou para o cabo e depois para os homens.

— Certo. Você fica aqui. Se eles acordarem, *não deixe que olhem para cima de jeito nenhum.* Entendeu?

— Claro como a noite.

Jake pegou o cabo. Estava imundo e as fibras rangiam, mas era forte. Testou-o com atenção até ter certeza de que suportaria seu peso. Então deslizou as mãos para cima, uniu os pés e começou a subir.

Mão ante mão, Jake foi se impulsionando para cima. A outra extremidade da corda se contorceu e balançou, então se soltou de algum lugar e correu pelo palco, produzindo um ruído que, embora leve, o deixou paralisado de medo.

O ladrão corpulento ressonou alto.

Moll, agachada na escuridão, fez sinal de positivo com os dois polegares. Jake continuou a subida.

Não demorou muito e suas mãos estavam vermelhas e machucadas, seus joelhos e ombros irradiando uma dor intensa. Quanto mais ele subia, mais a corda oscilava, a ponta se contorcendo e chicoteando o chão. Estava escuro ali no alto, e o suor fazia seus olhos arderem, mas finalmente ele estava na altura da bolsa, a pouco mais de um braço de distância.

Era uma manobra complicada. Jake esticou-se e tentou alcançá-la; duas vezes, sem sucesso.

Na terceira vez, deu um impulso e conseguiu fazer balançar o cabo em que estava pendurado, aproximando-se mais da bolsa. Conseguiu enfim pegá-la, sentiu o couro macio e gasto em sua mão. Puxou-a com cuidado.

O ladrão corpulento sentiu a corda puxar. Roncou e resmungou algo, ainda dormindo, e jogou um braço para o lado.

Com cuidado, segurando-se apenas com os joelhos e tornozelos, Jake enfiou a mão na sacola. Sentiu um tecido e as beiradas ensebadas das moedas. Sentiu o grande volume arredondado de um relógio fino e caro. E sentiu o bracelete.

A serpente de metal surgiu gelada sob a ponta de seus dedos.

Ele tentou puxar o bracelete.

Moedas escorregaram com alarde. Jake tinha conseguido pegar o bracelete, mas sentia que estava preso em algum outro objeto; puxou de novo, desta vez com mais força.

A corda e o cabo balançaram no ar. Sentindo-se de repente tonto, Jake perdeu a firmeza: seus tornozelos escorregaram e ele agarrou-se furiosamente à corda. Acabou, de uma hora para outra, pendurado de cabeça para baixo, ofegante, o bracelete de serpente enfim arrancado da sacola, cujo conteúdo se derramou todo em uma estridente chuva de metais que despencou ruidosamente sobre os homens adormecidos no palco.

— EU NUNCA afirmei que era aquela menina — disse Sarah, baixinho. — Só deixei que vocês acreditassem. Vi a reportagem no jornal e reparei que a garota da fotografia era bem parecida comigo. Eu não podia desperdiçar uma chance dessas.

Todos a olhavam como se não a conhecessem mais. Era difícil, mas ela mexeu no cabelo que lhe batia no pescoço e seguiu adiante, ainda que sem muita firmeza:

— Meu nome é mesmo Sarah... mas não Sarah Stuart. Eu...

Wharton apontou para a moeda.

— Explique isso. No diário, Symmes recebe essa moeda como um amuleto. Zeus. Por que isso é importante? — A voz do professor traía sua raiva.

Sarah pareceu surpresa.

— Você leu o diário? — perguntou ela.

Wharton ficou ligeiramente ruborizado.

— Bem, eu entrei no quarto do Jake e aí tinha esse monte de coisas lá e...

Ela assentiu, dispensando explicações.

— O diário conta o passado. Eu não venho do passado. Eu venho do futuro.

Rebecca conteve o riso.

— Não ria de mim — disse Sarah, olhando para ela. E completou, olhando de relance para Wharton:

— Ele acredita.

Wharton deu de ombros.

— Ontem... ou mesmo uma hora atrás... eu teria rido também.

— É verdade o que ela diz — disse Gideão, em um tom tranquilo. — Já vi Sarah. Quando ela era uma garotinha. Eles levaram... ou vão levar... os pais dela.

Sarah estava confusa com a forma como ele via o tempo: passado, presente e futuro fundidos em uma só dimensão. Ela continuou:

— Vou nascer aqui. Mas minha Wintercombe é só uma ruína. Um lugar de fantasmas. Uma colônia onde maltrapilhos vivem como ratos e onde eu guardo meus segredos em um buraco no assoalho de um quarto invadido por trepadeiras. — Sarah deu de ombros e sentou-se no banco perto da lareira, olhando para o fogo. — Não posso contar tudo. Mas havia um homem no grupo chamado Jano. Ele era um de nós no início. Um dos revolucionários. Aos poucos, Jano mudou. Tornou-se um deles. Meu pai disse: “Ele está indo longe demais. Acha que é mais importante que a causa.” Certa noite, uma noite de inverno, nós o ouvimos no rádio. Já não tínhamos televisão fazia muito tempo, nem internet. Ouvimos Jano e descobrimos que ele era tudo que restava. Minha mãe riu, mas meu pai teve medo. Não levou mais que uma hora até os faróis dos caminhões chegarem rugindo pela estrada. Levaram meus pais. Não sei para onde. E me levaram para o Labirinto.

Gideão aproximou-se e sentou-se ao lado dela.

— Um lugar de terror?

Sarah esboçou um sorriso.

— Um lugar onde eu aprendi a ficar invisível. Um lugar de experiências secretas e práticas bizarras. Um lugar onde estudavam humanos e como torná-los mais do que mortais.

Ele riu também, repetindo:

— Mais do que mortais!

Rebecca estremeceu.

— Mas nem todos ali eram obedientes. — Sarah ergueu o olhar. — Organizamos um núcleo de resistência, que chamamos de ZEUS: por causa da moeda e por causa da história, da lenda. Na mitologia grega...

— Que lenda? — interrompeu Rebecca.

— Faz sentido — disse Wharton. — Cronos, ou seja, o Tempo, era um titã que matou todos os filhos,

um a um. Até que nasceu Zeus. E Zeus derrotou o Tempo. — Ele se virou para Sarah. — E quantas pessoas faziam parte desse grupo?

— Seis. Seis amigos — respondeu Sarah. — Jovens revoltados e insatisfeitos, todos sem esperança. Não tínhamos planos. Até que descobrimos sobre o espelho.

Wharton levantou-se e colocou mais um toco de lenha na lareira, cravando-o em meio às brasas avermelhadas.

— Então quer dizer que você aparece aqui, conquista nossa piedade, mente e finge, e todo esse tempo só queria roubar o espelho?

A raiva do professor era cortante. Ele bateu as mãos para tirar o pó da lenha, encarando Sarah com aquela sua expressão irritantemente honesta.

— Não para roubar — Sarah apressou-se em responder.

— Para quê, então?

— Para protegê-lo. Para Jano não pegá-lo.

Ela olhou de relance para Gideão, que estava sentado no banco próximo à lareira, observando o crepitar do fogo. Abraçado aos próprios joelhos, ele se contorcia inteiro para se afastar da grade de ferro da lareira, enquanto ouvia tudo atentamente.

Sarah tentou consertar, às pressas, para fugir da mentira; talvez rápido demais:

— Ele fez experiências com o espelho. Não temos muitos detalhes, mas sabemos que deu certo e que ele fez a *jornada* por causa... por causa dos Replicantes.

— Tudo isso é fascinante, mas... — interrompeu Wharton.

— Não, por favor. Escute. — Os olhos azuis de Sarah imploravam. — É importante. Se alguém que faz a *jornada* comete algum erro... se volta para um ponto errado no tempo... quer dizer, se volta para antes de quando entrou no espelho... Não percebe? *Ficam dois dele*. Chamamos isso de replicação. Jano deve ter feito isso, porque ele tem muitos Replicantes. Um deles está aí fora, no terreno da propriedade. Neste exato momento.

— E tem o lobo — completou Gideão. — Não se esqueçam do lobo.

— Ele cria esses animais. São lobos que farejam o rastro de quem viaja no tempo.

— Mas será que a neve... — considerou Wharton, franzindo o cenho.

— Não vai detê-lo. Ele vai se aproveitar da neve. Já até cortou a energia elétrica.

— Isso tudo... — disse Rebecca, balançando a cabeça — é loucura demais para mim.

— Alguém lhe perguntou alguma coisa? — retrucou Sarah, irritada. — Aliás, o que é que você está fazendo aqui mesmo?

Rebecca respondeu, na defensiva:

— Vim alertar Jake...

— Por quê? — retrucou Sarah, desconfiada. — Sobre Jano? E como você...?

— Ei — cortou-a Wharton, incisivo. — A casa está protegida. A qualquer momento Piers vai fazer as luzes voltarem a funcionar. Ninguém vai entrar aqui. Isso eu garanto.

O estrondo o calou.

Wharton olhou para Sarah. E logo estavam ambos debaixo da arcada, cruzando o corredor gelado, sob os sinos. Chegando ao salão, Wharton ficou paralisado quando viu a porta da frente escancarada, arrebentada com violência, a fechadura ainda fumegando. A neve rodopiava acima dos ladrilhos pretos e brancos que revestiam o chão.

— Ele entrou na casa — exclamou Sarah, pálida, logo atrás do professor. — Vamos para o Caminho do Monge. Rápido. Ou será o fim.

— Ah, eu vou para lá. Mas você não. — Wharton postou-se diante dela. — Sinto lhe dizer que você não vai chegar nem perto daquele espelho, Sarah. Porque tudo aquilo que você nos contou pode muito bem ser um monte de mentiras.

NAS profundezas da casa às escuras, Maskelyne ouviu o estrondo. Tinha passado vários minutos encolhido, tremendo, esfregando os braços e ombros na tentativa de recuperar a sensibilidade perdida no frio. Depois, pusera-se a explorar o lugar com atenção, abrindo portas, espiando salas, avançando furtivamente pelo coração daquela construção ancestral que exalava os aromas de cera de assoalho e lavanda desgastada.

Ele sabia que o artefato estava ali. De alguma maneira inexplicável, sentia sua presença, sentia nos nervos a textura incômoda de sua aura. O espelho o reconhecia. Maskelyne seguiu em direção a ele, por passadiços e escadarias, avançando sorrateiramente pela vastidão da Grande Galeria.

O estrondo o deteve, sob o retrato do havia muito falecido lorde Venn. Alguém havia arrombado a porta principal da casa. Por alguns instantes ele ouviu o murmurinho indistinto de vozes ansiosas, e então disparou por uma estreita escada em espiral que levava ao primeiro andar.

Seguiu a passos firmes e virou em outro corredor.

Piers o aguardava.

O homenzinho sorriu, satisfeito.

— Ah... Então é você, afinal.

Piers estava de pé em seu jaleco branco encardido, o colete vermelho vívido por baixo, os pezinhos firmes no chão. Não segurava nenhuma arma, mas Maskelyne sabia que ele não precisava disso. Aquele ali não era um criado humano.

Maskelyne se deteve.

— Você me conhece? — perguntou.

— Do diário de Symmes. Foi de você que ele roubou o espelho. — Piers começou a avançar pelo corredor. — Eu o vi pelas câmeras. Faz meses que você está tentando entrar aqui. — Ele alcançou Maskelyne e se aproximou, curioso. — Você fez a *jornada*? Veio direto daquela noite na casa de ópio?

A curiosidade transbordava dos olhos brilhantes de Piers. Foi o único ponto fraco que Maskelyne identificou. Ele deixou que os ombros caíssem, que a exaustão revestisse seu rosto marcado pela cicatriz, e respondeu:

— Estou perdido neste tempo. Tudo que eu quero é o espelho. O meu espelho.

Havia um pequeno pote de cerâmica, azul e branco, no amplo parapeito da janela. Aquilo serviria, se ele conseguisse alcançar a janela. Rapidamente sacou do bolso a pequena arma de vidro.

Piers riu, como se estivesse surpreso.

— Isso não me machuca. — E avançou, deixando que o cano repousasse contra seu peito, quase amistosamente. — Não sou o tipo de criatura que pode ser destruída com uma arma.

— Sei disso.

Maskelyne então proferiu algumas palavras, muito rápido e muito baixo, um sussurro quase ininteligível. Era um curto encantamento em latim arcaico e em uma língua celta já extinta, as palavras embaralhando-se, invertendo-se e revirando-se, de dentro para fora e vice-versa, em uma rede de fonemas intrincados, uma récita de poder.

Piers arfou de susto.

Então olhou para o próprio corpo, uivou uma sílaba de ódio e esticou as mãos aracnídeas.

Maskelyne deu um passo para o lado e desenhou no ar um sigil mágico.

Piers tornou-se um mero contorno, uma projeção de si mesmo. Era uma débil miragem na atmosfera do corredor. Balbuciou imprecações, mas as palavras não saíram.

Maskelyne pegou o pote e o destampou. Cheirava a espectros de rosas. Ele encerrou o encanto, respirou fundo e ordenou:

— Entre.

Piers, translúcido como pó, lançou-lhe um olhar furioso. E então desapareceu, deixando Maskelyne esgotado, como se todo aquele ódio o tivesse calcinado por inteiro.

Com as mãos trêmulas, ele largou a arma, tampou o pote e o deixou no peitoril da janela. Depois se sentou, com tamanha rapidez que ficou com a impressão de que suas pernas haviam cedido. Apoiou a cabeça nas mãos.

Fazia séculos que não invocava aquele tipo de magia negra.

Ficou surpreso ao perceber que não perdera o jeito.

* * *

FOI uma barulheira. As moedas choviam, quicando e rolando e girando pelas tábuas nuas do assoalho. Em questão de segundos os ladrões tinham acordado. Moll deu um gritinho agudo, e Jake só não caiu porque agarrou o cabo — com tanta força que o bracelete de serpente se cravou em sua mão. O atrito da corda queimou-lhe a pele.

Quando viram Jake, os homens praguejaram e gritaram. Um deles — o menor — correu, agarrou a ponta da corda e começou a sacudi-la com tanta força que Jake mal conseguia se segurar. Se ele caísse, seria o fim. Se os ladrões tivessem um revólver, seria o fim.

Foi quando Moll atacou.

Ela surgiu das coxias em ruínas como um foguete, chutando e cuspidando fogo. Acertou o magrelo por trás, com algo que parecia um porrete de madeira, atingindo-o com força na parte posterior dos joelhos. O sujeito cambaleou e caiu, uivando de dor. Moll então ergueu de novo a arma e se virou, mas o homenzarrão estava logo ali.

Com as costas da mão, ele lhe deu uma bofetada que a lançou ao chão.

Jake gritou de raiva. Esquecendo a própria segurança, ele desceu pela corda e aterrissou no palco com tanta força que seus joelhos bambearam. Em questão de segundos ele pegou o cabo, enlaçou o pescoço do grandalhão e o puxou para trás, tomando o cuidado de se esquivar já que o sujeito socava o ar e brandia os dedos em garra.

O homem engasgava, grunhindo de forma animalesca, e tentava arrancar a corda desesperadamente. Jake a segurou o quanto pôde, mas o homem era forte demais. Com um movimento convulsivo, ele se virou e atacou: a faca passou tão perto do pescoço de Jake que ele ouviu o ar assobiar.

— Jake! — gritou Moll.

Ele deu um pulo para trás.

Ofegante, ele enfrentou o ladrão. O brutamontes jogou a faca para a mão direita e puxou outra do bolso de trás. Com uma expressão de pura raiva, ele avançou, ameaçador.

— Pra baixo, Jake!

O grito de Moll soou tão estridente quanto o do sagui Horácio. Ele olhou de relance para trás e se jogou para o lado com um grito. A grande cortina do palco se fechou sobre o garoto como uma enorme e sufocante onda de escuridão e poeira. Por um momento Jake se afogou no tecido; quando se libertou, Moll já o puxava, erguendo-o.

— Foge! Foge!

Sem enxergar direito, Jake colidiu com o cenário caindo aos pedaços, atravessando muralhas de castelos caídas e portas recortadas em cabanas de papelão. Logo atrás dele, o grandalhão rugia e se

debatia debaixo da cortina, jurando vingança e morte, mas Moll e Jake já escapavam por entre pilhas de lápides pintadas, túmulos adornados com caveiras e ossos cruzados, por campos de frágeis árvores retorcidas, círculos de cogumelos e um ramo comprido de pé de feijão.

Moll deu uma risadinha.

— Sua maluca — disse Jake, arfante. — Ele podia ter matado você!

— Até parece. Não ia mesmo. — Ela o pegou pelo braço. — Vem por aqui. Cuidado.

Uma grade estreita na parede. Moll a puxou com força, retirando-a, e se esgueirou para dentro da abertura. Jake a seguiu, enfiando primeiro os pés. Era um vão completamente escuro e fedorento, um espaço muito apertado que descia em um ângulo estreito.

Desceram com dificuldade, espremendo-se para avançar pela passagem estreita, quase sufocando com o ar fétido. Quando enfim pararam, Jake ouviu, muito ao longe, o homenzarrão batendo com fúria na grade minúscula.

Escutou também um barulhinho na escuridão, logo ao lado dele, como guinchos: era Moll rindo.

Só então ele se deu conta de como estava dolorido, sem contar a forte queimadura na mão provocada pela fricção da corda. Mas o bracelete estava a salvo. Ele o tocou no escuro e o enfiou bem fundo no bolso interno do casaco. Teve calafrios só de pensar que quase o perdera para sempre. Erguendo a cabeça, Jake observou o túnel imundo que se estendia acima.

— Este túnel vai dar onde?

— No esgoto — respondeu Moll, aninhando-se nele. — Todas as valas e todos os canos, pelo menos os novos, todos vão dar aqui embaixo. É onde dormem os matadores e os mendigos. Mas não precisa se preocupar. Eu sei um jeito de ir lá pra cima, e vai dar quase nas ruas chiques, essas aí que você quer.

— E por que eu estaria interessado nas “ruas chiques”?

Ele entreviu o brilho do sorriso da menina, um sorriso paciente e astuto.

— Porque é ali que ele mora, não é? O homem que você está procurando. O sujeito que pegou o espelho.

* * *

SARAH andava de lá para cá pela copa, furiosa.

Wharton havia sido categórico sem ser rude: pegando-a pelo braço, tinha a conduzido até ali e trancado a porta. Ela soltou um grito contido de frustração. *Eles nem imaginam com o que estão lidando.*

Então ela parou.

Tirando uma das luvas, pegou do bolso do casaco a caderneta cinza e ficou olhando por um tempo para a capa. Relutante, abriu-a. A página estava coberta com a letra inclinada de Jano.

LAMENTO, SARAH. MEU REPLICANTE ESTÁ DENTRO DA CASA AGORA. E GRAÇAS ÀQUELA SUA HISTÓRIA QUE VOCÊ INVENTOU, QUEM VAI ACREDITAR EM VOCÊ AGORA? O PROFESSOR BONZINHO, O CRIADO DA LÂMPADA MÁGICA, A CAIPIRA INTROMETIDA? DESISTA, SARAH. OU SEUS PAIS PAGARÃO.

Sentindo-se gelar de medo, Sarah ficou olhando para as palavras, até que por fim fechou a caderneta com força e a jogou longe, como se estivesse contaminada.

Ela tinha que sair dali!

Sarah correu até a porta e girou a maçaneta várias vezes, forçando a fechadura. Talvez se...

— Garota do futuro.

Uma voz baixa, em um tom de quem está achando graça. Sarah ficou imóvel. Perguntou:

— Quem está aí?

— Gideão.

Ela apertou a maçaneta com ainda mais força.

— O que está acontecendo? Eu tenho que...

— Você não vai conseguir chegar até o espelho. Rebecca e Wharton desceram até lá, e ele está armado.

— Você podia abrir a porta para mim.

— E por que eu deveria fazer isso? — Pelo som da voz dele, Gideão parecia estar rindo; um riso plácido e fora do comum.

— Gideão, me escute. Abra esta porta e me leve até o Bosque. Até Sol. É isso que eu quero de você. Em troca, se eu conseguir trazer Jake e Venn de volta, prometo levar você para casa. Para sua família. Para antes deste pesadelo.

Gideão não disse nada, e seu silêncio se prolongou por tanto tempo que talvez tivesse até ido embora. Até que ele disse:

— Sol é perigosa demais.

Sarah quase chorou de alívio.

— Eu preciso tentar. Por favor.

O ruído do ferrolho deslizando. Sarah deu um passo para trás. A porta se abriu e ali estava ele, em seu casaco verde-musgo esfarrapado, olhando para ela.

— Você vai me trair também, Sarah?

— Claro que não — mentiu ela.

CAPÍTULO 19

E não acreditarias nos agradáveis acontecimentos que sucederam! Na véspera de Natal, os músicos vieram e cantaram, e depois, tarde da noite, chegaram os atores mascarados e encenaram aquela antiga peça, todos vestidos em trajes rotos. Por fim, o que foi bastante estranho, minha querida, veio a Égua Cinzenta, o crânio de um cavalo em um poste, carregado por aldeões. E o tempo todo a terra encontrava-se sob uma profunda camada de neve do inverno, sob a mais cheia das luas...

Carta de Lady Mary Venn para a irmã, 1834

Maskelyne cruzou a Grande Galeria, furtivo como uma sombra.

Mais uma vez, parou e olhou para trás, brandindo a arma.

A casa estava às escuras, apenas a luz do luar atravessando os postigos das janelas, refletindo aqui e ali na madeira polida, nos sorrisos angulosos de rostos emoldurados.

Por duas vezes Maskelyne pensou ter ouvido passos, ainda que muito leves. E, uma vez, o som de respiração. O sombrio arfar de um animal.

— Isso vai matar você, Replicante. Está me ouvindo? — disse ele, calmamente.

Nada.

Ele apertou o passo, deixando-se atrair pelo espelho. Sentia a interferência do aparelho como ondulações em sua mente, como dor em seus ossos. Estava muito perto agora, mais do que jamais estivera desde aquela noite em que aquele homem imponente e cheio de pompa, que ele pensara ser um tolo, o enganara.

Em que ele, desnortado, não tivera outra opção senão mergulhar no espelho.

Maskelyne chegou ao aposento oculto e abriu a cortina. Deparou-se com uma porta; estava trancada.

Ele agiu rápido. Graças às habilidades adquiridas após anos vivendo no submundo de Londres, o homem da cicatriz conseguiu abrir a porta e entrar em poucos segundos.

O Caminho do Monge, com suas sinistras pedras de estilo gótico, fez o invasor sorrir por ser tão familiar. Maskelyne já havia explorado muitas criptas como aquela, já entrara em inúmeros sepulcros caindo aos pedaços.

Seguiu em frente, com cuidado.

O cômodo que se abriu diante dele era vasto, e estava escuro. Maskelyne parou na entrada e aguçou os ouvidos. Será que tinham deixado o espelho desprotegido?

Porque ali estava. Ele não conseguiu se conter: desvencilhhou-se apressadamente do que restava da rede de segurança de Venn, passando por baixo de fios e cabos verdes partidos.

Após tantos anos, tantos séculos, após a traição de Symmes e o penoso processo por que passara para chegar àquele tempo, ali estava o aparelho.

O seu Cronóptico.

Ele foi direto até o espelho. O que o vidro lhe mostrou primeiro foi seu reflexo deformado, o rosto distorcido e feio, mas depois, sob o frêmito do luar, um rosto belo e perfeito, sem cicatrizes.

Maskelyne recuou de um pulo.

— Rebecca?

Ela estava ali, um olhar de ansiedade. Maskelyne se virou e deu um passo em direção a ela, mas então

uma voz o deteve:

— Não se mexa e largue a arma, ou eu descarrego a minha em você.

Wharton, o homenzarrão, tinha uma espingarda apontada para ele.

Maskelyne respirou fundo. Então se agachou e, lentamente, colocou a arma de vidro no chão.

— Agora se afaste — vociferou Wharton.

Ele recuou um passo.

— Rebecca? Pegue a arma.

Ela emergiu das sombras e obedeceu, pegando a arma quase que com medo, como se estivesse quente.

— Ótimo. — Wharton avançou para a luz, a espingarda aninhada contra o peito. Então pegou da mão de Rebecca a arma de vidro, que observou com um olhar sombrio. — Agora eu quero saber como você entrou na casa. E quem diabos é você.

Maskelyne nada disse. Estava tão esgotado que não sabia se conseguiria falar.

Foi Rebecca quem respondeu. Encarando Wharton, ela se empertigou; era quase tão alta quanto ele.

— Na verdade, ele meio que é do passado. E está comigo.

* * *

A CASA de Symmes era grande e ficava em uma ampla praça de Londres. Da escuridão dos jardins do lado oposto, Jake vigiava o lugar, observando o alpendre com pilares, a área dos serviçais na frente, com suas grades pretas e seus degraus gastos, as janelas imponentes — uma, no primeiro andar, parecia aconchegantemente iluminada por trás das cortinas.

Moll respirava ruidosamente nas costas de Jake.

Os dois haviam cruzado uma Londres grotesca, que Jake mal reconheceu. Grandes antros de sujeira e imundície, emaranhados de cortiços e então, após dobrar uma esquina, uma rua graciosa, uma ampla avenida que ele conhecia em seu próprio tempo. Mas o mau cheiro do lugar, os ruídos e burburinhos e até mesmo as vozes tinham um quê de intrusos; os sons pareciam pairar no ar por tempo demais, eram altos demais. Os livros que Jake lera, histórias de Sherlock Holmes, ou mesmo de Dickens, não o haviam preparado para tamanha brutalidade, as centenas de cavalos, a opulência dos vestidos das mulheres, os esqueléticos varredores de ruas com o rosto marcado pela varíola.

Jake baixou os olhos para Moll: ela estava ofegante depois de terem corrido tanto. O que aconteceria com aquela menina? Tuberculose? Varíola? Subitamente, Jake teve a ideia maluca de levá-la consigo através do espelho; já até via a cara de susto de Piers quando a ouvisse dizer: “Ele trouxe visita.”

Ele se virou de volta para a casa.

A fachada era iluminada por uma única lâmpada a gás. Jake viu passar sob o cone de luz um homem que vinha caminhando pela rua. Ao alcançar os degraus da entrada, o homem fez uma pausa, depois subiu, resoluto, e bateu impacientemente na porta com a aldrava.

— Vamos chegar mais perto — murmurou Jake.

Atravessaram a rua. Sombras das árvores dos jardins farfalhavam acima deles.

O homem era alto e usava um chapéu escuro. Quando ele tirou o chapéu e a luz incidiu sobre seu cabelo loiro e seu rosto magro, Jake levou um susto.

— Quem é esse? — murmurou Moll.

— Venn.

A princípio Jake ficou extremamente aliviado, mas depois sentiu uma amarga inveja. Estava evidente que Venn não tinha sido atacado por ladrões; aliás, a julgar por sua roupa vitoriana, era ele quem tinha roubado alguém.

Jake avançou por entre as grades.

— Venn! — chamou baixinho.

Venn se virou na mesma hora, mas naquele instante a porta se abriu e um criado de terno escuro o atendeu:

— Pois não?

Venn virou-se de volta.

— Meu nome é Oberon Venn. Gostaria de falar com o sr. Symmes.

O mordomo parecia duvidoso. Mesmo evidentemente impressionado pela altura e o porte de Venn, ele disse:

— O sr. Harcourt Symmes não recebe visitas a esta hora.

— Ele vai me receber. — Venn sacou um pequeno cartão e escreveu alguma coisa no verso. — Dê-lhe isso. Diga que tenho urgência em falar com ele.

O mordomo voltou para dentro. Imediatamente, Venn se virou.

— Jake? Por onde você andou?

— Por onde andei? Estava sendo roubado, espancado...

Então o olhar gélido de Venn registrou a presença de Moll. Ele continuou:

— Escute: entre na casa pela entrada de serviço. Preciso ver a configuração que Symmes usa no espelho, e...

A porta se abriu; Venn se virou novamente. Jake se encolheu nas sombras.

— O sr. Harcourt Symmes vai recebê-lo, senhor.

Venn lançou um último olhar para a rua escura e entrou. A porta se fechou atrás dele.

Jake virou-se contra as grades úmidas e soltou o ar dos pulmões, com raiva.

— Como eu vou fazer para entrar?

Moll olhou para ele, compassiva.

— Aprende com quem sabe, Jake querido. Aprende com quem sabe.

* * *

O BOSQUE era uma teia de gelo. Galhos congelados se cruzavam acima da cabeça de Sarah; no céu escuro, as estrelas brilhavam como joias. Gideão olhou para trás.

— Falta pouco agora. Está com frio?

— Não, imagine... — murmurou ela, sarcástica.

Ele sorriu.

Os dois haviam saído da casa furtivamente e corrido até o Bosque. Mesmo de casaco, luvas e com o cachecol de Jake, Sarah tremia, abraçando a si mesma na tentativa de se proteger daquele terrível e cortante inverno.

Era véspera de Natal, mas ali, nas profundezas da floresta, poderia ser qualquer época, pois reinava um silêncio neolítico, pré-pagão, interrompido apenas pelo som dos passos dos dois quebrando galhos e rachando poças de gelo ao longo do caminho.

— Como você... aguenta... isso? — perguntou Sarah, quase sem fôlego.

— Eu não aguento — respondeu ele, virando-se para trás, pegando a mão dela e conduzindo-a através das urzes. — Eu moro na Terra de Sol, está vendo?

De um passo para outro, o mundo mudou.

Ao cruzarem um limiar invisível, o Bosque ficou verde, e o céu, azul. Abelhas zumbiam nas flores. O calor a envolveu, provocando um alívio tão profundo que ela teve vontade de gritar de prazer.

— Inacreditável! — exclamou Sarah, e virou-se para ele. — Parece o paraíso! Onde estamos?

Mas o paraíso tinha também salas, e edifícios, que pareciam se entender em ângulos absurdos, e esquinas de templos, museus e bibliotecas, e paredes de castelos. Era como se essas construções começassem em alguma outra dimensão e terminassem ali. Como se tivessem escorregado e ido parar ali nas profundezas do Bosque, enroscadas nos arbustos, presas nos ramos de madressilva.

Gideão não respondeu. Sarah percebeu que ele olhava para algo por cima de seu ombro, um olhar consternado e desafiador.

Ela se virou para ver o que era.

Sol estava ali, em um vestido vermelho de tecido leve e esvoaçante. Descalça.

— Quem você trouxe para mim desta vez, Gideão? — perguntou ela, sorridente e encantadora.

— Foi ela que me trouxe — respondeu ele, indiferente.

Sarah tentou falar, mas se descobriu incapaz. Tentou se mexer, e nada. Em um pânico plácido mas sufocante, ela ficou ali, presa a um corpo imóvel, sem conseguir sequer mexer os olhos para acompanhar Sol circundando-a lentamente.

— Uma criança estranha, ah sim. Tão velha, tão jovem.. — Sol se aproximou, estendeu a mão e ergueu o queixo de Sarah, avaliando seu rosto. — Traíçoeira e traidora. Uma louca; jovem de hera e vinhas e ervas daninhas.

Sol deixou a mão cair. Logo depois, Sarah sentiu um levíssimo toque: a mulher-fada examinava atentamente a moeda partida que Sarah trazia no pescoço.

— Zeus. Eu o conheci. Mais um tolo que não chegou a lugar algum.

Sol ergueu os olhos, e por um momento Sarah a fitou bem no fundo de seus olhos verdes, e ela notou que não refletiam luz alguma.

Então, como se tivesse perdido o interesse, Sol se virou. Com um suspiro de alívio, Sarah pôde voltar a se mexer.

Ela olhou ao redor. A clareira era coberta por um gramado. Havia troncos caídos e uma adorável cascata de madressilvas, sob a qual uma fonte mergulhava em um poço profundo onde salmões nadavam. Avelãs caíam de um arbusto logo acima e ficavam flutuando na água. No gramado, via-se uma variedade de cadeiras rústicas de madeira, um banquinho dourado ornamentado, uma cadeira de plástico de jardim, toda torta, e um trono desbotado que parecia ter saído do Antigo Egito ou de algum set de filmagem. Sol sentou no banquinho e passou os pés descalços com prazer pela grama agradavelmente quente.

— Então, Sarah. O que quer de nós? Não são muitos os mortais que têm a ousadia de vir aqui.

— Preciso de um favor.

— Dos shees? — Sol riu. — Não somos de favores. Barganhas, talvez. Tem algo a ver com Venn?

Sarah assentiu com a cabeça. Tentava não parecer muito ansiosa, pois já tinha sentido como aquela criatura parecia se alimentar de tais sentimentos.

— Venn e Jake entraram no espelho ontem à noite. Ainda não voltaram.

A risada de Sol foi um tilintar de despeito.

— Então ele finalmente foi em busca do amor perdido. Espero que apodreça em alguma era de brutalidade.

— Isso não vai acontecer — retrucou Sarah, tranquilamente. — E você sabe disso. Seus ciúmes...

Sol levantou-se, rápida como um gato.

— Eu *não* estou com ciúmes. De uma mulher!

— Você já viu Leah? Você a conheceu?

A curiosidade de Sarah era inesperada e verdadeira. Gideão lhe lançou um rápido olhar de advertência. Sol deu de ombros.

— As mulheres humanas são todas iguais. Não me lembro.

— Mas Venn...

— Venn é um de nós. Nossa música está nele. Quando se cansar dessa obsessão com o espelho, vai voltar para casa. — Sol franziu o cenho. — Eu conheço você, não? Já não a vi em algum lugar? Quem sabe entre as ruínas de Wintercombe, no salão incendiado, nas cinzas da Galeria?

— Não.

— Pois eu acho que sim.

Sarah se aproximou, puxou uma cadeira de jardim e se sentou. Era de plástico amarelo, daquelas que vendem em supermercados baratos. Posicionando-a com certa inclinação, de modo a ficar de frente para Sol, ela disse:

— Você parece saber sobre o passado.

— Para nós, qualquer tempo é o presente.

Sarah assentiu. Era um grande risco, mas ela tinha que tentar:

— Você conhece Jano?

* * *

— COMO assim, ele está com você?

Perplexo, Wharton baixou a espingarda. Rebecca olhou de soslaio a fina arma de vidro.

— Sinto muito — disse ela. — Fui eu que o deixei entrar na casa.

Wharton arregalou os olhos. Até a voz dela estava diferente.

— Nós somos amigos, eu e ele — continuou Rebecca. — É uma longa história... Mas eu sei sobre o espelho, e, na verdade, Maskelyne não é perigoso. Ele só quer o que lhe pertence.

— Não é o que todos queremos? — perguntou Wharton, dando um passo adiante e examinando Maskelyne. — Eu me lembro de você. No avião. Você nos seguiu até aqui?

— Sim.

— Você é mesmo o homem que aparece no diário? De tanto tempo atrás?

Maskelyne não esboçou reação. Parecia desconfiado.

— Bom, neste caso, você sabe operar essa coisa! Sabe como trazer Jake de volta...

— Talvez. Por um preço.

Os dois se encararam demoradamente.

— Eu não tenho ideia do que fazer — confessou Wharton. — Sumiram todos, até mesmo Piers. Sou o único que sobrou para vigiar esta coisa, e não sei nem por onde começar. Preciso de ajuda.

Maskelyne o fitou. Seus olhos eram sombrios e conturbados.

— Se eu conseguir trazer os dois de volta, levo o espelho. Assim será melhor, tanto para Jake quanto para Venn.

— Eles não vão concordar. — Wharton franziu o cenho, inflou as bochechas, soltou o ar e olhou para Rebecca. — Devo estar maluco por confiar em vocês, mas vão em frente. Façam o que for necessário.

Rebecca riu de alívio.

— Vou tentar — disse Maskelyne.

Wharton deu meia-volta.

— Aonde você vai? — perguntou Rebecca, alarmada.

— Vou procurar Sarah. Acho que precisamos estar todos juntos.

* * *

AO ENTRAR na sala, Venn encontrou um homem corpulento em um roupão vermelho. Estava diante da lareira, em uma pose adotada às pressas. Seu bigode era espesso, e seu rosto, corado.

Ele estava com o cartão de visita de Venn na mão.

— Sr. John Harcourt Symmes?

— Quem diabos é você? — perguntou Symmes, em uma voz irritada e desconfiada, erguendo o cartão.

— Qual é o significado disso? Este é o cartão de um colega da Royal Society que eu conheço bem, e o senhor é um impostor.

— Meu nome é Oberon Venn. Não nos conhecemos. Sou um explorador e, segundo alguns, um homem de ciência.

— Bem, eu nunca ouvi falar do senhor, então...

— Vim falar sobre David Wilde.

Symmes foi interrompido no meio da frase. Ele olhou para Venn e, como se sofresse uma fraqueza repentina, tateou à procura da cadeira que estava atrás dele. Sentou-se devagar.

— Minha Nossa — murmurou ele. — Então você é... quer dizer, você fez a *jornada*?

Venn assentiu.

— Tenho mais dois companheiros comigo, e é bem provável que estejam causando uma celeuma na área da criadagem da sua residência. Pode mandar chamá-los, por favor.

Era uma ordem.

Symmes parecia sem ação por conta da surpresa. Então tocou a sineta. No entanto, antes mesmo que o mordomo entrasse, Venn ouviu a voz de Jake no fundo da casa.

— Tem algumas... pessoas lá embaixo — disparou Venn. — Mande-as subir.

O homem olhou para o patrão.

— Senhor, lá embaixo há uma maltrapilha das ruas e um jovem com trajes muito esquisitos. No começo a menina fingiu que estava doente, depois...

— Traga-os para cá — ordenou Symmes. — Já. — Enquanto esperavam, Symmes indagou: — Eu gostaria... que o senhor me descrevesse algumas coisas. No seu tempo... Londres mudou muito? Existem máquinas voadoras? As mulheres já podem votar?

— David nunca lhe contou nada? — perguntou Venn, baixinho.

— Ele disse que seria melhor se não contasse.

Venn sorriu. Isso era típico de David. Quando a porta se abriu e Jake entrou, seguido por uma menina vestida em farrapos, Venn percebeu a semelhança entre pai e filho, aquela capacidade aguçada de percepção, de compreender e absorver rapidamente tudo a seu redor.

De olhos arregalados, Moll foi direto para junto da lareira e ficou agachada ali, quase ronronando. Jake confrontou Venn:

— O que está acontecendo?

— Este é Harcourt Symmes. Ele conheceu seu pai.

— *O quê?* — Jake virou-se na mesma hora para o anfitrião. — Quando?

A resposta de Symmes o deixou arrasado:

— Três meses atrás.

Venn sentou-se em uma das poltronas e fez sinal para que Jake fizesse o mesmo.

— Eu sabia que David viria até aqui. Ele deve ter percebido que, se conseguíssemos fazer uma *jornada* atrás dele, era você, Symmes, quem tentaríamos encontrar.

— Foi exatamente o que ele disse. — Symmes parecia um pouco mais à vontade agora. Ele se ajeitou na cadeira e começou a falar, e Jake notou o tom de autossatisfação do homem cujo diário ele tinha lido. — Desde que... bem... obtive o espelho, trabalhei nele durante dois anos, mas sem muito sucesso. Tratava-se, obviamente, de um portal para outra existência. Mandei objetos inanimados através dele, depois um rato e, por fim, um cachorro, mas não me atrevi a testar com um ser humano. Muito menos

comigo mesmo. Sei que, como cientista, eu deveria ser mais ousado, mas...

Jake não se conteve:

— Meu pai chegou aqui à sua casa através do espelho?

— Não, de forma alguma. Na verdade, ele simplesmente bateu na minha porta, como vocês.

Os dedos de Moll deslizaram sobre a mesa e apanharam uma maçã da fruteira. Discretamente, ela começou a comer.

— Foi em maio. Vi um homem magro e com semblante bastante fatigado, envelhecido prematuramente...

— *Envelhecido?* Meu pai tem só 38 anos! — interrompeu Jake, os olhos fixos em Venn. — Como ele pode ter...

— Eu não sei! — respondeu Venn, com uma impaciência feroz. — Não sabemos quanto tempo seu pai viveu aqui. Deixe o homem falar.

Angustiado, Jake se recostou na poltrona. Seu pai era um homem jovem, animado, estava sempre rindo. Um piadista. Era aterrorizante imaginá-lo envelhecendo sozinho, desesperado e perdido naquela cidade imunda e insalubre.

— Ele afirmou ser um viajante do futuro, do século XXI, mas só comecei a levá-lo a sério quando ele me mostrou um pequeno objeto chamado telefone celular, e que eu, francamente, achei impressionante. O aparelho não funcionava, mas, segundo ele, no futuro seria possível falar com pessoas distantes usando aquilo, e eu nunca tinha visto nada parecido. Ainda assim, ele poderia ser um bolchevique ou um espião prussiano, e eu estava prestes a chamar a polícia quando ele descreveu meu espelho. Meu espelho, meu maior segredo, que guardo no meu escritório lá em cima. Eu enfim me dei por convencido.

Venn assentiu, dizendo, com uma expressão de amargura:

— David sabe ser muito persuasivo.

— Ele me explicou a complicada situação em que se encontrava. Disse que queria voltar para casa. Prometeu abrir-me as portas para grandes segredos se eu o ajudasse. Comentou que o filho estaria preocupado com ele. — Ao dizer isso, Symmes olhou para Jake. — Garanto-lhe que o tempo todo ele só pensava em você.

Jake não conseguiu dizer uma só palavra.

— Não falei? — sussurrou Moll.

— O que aconteceu? — perguntou Venn, em um tom sombrio, como se adivinhasse o que viria a seguir.

— Trabalhamos juntos durante dois meses. Ele fazia muitas coisas que eu não entendia. Por fim, disse que o espelho estava pronto. Então me deu uma folha de papel dobrada e lacrada e me fez jurar que eu não olharia as revelações ali contidas até que ele tivesse ido embora. Então, ativamos o dispositivo. Trocamos um aperto de mãos, pois tínhamos nos tornado amigos, e ele entrou no vácuo preto do espelho. — Após um instante de silêncio, Symmes perguntou: — David não voltou para casa?

— Não — respondeu Venn. Depois de mais instantes em silêncio, ele levantou a cabeça e perguntou: — E o documento que ele lhe deu?

— Ah, sim, o documento. Eu esperava uma lista de segredos do futuro, mas não era nada disso.

Symmes se levantou e, mancando por causa da gota, foi até o aparador e abriu uma gaveta, de onde pegou a citada carta. No entanto, em vez de dá-la a Venn, entregou-a a Jake, que a pegou com avidez. Jake a leu com ardor. Depois ficou em silêncio por tanto tempo que esgotou a paciência de Venn:

— O que é, afinal?

Jake ergueu os olhos. Uma felicidade amarga iluminava seu rosto.

— Uma carta. Para mim.

CAPÍTULO 20

Parte do charme e do fascínio do homem residia em sua natureza obsessiva. Seu grande amigo David Wilde comentou certa vez: “Venn é como uma dessas ferozes serpentes selvagens que não soltam a vítima depois da mordida. É preciso matá-las para soltá-las da presa. Venn é assim. Tudo que quer, ele consegue. Quando perde alguma coisa, move céus e terra para encontrá-la novamente. Ele jamais trairia um amigo.”

O atual paradeiro do Dr. Wilde permanece um mistério.

Jean Lamartine, A estranha vida de Oberon Venn

Sol não demonstrou qualquer surpresa em seu rosto belo e petulante, mas Sarah sabia que a menção da palavra “Jano” tinha surtido efeito.

— Você se lembra dele? — indagou Sarah, ansiosa. — O deus que vê tanto o que está adiante quanto o que está atrás. O deus de dois rostos.

— Sei quem ele é.

Repentinamente, sem aviso ou farfalhar, todos os shees estavam ali, sentados nas árvores, nas cadeiras de jardim, na grama, inclinados nos mais estranhos ângulos... A beleza prateada deles era uma máscara; os olhos a examinavam sem curiosidade. Sarah se sentiu sozinha no meio deles. Gideão, deitado aos pés de Sol, mantinha-se em silêncio, contemplando o inexpressivo céu azul.

— Então você sabe como ele é perigoso — continuou Sarah. — Pois bem, Jano está aqui. Ou pelo menos uma cópia dele, um Replicante. Venn está desaparecido e em perigo. Todos eles correm perigo, se você não ajudar.

Sol riu.

— Nós não *ajudamos*. Nós pegamos, nós damos, cantamos, festejamos. O que você poderia sequer me oferecer em troca?

— Isto.

Sarah pôs a mão no bolso e pegou o broche de diamante. Quando o ergueu à luz do sol, as pedras preciosas emitiram um brilho estonteante que capturou todos os aquilinos olhos. Ela sentiu a ganância dos shees imediatamente. Na verdade, era nisso que estava apostando. Pois eram criaturas letais, mas também infantis. Joias brilhantes, ouro... O que mais interessaria a eles?

Sol nem se mexera, mas tinha o olhar fixo no broche.

— Você me daria essa joia?

Sarah deu de ombros.

— É um pagamento alto que estou oferecendo. Mas você vai ter que...

Sol se ergueu.

— Não venha me dizer o que *tenho que* fazer, humana. — Os olhos dela foram cobertos por dissimulação. — Eu não quero essa ninharia.

— O que você quer, então? Eu faço qualquer coisa...

Gideão se levantou, todo o seu corpo magro transmitindo um sinal de advertência.

— *Qualquer coisa!* Que oferta mais tola. — Sol deu uma leve e graciosa pirueta na grama. — Que poder você me dá, Sarah! Pense em tudo o que eu poderia pedir.

Sarah estava desconcertada. *Burra*, pensou, irritadíssima. *Burra!*

— Não se preocupe! Não vou pedir o mundo todo. Só quero isso. — Sol estendeu a mão e apontou para a meia moeda no colar de Sarah. — Dê-me a moeda e eu prometo considerar sua proposta.

A mão esguia de Sol continuava estendida, à espera.

Sarah não se mexeu. Permaneceu em silêncio, tensa.

— Só depois — respondeu Sarah.

— Você é louca? Eu posso destruí-la com um mero sussurro.

O que provavelmente era verdade. Mas Sarah não se deixou vacilar. Fechou a mão sobre o broche e o guardou depressa.

— Depois. Depois que você der um jeito no Replicante...

— Onde está ele?

— Na Morada — respondeu Gideão. — Com um lobo.

Sol fez cara de irritada.

— Daria muito trabalho.

— Venn ficaria grato. Pense nisso.

Sol deu de ombros, mas a ideia pareceu agradá-la, porque subitamente ela abriu um largo sorriso.

— Muito bem. É só me chamar quando precisar, e eu irei. Se não estiver muito ocupada — prometeu ela.

Sarah teria que se contentar com isso, embora soubesse muito bem que as promessas dos shees não tinham valor algum. Mas se ela não retornasse logo, ficaria presa naquele reino sem fim, como Gideão. O menino, aliás, balançava a cabeça em reprovação, encarando-a. Sarah respondeu a Sol olhando para ele:

— Mantenha sua promessa. E eu mantereí a minha.

E então, divertindo-se com o completo espanto de todos, tornou-se invisível.

* * *

NA COPA vazia, Wharton olhava em volta com total desânimo. Quem poderia ter deixado Sarah sair? O garoto do Bosque? Por quê?

Ele se virou. Um sussurro de vento gelado soprou no corredor escuro. Naquele momento veio-lhe à mente uma súbita visão de portas e janelas abertas, a casa indefesa, o inimigo ali dentro.

Estava na hora de usar táticas militares. Ele voltaria para o Caminho do Monge. Montaria barricadas. Colocaria um cordão de segurança ao redor do espelho; afinal, sem ele Jake corria o risco de nunca mais voltar. No fim das contas, pensou Wharton, cheio de esperança, talvez Maskelyne tivesse conseguido resolver tudo. Talvez Jake já estivesse de volta, com Venn, até mesmo com David Wilde. Então ele, Wharton, poderia passar um Natal atrasado em Shepton Mallet e fingir que toda aquela loucura nunca tinha acontecido.

O professor foi cautelosamente até o salão, depois subiu as escadas correndo. No meio do caminho, no patamar, hesitou.

Algo havia estalado no salão. Wharton levantou a espingarda.

— Sarah, é você?

A neve caía. O frio era tão intenso que parecia corroê-lo por dentro. Ele continuou a subir a escada, agora de costas, olhando para todos os lados. Havia algo ali. Algo estranho, e estava muito perto.

Então, como se seus olhos entrassem em foco, ele viu, como se surgido da mais profunda noite, o lobo.

O animal estava nos primeiros degraus, começando a subir, furtivamente, roçando-se contra o corrimão. Uma criatura branca e sinuosa, sem forma ou contorno, quase indistinta a não ser pelos olhos, que pareciam pequenas safiras brilhando no escuro.

Foi então que o lobo deu um grunhido, grave e assustador.

Wharton empunhou a arma com as mãos, apontando-a para o bicho.

O lobo se aproximou, os olhos fixos nele.

— Para trás. Para trás ou eu atiro — ameaçou Wharton, batendo o pé na tentativa de assustá-lo.

O lobo rosnou, um som terrível. Atrás dele, alguém riu.

Wharton deu um passo para trás.

— Quem está aí embaixo? É melhor você controlar esse bicho ou vou ser obrigado a atirar! Está me ouvindo?

Ninguém respondeu, apenas o animal de gelo: saltando três degraus de uma vez, o lobo avançou na direção do professor.

Wharton se assustou, perdeu o equilíbrio e caiu para trás.

E então disparou.

LONDRES, agosto de 1848.

Querido Jake,

Espero que, quando você finalmente ler esta carta, seja por tê-la encontrado em algum arquivo com os documentos de Symmes (se é que esse material vai sobreviver). Só quero que você saiba que estou bem, e ainda tentando voltar. Sei que Venn estará tentando me encontrar, mas não quero — ou não queria? — que nenhum de vocês corra riscos tolos. Quando me vi na Londres da década de 1840, eu sabia que Symmes era minha única chance, mas, para ser honesto, estou começando a acreditar que esse equipamento só funciona em uma direção. Para trás. Se eu tentar de novo, pode ser que eu volte ainda mais no tempo, para mais longe ainda de você. De qualquer forma, preciso tentar. Não tenho outra escolha.

Diga a Venn que calibrei o espelho para o segundo e o décimo segundo. Nem sei se é suficiente.

Sabe, meu filho, quero que você tenha uma vida feliz. Ou, se estiver velho agora, espero que tenha tido uma vida feliz. Espero que não a desperdice/não a tenha desperdiçado se preocupando comigo. Espero que encontre uma boa mulher e tenha filhos, e que em algum lugar, em algum tempo, eu me torne avô.

Amo você, Jake. Diga a V. para me esquecer e encontrar Leah. Diga à sua mãe que sinto muito.

Do seu perdido, solitário e amoroso pai,

David Wilde

Jake viu Venn dobrar o papel lentamente, o rosto sombrio.

— Jake...

— Não venha me dizer que está arrependido! — atacou o jovem, tomado pela fúria. — Você o envolveu nisso com essa sua obsessão egoísta e estúpida! Ele nunca teria...

— Foi ideia dele — cortou Venn. — David estava tão entusiasmado quanto eu.

— Só porque ele não suportava ver a sua culpa! E você deixou que ele fosse embora! Não se engane, *padrinho*, você faria qualquer coisa, sacrificaria qualquer um para ter Leah de novo. Eu, meu pai, qualquer um neste mundo.

O rosto de Venn estava impassível, mas antes que ele pudesse responder, Symmes disse, calmamente:

— Senhores. Somos cientistas e temos de abordar este problema de forma científica.

Ele voltou a sentar em frente à lareira e acendeu um pequeno charuto escuro. Parecia ter se recuperado do choque; agora tinha pleno comando de suas faculdades mentais, fumava e pensava, as pernas cruzadas de maneira casual.

— Jamais consegui fazer o espelho funcionar plenamente antes da chegada do dr. Wilde, mas isso se deveu ao fato de eu não ter o outro dispositivo, o bracelete que ele usava. David nunca o tirou, inclusive o levou consigo quando se foi. Você, pelo que vejo, tem um idêntico.

Mesmo estando ainda irritado, Jake olhou para Moll. A menina sorriu.

— Graças a mim, senhor.

— Entendo... — Symmes inspirou profundamente. — Com isso, é possível que você consiga entrar novamente no espelho e voltar para casa.

— Sem meu pai?

— Ele não está aqui.

— Preciso saber como o espelho foi calibrado — disse Venn, aproximando-se de Symmes. — Preciso vê-lo. Agora.

No silêncio, o barulho das rodas dos coches emudeceu, e quase não se sentia o mau cheiro das ruas.

Symmes bateu as cinzas em um cinzeiro de vidro. Depois, amassou a ponta do charuto e se levantou.

— Muito bem. Está no porão. — Ele amarrou a faixa do roupão com firmeza e olhou com desgosto súbito para Moll. — Mas não a maltrapilha. Os senhores concordam em que não temos mais necessidade dela...

— Ela me salvou. E salvou o bracelete — murmurou Jake.

— Ainda assim... — Symmes dirigiu um olhar para Venn — não tenho a menor intenção de permitir que uma pedinte passeie por minha casa e tenha acesso a meus pertences.

— Não sou nenhuma pedinte! — reagiu Moll.

— Sabemos disso — ponderou Venn, que vasculhou nos bolsos das roupas roubadas que usava e pegou um punhado pesado de florins, xelins e tostões. — Aqui está. — Ele largou as moedas nas mãos em concha da menina. — Pode levar, vá comer algo gostoso. E compre sapatos.

Moll parecia atordoada. Provavelmente nunca tinha visto tanto dinheiro na vida. Jake queria ter algo para dar à menina também, mas só lhe restou esperar que ela guardasse o dinheiro para tomar seu braço e dar um beijo em sua mãozinha suja.

Ela deu uma risadinha.

— Que nem uma dama!

— Você é uma dama. Obrigado, Moll. Espero que a gente volte a se encontrar um dia.

Symmes parecia perplexo, mas depois achou graça. Então tocou a sineta, e o mordomo entrou, em silêncio.

— Mostre a saída a esta... criança.

O mordomo fez menção de pôr as mãos em Moll, mas ela se desviou dele. Antes de ir, ela sorriu para Jake com uma careta melancólica.

— Vou torcer pra você conseguir voltar pra casa. E achar seu pai.

— Obrigado, Moll.

E então ela se foi, e a porta se fechou com firmeza às suas costas curtas e eretas. Venn voltou a ficar impaciente.

— Certo. Onde está o espelho?

Symmes se levantou, pegou uma pequena chave pendurada em um gancho na parede e destrancou uma porta quase escondida em meio aos painéis do forro. A porta abria-se diretamente para uma escada de madeira que descia em espiral.

— Esperem. Precisamos de luz.

Enquanto Symmes ia até a mesa para pegar uma pequena lamparina a óleo, o olhar de Jake cruzou com o de Venn. Mas não houve tempo para falarem nada, pois Symmes voltou e tomou a frente no caminho, adentrando a escuridão úmida. O ambiente recendia a vinho derramado.

Desceram depressa. Jake ia atrás; ouvia as botas de Venn raspando na pedra. As sombras de ambos,

enormes e distorcidas, dançavam suavemente pelas paredes de tijolo. Symmes ergueu ainda mais a lamparina.

— Este espaço costumava ser minha adega, mas esvaziei todo o local e fiz dele um laboratório depois da primeira tentativa de roubo. É, de longe, o lugar mais seguro da casa.

— Tentativa de roubo? — A voz de Venn ecoou pela passagem. — Foi o homem da cicatriz? Aquele de quem você roubou o espelho?

— Talvez. Mas eu não roubei o espelho, sr. Venn, eu o salvei. Tremo só de pensar para que fins nefastos o aparelho já tinha sido usado.

Chegaram ao final da escada. A partir daquele ponto estendia-se um pequeno corredor, que terminava em uma porta gradeada.

— Queira segurar, por favor — pediu Symmes, estendendo a lamparina a Jake e em seguida abrindo as fechaduras enferrujadas.

Ao se voltar para o jovem, a luz da lamparina reluziu no bracelete de prata. Symmes franziu a testa.

— Estranho. Não é o mesmo.

— O quê?

— Não é como o bracelete que seu pai usava. Não são iguais.

Venn aproximou-se.

— Do que você está falando? Os braceletes formam um par. São idênticos.

— Posso garantir-lhe: o bracelete do dr. Wilde não tinha a forma de... o que é isso, uma serpente? Posso ver?

Relutante, Jake abriu o fecho de prata, tirou o bracelete e o ergueu. Symmes colocou um par de óculos e se inclinou para a frente, examinando o objeto com atenção.

— Uma serpente mordendo a própria cauda. Um símbolo ancestral da eternidade, provavelmente originário dos antigos egípcios. Ainda assim... tenho certeza de que é diferente.

Symmes pegou o bracelete e o posicionou diante da luz da lamparina.

Um brilho prateado se refletiu nas paredes.

Nesse instante, Jake viu a mão do homem de relance e foi atingido por um forte empurrão que o jogou contra Venn. Os dois se chocaram contra a porta do porão, que se abriu, fazendo-os cair lá dentro. Era um cômodo escuro, com palha empilhada, cheio de tonéis e teias.

Venn agiu rápido: pegou impulso e, erguendo-se, jogou-se contra a porta. Mas Symmes já a tinha fechado. Enquanto Venn ainda a esmurrava, os dois ouviram a fechadura enferrujada sendo trancada.

— Symmes! Você não pode fazer isso! — rugiu Venn.

A resposta foi suave e sem remorso:

— Gostaria de poder dizer que sinto muito, sr. Venn, mas seria uma inverdade. O senhor nem faz ideia de como procurei, nos últimos meses, outro bracelete como este. De como percorri todas as lojas de antiguidades e mercados de pulgas da cidade, sem sucesso. Até que vocês surgiram no meio da noite e o colocaram direto em minhas mãos!

Venn fechou os olhos. Jake, ainda ajoelhado na palha, deixou-se afundar lentamente.

— Mas não sou um criminoso, não sou um ladrão. Quero apenas fazer testes. Por um tempo. Alguns dias. Então, prometo aos senhores, farei tudo o que puder para ajudá-los a voltar para casa.

— Symmes, me escute — sibilou Venn, fazendo um esforço extremo para se conter. — Você vai quebrar o bracelete. Vai estragá-lo. É um dispositivo sofisticado demais... Pelo amor de Deus, você não faz ideia.

— Hassan vai mantê-los razoavelmente confortáveis, dadas as circunstâncias. Sinto muito, senhores. Talvez devam pensar neste revés como um pequeno *atraso*.

Os dois ouviram os passos do homem subindo as escadas com suas sandálias macias.

A porta no topo da escada foi ruidosamente trancada.

Venn se virou e, com as costas contra a porta, deslizou até o chão. Olhou para Jake.

Estavam em um desesperado silêncio.

Não havia mais nada a dizer.

* * *

O COICE da espingarda jogou Wharton para trás; no espaço exíguo da escada, o tiro soou como uma explosão. O lobo recebeu todo o impacto; a bala atravessou o peito do animal e a testa pintada a óleo de um Venn nascido há muitos séculos, indo se instalar na madeira atrás do quadro.

O lobo caiu sobre Wharton. Completamente ileso.

Wharton gritou de espanto e terror. Os olhos do lobo eram como estilhaços de gelo, seus dentes pingando saliva, seu rosnado tão perto que Wharton sentia o hálito quente e nauseante da fera.

Wharton ficou paralisado.

Não podia nem respirar para não correr o risco de os dentes do animal se cravarem em sua carne. Por um segundo de terror desumano, Wharton sequer se sentia no próprio corpo; era como se tivesse se encolhido até chegar a uma parte escura e remota dentro de si.

Então algo trepidou no sopé da escada.

O lobo olhou para cima, para algo atrás de Wharton.

Mais uma trepidação. O mundo voltou a existir com um grande estrondo. Rebecca estava gritando, e fez-se sentir no ar o cheiro acre de algo pegando fogo.

O lobo jogou a cabeça para trás e uivou, um som tão alto que Wharton sentiu todo o corpo tremer com o choque. O animal saiu de cima dele e virou-se, latindo e rosnando, contorcendo-se. Só então Wharton viu que uma súbita chuva de faíscas caía em suas mãos, no pelo do animal, nas escadas.

Tossindo, Wharton tentou se erguer. Antes que se desse conta, o lobo já tinha ido embora, descendo furiosamente as escadas, uivando. A escuridão tinha voltado.

— Levante-se — sussurrou Rebecca no ouvido de Wharton, com urgência na voz. — Depressa!

Ela o ajudou a ficar de pé; no início, cambaleou, mas depois passou o braço em torno dele e foi meio que o carregando, meio que o arrastando. Wharton queria dizer *Pare, eu consigo andar*, mas por alguma razão a voz não saía de sua garganta, o único som que ele conseguiu emitir foi um resmungo.

Os dois subiram as escadas de volta à Grande Galeria.

— O que...? — balbuciou ele.

— Velas! Era tudo o que eu tinha.

Seguiram com uma pressa imprudente, mas agora Wharton conseguia respirar.

— Pode deixar, eu vou andando — disse ele com dificuldade.

— Ele voltou — sussurrou Rebecca, tomada por pavor e apreensão.

Wharton viu as orelhas e o longo focinho do lobo surgirem ameaçadoramente no alto da escada, viu a silhueta prateada como a lua avançando pelo chão da galeria.

O professor cambaleou para trás, de costas, e empunhou novamente a arma inútil.

— Abra essa porta, Rebecca! Está pronta? *Agora!*

Rebecca escancarou a porta; ele se virou e se jogou dentro do cômodo, e, enquanto a fechavam, Wharton conseguiu ver rapidamente a fera saltando contra a porta, antes que o impacto brutal fizesse a madeira começar a rachar.

Rebecca pegou uma barra de madeira e, com a ajuda de Wharton, conseguiu prendê-la ao suporte de ferro maciço.

A porta estremeceu novamente.

Eles recuaram, ofegantes. Wharton sentia como se tivesse sido arrancado dos escombros de um prédio.

Cada centímetro de seu corpo doía.

— Você está ferida? — perguntou Maskelyne, que vinha descendo, correndo, o Caminho do Monge. Ele segurou Rebecca pelos ombros. — Aquele animal machucou você?

Ela fez que não, ainda ofegante.

Wharton estava curvado, uma das mãos na parede.

— Eu atirei nele. Atirei naquele bicho maldito! E mesmo assim..

— Nenhuma arma consegue matar aquele lobo, só a minha — explicou Maskelyne.

— Então sou eu quem vai usar. E não você — decidiu Wharton, a respiração entrecortada.

— Shhh. Silêncio... Escute — disse Rebecca, segurando o braço dele.

Passos.

Não eram do lobo, mas os passos calmos e calculados de um homem ressoando sobre as tábuas rangentes da Galeria, um homem caminhando tranquilamente, talvez admirando as pinturas, os armários de vidro repletos de livros antigos.

Os passos chegaram à porta do Caminho do Monge e pararam.

Em silêncio, eles esperaram, e sabiam que o Replicante aguardava também. Até que ele anunciou:

— Ainda estou aqui, Sarah. Sou o senhor desta casa agora. São vocês que estão presos aí. Quanto tempo vai levar até que a fome os obrigue a sair?

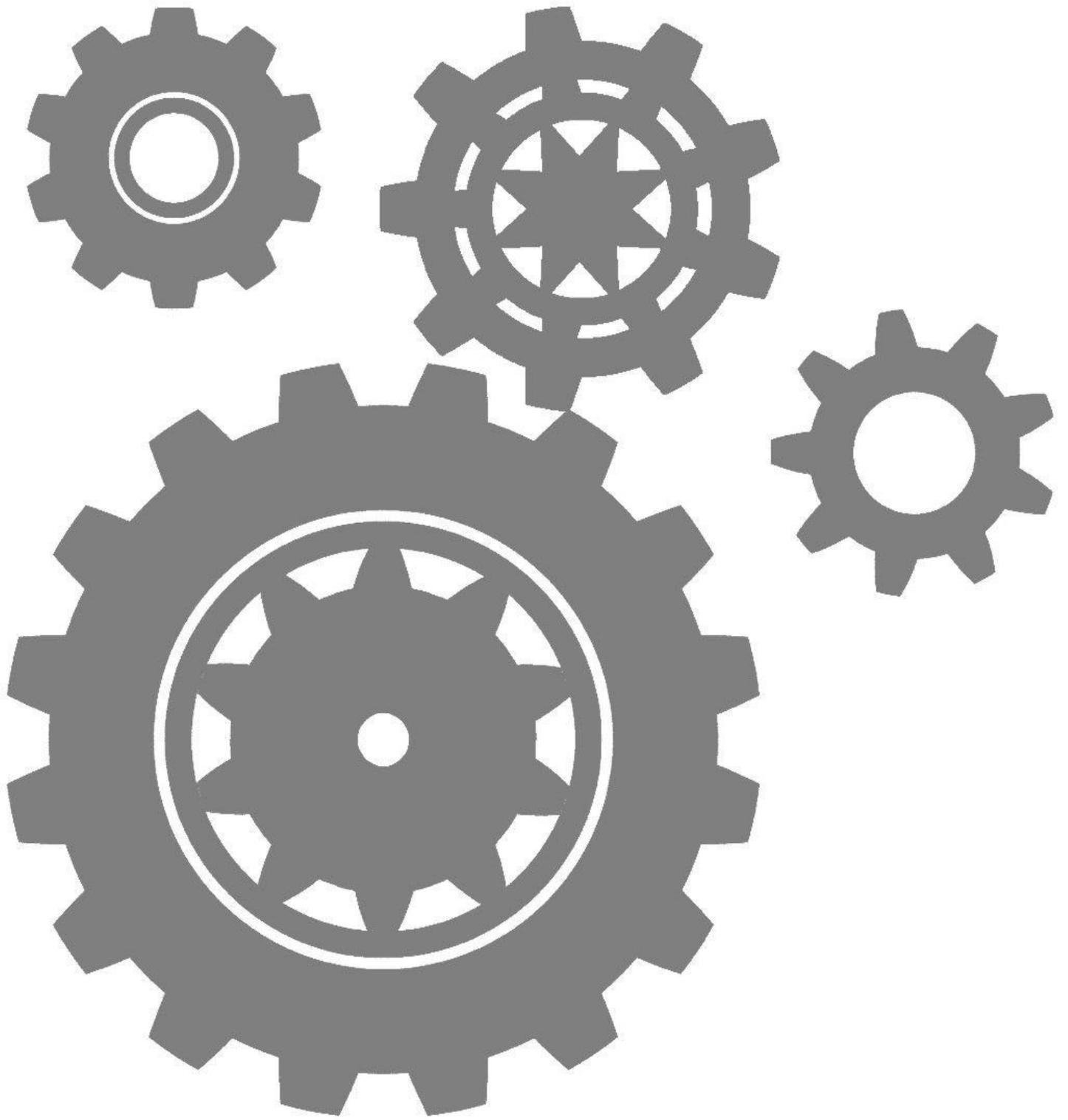
— Temos comida aqui — vociferou Wharton.

Era mentira.

— Mesmo? — O som de algo se arrastando, como se a réplica de Jano estivesse puxando uma cadeira.

Wharton o imaginou sentado, apoiando os pés na porta fechada. — Então é melhor comer rápido. Desejo um Feliz Natal a todos. Vocês têm até a meia-noite, nem um minuto mais, para sair rastejando desse buraco e me dar o espelho. Se não fizerem isso, quando soarem as doze badaladas, vou incendiar esta casa, por acaso tão antiga e toda de madeira, com todos vocês trancados aí. E quando o espelho preto for a única coisa intacta entre as ruínas e as cinzas, entre os restos carbonizados dos sonhos de vocês, eu mesmo virei pegá-lo.

*Nosso tempo está desnorteado;
Maldita a sina
Que me fez nascer um dia para consertá-lo!*



CAPÍTULO 21

Confesso que minha astúcia deixou-me muito satisfeito e tolamente orgulhoso de mim mesmo. Enquanto eu corria para o escritório com o bracelete, tinha acessos de riso por ver um homem como Venn, que afirmava ter viajado no tempo, ser enganado tão facilmente.

Dei instruções a Hassan e protegi o apartamento. Depois, com dedos trêmulos, coloquei o bracelete no pulso. O metal estava quente e o olho da cobra parecia brilhar e piscar para mim.

Embora me sentisse agitado e temeroso, liguei o aparelho.

Diário de John Harcourt Symmes

Jake estava com frio e fome. E cansado.

Sentou-se encolhido em um canto, abraçando os joelhos, tentando não tremer.

— Cadê seu relógio? — murmurou Venn.

— Foi roubado. Assim que cheguei a este lugar esquecido por Deus — respondeu Jake, sem erguer os olhos. — Roubaram o bracelete também. Se não fosse por Moll, não teria conseguido recuperá-lo.

Ele repassou rapidamente tudo que havia acontecido no teatro em ruínas. Venn ouviu tudo sem fazer nenhum comentário; sua figura esguia parecia ainda mais magra naquele terno vitoriano escuro que estava usando.

— Você se saiu bem — disse Venn, ao fim do relato. — E agora o perdemos de novo.

Na sombria imobilidade que pairava ali, eles ouviam o barulho das carroças passando lá em cima na rua, o som metálico das ferraduras contra as pedras do calçamento. Pingos de chuva caíam de uma pequena grade no teto acima de Jake.

— E você? — perguntou o jovem.

Venn deu de ombros.

— Acho que cheguei aqui cerca de uma hora depois de você, talvez um pouco mais. Só me lembro de agarrar a manga da sua camisa, depois não vi mais nada. Mas pelo menos descobrimos que duas pessoas conseguem *fazer a jornada* juntas e chegar quase ao mesmo tempo.

— Você saiu no beco?

— Não. Saí atrás de algum prédio público, em um jardim em estado lastimável. Um cachorro não parava de latir. Eu estava tonto e desorientado, mas consegui me recompor. Virei algumas esquinas e me vi no cenário de um livro de Dickens. Acho que era a Tottenham Court Road, mas havia um monte de barracas e um mercado de peixes... Eu só conseguia ficar olhando.

— Como você conseguiu as roupas?

Venn pareceu desconfortável com a pergunta.

— Bom, eu tinha que me vestir como as pessoas daqui. Tinha um... digamos... cavalheiro muito bêbado tentando encontrar um coche. Assobieie para chamar um e o ajudei a entrar. Quando descii, algumas ruas depois, eu estava com as roupas dele e deixei-lhe as minhas. Dobradas e arrumadas.

Jake não pôde deixar de rir.

O olhar de Venn encontrou o dele. Por um momento, os dois estavam rindo juntos.

Então, abruptamente, a desesperança voltou.

— Symmes pode estar fazendo qualquer coisa lá em cima.

Jake notou a tensão e a ansiedade no rosto do padrinho. Venn se levantou e chutou a porta com uma

raiva convulsiva.

— Um idiota pomposo e presunçoso, e nós deixamos que ele fizesse isso com a gente. Ele pode destruir tudo, ou pode simplesmente desaparecer, como David, e nos deixar presos neste porão... Precisamos sair daqui, Jake!

— Não desperdice suas energias. — Jake se levantou. — A porta é bem grossa.

Venn olhou para cima. Dos tijolos úmidos do telhado escorriam secreções brancas de cal. O mofo florescia em amontoados de veludo verde.

— A calçada não está muito acima. Se tivéssemos algum tipo de alavanca, algumas ferramentas...

— Mas não temos.

Venn se virou, a paciência esgotada.

— Você não tem nada de útil para dizer? Se você não tivesse tido a ideia estúpida de entrar no espelho, nenhum de nós dois estaria aqui.

— Eu não queria que você viesse. Você podia ter ficado.

— Ficou louco? David nunca me perdoaria se...

— Não fale do meu pai como se ele já estivesse morto! — Toda a frustração de Jake veio à tona. — Você está se lixando para o meu pai! Só o que importa é a sua culpa. Você só quer acabar com esse sentimento. Não duvido nada que esteja se lixando para Leah também!

A frase saiu sem que Jake se desse conta de suas palavras. Mesmo enfurecido, ele ficou horrorizado consigo mesmo. Venn o olhou com um semblante arrasado, como se não acreditasse no que tinha ouvido. Por uma fração de segundo, a própria escuridão do porão parecia ter se rachado, como se alguém houvesse jogado uma pedra no espelho escuro do mundo.

Então se ouviu um sussurro vindo do teto:

— Jake! Tá me ouvindo?? Sou eu. Moll. Jake, cadê você?

Ele correu para junto da grade, sentindo-se imensamente aliviado.

— Estamos aqui. Como você soube?

— Ah, mas você é mesmo muito inocente — disse a vizinha dela, acidamente. Jake podia até vê-la balançando a cabeça com ar de piedade. — Achou mesmo que eu ia cair fora com a grana? Sem chance! Fiquei lá fora esperando ver você saindo. Desconfiei logo desse Symmes. Todo cheio de historinha. Todo metidão.

— É, sua intuição estava certa. Ele pegou o bracelete e nos trancou aqui. Você consegue nos tirar daqui, Moll?

Ela riu.

— Aprende com quem sabe, Jake. Tá lembrado?

— Só não vá se machucar, hein? — recomendou ele, mas a menina já havia saído dali.

Jake se virou.

Venn estava encostado na parede, observando-o. Como se Moll não tivesse dito nada, ele continuou:

— Você realmente acredita nisso? Que meu egoísmo pode ser tão repulsivo? É isso que você pensa de mim, Jake?

— Eu não...

— Você devia me odiar mesmo. De longe, naquela escola confortável na Suíça.

— Você tinha sua obsessão. Eu tinha a minha. Achava que você tinha matado meu pai. — Jake desviou o olhar. — Eu tinha que culpar alguém. Você estava lá. E era o responsável. Não havia mais ninguém.

Venn assentiu, compreendendo.

— Agora vejo que errei com você. Eu realmente nunca pensei em você, só queria tirá-lo do caminho, não podia ser interrompido. Mas você está enganado sobre Leah. É verdade que isso aliviaria minha vergonha e minha culpa, que, sim, são enormes, acredite. Mas não tenha dúvida de que moverei céus e terras para trazer minha mulher de volta, sem me importar com quem tenta me impedir ou com quem sai

ferido disso tudo. Porque Leah é parte de mim. Ela é minha alma, Jake. Dizem que a família Venn não tem alma, que somos metade shee, que não sentimos remorso, que somos cruéis. Eu era assim. Foi Leah quem fez com que eu mudasse. Nem que eu tenha que enfrentar o mundo, o tempo e o destino, vou conseguir trazê-la de volta.

A confiança excessiva de Venn era de tirar o fôlego. Jake quase acreditou que um homem conseguiria tudo aquilo.

Então, com um pequeno arranhão e o chacoalhar de chaves, a porta foi aberta.

Os dois se viraram.

Moll estava ali, irradiando orgulho de si mesma, a mão na cintura.

— Será que eu não posso deixar vocês sozinhos nem um segundo, seus pobres coitados?

Jake pegou a menina e saiu dançando com ela.

— Você é incrível! O que...

Um estrondo os interrompeu. Um fortíssimo estrondo que ecoou na parte de cima da casa.

Venn correu até a porta.

— O espelho!

* * *

SARAH saiu correndo pelo Bosque. Mesmo invisível, o poder daquele lugar a atingia. Pela visão periférica, notou fragmentos de lugares que não poderiam estar ali, os limites de um campo arado, o plano inclinado de uma rua. Quando olhou novamente, já tinham desaparecido. Ela estava em um caleidoscópio, um lugar composto de várias peças, um universo partido, tudo disposto em ordem aleatória. Sarah temia que uma grande reviravolta reorganizasse tudo em segundos. Era como aquela velha história da menina que atravessou um espelho e se viu em um mundo onde gatos sorriam e ovos falavam.

Mas atravessar um espelho era justamente o que Sarah não tinha conseguido fazer.

Ofegante, ela parou e se agachou, buscando ar. Naquele instante, perguntou-se por que os shees não a estavam seguindo ou mesmo tentando encontrá-la. A curiosidade deles era intensa, sem dúvida.

Ao redor dela o Bosque aguardava, em silêncio.

E então, ainda fraco e distante, ela ouviu o som que mais temia. Antes mesmo de gritar em choque e tapar os ouvidos com força, ela sabia que era tarde demais, que naquele instante agudo e brilhante o estrago já estava feito.

A música era docemente atroz. Uma única nota, aguda e encantadora.

— Não! — gritou ela, e saiu correndo com as mãos tapando os ouvidos.

Se parasse, se ouvisse aquela música, seria o fim; seria assombrada por ela para sempre. Enfiou-se no meio dos arbustos e dos espinhos, escondendo-se embaixo de dois carvalhos, mas de repente já não havia mais chão, apenas água, e ela caiu para a frente, mergulhando de cabeça.

Uma escuridão cheia de bolhas, mas sem ar algum.

Sarah veio à tona com um grito, tossindo, o rosto coberto de algas. Por entre as algas, viu Gideão. De pé na margem, observando.

— Socorro! — gritou ela.

Depois afundou de novo, e não havia fundo. Longas fitas de algas a envolviam, a água entrava pelo nariz e descia pela garganta. Seu grito era um gorgolejo de pavor.

— *Gideão!*

Ele continuava na margem.

— Não posso! Se eu encostar na água...

— Socorro!

— Não posso ajudar, Sol diz que...

— *Você não é um shee. Você é humano!*

Ela tentou segurar-se a um galho, mas ele se partiu. Flores puxavam-lhe as roupas — margaridas, urtigas e flores roxas e compridas como dedos de cadáveres. Ela lutou desesperadamente para conseguir boiar, nadar, mas ninguém lhe ensinara como fazer isso no Laboratório. Cada movimento apenas a arrastava mais para baixo e a fazia engolir água e engasgar. Na dor provocada pela falta de ar, ela se viu em um reflexo sombrio, jazendo morta entre as flores.

Uma mão.

Estava perto, era forte, e a pegou pelo cabelo, puxando-a. Ela gemeu, mas a mão a sustentava, resgatando-a pelos ombros e cintura, até que seus pés encontraram o chão.

Logo estavam fora da água, irrompendo no ar, escalando o barranco, apoiando-se nos galhos de salgueiro para buscar impulso. O ar gelado invadiu-lhe os pulmões. Penosamente, ela tossiu e vomitou água e algas.

— Você... tocou... a água... — disse ela, quando conseguiu falar.

Gideão se sentou, passando as mãos pelo cabelo ondulado. Alguns dos líquenes verdes haviam escorrido de sua pele pálida; ele parecia diferente. Menos perdido. Pegando Sarah pelo braço e fazendo-a se virar, ele disse:

— Agora é você e Jake. Vocês dois me devem a vida agora. Os shees nunca cumprem o que prometem. Mostre que os humanos são diferentes, Sarah, me leve para longe dela.

A intensidade que rompeu a típica indiferença lânguida de Gideão fez Sarah assentir em silêncio.

Ele a ergueu.

— Vamos logo. Antes que você congele.

Em uma fração de segundo eles mergulharam no inverno, uma cortina de alvíssima neve horizontal que fizeram os olhos de Sarah lacrimejarem.

A nevasca rugia ferozmente. Os dois tropeçaram em samambaias secas que chegavam na altura dos ombros e em troncos caídos de velhos olmos; a neve embranquecia o cabelo e os lábios de ambos, o mundo inteiro se resumindo a um muro de neve a cair sobre eles. Ao saltar de volta à trilha, Sarah torceu o tornozelo e caiu, arrastando as mãos no chão gelado.

Alguma criatura soltou um grito hostil, logo acima dela.

Um enorme estorninho pousou em um galho, encolhendo-se para proteger-se da nevasca. Seus olhinhos redondos, cheios de curiosidade, a observavam.

Gideão parou.

— Eles estão aqui. Não pare — gritou ele, os lábios junto ao ouvido de Sarah. — E não se esqueça de mim.

Ela seguiu em frente, se arrastando, mancando e tremendo. Onde estava a casa? O vento gelado atravessava suas roupas molhadas de forma tão cortante que era até difícil respirar. Em segundos ela estava sozinha, sem saber se seguia pelo caminho certo. Talvez os shees estivessem atraindo-a de volta para aquele lugar entrecortado pelos cantos e esquinas do mundo.

Sarah conseguiu sair do Bosque, cambaleante, e enfim chegar, com neve até os joelhos, à entrada da casa.

Ela levou um susto.

Wintercombe Abbey era uma ruína ártica em meio a uma terra arrasada.

Naquele primeiro instante ela poderia jurar que tinha saído do Bosque no tempo errado, séculos depois, porque aquele era certamente o espectro de uma casa: cada telhado escondido sob uma camada grossa de neve, as janelas escancaradas, a porta aberta e bloqueada por uma montanha branca de gelo.

Nenhuma luz acesa, nenhuma chaminé soltando fumaça.

Talvez estivessem todos mortos: Venn, Piers, Jake. Talvez fosse o próprio inverno desolador de Sarah, o mundo sem cor e sem esperança de Jano...

Então, suave como o menor ponto de luz em um olho escuro, ela viu a chama de uma vela brilhando em uma janela alta da Grande Galeria. Depois a chama se moveu, como se atravessasse os painéis de madeira. Havia alguém lá dentro.

Sarah se recompôs e abriu caminho até a porta. Os degraus estavam tomados pela neve, mas uma mistura de pegadas profundas a guiou.

Ela passou as mãos pelo rosto e pelos olhos e prendeu o cabelo ensopado. Em seguida, abriu passagem pelo monte de neve acumulado até chegar ao salão.

Tudo estava escuro. Havia marcas úmidas de pegadas nos degraus da escada. Em profundo silêncio, ela seguiu as marcas, passando a mão pela fina camada de neve que cobria o corrimão. Ao chegar ao fim do primeiro lance de escada, ela se deteve.

Um som veio de cima, do alto da abóbada; um pequeno estalo, um tilintar. Grãos de poeira caíram sobre ela. Percebeu que o lustre balançava de leve, talvez ao vento. Uma onda de movimento agitou as tapeçarias vermelho-escuras no patamar da escada.

Sarah se virou, mas os degraus atrás dela estavam escuros e vazios. Não havia nem mesmo um gato.

De repente, o pânico a invadiu. Ela saiu correndo com todo o ímpeto, sem respirar, afinal tinha que voltar, encontrar o espelho, encontrar Venn. Lançou-se pela Grande Galeria, quase trombando com o Replicante.

Ele estava sentado, os pés apoiados na cadeira, e era tão jovem! Um soldado magro, com o cabelo preso para trás e os lábios desenhando no rosto um sorriso de puro deleite.

Antes que Sarah pudesse fugir dali, ele já estava de pé, segurando-a com força.

— Que ótimo vê-la, Sarah — disse ele.

* * *

O ESPELHO estava em uma zona fortificada. Sob as ordens de Wharton, Rebecca e Maskelyne arrastaram os móveis mais pesados, colocando-os contra a porta. Em seguida, os três recuaram para o labirinto. A única arma que tinham, a espingarda, apontava para o arco da entrada. Wharton a empunhava, com a arma de vidro presa no cinto.

— Porque eu não confio em você — retrucou ele quando Maskelyne perguntou a razão de ele fazer aquilo.

Rebecca balançou a cabeça, incrédula.

— Se aquela coisa entrar aqui...

— O que ele quer é o espelho. Não a gente.

Estavam todos agachados em silêncio. Wharton respirava pesadamente.

Rebecca olhou para Maskelyne, uma sombra na escuridão. Ela sabia que a atenção dele estava voltada para o espelho. Ele havia percebido, contrariado, que não podia fazer nada sem energia elétrica. Estar tão perto devia ser extremamente tentador para ele, pensou Rebecca. Um tormento.

— Está sentindo?

— Estou ouvindo — respondeu Maskelyne, e seu rosto marcado pela cicatriz virou-se na escuridão. — Uma música. É uma nota só, muito aguda, mais do que um mero som. Muito estranha e distante, como se fosse uma voz vinda da eternidade. Mas estou ouvindo, Becky.

— Vocês ainda não me contaram como se conheceram — disse Wharton atrás deles, ríspido.

Rebecca ficou em silêncio por um momento.

— Pode contar, se quiser — disse Maskelyne.

Wharton a ouviu suspirar.

— Nem sei como. Tudo começou há muito tempo. Eu tinha seis, sete anos quando o vi pela primeira vez. Em sonhos... Um homem caindo do espaço escuro, de um retângulo do céu. Ele estava me chamando, mas eu não conseguia entender o que dizia. Conte para minha mãe, mas ela riu de mim. Disse que era só um pesadelo.

“Lentamente, ele chegou à terra. Comecei a sonhar com ele pousando, atingindo o chão em câmera lenta. De um mês para outro, ele às vezes se movia apenas um milímetro nos meus sonhos. Eu me acostumei com aquilo. Parei de contar aos outros, porque achavam que eu era esquisita. Mas eu ficava acordada nas noites de chuva, preocupada, com medo de que ele se molhasse.”

Ela sorriu para ele.

— Então, uma noite, ele estava ali, no meu quarto. Mas era transparente, como um fantasma. Ele se sentou junto à janela e sussurrou: “Não tenha medo. Sou seu amigo.” Ninguém mais o via. No dia seguinte, quando minha mãe veio me acordar, ela o atravessou. Ele não estava lá.

— Era uma manifestação com intenso retardo — explicou Maskelyne.

— Fale a minha língua, droga — reclamou Wharton.

— O tempo estava esticado como um elástico. Eu estava chegando através do espelho, mas levei muitos anos.

— O quê? — Wharton parecia horrorizado. — Isso pode estar acontecendo com Jake?

— Jake está com o bracelete. Eu não tinha nada. Tive sorte de sobreviver.

Rebecca sorriu.

— Eu não sabia de nada disso na época. Ele era apenas meu amigo secreto, que morava na minha casa sem ninguém saber. Às vezes ele estava lá. Às vezes não. Aparecia em qualquer parte da fazenda: nos celeiros, nos campos, na margem do rio onde eu brincava. — Ela deu uma breve risada. — Eu não tinha medo. Gostava dele. Era metade bonito e metade feio, como se o tivessem montado com peças desencaixadas. Ele saiu dos meus livros; era Heathcliff e Rochester, e todos aqueles heróis sombrios. Era minha sombra. Eu esperei por ele.

— Para mim — começou Maskelyne, tranquilamente —, a infância inteira dela foram alguns poucos e frágeis momentos. Eu estava lá, depois desaparecia, e quando voltava ao mundo a menina que vivia nele estava um mês, um ano mais velha; era verão, depois de repente era outono. Eu percebi o que devia estar acontecendo, mas o que eu podia fazer? Eu estava preso.

— Você se lembra do meu aniversário de dez anos, da festa? Tinha um monte de crianças comigo, e eu estava me divertindo, mas de repente Maskelyne apareceu no meio deles, sentado como um fantasma entre os balões e a música, e ninguém mais conseguia enxergá-lo. Ele parecia tão cansado... Fingi que estava passando mal e todo mundo foi para casa. E então eu o fiz dormir no sofá — contou Rebecca.

Wharton ergueu os olhos.

— Escutem! — Os três ficaram imóveis; depois de um tempo, Wharton se justificou: — Desculpem, pensei ter ouvido alguma coisa. — Ainda fascinado com aquela história, ele perguntou a Maskelyne: — Quanto tempo você levou para chegar de vez?

— No tempo de Becky, oito anos. Quando ela tinha catorze, eu estava lá constantemente, quase nunca desaparecia. Foi então que ficou difícil, e eu fui morar em um antigo moinho nos limites da fazenda do pai dela, na beira do pântano, porque na época eu precisava de comida, de calor. Precisava dormir. Aos poucos me tornei uma pessoa de verdade e deixei de ser um fantasma.

Maskelyne olhou para Rebecca e abriu um sorriso triste.

— Ele me contou sobre o espelho — continuou ela. — Então começamos a pesquisar. Sabíamos que devia estar por perto. Então descobrimos que estava com Venn.

— Fui para a Suíça e encontrei você e Jake prestes a partir. Segui vocês no avião e liguei para Rebecca de Londres. Ela entrou no trem, e o resto você já sabe — relatou Maskelyne.

Wharton olhou para Rebecca com raiva.

— Então você quer o espelho só para você.

Maskelyne trocou um olhar rápido com Rebecca.

— O espelho era dele, pertence a ele — respondeu ela. — E quando ele se for, eu irei também.

Espantado com a mudança no rosto dela, Wharton desviou o olhar. Rebecca não era nem de longe a menina trapalhona que quase batera o carro. Era uma jovem mulher apaixonada por um fantasma.

— Ele voltou — disse Maskelyne.

Wharton se contorceu para fora do labirinto e avançou pé ante pé. Inclinando-se contra a porta, encostou o ouvido na madeira antiga.

— Estou ouvindo vozes. Tem alguém lá fora, conversando com ele.

Wharton voltou-se para eles, mas logo virou a cabeça e ouviu mais alguma coisa. Sua expressão ficou sombria.

— Acho que... É. É Sarah.

Então pegou a arma de vidro e a estendeu ao homem da cicatriz.

— Obrigado — disse Maskelyne, seus dedos se fechando em torno do punho da arma.

CAPÍTULO 22

*Se um homem for replicado, sua alma o acompanhará? Sem alma, ele continuará a ser humano?
E se não for humano, que mal pode se apossar dele, sem qualquer obstáculo?
Meu espelho negro abre o mundo para espíritos vis, e um caminho para os demônios? Se for
assim, devo quebrá-lo ou enterrá-lo bem fundo?
Ai dos meus sonhos.*

O escrutínio dos segredos, *de Mortimer Dee*

Sarah ficou rígida. O sorriso do Replicante era encantador. Ele apertava o braço dela com força.

— Você está um pouco molhada.

Sarah lançou um rápido olhar para além dele. A porta estava trancada — com uma barricada montada logo atrás, era o que ela imaginava. Era ela, no entanto, quem estava colocando a todos em perigo.

— Ei, me solte!

— Agora que nós dois finalmente chegamos até aqui? — Ele balançou a cabeça em negativa. — Acho que não. Não posso negar, estou surpreso. Imaginei que você estaria lá dentro, tentando se proteger junto com eles, o digno professor e o gênio espertinho do Venn.

Ela parecia aflita, mas pensou rápido. Venn e Jake não tinham voltado, mas não podia se dar ao luxo de esperar por eles.

— Seria uma pena ter que queimar a casa inteira. — O Replicante inclinou a cabeça de lado ligeiramente e sorriu de novo. — Perder toda essa madeira tão antiga. — Ele tirou a mão do bolso, e Sarah viu que tinha acendido um pequeno isqueiro. Uma minúscula chama azul brilhou. — Quer dizer... olhe em volta. — Ele se aproximou da cortina. — Tanta poeira, tantos tecidos. Que terrível incêndio seria, Sarah...

Ele aproximou a chama da cortina, displicentemente.

— Não!

Assim que as palavras saíram de sua boca, Sarah percebeu que havia cometido um erro. A mão de Jano não se mexeu.

— Você pode pedir a eles que abram a porta.

— Eles não vão abrir. Sabem que você está aqui.

— Sim, mas agora você está também. — O Replicante observou a extremidade da cortina; com um arrepio de medo, Sarah viu que o tecido começava a arder. — Mande abrirem a porta, Sarah.

— Primeiro afaste o isqueiro.

Por trás dos óculos, os olhos do Replicante brilharam.

— Não me desafie. Não meça forças comigo. Mande abrirem a porta.

A fumaça começou a subir pelas fibras gastas da cortina. Em um instante o fogo tomaria conta de tudo. Sarah cerrou os punhos.

— Apague o fogo. Depois eu falo com eles.

O Replicante nem piscou, sua mão não mexeu um único milímetro. O fogo já consumia a seda.

Sarah correu, pegou a cortina e puxou-a para baixo, rasgando o pano rápido com a facilidade com que rasgaria um lenço de papel. Quando caiu, já era uma massa de chamas, com pequenos tufo dispersos correndo pelas tábuas nuas de madeira da galeria. Ela pisou e bateu no tecido, ofegante, chutando-o para

longe, o calor queimando seu rosto. Faíscas dançavam ao redor de seu cabelo.

O Replicante assistia a tudo. Enquanto ela arrancava a cortina chamuscada e a transformava em uma bola de pano, viu pelo canto do olho que ele a esperava, tranquilo. Quando a última centelha se apagou, Sarah se virou. Ele foi ainda mais rápido: pegou o braço dela e puxou-a para perto, arrastando-a até a porta. Ela sentiu o pequeno clique de prata do isqueiro; aterrorizada, tentou se desviar do brilho quente junto ao ouvido.

— Vocês aí dentro, escutem! — gritou o Replicante. — Estou com uma amiga de vocês. Abram a porta!

Ele ergueu a chama, e Sarah tentou se afastar como pôde.

— Fale com eles!

Rangendo os dentes, ela lutou, tentando se desvencilhar com o braço livre, mas Jano aproximou ainda mais a chama. O calor sob os olhos de Sarah a fez ofegar de pavor.

Então, com um ruído, a porta se abriu.

— Solte a garota — rugiu Wharton. — Ou eu estouro os seus miolos!

* * *

VENN e Jake voaram escada acima.

Ao chegarem ao topo, viram o mordomo sair de um cômodo carregando uma bandeja de prata; antes que ele pudesse se esquivar, Venn o empurrou, derrubando toda a louça, e passou correndo, com Moll em seus calcanhares.

Jake olhou para trás. Hassan tinha sacado um apito e agora soprava três silvos altos carregados de terror.

Venn se precipitou pelo corredor, abrindo todas as portas, mas só encontrando quartos. A última delas estava trancada.

— Deve ser aqui — sussurrou Moll.

— Jake! — chamou Venn, olhando para trás.

Juntos, eles se lançaram contra a porta e irromperam no cômodo.

— Saia daí! — gritou Venn.

Symmes virou-se. Estava de pé diante de uma complicada engenhoca feita de latão, uma criação composta de molas e pêndulos oscilantes. Circundando o espelho, havia algo todo feito de placas de metal, como órbitas de pequenos planetas. O espelho estava mantido no lugar por uma moldura fixada no chão.

Jake observou de imediato que Symmes estava usando o bracelete. Ele se lançou na direção do homem, mas Symmes foi mais rápido: levou a mão a uma alavanca acoplada ao maquinário e acionou-a para baixo.

— Não! — gritou Venn.

— Eu preciso fazer isso. — Symmes estava ofegante. — Você sabe. Você é um explorador. Eu não tenho escolha, você sabe disso.

E então o homem sumiu no vazio, uma grande e silenciosa implosão que derrubou Moll e Jake, fazendo-os cair um por cima do outro. Venn se agarrou a uma cadeira que estava sendo arrastada pelo chão.

O espelho se abriu em ondas e logo se fechou atrás de Symmes.

Venn se levantou, xingando.

— Fechem a porta! — gritou ele para os dois.

Jake, porém, estava estarrecido demais para se mexer. Por um momento carregado de aflição, sua mente ficou tão negra quanto o espelho. Até que Moll começou a empurrar a cômoda para barrar a porta e

chamou sua atenção:

— Não fica aí parado, Jake! Vem cá me ajudar!

Ele foi em auxílio à menina. Vários homens estavam subindo as escadas, e houve uma forte batida na porta.

— Sr. Symmes! Está tudo bem?

— Não deixem que eles entrem — ordenou Venn, observando, desnorteado, a confusa massa de componentes de latão. — Que porcaria é essa que ele fez aqui?

A porta estremeceu. A cômoda foi ligeiramente arrastada, mesmo com Moll sentada em cima.

— Saiam agora! Estamos armados. Se você resistirem, vamos atirar!

— Faça alguma coisa — murmurou Jake, as costas apoiadas na barricada.

Venn agarrou a alavanca. Com um puxão firme, colocou-a na posição reversa.

O espelho pareceu engasgar. Por um momento, toda a sala girou. E, em seguida, o vidro se abriu, como um buraco negro no coração do mundo.

* * *

O REPLICANTE deixou Sarah de lado e foi na direção de Wharton, que apontava a arma, tenso e resolutivo.

Jano dizia enquanto avançava:

— Atire, e você verá que nada acontece comigo. *Eu não estou aqui*. Como você poderia matar um reflexo? — Ele entrou no Caminho do Monge, olhou de relance para o corredor de pedras escuras e logo depois se virou, avaliando Wharton. — Olhe só para você. Um homem racional, um educador de jovens. E, ainda assim, em menos de uma semana na companhia de Venn, o que aconteceu com você? Ele distorceu sua mente, fazendo-o acreditar em coisas impossíveis.

— Sarah, venha para cá — chamou Wharton.

Ela obedeceu. Não viu Piers, mas ele devia estar perto do espelho, supôs.

— É verdade — disse ela, baixinho, a Wharton —, você não pode fazer nada contra ele, mas ele pode machucá-lo.

Ele a encarou. Sarah fitava o Replicante com um ódio amargo.

A imagem de Jano sorriu e seguiu rapidamente pelo Caminho do Monge, mas Wharton não recuou; ficou cara a cara com o Replicante sob o teto abobadado. Ventos gelados chicoteavam a neve através dos arcos abertos. Sarah ouviu o rugido do rio ao longe, cheio devido às enxurradas de inverno.

— Você não vai passar por mim — vociferou Wharton.

O Replicante balançou a cabeça.

— Você não faz ideia do que eu sou. Ou do que ela é. Está tão distante da sua realidade que seus pés nem tocam mais o chão: você já se afogou e nem sabe. Saia do meu caminho, *velhote*.

Wharton fez uma careta.

— Já enfrentei homens maiores do que você em...

Wharton parou, espantado. Jano tinha virado de lado e desaparecido.

Wharton deu meia-volta e viu a figura sinistra do Replicante caminhando decididamente pelo corredor. A neve atravessava sua figura esguia. Ele olhou para trás e riu, e então assobiou. A sombra de um lobo surgiu atrás dele, caminhando furtivamente.

Sarah puxou Wharton.

— Temos que proteger o espelho.

— Eu realmente não sei como faríamos isso.

Ela puxou a corrente com a meia moeda do pescoço.

— Se tudo falhar, com isso aqui. — Sarah ergueu o amuleto. — *Sol! Estou chamando você. Preciso de você. Agora!*

* * *

MASKELYNE só teve tempo de gritar “Becky!” antes que o lobo surgisse da escuridão e pulasse em suas costas. A fera se lançou sobre ele e os dois rolaram no chão; o lobo tentava avidamente cravar os dentes brancos em sua garganta. Maskelyne deu um grito selvagem de pavor, tateando em busca da arma caída.

Rebecca ficou paralisada. Por alguns instantes não conseguia nem respirar. Em seguida, mergulhou até onde estava a arma de vidro e conseguiu pegá-la.

Ergueu-a com as mãos e a apontou para o lobo.

Mas havia um homem no meio do caminho.

Lá estava ele, confuso e perdido, um homem estranho, corpulento e suado, de bigode e roupão vermelho. Ele olhou para o lobo de forma inexpressiva, em uma espécie de transe horrorizado, e murmurou algo, mas Rebecca não conseguiu ouvir, pois, ao som da voz dele, a fera deu meia-volta, seus olhos de safira brilhando com ânsia renovada.

— Meu... Deus! — gritou Symmes, afastando-se.

— Presa fresca — disse Maskelyne, quase sem fôlego. — Ele acabou de chegar de uma *jornada*.

Rebecca girou a arma. O lobo saltou. Symmes gritou, um som que fez os dedos dela deslizarem e apertarem o gatilho.

Então ele e o lobo desapareceram.

* * *

ELES irromperam de volta através do espelho negro em um furioso emaranhado de membros, homem e fera de pelos brancos engalfinhados em uma massa impetuosa. Venn se desviou instantaneamente. Agarrou o lobo e o lançou para longe, mas o animal se contorcia e se dissolvia por entre os seus dedos, rosnando e se debatendo enquanto o grande focinho farejava, confuso, na direção de Moll.

A menina gritou, escondendo-se atrás de Jake.

Eles já tinham percebido, porém, que a fera estava se desvanecendo, sua brancura se esvaindo. Uivando em lamento, o lobo se remexia, mordendo o próprio rabo como se quisesse devorar a si mesmo, mas a essa altura todos já conseguiam ver através dele. Mesmo morrendo, o animal tentava saltar, enquanto Jake protegia Moll. Com um tremor que atingiu seu coração, ele sentiu a criatura se atirar sobre ele e tornar-se pouco mais que uma faísca irregular.

E então não sobrou nada.

Do lado de fora do cômodo houve um breve silêncio.

Então se ouviu a voz do mordomo:

— Sr. Symmes? O senhor está bem?

— Ele está ótimo — disparou Venn. — Não atirem. Estamos saindo.

Àquela altura, ele já tinha tirado o bracelete do pulso de Symmes, que se encontrava em estado de choque; sentado encolhido no tapete, tinha os olhos fechados, a respiração estrangulada. Venn foi até a mesa, varreu os papéis de lado e pegou todos os cadernos e diários que encontrou.

Jake se recompôs e ajudou Moll a se levantar. Ela perdera toda a calma: os olhos estavam arregalados e aterrorizados sob o cabelo em desalinho.

— Vamos — ordenou Venn, puxando Jake pelo braço em direção ao vácuo do espelho.

— Não! Espere!

— Este lobo estava em Wintercombe!

— Eu sei, mas e quanto a Moll? — perguntou Jake, fincando os pés no chão.

Venn apertou a serpente contra o próprio pulso.

— Não é problema nosso. Ela vai ficar bem.

— Precisamos levá-la.

— Não seja ridículo!

Jake olhou para Moll: ela sorriu de volta, pálida.

— Não se preocupe, Jake. Você pode voltar pra me ver quando quiser, não pode?

Ele assentiu entorpecidamente. De súbito se deu conta da miséria em que ela vivia. Ela provavelmente morreria jovem, em algum cortiço varrido pelo cólera. A fé que ela depositava nele o envergonhou.

— Leve-a — disse ele a Venn. — Depois volte para me buscar.

Por não mais do que um segundo, o olhar gelado de Venn pousou sobre a menina. Então, sem uma centelha de piedade, ele respondeu:

— Nem pensar.

— Ele tem razão — concordou Moll, já se dirigindo para a porta. — Não vou deixar você fazer isso. Vou me desviar dos braços dos tiras e sair correndo, Jake. Não se preocupa não. — Havia lágrimas em seus olhos.

— Eu não posso fazer isso — respondeu Jake.

— Pode sim. Vai. Agora.

— Saiam já! — trovejou a voz vinda do corredor.

Com um forte solavanco, a cômoda foi afastada, e a porta se abriu.

— Adeus, Moll — disse Venn, e segurou Jake com suas mãos frias, puxando-o para dentro do espelho.

Ele olhou para trás, mas a casa já estava incrivelmente distante, e Moll parecia pequena como uma boneca, o rosto perdido nas sombras.

— *Eu vou voltar* — sussurrou ele, mas a menina já havia desaparecido.

Por um instante imensurável ele parecia estar em um espaço adimensional, sozinho e desolado. Uma pequena centelha de luz em um imenso campo estrelado em turbilhão.

Que, de repente, se transformou em neve.

O frio intenso o deixou sem ar.

Ele e Venn tinham as pernas afundadas até os tornozelos na neve que se acumulava diante da casa, sob um céu de estrelas de tirar o fôlego. Emergindo do Bosque vinha Gideão, carregando, no alto de um mastro, o crânio da Égua Cinza, a mandíbula branca batendo ao sabor dos ventos uivantes.

Atrás dele, como um rebanho decrepito, vinha a hoste dos shees.

CAPÍTULO 23

*Virei quando o vento soprar forte, disse ela,
Quando o brilho do luar no céu se faz
Virei na sombria véspera de Natal,
Quando às estrelas se dobram os animais.*

*Minha tropa fantástica, trarei a ti;
Minhas canções e meu encantamento
E, caso eu salve sua velha Casa,
Seu coração será meu pagamento.*

“Balada do Senhor do Inverno e da Dama do Verão”

Os gatos adentraram a Grande Galeria. Os sete em fila, cada qual com seu rabo erguido no ar, avançando sinuosamente pelo silencioso corredor.

Lá fora, fazendo-se ouvir ainda fraco através dos caixilhos, os tambores dos shees rufavam. A luz das chamas ondulava no teto ornamentado.

Uma a uma, as sombras idênticas escalaram, desceram e vasculharam. Pularam em cadeiras, passaram por baixo de cada mesa. Esgueiraram-se por todas as portas abertas. Sentaram-se e arranharam os livros, esparramados sobre os papéis empilhados nas mesas.

Um deles examinou o pote.

Era azul e branco, e as pupilas do gato se arregalaram quando o objeto estremeceu, muito ligeiramente. Uma vez, depois novamente.

Cada vez mais perto da borda da prateleira alta.

O gato subiu rapidamente, caminhou por sobre os livros tombados e sentou, uma bola de pelo imersa em fascinação, o rabo felpudo. Quando o pote tremeu novamente, ele estendeu a pata, explorando o objeto.

O vaso tombou, escorregou e caiu. Espatifou-se no chão, lançando lascas de porcelana, e o gato fugiu para a segurança de uma poltrona, os olhos verdes arregalados.

Lá estava Piers no chão, empoeirado, suado e irritado, cuspiendo cacos do pote. Ele olhou para os gatos.

— Por que diabos vocês demoraram tanto? — reclamou.

* * *

MASKELYNE se recompôs.

— Você está ferido? — perguntou Rebecca, tensa.

Ele não respondeu; estava olhando fixamente para algo atrás dela. Ela se virou.

O Replicante sorria para ela.

Quando chegaram, correndo, Sarah e Wharton viram Rebecca esconder a arma de vidro nas costas.

Sarah olhou ao redor. Onde é que estava Piers?!

Abrindo passagem pelo que restava da rede, sem pressa, o Replicante foi até o espelho de obsidiana. Ergueu os olhos e admirou, com um meio sorriso sem graça, o próprio reflexo, o cabelo escorrido, o belo uniforme escuro.

Wharton viu claramente a superfície do espelho ondular, uma vibração que passou por dentro do vidro, como se tivesse sido submetido a alguma tensão insuportável.

Maskelyne deve ter visto também, pois deu um passo à frente, ansioso.

— Não chegue tão perto. Mantenha distância!

Jano voltou-se para ele e lançou-lhe um olhar interessado.

— Então houve uma anomalia! Era você que estava na ponte na noite passada. Que tipo de viajante é você?

— Viajante? — ecoou Maskelyne.

— Não se faça de inocente. ZEUS enviou reforços?

— Ninguém me enviou. Não pertencço a nenhum grupo. Viajo sozinho.

Por trás do Replicante, Wharton começou a contornar a sala, indo na direção de Rebecca. Pelo canto do olho, viu que Sarah estava junto à porta aberta e ouvia atentamente.

O Replicante parecia intrigado:

— Sozinho! Como?

Maskelyne evitava o olhar de Rebecca. Por um momento pareceu sutilmente mudado, o cabelo mais comprido, o rosto sem marcas. Quando se aproximou da luz, no entanto, a cicatriz estava de volta, envelhecendo-o com a violência de suas marcas irregulares.

— Você jamais conseguiria entender — respondeu ele, baixinho. — Saia de perto do espelho. Ele está agitado com a sua presença. Está rejeitando você.

— Como sabe?

— Simplesmente sei. Eu sinto.

O Replicante avançou na direção de Maskelyne, imperturbável.

— Você pode sentir? Você, um ladrão miserável marcado com uma cicatriz, vindo de alguma cidade perdida e malcheirosa? Não me diga que realmente acha que o espelho é seu. Que, de alguma forma, ele é leal a você. Essa é uma ilusão comum entre os viajantes, sabia? É uma queda lenta e inevitável em direção à loucura. A menos que você seja diferente, é claro. — Um brilho de deslumbramento se acendeu nos olhos do Replicante, escondidos pelas lentes azuis. — Você é diferente? Foi você quem criou o espelho?

Maskelyne deu um passo à frente, de modo que ambos ficaram diante do vidro.

— *Talvez o espelho tenha me criado* — sussurrou ele.

Wharton ouviu quando Sarah respirou fundo, e nesse momento viu que todos estavam refletidos na escuridão de obsidiana do espelho. Todos exceto Maskelyne. Onde deveria estar seu reflexo havia apenas uma imagem desfocada da sala.

O Replicante parecia tão surpreso quanto qualquer um deles. Em sua voz havia inveja e incompreensão.

— Vejam que interessante!

Em um átimo, a criatura percebeu o movimento furtivo de Wharton e se virou. O professor ficou imóvel; estava tão perto de Rebecca que poderia tocá-la. Atrás de si, sentiu o cabo frio da arma de vidro que ela lhe passava.

Jano voltou-se para Maskelyne.

— Na verdade, você está enganado a meu respeito. Não tenho a menor intenção de danificar o Cronóptico. Muito pelo contrário. Não sou eu o inimigo. É ela.

Ao dizer isso, o Replicante apontou um dedo com a unha roída para Sarah, sozinha em meio à rede

destruída.

— Eu? — surpreendeu-se ela.

— Você, é claro. — A réplica de Jano assentiu e olhou para os outros, seu rosto magro fingindo espanto. — Então ela não contou a vocês?

Wharton a encarava. Ela sustentava seu olhar. Por um momento ele soube que ela estava com medo, que lhe fazia alguma espécie de apelo silencioso. Mesmo assim, ele disse:

— Ela nos contou o suficiente.

O Replicante sorriu, pegou seus óculos e limpou-os na manga do casaco.

— Sobre a missão? Sobre o porquê de a terem enviado para cá? Ela faz parte de uma organização rebelde autointitulada ZEUS.

— Nós sabemos sobre ZEUS — retrucou Wharton.

— Mesmo? — Ele colocou os óculos de volta e olhou para Wharton através das lentes. — E você sabia que ela está aqui para quebrar seu precioso espelho em pedacinhos?

Ela se voltou para Wharton.

— Sarah? — perguntou ele, consternado.

O rosto da garota estava pálido, os lábios apertados. Ela nada disse.

* * *

— O QUE está acontecendo? — perguntou Jake.

Venn não respondeu. De braços cruzados, permaneceu imóvel, calado e austero, de pé nos degraus da entrada da casa.

Atrás de Gideão, os shees afluíam do Bosque. Traziam sinos e carrilhões, muitos tocavam tambores, o ritmo pulsante e grave fazendo os estorninhos levantarem voo das árvores, convocando outros céu afora. A neve tinha parado de cair; agora repousava, profunda e imóvel, no chão, e as nuvens desapareciam à medida que o clima se tornava ameno. Altas no céu, como poeira de diamantes no veludo negro, as estrelas surgiam, cacos e lascas de brilho, cheias de mistério sobre o Bosque imerso em neve e o terreno branco-azulado dos jardins.

Os shees vestiam branco e prata. Jake olhou espantado para eles: eram um exército selvagem de histriões, bufões, errantes, mascarados e fantasiados com o que sobrara de antigos Natais. Viu um São Jorge maltrapilho, um mouro vestido de preto, uma criatura com cauda e espinhos, semelhante a um dragão, com fogo branco saindo da boca. Viu também dançarinos fantasiados e cavaleiros enfeitados, montados em esqueletos de cavalos. Seres belos e altos, parecidos com mulheres, saíam das árvores e olhavam para Jake com olhos cor de esmeralda.

Atrás de todos eles, nas profundezas do Bosque, coisas furtivas se mexiam, joias e escamas refletindo a luz das estrelas.

Silhuetas se esgueiravam como lobos.

— Onde ela está? — perguntou Jake.

— Ali — respondeu Venn, em tom sombrio.

Sol estava elegantemente acomodada em um veículo que os olhos de Jake não conseguiam enfocar. Um grande trenó de vidro, pensou ele. Ou talvez uma carruagem de cristal puxada por um amontoado de shees de cabelos brilhantes e olhos frios como a lua. À medida que se aproximavam, no entanto, a carruagem foi encolhendo até se tornar um mero trenó infantil de madeira, pintado de um azul desbotado.

Sol desceu, pisando na neve com os pés descalços.

— Então você voltou! Sem sua adorável esposa — disse ela.

— Desta vez — retrucou Venn.

— O pai perdido também não voltou? — Ela dirigiu a Jake um leve sorriso. — Que pena.

— O que você está fazendo aqui? — Venn olhou para a casa escura e para a neve que se amontoava na entrada do salão. — O que aconteceu?

Ela subiu os degraus com suavidade e espreitou o salão coberto de neve.

— O inimigo penetrou suas defesas, Oberon. E eu concordei em ajudar.

— A que preço? — bufou Venn.

Sol pegou a mão dele.

— Um grande tesouro. E você não pode me impedir, porque Sarah me convidou a entrar.

Jake lançou um olhar para Gideão. Os olhos verdes da criatura estavam inquietos.

Venn permaneceu em silêncio, observando o louco e ruidoso exército.

— Sol, preciso da sua ajuda agora — admitiu ele. — Mas, acredite em mim, se a situação não fosse tão desesperadora, você seria a última pessoa a quem eu...

— Ela foi tão esperta!

— Quem?

— Sarah. Sabia que ela pode ficar invisível?

Venn apenas a encarou, como se não pudesse confiar em nada que ela dissesse.

— Passei anos mantendo vocês fora da casa.

Sol tocou os dedos dele.

— Então está na hora de as coisas mudarem.

Jake assistia à cena sem entender o que estava acontecendo. Sol realmente lhe dava muito, muito medo.

— Tudo bem. Mas só você — permitiu Venn, por fim. — Você não precisa dessa corja para lidar com Jano.

Ela riu.

— Isso é verdade, mas eles vão aguardar aqui fora, formando um círculo em torno da casa. Esse Replicante não vai conseguir escapar.

Ela fez um sinal para Gideão se afastar. Ele não se mexeu.

— Quero ir com você.

Ela riu.

— Por que eu precisaria de você? Fique aqui — ordenou ela, puxando a corda e fazendo a mandíbula da égua estalar. — Fique e brinque, como todos os outros.

Quando Sol passou por Jake, ele viu como Gideão a olhou, um olhar de puro ódio.

Venn conduziu-a para dentro da casa. Jake notou como ela estremeceu ao passar pela estrutura de metal do batente, mas Venn apertou-lhe os dedos brancos. E então os dois entraram, atravessando às pressas o silêncio gelado dos cômodos vazios.

Jake olhou para trás.

— Não faça nenhuma bobagem...

Gideão virou o crânio da égua de forma que ela encarasse Jake e moveu a mandíbula.

— Estou enfeitiçado, Jake. — A mandíbula estalou, com um ruído azedo e ósseo. — Não posso fazer nada.

* * *

— É VERDADE o que ele disse? — quis saber Wharton. — Você disse que...

Sarah balançou a cabeça.

— Não é tão simples assim. Ele está tentando jogar vocês contra mim.

Ela olhou ao redor, desesperada. Estava com frio e tremendo, mesmo com o casaco de Wharton, que trazia sobre os ombros. Onde estava Jake quando ela precisava dele? Onde estava Piers?

— Você mentiu o tempo todo — acusou Rebecca.

— Olhe só quem fala! Não! Escutem! Jano é o que vai acontecer no futuro. O que pode acontecer. Tudo depende do que Venn fizer com o espelho.

Maskelyne, posicionado entre o espelho e o Replicante, olhou para ela como se já não soubesse em quem confiar.

— Como assim?

— O que ela está tentando explicar — interrompeu Jano, sorrindo — é que se Venn for bem-sucedido em seu plano de trazer a esposa de volta haverá muitos desdobramentos. O espelho vai virar um artefato inestimável, e ele não conseguirá mais mantê-lo em segredo. Daqui a cem anos, esta facção que se autointitula ZEUS vai tentar...

— Ele está mentindo — cortou Sarah, indo na direção de Wharton. Ela balançava a cabeça, furiosa. — Ele sabe que não posso contar a vocês. Eu não ousaria.

— Mas você precisa contar. Senão, como vamos conseguir entender? — disse Wharton, calmamente.

Sarah olhou para Maskelyne, depois para Rebecca. Sentia-se tão esgotada que só queria desabar em algum lugar e descansar. Foi então que algo se moveu nas profundezas negras do espelho, e ela percebeu um breve movimento no canto da sala.

Sarah parou. Rebecca deu um suspiro de alegria.

Wharton deu meia-volta.

Venn e Jake estavam na porta do Caminho do Monge. Logo atrás deles vinha uma jovem incrivelmente bela, trajando um vestido preto simples e — como Wharton notou, surpreso — descalça.

— Jake! *Graças a Deus!* O que aconteceu?

— Não dá para explicar tudo agora.

— E seu pai? — perguntou Wharton.

Como resposta, Venn apenas balançou a cabeça em negativa.

A mulher entrou. Caminhava de um jeito estranhamente delicado, bem feminino, e tinha um sorriso tão doce que deixou Wharton incomodado.

Ela fitou Jano com grande curiosidade, e ele retribuiu o olhar.

Naquele momento, Sarah percebeu que o Replicante estava perdido, que ele havia encontrado algo além do que conhecia.

— Quem é você? — vociferou ele.

— Sol é um dos meus nomes — respondeu ela, olhando com fascínio para o espelho. — Então é isso. Sua obsessão. Seu portal para a felicidade. — Ela estava falando com Venn.

Mas Venn dirigiu-se a Sarah:

— E então, como é o mundo no seu tempo, Sarah? É tão terrível que você não pode contar nada sobre ele? Você quer meu espelho para mudar as coisas para melhor? Ou será que ele é tão perfeito que você não quer correr o risco de estragá-lo?

A voz de Venn era carregada de amargura. Sarah, com seu cabelo louro, curto e desalinhado, devolveu o olhar e se aproximou dele para encará-lo.

— Não existe mundo. No meu tempo, o mundo acabou. Não existem mais pessoas nem bichos, tampouco cidades. Tudo foi destruído por um louco. E sabe o que ele usou para isso? Não foi um meteoro, nem o vírus de uma peste terrível, nem uma explosão nuclear... *Ele usou o seu espelho, Venn. Seu espelho destruiu meu mundo.*

TODAS as luzes se acenderam.

A energia elétrica emitiu um gemido ao retornar, a rede pareceu estalar.

As portas bateram. Todos os cabos e todas as máquinas da sala pareceram brilhar com força renovada.

Então, do nada, ouviu-se a voz de Piers, por um alto-falante. Wharton deu um pulo de susto.

— A casa está segura, Excelência. Seja bem-vindo de volta.

CAPÍTULO 24

O destino da humanidade depende de nossos esforços. Somos poucos contra o poder dele, mas temos coragem. Somos o sacrifício. Os vingadores. Se conseguirmos, nunca o saberemos. Se houver um futuro, talvez sejamos vistos como deuses ou anjos. Acreditem no destino de vocês. Não deixem que nada, nem o ódio, nem o desespero, nem o amor, impeça seu caminho.

Transmissão ilegal de ZEUS, Biografia de Jano

Dezembro de 1848

Após três dias, finalmente a encontraram. Os homens que contratei a trouxeram até minha casa esta manhã: uma criança pequena, desgrenhada e malcheirosa, usando roupas rasgadas e botas maiores que o tamanho de seus pés. Estava machucada e algemada. Temo que meus agentes tenham exagerado um pouco.

Ela olhou em volta, observando o quarto, depois olhou para mim. Mostrou-se notavelmente espirituosa:

— Achei que eu nunca mais ia voltar a este pardieiro.

Seus olhos, como que atraídos pelo fascínio, se fixaram no espelho.

Eu já havia colocado o cômodo em ordem novamente. Arrumei a confusão que Venn deixara em minha escrivaninha, de forma que tudo está em seus lugares, e o reluzente maquinário de latão permanece em silêncio. Desde que ele e o rapaz desapareceram, há três dias, não consegui extrair do aparelho qualquer sinal de energia.

— Soltem-na — ordenei.

— A guria tem sebo nas canelas, chefe, vai sumir em um piscar de olhos, como da última vez, quando entramos aqui. E ela morde. Toby está com marcas no braço todo.

— Então, por favor, fiquem lá fora e não deixem ninguém sair. Você, Toby, será recompensado por suas... hã... lesões — falei.

Depois que os homens saíram, levando consigo as algemas, a maltrapilha sentou-se em uma cadeira e ficou me encarando tão fixamente que me incomodou.

— Dei trabalho, não foi?

— Mais do que imagina — respondi, sentando-me diante dela. — Então, Moll... não é esse seu nome?

— Pode ser.

— Veja bem, Moll, tenho uma proposta para você. O que acha de ter um... hã... um canto para você? Um lugar aquecido. Bastante comida. Roupas novas.

— Aqui? — perguntou ela.

— Aqui. Eu...

— Eu não sou mulher da vida, senhor.

Fiquei ruborizado. Horrorizado. Ela devia ter onze anos, no máximo. Era aterrador ver como uma menina daquela idade conhecia o lado mais sórdido do mundo.

— Não, minha criança, eu lhe garanto que... Deus do céu... Não... Por favor, deixe-me esclarecer tudo. Eu preciso de informações. Preciso saber tudo sobre Venn e o rapaz Jake Wilde. Tudo! Onde você os encontrou, tudo o que eles possam ter lhe contado. Eles lhe falaram sobre o mundo tal qual o vivem

no futuro? Falaram sobre máquinas voadoras? Viagens para a Lua? Sobre a cura de doenças? Falaram sobre... investimentos financeiros?

Pelo modo como ela me olhou, percebi que, em meu entusiasmo, eu tinha deslizado para a beirada da cadeira, e que minha voz rouca traía minha avidez.

Limpei a garganta e ajeitei-me, voltando a recostar-me na cadeira.

Mas eu já lhe tinha mostrado o valor do conhecimento de que ela tinha posse.

— Jake disse um montão de coisas — disse Moll, com indiferença. — Tipo, que você era um velho idiota e convencido.

— Ele falou isso? — Tentei sorrir.

— E mais um monte de coisas.

— Que coisas?

Moll contorceu-se na cadeira, recostou-se e ergueu os pés, um por um, deliberadamente pousando as botas enlameadas em meu banquinho de veludo.

— Aí depende. Eu nem ia achar ruim ficar um pouco por aqui. As coisas lá no Futrica não andam muito boas. Eles sabem que fui eu que roubei a prata. Já mexeram nas minhas coisas, e, se eu voltar pra lá, vão arrancar meu couro. Ou coisa pior.

Eu não fazia ideia de o que era aquilo de que ela estava falando, mas sorri. E por um breve momento percebi a precariedade da vida da menina.

— Uma comidinha quente. Roupas novas. E então você começa a me contar tudo enquanto eu vou anotando os detalhes. Porque eu preciso descobrir onde está esse bracelete deles, Moll. Ele também pode estar aqui, no nosso tempo. E eu tenho que descobrir mais sobre Maskelyne. Você me ajuda?

Ela olhou para os próprios pés.

— Grana também?

— Podemos considerar um pequeno ordenado...

Moll ergueu os olhos, e vi neles a luz da cobiça. Devo confessar que fiquei um pouco em dúvida quanto a quem seria o negociador astuto naquele acordo.

Demonstrando grande deferência, ela respondeu:

— Ok.

— Perdão?

— Ok. É uma palavra do futuro. Um código. Quer dizer que eu aceito. Foi Jake, ele que falou. — Ela fitou o espelho escondido atrás das reluzentes e inúteis alavancas. — Ele vai voltar pra me buscar. O Jake. Ele disse que vai.

Essa era também minha mais secreta esperança.

— Chá. Bolo. Muito bolo — continuou ela, sentando ereta na cadeira de novo. — E aí eu conto todos os segredos que eu sei.

Eu estava satisfeito, mas suspirei enquanto tocava a sineta. Aquilo ia sair caro, e não era eu quem estava no controle.

Moll abriu um sorriso satisfeito.

Que coisinha mais inteligente ela é.

Vai saber me ludibriar.

* * *

NINGUÉM se mexia.

Diante daquela nova e dura perspectiva, Sarah via-se observada por todos.

— Não existe mundo? — perguntou Wharton, quase com dificuldade.

— Em julho de 2097 um desastre destruiu... vai destruir... a Terra — começou ela, mantendo a voz calma. — Vai acontecer sem nenhum aviso. E Jano será o grande culpado. — Ela apontou para o Replicante. — Ele construiu o Labirinto, uma agência governamental de pesquisa sobre grandes habilidades humanas, nos subterrâneos de Londres. Nós sabíamos... quer dizer, ZEUS sabia que ele possuía um dispositivo com um poder extraordinário. Cada vez que ele era usado, detectávamos picos de energia de terrível intensidade. — Sarah meneou a cabeça em lamentação. — Eu fazia parte do grupo. Entrei porque... bem, porque meus pais eram professores na Academia... até serem presos. — Ela franziu o cenho. — Eu não devia estar contando nada disso.

— Presos? — perguntou Jake.

— Não passávamos de um pequeno grupo secreto, uns jovens malucos com muita imaginação. Eles nos deram estranhas habilidades, que passamos a usar. Aqueles de nós que sobreviveram, pelo menos. A coisa chegou a tal ponto que restaram poucos de nós, e estávamos com medo, porque o tempo passava e ninguém, *ninguém mesmo*, nos dava ouvidos. Foi então que bolamos um plano. Invadir o coração do Labirinto e conseguir provas que o mundo não poderia mais ignorar.

Jano bufou. Jake viu Wharton se aproximar do Replicante a um passo furtivo, segurando algo nas costas.

— Do nosso grupo, seis conseguiram passar pelos lobos, pelo arame farpado e pelos seguranças. Então encontramos, ligado a uma rede de computadores, um espelho de vidro preto muito antigo.

Venn se aproximou dela, fascinado.

— O Cronóptico ainda existia?

— Sim. Mas era frágil, perigoso. — Sarah se voltou para Jano. — Ele já estava usando o espelho até o limite, replicando a si mesmo em viagens inúteis para ficar rico com especulação e com o monopólio de invenções. Mas havia um preço nisso. E ficou claro para nós que o espelho não iria durar mais muito tempo. Ele tinha começado a rachar, e sugava matéria e luz para dentro de si com cada vez mais força e cada vez mais rápido. Quando explodisse, o que parecia que ia acontecer dali a poucas horas, talvez alguns minutos, ele criaria um buraco negro que iria engolir sabe-se lá o quê. O mundo, o Sistema Solar, o universo? Porque, seja lá o que for o espelho, ele guarda uma terrível escuridão em sua essência. — Ela olhou para Jake. — Já era tarde demais para destruir o espelho, entende? Tivemos que entrar nele, tivemos que voltar. *Para ganhar tempo*. Cada um de nós jurou viajar até o passado sem orientação, sem segurança, sem bracelete, e, aonde quer que chegássemos, em qualquer época, procuraríamos o Cronóptico e o destruiríamos. Para que não houvesse nenhum Replicante, nenhum Jano. Para que nada disso viesse a acontecer.

— Você não pode... — começou Venn.

Sarah balançou a cabeça com violência.

— Eles eram meus amigos. Meus únicos amigos. Apertamos as mãos, nos abraçamos. Eu fui a última a ir embora. Os alarmes estavam tocando, os lobos estavam lá fora. Tínhamos poucos segundos. Não sei se os outros conseguiram, mas é verdade o que essa criatura diz. Sinto muito, mas é verdade. Eu estou aqui para destruir o espelho.

Jake lutava com os paradoxos.

— Mas, se você fizer isso, o espelho não vai existir no futuro, então como você conseguiria voltar...

Uma risadinha aguda o interrompeu. Sol estava sentada em um banquinho, os joelhos erguidos.

— Vocês são tão bobos com todas essas suas motivações, todos esses medos. São tão lineares! Nós podemos dizer a vocês o que é o tempo. O tempo é um círculo, Jake. Um eterno agora. Uma gota de orvalho que cai de uma planta. O tempo só existe se você disser que existe.

Jake olhou para ela, depois para Sarah. Sentia-se tão arrasado que não conseguia pensar.

— Como podemos saber se isso é mesmo verdade?

Sarah deu de ombros.

— Vocês não têm como saber. Mas, se for verdade, o que seria encontrar seu pai, ou Leah, diante do destino de bilhões de pessoas? Pense nisso.

Ele não conseguia. Não queria.

O Replicante sorriu amavelmente.

— Bom, talvez possamos fazer um acordo — propôs, dando um passo na direção de Venn. — Deixem que eu cuide dela. Ela não é problema de vocês. Vocês...

— Nem mais um passo — alertou Wharton.

— Se você acha que uma mera espingarda pode... — O Replicante virou-se e observou, curioso, a arma de vidro. — O que é isso? Alguma espécie de arma de fogo primitiva da era vitoriana? Você realmente acha que isso pode me ferir?

— Eu sei que pode — interrompeu Maskelyne, passando à frente de Rebecca. — Porque foi projetada para essa finalidade. Para matar Replicantes. Para eliminar reflexos.

Será que Jano acreditou naquilo? Talvez, pensou Jake, dando um passo à frente.

— Você não pode me matar, seu idiota. Eu nem estou aqui. Estou trezentos anos no seu futuro, sentado em um bunker revestido de aço sob as ruínas do Parlamento.

O Replicante então pegou Sarah e a puxou, colocando-a diante de si. Ela resistiu, mas a força rígida das mãos da criatura a mantinha em seu poder.

— Atire! — gritou Maskelyne.

— Não posso. Ela... — respondeu Wharton.

— A arma não vai machuca-la! Só a ele. Atire, rápido!

Wharton olhou para Venn. Apontou a arma. Posicionou o dedo no gatilho frágil. Sarah olhava para Wharton, imóvel em meio à linha de fogo, a arma apontada direto para seu coração.

A mão de Wharton tremia. *Não vou conseguir,* pensou ele.

Então, vindo do nada, um pequeno objeto escuro oscilou na rede rasgada, pegou a arma de vidro e fugiu com ela, guinchando de alegria.

Wharton gritou. Jake olhou para cima.

— Horácio!

O sagui saltou do armário para o cofre e desceu até a rede. Segurando-se pelo rabo, ficou pendurado de cabeça para baixo e, com o comprido braço, puxou a arma para si e a cheirou.

— Ah, meu Deus. *Não!* — gritou Jake.

O tiro explodiu como um laser branco. O raio cruzou a sala, fazendo todos desviarem de um salto para o lado, até atingir o espelho. Instantaneamente, com um grande estalo, o raio foi refletido em todas as direções, uma enorme aranha de luz que se irradiou por toda a sala. O espelho tremeu dentro da moldura e, com um terrível estrondo, caiu com o vidro para baixo.

Venn puxou Rebecca para baixo; Wharton jogou-se no chão. Quando olhou para cima, uma fumaça espessa preenchia o salão. Para seu espanto, Jake estava tentando escalar a rede, mão ante mão, com a ajuda dos cabos.

— Horácio, me dê isso. Agora!

Longe de largar a arma, o macaco estava fascinado por ela. Transferiu a arma de vidro para a pata traseira e subiu ainda mais. Jake xingou. Ao olhar para baixo, viu que Jano estava arrastando Sarah até a porta. Venn se levantou, correu até o espelho e o levantou. Estava intacto.

— Horácio, me dê isso! — gritou Jake.

O bicho guinchou e pulou, aterrissando no chão.

— Criatura — chamou Sol.

O sagui parou e virou-se para ela. Em seguida, fez algo que surpreendeu Jake: emitiu um som assustado que ele nunca tinha ouvido, o pelo do pescoço todo arrepiado, como um cordão de horror.

Ela estendeu a mão. Horácio soltou a arma e fugiu guinchando para algum ponto bem alto do teto.

Jake saltou para o chão.

Sol pegou a arma e jogou-a para Venn.

— Acabe com ele.

* * *

NO CAMINHO do Monge, Sarah tentava se desvencilhar do Replicante.

— Eles acreditam em mim.

— Talvez.

— E o espelho caiu, você ouviu.

Jano riu. Os pequenos olhos dele, por trás das lentes, estavam próximos dos dela.

— Tem muita coisa que você não sabe sobre o espelho, Sarah. — Ele continuou arrastando-a para as escadas, até que parou. — Que barulho é esse?

Sarah empertigou-se, triunfante, mesmo com Jano mantendo-a presa.

— Você não vai conseguir sair. Eu mesma cuidei disso.

* * *

VENN saiu correndo pela casa atrás do Replicante. Jake e Wharton o seguiram, e Rebecca ficou para ajudar Maskelyne, ainda atordoado pelo sonoro lampejo de luz.

— Por onde vamos? — perguntou ela.

Venn entrou na Grande Galeria.

— Descer!

Todos desceram correndo.

Ao pé da escada, Jake trombou com Venn imóvel.

O salão era um remoinho de neve. O Replicante, uma sombra em meio aos flocos de gelo acumulados, continuava segurando Sarah com força. Ela olhou de relance para Jake; manteve a calma. Ele estava prestes a correr até lá, mas Venn o deteve.

Não havia saída. Na neve, os shees esperavam, uma horda ameaçadora, a pulsação dos seus tambores de guerra ressoando forte. Alguns deles observavam tudo atentamente, com uma curiosidade tranquila, sem nunca cruzar o limiar da porta. Seus rostos, estranhos e inquisidores, preenchiavam o vão de cada uma das janelas. Na entrada mal-iluminada via-se Gideão, de braços cruzados; a seu lado, o crânio da égua preso ao alto do mastro. Ele abriu um sorriso torto para Sarah.

— Não se preocupe. Você não vai a lugar algum. Você me deve uma.

Jano olhou em volta.

— Pronto, Venn? — perguntou Sol, já de pé junto à porta, embora Jake não a tivesse visto passar. — Vejam só, meu humano está até protegendo a saída para você. Aqui estão seus dois inimigos. Por que não destruí-los juntos?

Venn lançou-lhe um olhar tenso.

— Acho que meu verdadeiro inimigo é você — murmurou ele.

Sol assentiu.

— Também acho — sussurrou ela.

Venn apontou a arma para Sarah, que Jano ainda mantinha sob seu poder.

— Solte a garota.

— De jeito nenhum. Libere o caminho. Vamos fugir pela noite. — O tom de voz de Jano traía urgência.

— Eu fico com ela, você fica com o espelho, e nós dois saímos ganhando.

— Os shees...

— Vão fazer o que você mandar...

Venn hesitou.

— Não dê ouvidos a ele — disse Sarah, em um apelo. — Atire, Venn. Agora! Depois destrua o Cronóptico. É isso o que você precisa fazer! — Ela olhou para cima e viu Wharton observando tudo, Maskelyne parado no meio da escada como uma sombra e Rebecca segurando o macaco com força. —

Todos vocês, obriguem-no a atirar. Agora!

Jake fitou o padrinho. A mão de Venn estava firme. A arma não tremia.

— E se esta arma matar você também?

— Eu nem nasci ainda. Atire logo, Venn. Salve o mundo!

Apesar das lágrimas, seus olhos encontraram os de Venn.

— Você ainda não me conhece, Sarah. Antes de salvar o mundo, eu vou salvar minha esposa.

Ele atirou.

Sarah gritou. O raio de luz branca perfurou seu peito como uma lança de dor, atravessou-a e atingiu o Replicante com força total. Por um instante, com o rosto tão perto do dele, ela viu os óculos de Jano virarem vapor e seus olhos cinzentos esbugalhados de pavor.

Ele era então um peso contra ela, os contornos vazios de um clarão contra a retina, dedos longos apertando-a.

E então não restou nada.

CAPÍTULO 25

“Já lhe ocorreu”, perguntei-lhe certa vez, “que em breve não restará nada para você ou qualquer um explorar?” Estávamos sentados na varanda de um café na Rue Saint-Honoré, em Paris, três meses antes da morte da esposa dele. Ele me respondeu: “O mundo é finito. O tempo não é. Nem o universo que há dentro de nós.”

Achei que ele estivesse brincando.

Mas ele nunca brinca.

Jean Lamartine, A estranha vida de Oberon Venn

Wharton pôs o fósforo aceso sobre os gravetos e recostou-se, observando as pequenas varetas, das quais se erguiam chamas quase invisíveis, estalarem. Logo começou a sentir o calor nos dedos gelados e, conforme a turfa pegava fogo, uma fumaça perfumada subia em espirais pela chaminé.

Ele se levantou, tirando a poeira das mãos.

Apesar de a energia elétrica ter voltado, Jake acendia obsessivamente algumas velas que havia encontrado, espalhando-as por toda a cozinha e espetando-as nos castiçais, como se fosse preciso reaquecer o coração da casa, reconfortá-lo, impedir que a noite gelada entrasse.

Sarah sentou-se à mesa. Enquanto contemplava o crepitar da lareira, mexia na pequena moeda de ouro que usava no pescoço.

Wharton sentou-se diante dela.

— Como está se sentindo?

Sarah deu de ombros; não sabia dizer. Como poderia explicar que aquela estranha onda de luz emitida pela arma de vidro não a havia machucado — não tanto quanto o misto de desespero e fúria que ela via agora na expressão de Jake, aquele frenético acender de velas, uma atrás da outra, sem lhe dirigir o olhar. Aquela era a ferida. Ela queria destruir o único caminho pelo qual o pai dele poderia voltar para casa. Ele devia odiá-la por isso.

Wharton deve ter percebido a tensão. Olhando de relance para Jake, ele disse:

— Vou ajudar Piers a trazer a comida.

Quando ele saiu, Sarah se levantou e atravessou a sala.

— Jake, eu sinto muito.

Ela parou bem atrás dele. Jake tinha em mãos a última vela; segurou-a até que o pavio acendesse, depois a colocou com cuidado no castiçal de ferro. Quando não restava mais nada a fazer, ele se virou.

Sarah estava pálida, abalada, os olhos azuis como gelo. Havia vestido roupas quentes, roupas que ainda assim não eram dela, e por um instante Jake se perguntou se Piers havia lhe dado as roupas de Leah. E no entanto, ela mantinha o ar desafiador.

— É tudo verdade? A história do buraco negro? — perguntou ele.

— É.

— Como você pode ter certeza, se saiu antes que acontecesse...?

— Era inevitável. Senão, eu não estaria aqui.

— E meu pai?

— É como eu disse. Ele é só uma pessoa.

Jake se debruçou sobre a mesa.

— Para mim, ele é tudo.

— Você é igualzinho a Venn! — exclamou Sarah, exasperada. — Vocês estão obcecados com as próprias necessidades. E o resto do mundo? E o futuro?

Jake deu de ombros.

— Isso é muito grandioso para mim. Muito distante.

— Você tem sorte, Jake. Você não viu o que vai acontecer ao mundo.

Ele quis perguntar, quis saber como tudo seria dali a algumas décadas, mas tinha certeza de que ela não contaria nada além do que ele contara a Symmes sobre carros, aviões e computadores.

— Não está nas minhas mãos — retrucou ele. — Venn não vai desistir. Você viu. Ele disparou mesmo sem ter certeza, sem ter plena certeza, de que aquela arma não mataria você. Ele é implacável. Sacrificaria qualquer futuro para ter Leah de volta. Além do mais, o espelho é inquebrável. Pelo menos é o que Maskelyne diz.

Ela não acreditou. Jamais acreditaria.

— Se houver algum jeito, esse homem sabe como.

— Também acho — concordou Sol, atraindo a atenção de Sarah.

Sentada no banco próximo à lareira, a rainha dos shees pôs os pés descalços para trás, com um movimento delicado.

— Vim buscar meu tesouro, Sarah. Como você prometeu.

Sarah olhou em volta. Lentamente, tirou o broche de diamante do bolso.

Percebendo a relutância dela, Jake perguntou:

— Você prometeu isso a Sol?

— Sim, ela prometeu. — Sol se aproximou e pôs-se diante de Sarah. As duas tinham a mesma altura, mas Sarah parecia estranhamente mais jovem, com uma petulância peculiar, infantil. — Mas eu já disse que não quero isso. Quero isto aqui.

A rainha estendeu o dedo e tocou a meia moeda. Jake viu Sarah se esquivar.

— Por quê?

— Por capricho. Não tem por quê. “Qualquer coisa”, você disse. — Sol olhou ao redor, sorrindo, e apontou para Jake. — Devo querer ele, então?

Jake sentiu um calafrio.

— Não! — Sarah tirou o cordão do pescoço no mesmo instante. — Tome. O único valor disto é ter pertencido a Symmes. Foi meu pai quem me deu, e duvido que signifique alguma coisa para você.

— Nada. — Sem conseguir tirar os olhos daquele objeto pequeno e brilhante, Sol lembrava a Jake a avidez de uma ave de rapina. Por fim, ela se afastou calmamente e cruzou a arcada. Ao passar por Gideão, tocou de leve seu cabelo. — Diga adeus a eles, criança.

* * *

QUANDO ela saiu, Gideão recostou-se na parede, suas roupas sedosas ainda manchadas de neve. Novos arabescos esverdeados de líquen escureciam sua pele; parecia um shee mais do que nunca, desafiadoramente inusitado. Ele abriu um sorriso frio.

— Não se deve dar a ela o que ela quer.

— Venha para perto do fogo — convidou Jake.

— Para quê? — Gideão olhou para as prateleiras de louças, as panelas lustrosas, o enorme fogão à lenha com os espetos de assar dependurados. Virou-se para Sarah, e seu ressentimento começou a se revestir de raiva. — Você me usou! Só queria a ajuda dela. Você me prometeu uma coisa que jamais

poderia cumprir.

— Sinto muito.

— Sente mesmo? — Gideão riu alto, e era um riso hostil. — Achei que eu fosse o único preso a um encantamento, mas talvez o seu seja pior que o meu. Talvez nenhum de nós consiga voltar para casa.

— Ainda não acabou. — Jake apoiou os cotovelos na mesa. — Eu não vou a lugar algum. E vou fazer a você uma promessa ainda melhor. Vou libertá-lo da Sol, mesmo que para isso eu tenha que dar a ela...

— *Não!* — interrompeu Gideão, com um sobressalto. — Não faça ofertas estúpidas. Não é seguro... Tudo o que você disser, ela vai ouvir. Não prometa nada a Sol, porque ela vai aceitar. Sua alma, seu pai, sua vida. Se tem uma coisa que aprendi sobre os shees é que eles não dão segundas chances.

* * *

Wharton deteve-se no salão por alguns momentos. As portas de Wintercombe estavam fechadas e travadas, as janelas, trancadas, e nada aparecia nas câmeras, mas ele ouvia murmúrios na entrada principal da casa. Com cuidado, foi até a janela para espiar. As hostes de shees ainda aguardavam lá fora, mas Wharton viu quando Sol saiu em meio à neve alta, sua comprida sombra se projetando sob o luar.

— Vão para casa. Acabou — anunciou ela.

Por pouco Wharton não viu a transformação dos shees, que se transfiguraram diante de seus olhos. Encolheram, brilhando, tremeluzindo. De suas roupas surgiram penas, de seus rostos surgiram bicos. Apenas seus olhos, argutos e atentos, permaneceram os mesmos. E então alçaram voo, em uma grande hoste de estorninhos sombria e furiosamente ruidosa, mergulhando no céu estrelado, espalhando-se e reagrupando-se em padrões bizarros e repentinos, o farfalhar das asas retumbando na formação.

Wharton continuou olhando, boquiaberto, até o último bando se dispersar.

E então todos desapareceram, em longos véus de escuridão, sobrevoando o Bosque adormecido.

Parada com neve até os tornozelos, Sol ficou observando-os ir embora.

Wharton viu Venn surgir atrás dela.

— Eu teria enfrentado o Replicante sozinho. Sarah não tinha o direito de procurar você.

— Mas ela procurou. E aqui está minha recompensa.

Ela virou-se para trás, e algo em suas mãos refletiu o luar, algo pendurado em uma corrente de ouro. Por um instante Wharton não reconheceu o que era, mas logo percebeu que se tratava da meia moeda de Sarah.

— Para que serve isso? — perguntou Venn, desconfiado.

— Para nada. — Sol pendurou o cordão no pescoço cuidadosamente. — E então? O que vai fazer agora, Venn? Voltar para os seus testes inúteis?

Ele pareceu estender a mão a Sol. Wharton viu o luar iluminar o sorriso da shee à medida que ela se afastava de Venn.

— Por favor, me deixe usar a Terra de Sol — implorou ele. — Preciso passar por...

— Para salvar minha rival? Jamais!

— Você sempre odiou Leah.

— Odiei? Ora, eu não preciso disso. Ela não é nada. Você pertence a mim. E um dia, quando se der conta disso, entrará no Bosque e nunca mais sairá de lá.

Sol ergueu os lábios para encontrar os de Venn, e Wharton sentiu um calafrio na espinha ao vê-lo, imóvel como um fantasma, sendo beijado pela shee.

O professor ouviu ao longe, sonoros e graves, os sinos da igreja de Wintercombe anunciarem a meia-

noite.

O efeito em Sol foi instantâneo. Ela recuou como uma cobra.

— O que é isso?

— Bom — sussurrou Venn —, é noite de Natal.

Ela estremeceu e virou-se suavemente na neve.

— Que seja... Eu voltarei, Venn. Agora que posso entrar, você nunca vai saber quando estarei aqui.

Sol deu um passo adiante, e em um instante pareceu se transformar em nada mais que um raio de luar sobre os montes de neve azulada.

Wharton conteve uma exclamação de surpresa e manteve-se imóvel.

Assim como Venn, que ali ficou por pelo menos um minuto, uma silhueta alta e distante parada nos degraus cobertos de neve, o olhar perdido na noite. Até que ele disse, tão baixo que Wharton mal ouviu:

— *Amo-a mais do que a você, minha senhora.*

* * *

GIDEÃO ergueu os olhos, alarmado.

— Ouviram isso?

— Isso o quê?

— Sinos. Os sinos da igreja. Não posso ficar mais tempo aqui.

— Claro que pode. — Jake se aproximou e agarrou-o pela manga do casaco. — Não volte para eles! Fique aqui. Eles não podem pegá-lo...

— Não mesmo? — Gideão soltou sua risada amarga e forçada. — Você não faz ideia. — Ele viu Piers chegando com uma bandeja de bebidas quentes e fortes. — Aproveite, Jake. Aproveite enquanto pode. A comida, o calor, as pessoas. Faça de tudo, prove de tudo. Aproveite a vida, porque lá fora há apenas o frio e a escuridão.

— Nós vamos libertar você. Eu juro.

— Para virar pó e cinzas? — Gideão fez um gesto de indiferença. — Talvez seja melhor. Melhor do que isso.

— Não vou deixar você ir — insistiu Jake, com raiva.

Mas Gideão já havia partido antes mesmo que ele terminasse a frase. O frágil veludo verde de seu casaco já havia desaparecido entre os dedos de Jake, que agora seguravam apenas o ar.

Jake ergueu os olhos e viu Venn ao lado da lareira, observando-o.

— Não é possível segurar um deles, Jake. É como segurar o vento. Ela nunca vai deixar Gideão partir.

Wharton entrou na sala. De alguma forma, o professor parecia ainda mais corpulento do que era no colégio, e seu olhar para Venn foi estranhamente crítico.

— A casa está trancada agora — afirmou ele. — O espelho está a salvo. Maskelyne e Rebecca estão na sala de estar, mas não podemos mantê-los lá. Amanhã, quando amanhecer, você vai ter que deixá-la... deixar os dois irem embora.

— Traga-os — ordenou Venn a Piers.

No silêncio, a lenha crepitava, exalando um perfume de macieira. A sala estava cada vez mais aquecida. Sarah aproximou-se do fogo. Tinha a impressão de que a água do lago a deixara fria para sempre, como se uma lasca de gelo tivesse alcançado seu coração e se instalado lá, como o fracasso.

Wharton encheu um prato com os sanduíches que Piers tinha preparado. Subitamente, sua fome havia se tornado uma dor incontável.

Maskelyne entrou e pôs-se ao lado da mesa. Atrás dele vinha Rebecca, que olhou para Sarah.

— Você está... bem?

— Ótima.

— Você e seu amigo misterioso podem ir — disse Venn, rudemente. — Não se prendam por nós.

— Não mesmo — murmurou Wharton. — Não neste tempo.

Rebecca olhou para Maskelyne.

— Não se preocupe conosco. O carro está em frente ao portão, e, se a neve estiver muito alta, vamos andando. São só alguns quilômetros.

Maskelyne permanecia taciturno e sombrio, iluminado pelas chamas vermelhas. Dirigindo-se a Venn e Jake, ele disse:

— Antes, tenho algo a contar a vocês. Em particular. Por favor.

Ele parecia inquieto; seguiu direto para o corredor e aguardou os dois como uma sombra sob os sinos espiralados.

Após alguns instantes, Venn foi até ele. Jake olhou de relance para Wharton e foi também.

Maskelyne aguardou até que ambos o tivessem alcançado para então dirigir um olhar para a cozinha iluminada: lá estava Piers, servindo chá, e as duas jovens.

— O que foi? — perguntou Venn.

— Escutem. Sarah usa um pingente no pescoço. A metade direita de uma moeda.

— Mas ela deu... — começou Jake, alarmado.

— Cale a boca, Jake — interrompeu-o Venn. — Qual o problema? Não é a moeda de Symmes?

— A que eu dei a ele muito tempo atrás. — Maskelyne recostou-se na parede, inclinando a cabeça para trás. Aparentava extremo cansaço. — Mas vocês não sabem o que ela significa. Não tenho escolha a não ser lhes contar, pois vocês precisam que o espelho seja preservado tanto quanto eu. Vou ter que confiar em vocês.

Maskelyne parecia estar convencendo a si mesmo.

— A moeda é perigosa? — perguntou Venn.

— O espelho não pode ser destruído. Não por força ou fogo; não por água ou ar. Só há uma maneira de se destruir o espelho. — O olhar assombrado de Maskelyne dirigiu-se a Jake. — A moeda de Zeus foi forjada em tempos ancestrais pelo criador original, como uma garantia caso o poder do espelho viesse a ameaçar o mundo um dia. A moeda contém energia suficiente para destruir o Cronóptico, eliminá-lo completamente.

— Como você sabe disso? — perguntou Venn, mas Maskelyne ignorou-o, continuando a falar rápido e baixo:

— A moeda foi partida em duas, e as metades, separadas no tempo e no espaço, para que nunca fossem reunidas por acidente. A metade esquerda se perdeu. Está perdida há séculos. Mas se for encontrada... se as metades se encontrarem, e a divisão entre elas for selada... — Sua voz tornou-se um sussurro. Seus lábios quase não se moviam. — Isso geraria uma onda de intensidade tremenda. A moeda contém a única força no universo capaz de fazer isso. Ou ao menos é o que eu acho.

Jake ficou boquiaberto, estarrecido.

— Se Sarah soubesse...

— Ela não sabe. Não deve saber jamais. — Maskelyne olhou para os dois, sombrio. — E vocês têm que dar um jeito de recuperar a moeda.

O homem da cicatriz ficou imóvel, como se estivesse muito cansado para continuar, como se já houvesse esgotado tudo que tinha a dizer.

Jake virou-se para Venn. Não havia nada a acrescentar. Em silêncio, os três viram Sarah conversando com Rebecca, botando açúcar no chá.

* * *

DEPOIS que Rebecca e Maskelyne foram embora, aventurando-se na neve alta com casacos e botas emprestadas, Wharton deu um longo bocejo.

— Com licença. Preciso muito me deitar. — Ele sorriu para Jake. — Talvez eu consiga passar uns dias em minha cidade, no fim das contas.

— Antes de voltar para Compton — completou Jake.

Wharton pareceu desolado.

— Que ótimo. Tem a peça... Aquela droga de colégio.

— Talvez — entrevistou Piers, suavemente — o afilhado do sr. Venn precise de um tutor.

Todos olharam para Venn, que deu de ombros.

— Que me importa? Façam o que quiserem. — Ele se levantou. — E você! — exclamou de repente, dirigindo-se a Piers. — Onde estava enquanto tudo isso acontecia? Você deveria estar vigiando a casa e simplesmente desapareceu...

Piers deu de ombros.

— Muito, muito ocupado. Jano cortou todas as fontes de energia elétrica. Esforços heroicos deste que vos fala.

Um dos gatos pretos, que limpava o focinho em uma poltrona perto do fogo, parou por um instante e olhou para Piers, que devolveu o olhar com aspereza.

— Fique se quiser — convidou Venn, e saiu em direção ao escritório.

— Vou pensar no assunto. Feliz Natal a todos — disse Wharton.

Para surpresa do professor, Sarah aproximou-se e deu-lhe um beijo na bochecha.

— Feliz Natal, George.

* * *

JAKE correu para o quarto para ver como estava seu sagui. Encontrou Horácio encolhido sobre o travesseiro da cama, em um sono pesado. Deitou-se ao lado do bicho, fazendo carinho no seu pelo escuro e macio.

O sagui se aconchegou sob o braço do dono.

Eles haviam fracassado. Mas poderiam tentar de novo. Seu pai estava em algum lugar, e eles tinham tempo, todo o tempo do universo para encontrá-lo novamente. E Moll. Talvez até mesmo Moll...

* * *

ACORDOU sobressaltado.

O quarto estava às escuras. Alguém o havia coberto com uma manta e apagado as luzes. Jake afastou as cobertas, ergueu-se e logo escorregou para fora da cama. Correu até a porta e ficou atento aos sons.

Havia algo errado.

Wintercombe Abbey estava em profundo silêncio em meio à neve alta. Mas ouvia-se um som muito leve, vindo do térreo. O garoto desceu as escadas correndo, tomado por um medo irracional, voando pelos rostos listrados dos retratos iluminados pelo luar das janelas e disparando pelo corredor até a cozinha. Mas encontrou o cômodo vazio, a chaleira fria, o fogo quase apagado.

Amaldiçoando a si próprio, voltou. Diante da porta do escritório de Venn, parou, escutando a voz dela e a de Venn, grave e sinistra.

Entrou.

* * *

VENN estava recostado em sua poltrona, um braço caído de lado, um copo de uísque na mão. A garrafa, pela metade, estava sobre a escrivaninha abarrotada.

À janela, Sarah virou-se.

Ambos olharam para Jake.

— O que está acontecendo?

— Chegou a hora de eu ir embora.

— Não! — Jake deu um passo adiante, bloqueando a porta. — De jeito nenhum!

— Por que ficar? Não posso cumprir meu objetivo, e você me vê como um perigo. E com razão. Tenho um dever com ZEUS. Preciso encontrar meu próprio caminho, organizar as ideias, pesquisar, decidir qual será meu próximo passo.

Venn riu, um meio-sorriso amargo.

— E se descobrir como salvar o futuro, você vai voltar e nos contar?

— Sim.

Jake aproximou-se dela.

— Sarah.

— Adeus, Jake — disse ela, olhando pela janela.

— Você conhece esta casa no futuro.

— Conheço as ruínas dela — sussurrou Sarah. E então se dirigiu a Venn, abruptamente: — Não desista do espelho. Vocês vão conseguir.

Ele reagiu com indiferença:

— Palavras. Inúteis.

Aquela melancolia irritou-a.

— Eu sei. No meu passado, Leah *volta*.

Venn ajeitou-se na poltrona em um movimento lento. O luar foi refletido em seus olhos azuis como gelo. As sombras dos galhos das árvores se moviam pelas paredes e pelo teto.

— Prove.

Ela se aproximou e depositou algo em suas mãos.

Era um pequeno broche de diamante cujo formato lembrava uma explosão estelar. Venn arregalou os olhos, completamente estarelecido.

— Sarah...!

Ela sorriu.

— Até a próxima — despediu-se ela, dando-lhe as costas.

E então ela não estava mais lá.

Jake, em um movimento súbito, tentou segurá-la, ofegante.

A tranca da janela se levantou e o batente se abriu. Jake ouviu um roçar, uma respiração pesada pelo esforço, mas Venn se ergueu, afastou-o de seu caminho e segurou a moldura da janela, debruçando-se no peitoril, gritando para o campo nevado:

— Sarah!

O sussurro dela foi tão próximo que fez cócegas em sua pele:

— Você e Leah não tiveram filhos.

A respiração dela aqueceu seu rosto. Logo atrás, Jake mal ouviu a resposta:

— Não.

— Mas terão.

Um ruído de pés aterrissando na neve lá fora. A voz dela veio calma e nítida em meio ao gelo:

— Sou sua bisneta, Venn. Sua e de Leah. *É por isso que eu sei.*

E então não restou nada além do rangido da madeira da janela e uma leve chuva de gelo caindo do peitoril.

— Pode ser que ela esteja mentindo — observou Jake, com a voz baixa.

Venn deu meia-volta, recostou-se e escorregou para o chão. Olhou para o broche, estupefato.

— Esse broche era de Leah, Jake. Eu enterrei isso com ela. *Em seu caixão.* — Venn ergueu a vista em direção à neve e escancarou a janela. — Sarah!

Ninguém respondeu...

Um par de pegadas se afastou, em meio à neve, rumo à escuridão.

No próximo livro da série *O espelho do tempo...*

— Qual é o seu nome? Mostre-me seus documentos.

— Jake Wilde.

Ele observava, em súbito desespero, as casas em ruínas. O espelho negro, o Cronóptico que o havia transportado de seu tempo até ali, devia estar em uma daquelas construções. Tinha que estar próximo, e não poderia ter sido destruído pelas bombas alemãs, então será que estava por ali, sob todos aqueles escombros? Antes que o pavor de não conseguir retornar o atingisse, ele perguntou:

— Que barulho é este?

Um som fraco mas estridente. Por um momento de puro pânico, ele pensou que fosse mais uma bomba, mas então o guarda se virou depressa:

— Alguém ficou preso nos escombros.

Ele correu na direção da fumaça.

Jake limpou a poeira do rosto. Rapidamente, pegou do bolso uma pequena e elegante caixinha quadrada. Tocou a minúscula tela.

— Piers? *Piers!* Está me ouvindo? Escute! Deu tudo errado. *Eu estou na Segunda Guerra Mundial, Piers!*

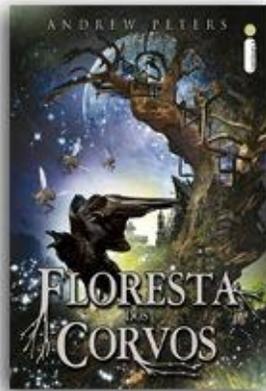
Nada.

Sobre a autora



CATHERINE FISHER é uma das mais aclamadas autoras de literatura fantástica para o público infantojuvenil. *Incarceron*, também publicado no Brasil, foi eleito pelo *The Times* como Livro Infantojuvenil do Ano e figurou na lista de best-sellers do *The New York Times*.

Títulos relacionados



[Floresta dos corvos](#)



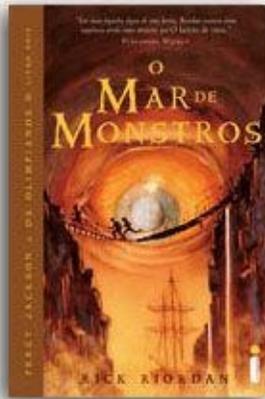
[A torre invisível](#)



[Os forasteiros](#)



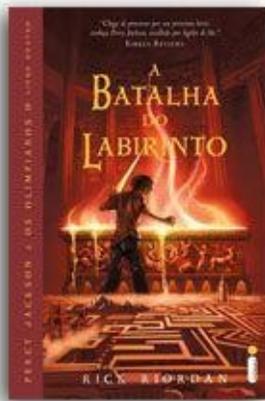
[O ladrão de raios](#)



[O mar de monstros](#)



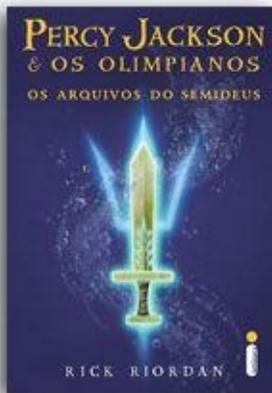
[A maldição do titã](#)



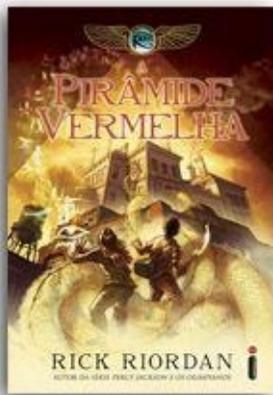
[A batalha do labirinto](#)



[O último olimpiano](#)



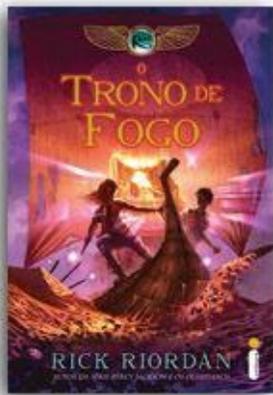
[Percy Jackson e os olimpianos:
Os arquivos do semideus](#)



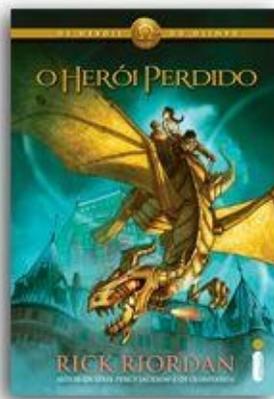
[Pirâmide vermelha](#)



[A sombra da serpente](#)



[O trono de fogo](#)



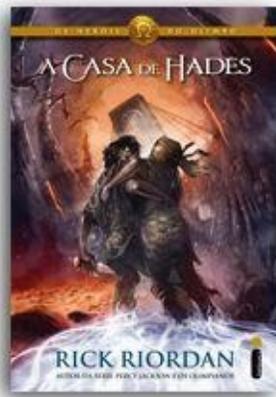
[O herói perdido](#)



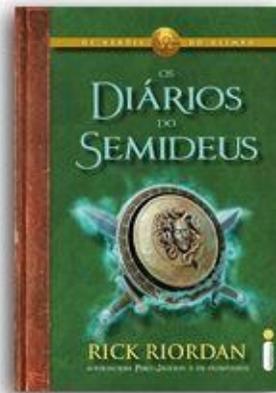
[O filho de Netuno](#)



[A marca de Atena](#)



[A casa de Hades](#)



[Os diários do semideus](#)